CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS

CADERNO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

SEMESTRE LETIVO DE 2011-1

Aracaju

Setembro de 2011

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....*4*

O Legado da reforma pombalina na educação brasileira
CONCEIÇÃO, Glinan Feitoza..... *5*

A Leitura como prática de cidadania: uma questão interdisciplinar e cultural
FONSECA, Flávia Santos.....18

Lima Barreto: um crítico marginal do Pré-Modernismo
GRAÇA, Ângela Cristina Fernandes Januário 28

O Ensino da língua portuguesa no 6º ano de uma escola pública em aracaju: problemas e soluções
INÁCIO, Joseane Santos.....42

Uma Reflexão sobre a questão da gramática e seu ensino nas escolas
JESUS, Maria Isabel Dantas dos Santos 55

Tobias Barreto: poeta da terceira geração romântica
MELO, Maria Kleidy Tavares 65

Mulher: independência e autonomia do corpo: ***A Carne****, de Júlio Ribeiro*
RABELO, Iara Fontes 79

A Importância da literatura infanto-juvenil como estímulo a formação de leitores
RIBEIRO, Ana Cláudia Santos.....96

O Ensino da literatura na escola: uma breve reflexão
ROCHA, Magda Cavalcante de Andrade 107

Drummond: a pedra que criou a rosa
RODRIGUES, Mara Angélica..... 113

Avaliação escolar: interferências no relacionamento professor – aluno
SANTOS, Ana Maria Moura..... 128

Uma Reflexão sobre o uso das variedades do português no contexto escolar
SANTOS, Rosangela Leite 142

Vantagens e problemas no uso da internet na educação
SANTOS, Marysandra Melo dos 157

A Importância da atividade lúdica para o desenvolvimento da criança no ensino fundamental
SILVA, Maria Ivete da
.....166

O Uso de blogs como suporte didático-pedagógico

SILVA, Suzy Dayse Vasconcelos Bezerra da 178

Educação e leitura: problemas encontrados na formação do leitor
SOUZA, Paulyne Rodrigues de.....190

A Influência pombalina na literatura basiliana
VIEIRA, Rosélia dos Santos.....202

APRESENTAÇÃO

Encontra-se aqui uma versão provisória dos artigos apresentados no final do semestre letivo de 2011-1 pelos alunos formandos inscritos na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), integrante da matriz do Curso de Letras da Faculdade São Luís de França- FSLF.

Elaborados como requisito parcial à aprovação na disciplina, os textos aqui reunidos versam sobre temas específicos, relacionados a uma ou mais disciplinas compreendidas na matriz curricular do curso. Para a realização do artigo, foi facultado ao acadêmico buscar o acompanhamento de um co-orientador versado em sua linha específica de trabalho. Coube ao co-orientador dar suporte teórico ao tema tratado, auxiliando o acadêmico proponente no processo de construção do texto.

A versão definitiva desses artigos será apresentada na IV Mostra Científica da FSLF, prevista para novembro de 2011.

O LEGADO DA REFORMA POMBALINA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA[1]

Glinan Feitoza Conceição[2]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o Legado da Reforma Pombalina na Educação Brasileira e mostrar como a Reforma Pombalina contribuiu com as mudanças política e social na educação. Justifica-se o tema pela necessidade fazer uma abordagem acerca do legado da Reforma Pombalina para a educação brasileira devido à sua importância para a educação. A relevância social está em poder mostrar como a Reforma Pombalina contribuiu nos aspectos econômicos, sociais e culturais, críticos, racionais e artísticos com os ideais iluministas implementados pelo Marquês de Pombal e que podem ser percebidos até os nossos dias, como a institucionalização da língua portuguesa, as instituições públicas de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras nas escolas. A base metodológica foi através da pesquisa bibliográfica, que possibilita um amplo alcance de informações e permite a utilização de dados na construção do texto. Pode-se observar durante a realização dessa pesquisa as reformas sociais e políticas estava liderada pelas ideais iluministas e foi neste cenário que o Marques de Pombal buscou, buscou cultivar uma densa reforma no sistema educacional. Com novas mudanças, que estavam previstas para acelerar o processo educacional. Evidencia a reforma educacional do Marques de Pombal como uma estratégia que se apresentou necessária, não só pela lacuna deixada pelo sistema jesuítico de ensino, mas também como tentativa de modernização da sociedade em prol do desenvolvimento da economia portuguesa para manutenção e fortalecimento do seu regime absolutista.

Palavras-chave: Ensino da Língua Portuguesa, História da Educação, Reforma Pombalina, Marquês de Pombal.

INTRODUÇÃO

O estudo da historiografia brasileira é fundamental para compreender a educação moderna no Brasil, possibilitando percorrer toda a trajetória das transformações que marcaram o desenvolvimento global do homem e sua concretização para o exercício pleno da cidadania. A educação contemporânea vive do reflexo dos anos passados e, com vistas às novas exigências da modernidade, o conhecimento historiográfico aciona a mola propulsora para entender o futuro.

Este artigo consiste em analisar o Legado da Reforma Pombalina na Educação Brasileira e mostrar como a Reforma Pombalina contribuiu com as mudanças política e social na educação.

---

[1]Trabalho orientado pelas professoras Prof. Dra. Vilma Mota Quintela e Sara Rogéria Barbosa.
[2] O autor é acadêmico do Curso de Letras da Faculdade São Luis de França.

Em meados do século XVIII, precisamente no ano de 1750, Sebastião José de Carvalho e Melo – Marquês de Pombal – assume o governo de Portugal como Primeiro Ministro e começa a realizar diversas mudanças que ficaram conhecidas como Reforma Pombalina, especialmente na economia, na educação e no militarismo. Esta Reforma apresentava várias diferenças, em relação aos anos anteriores, no que tange aos métodos do ensino da língua portuguesa como eram aplicados pelos jesuítas da Companhia de Jesus. Ler e escrever eram uma forma de mostrar as várias maneiras de pensar as características da língua portuguesa com as reformas Pombalinas.

Nesse sentido, é importante informar que a reforma educacional do Marquês de Pombal foi para a educação brasileira uma estratégia necessária, não só pela lacuna deixada pelo sistema jesuítico de ensino, mas também como tentativa de modernização da sociedade em prol do desenvolvimento da economia portuguesa para manutenção e fortalecimento do seu regime absolutista.

Essas reformas pretendiam transformar Portugal numa metrópole capitalista e industrial, de acordo com o modelo da Inglaterra, além de adaptar sua maior colônia, o Brasil, a fim de acomodá-la à nova ordem pretendida em Portugal. A idéia era pôr o reinado português em condições de igualdade econômico-social e política para que pudesse competir com as demais nações européias já desenvolvidas industrialmente**.** Esta era talvez a mais forte razão da Reforma Pombalina. Seu objetivo era criar uma escola que atendesse aos fins do Estado que, ao oposto de trabalho escolar, no entanto Pombal preparou a escola para que pudesse servir aos interesses do Estado antes de servir aos imperativos da Igreja.

O tema em tela justifica-se pela necessidade fazer uma abordagem acerca do legado da Reforma Pombalina para a educação brasileira devido à sua importância para a educação. A relevância social está em poder mostrar como a Reforma Pombalina contribuiu nos aspectos econômicos, sociais e culturais, críticos, racionais e artísticos com os ideais iluministas implementados pelo Marquês de Pombal e que podem ser percebidos até os nossos dias, como a institucionalização da língua portuguesa, as instituições públicas de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras nas escolas.

Para atender aos objetivos propostos, este artigo tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, que possibilita um amplo alcance de informações e permite a utilização de dados na construção do texto. Segundo Gil (2008, p. 65), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase

todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

O artigo está estruturado em itens e subitens. O primeiro item ressaltará que com a Reforma Pombalina teve início o estudo da língua portuguesa formando um quadro de identidade nacional através da cultura de um povo. O subitem abordará a importância da Reforma Pombalina e sua contribuição para o sistema educacional que culminou na expulsão dos jesuítas de Portugal e de todas as suas colônias da América, da África e da Ásia, tirando o comando da educação das mãos dos religiosos passando para as mãos do Estado. Este é o imperativo dessa reforma. Por fim, serão apresentadas as considerações finais. A análise do trabalho e as referências utilizadas serão fundamentadas, principalmente, por Falcon, Oliveira. A idéia no início do artigo era trabalhar com esses três autores, mas devido às leituras forma surgindo obras de autores como Ribeiro, Castro, Azevedo e Hildsdorf.

2. BREVE TRAJETÓRIA POLÍTICA DA REFORMA POMBALINA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O propósito e interesses entre a Coroa portuguesa e a Companhia de Jesus, que tinha sustentado a ação dos jesuítas desde os meados do século XVI, desmancha-se em meados do século XVIII, quando o jesuíta passaram a recrutar parcela ilustra da sociedade portuguesa, tanto como grupos de religiosos, quanto como colonizadores e educadores para dominar a subida de Pombal e seu de estrangeiros ao poder.

Segundo Ribeiro (2000, p. 29), o cenário político da língua portuguesa, como foi articulado por D. João de Lencastro, governador da província da Bahia de 1694 a 1702, perante o rei de Portugal D. Pedro II, determinou que “nos seminários se não havia de falar outra língua mais do que a portuguesa” (Anais do Arquivo Público da Bahia, 29:173, p. 186.) estava estreitamente ligada à questão das missões”. Como a política indigenista era controlada em todo o Brasil pelos jesuítas, que conseguiram grande poder temporal, não foi difícil desenvolver-se uma campanha anti-jesuítica com o objetivo não declarado de usurpar-lhes o poder que detinham.

Segundo informa Sílvio Elia (2003, p. 30), “a reforma pombalina data de 1568 o começo do ensino superior no Brasil, quando o curso de Letras, do Colégio da Bahia, já contava com três anos” lembrando que em 1575 já se graduava ali a primeira turma de licenciados ou bacharéis, conforme os rituais das universidades européias. Apesar de no início do século XVIII, apesar de não se ter,

em Portugal, plena consciência da existência de uma língua nacional, sendo que nem mesmo consideravam o português um instrumento lingüístico independente em relação à língua espanhola, já que muito não acreditavam que o português era tão somente mais um dos dialetos do espanhol.

De acordo com o comentário de Rafael Bluteau, apud CASTRO, (1988, p. 314.)

> No ano de 1668, cheguei a este reino e, desde aquele tempo, raro foi o dia em que não me aproveitasse de alguma notícia da língua portuguesa... [imaginava-se que a língua portuguesa era] casualmente formada de vários fragmentos da língua mourisca e castelhana.. Também houve quem com rústica simplicidade me disse que não merecia a língua portuguesa tanto trabalho. A razão deste disparate é que, na opinião da maior parte dos estrangeiros, *a língua portuguesa não é língua de per si*, como é o francês, o italiano, etc., mas língua enxocada e corrupção do castelhano, como os dialetos, as linguagens particulares das províncias, que são corrupções das línguas, que se fala na corte e cabeça do reino... Sobre esta errada apreensão, tenho tido grandes debates com estrangeiros de porte e literatos. A razão em que se fundam é que muitos vocábulos portugueses são radicalmente castelhanos, mas truncados e ciminutos; falta que (segundo eles dizem) denota a sua pouca derivação.

A razão da preocupação em se estudar a língua portuguesa na reforma Pombalina, devia-se ao fato que a língua portuguesa não era tida como uma língua reconhecida e precisava ser estudada com o mesmo valor das outras línguas. Pois, o português no Brasil era uma mistura de línguas.

Destarte, ressaltar que devia ser constituído por D. João V, o arrefecimento de índios para as aldeias, a partir de 1718, o então governador Alexandre de Sousa Freire determinou, em 1728, que "entre as obrigações dos colonos ficava o ensino ao índio da língua portuguesa, de acordo com a carta régia de 12 de setembro de 1727“ (CASTRO, 1988. p. 306.) administrada pelo Superior das Missões dos Religiosos da Companhia de Jesus do Estado do Maranhão, aquele soberano lastimava que os índios" que se manda para viver nas ditas aldeias, não só não são bem instruídos na língua portuguesa, mas que nenhum cuidado sae poe (contrapõem-se ao predomínio das idéias) para que eles a aprendam" (sic.).

De acordo com Castro (1988, p. 317) "essa carta régia marca o verdadeiro nascimento do ensino oficial da língua portuguesa no Brasil", produzindo a origem do aparecimento da primeira política lingüística de Portugal (através do bamdo (?) do governador Alexandre de Sousa Freire, de 1728) e oficializando em todo o reino a expressão "língua portuguesa" para denominar o instrumento linguístico nacional que se queria unificado. É a partir dessa carta que o rei oficializa a língua portuguesa em todo seu reino.

Para um brasileiro chegar e falar como um português precisava de bastante tempo e de ter algum estudo, ou prova de que havia um distanciamento significativo entre as duas realidades. O padre Severino de São Modesto contrariando as idéias de Verney a respeito das reformas que se faziam necessárias no sistema de ensino de português, expostas em o verdadeiro método de estudar', pretendia opor-se ao método pedagógico dos jesuítas. A obra, que na realidade eram dezesseis cartas escritas em Roma e publicadas no período de 1746-1747, apresenta uma análise sobre os problemas do ensino português ministrado, até então, pela metodologia dos jesuítas; além disso, fornece orientações de como proceder para adequá-los e torná-los condizentes com a nova realidade.

Segundo o comentário de Pe. Severino de São Modesto a respeito dos colonos brasileiros e orientais, em sua *Conversação familiar*.

> Os que vão das outras províncias do reino para Paris, posto que saibam alguma coisa da língua geral, é com grande imperfeição, principalmente na pronúncia, e se vêem obrigados a procurar quem os ensine em casa (que as escolas são para meninos); e depois de algumas lições, com o uso e exercício de falar com os mais cultos, se acabam de aperfeiçoar. *Isto sucede aos portugueses criados na Índia ou América, que têm diversos acentos na pronúncia*; mas que não são rudes, em breve tempo fala com os da corte, sem aprenderem gramática. (PADRE SÃO MODESTO, 1750, p. 54)

Cada carta tratava de um determinado tema, que devia estar integradas as proposta pedagógica de Verney: primeira carta – a língua portuguesa; segunda carta – o latim; terceira carta – o grego e o hebraico; quarta carta – as línguas modernas; quinta carta – a retórica; sexta carta – continua a análise sobre o ensino da retórica; sétima carta – a poesia portuguesa; oitava carta – a filosofia; nona carta – a metafísica; décima carta – a lógica/física; décima primeira carta – a ética; décima segunda carta – a medicina; décima terceira carta – a jurisprudência como prolongamento natural da moral; décima quarta carta – a teologia; décima quinta carta – o direito econômico; décima sexta carta – apresenta uma seqüência de planos de estudos: os estudos elementares, a gramática, o latim, a retórica, a filosofia, a medicina, o direito, a teologia e termina com o apêndice sobre 'o estudo das mulheres'.

O seu projeto pedagógico constituía-se sobre algumas dessas propostas, tais como: secularização do ensino; valorização da língua portuguesa; papel e importância do estudo do latim, realizado por intermédio da língua portuguesa (uma das razões do estudo do latim era a possibilidade de simplificar e abreviar a duração dos estudos); redução do número de anos destinados aos estudos nos níveis de ensino inferiores, visando fundamentalmente aumentar o número de ingressos nos cursos superiores; apresentação de um plano de estudos para todos os níveis de ensino, do fundamental, que se iniciava a partir dos sete anos de idade, aos níveis

superiores de ensino; proposta de escola pública e gratuita para toda a população portuguesa, como medida de reduzir o analfabetismo da sociedade portuguesa. Além disso, as disciplinas que compõem sua proposta pedagógica são, em sua maioria, literárias, tais como: português, latim, retórica, poética e filosofia (lógica, moral, ética, metafísica e teologia), direito (direito civil e direito canônico), medicina (anatomia), grego, hebreu, francês, italiano, anatomia, física (aritmética e geometria).

A proposta reivindicava ainda a abertura de escolas públicas em todos os bairros para que ninguém ficasse sem freqüentá-las e aconselhava uma transformação de comportamento dos professores em relação aos seus alunos, tendo em vista a melhoria da relação professor/aluno. Recomendava também que a universidade fosse aberta para que a comunidade pudesse ter acesso ao meio acadêmico e assistir às aulas ministradas, e que fossem criados colégios para os pobres, visando torná-los capazes aos costumes dos burgueses e da nobreza. Da mesma forma, a proposta de Verney destacava a importância da educação das mulheres, recomendando que estas freqüentassem as escolas a fim de obter os conhecimentos necessários para a administração do lar.

Conforme Hildsorf (2011, p. 20) destaca, que de acordo com a importância do que foi publicado em 1746, sobre o verdadeiro prestígio de uma metodologia a ser adotada nas aulas secundárias, que foram explicitadas nas Instruções de 28 de junho 1759. Com a nova orientação prescrita nesse texto, fundamentada nos princípios de pedagogos como Quintiliano, Locke, Rollin, Fenelón e o Jansenista Lancelot, além de Luís Antônio Verney, esses pesquisadores dedicaram um vasto capítulo sobre a reforma pedagógica e ao estudo da língua portuguesa. Nele. é recomendada a supremacia do estudo do português em relação ao latim. Falcon salienta a importância das idéias de Verney, para a época:

> [...] reside não propriamente no seu 'conteúdo', mas no espírito que as acompanham e na ruptura que representam. [...] O espírito a que nos referimos é o da crítica irônica, muitas vezes satírica, ao ensino existente em Portugal, em todos os níveis, tanto no seu conteúdo quanto nos seus métodos, crítica que é também à cultura portuguesa com um todo. Tratava-se, em suma, de demonstrar que, em qualquer direção que se olhasse, Portugal estava atrasada, distanciando do que se passava nos centros civilizados (FALCON, 1993, p. 331)

De acordo com Castro, (1986. p. 258-385), a investida de Verney em favor da língua portuguesa estava destinada a dois resultados no reino seguinte, de D. José I, pela ação de seu ministro, o Marquês de Pombal:

a) Oficialmente o ensino da língua portuguesa em todo o reino, inclusive no Brasil até então não existia como mandamento legal nas escolas.

b) Início do culto aos clássicos da língua escolhidos segundo o critério enunciado por Verney. (CASTRO, op. cit., p. 317)

Segundo Remédios (1930, p. 393), é através da carta régia de 12 de setembro de 1727 que se oficializa a expressão "língua portuguesa" e que se "institui uma política lingüística no Brasil". Conforme Castro:

> A implantação da primeira política de estudo e ensino da língua portuguesa encontrará no Brasil uma clientela completamente diferente da de Portugal, o que fará aqui surgir uma questão da língua quando, em Portugal, deixava ela de existir. A questão da língua, no Brasil, há de ser, então, a profunda separação entre língua escrita e língua falada, pois jamais entre os brasileiros fora possíveis escrever o que e como falavam diante da ausência completa, durante dois séculos e meio, de qualquer tipo de política cultural e educacional da parte da metrópole.
> O período que vimos de abordar, quase todo dominado pelo reinado de D. João V, levou ao clímax o processo lingüístico brasileiro: conscientização, pelos brasileiros, da necessidade de uma política lingüística; oficialização desta, no Brasil, por D. João V; conscientização conseqüente, pelos portugueses, da existência de uma realidade lingüística própria no Brasil, como colônia e divisão do reino.
> O problema que configuravam essas conscientizações, de sentidos diferentes para brasileiros e portugueses, recebeu solução a partir das idéias de Verney e Ribeiro Sanches: abolição da pedagogia jesuítica com oficialização, no reino, do ensino do português e promoção dos clássicos. Solução ótima para Portugal, mas impraticável, por ignorância da realidade cultural da colônia, para o Brasil como um todo. Impraticável porque, desde o início do século, vinha-se transformando o sentimento nativista do Brasileiro em sentimento nacionalista (CASTRO, 1986, p. 317)

Baseado em Verney, implementando a reforma universitária e do ensino, o Marquês de Pombal impõe a língua portuguesa aos índios através do *Diretório dos Índios,* em 1757, e adota os princípios de Verney sugeridos em seu *Verdadeiro Método de Estudar*. A partir de 1761, dá-se primazia ao estudo do português ao do latim no Colégio dos Nobres, advindo daí o que Honório Rodrigues chamou de "a vitória da língua portuguesa" no Brasil.

Assevera Rosário (1995, p. 27-58) sobre o diretório dos índios, ao argumento que toca à política lingüística no Brasil incluída no Diretório dos Índio, eis os três parágrafos que foram longamente discutidos pelo Pe. Manuel da Penha do Rosário conforme se pode ler *Questoens Apologéticas* dos manuscritos inéditos da Biblioteca Nacional.

As principais medidas implantadas pelo marquês, por intermédio do Alvará de 28 de junho de 1759, foram: total destruição da organização da educação jesuítica e sua metodologia de ensino, tanto no Brasil quanto em Portugal; instituição de aulas de gramática latina, de grego e de retórica; criação do cargo de 'diretor de estudos' – pretendia-se que fosse um órgão administrativo de orientação e fiscalização do ensino; introdução das aulas régias – aulas isoladas que substituíram o

curso secundário de humanidades criado pelos jesuítas; realização de concurso para escolha de professores para ministrarem as aulas régias; aprovação e instituição das aulas de comércio.

Inspirado nos ideais iluministas, Pombal empreende uma profunda reforma educacional, ao menos formalmente. A metodologia eclesiástica dos jesuítas é substituída pelo pensamento pedagógico da escola pública e laica. Com a assimilação dos ideais iluministas, dá-se o surgimento do espírito moderno em Portugal e, consequentemente, no Brasil. Conforme Azevedo:

> [...] marcando o divisor das águas entre a pedagogia jesuítica e a orientação nova dos modeladores dos estatutos pombalinos de 1772, já aparecem indícios claros da época que se deve abrir no século XIX e em que se defrontam essas duas tendências principais. Em lugar de um sistema único de ensino, a dualidade de escolas, umas leigas, outras confessionais, regidas todas, porém, pelos mesmos princípios; em lugar de um ensino puramente literário, clássico, o desenvolvimento do ensino científico que começa a fazer lentamente seus progressos ao lado da educação literária, preponderante em todas as escolas; em lugar da exclusividade de ensino de latim e do português, a penetração progressiva das línguas vivas e literaturas modernas (francesa e inglesa); e, afinal, as ramificações de tendências que, se não chegam a determinar a ruptura de unidade de pensamento, abrem o campo aos primeiros choques entre as idéias antigas, corporificadas no ensino jesuítico, e a nova corrente de pensamento pedagógico, influenciada pelas idéias dos enciclopedistas franceses, vitoriosos, depois de 1789, na obra escolar da Revolução. (AZEVEDO, 1976, p. 56-57)

De acordo com Carvalho, as idéias iluministas tiveram início nas ciências e, em específico, na Educação, transformando-se de acordo com as condições sociais da época. Boto considera que, a partir do século XVIII, há “uma intensificação do pensamento pedagógico e da preocupação com a atitude educativa”. Segundo o autor:

> Para alguns filósofos e pensadores do movimento francês, o homem seria integralmente tributário do processo educativo a que se submetera. A educação adquire, sob tal enfoque, perspectiva totalizadora e profética, na medida em que, por intermédio dela, poderiam ocorrer as necessárias reformas sociais perante o signo do homem pedagogicamente reformado (BOTO, 1996, p. 21).

Para o ideal iluminista, a educação devia formar um novo homem para a sociedade que estava se formando. Assim, apesar de o ensino jesuítico ter sido útil às necessidades do período inicial do processo de colonização do Brasil, já não conseguia mais atender aos interesses dos Estados Modernos em formação. Surge, então, a idéia de Educação pública sob o controle dos Estados Modernos. Portanto, a partir desse momento histórico, o ensino jesuítico se torna ineficaz para atender às exigências de uma sociedade em transformação.

Ressalta Carvalho (1978) que os brasileiros preferiam os professores locais, recrutados quase sempre entre os clérigos. O professor régio era considerado pela população como alguém que “se persuade que é um príncipe e, cheio de soberba, de altivez e de vaidade, pretendia pisar e meter

debaixo dos pés a todos que se achavam destas bandas; e lhe custa muito estar sujeito e obediente aos legítimos superiores”.

Os professores régios, mandados ao Brasil para implantar a reforma pombalina do ensino tomaram então o lugar dos brasileiros porque, na base da aplicação desta política de ensino, esteve a diferença cultural e expressional já sobejamente constatada. A reversão desse quadro era o objetivo da administração portuguesa, ao enviar ao Brasil seus professores régios, que eram considerados como estrangeiros pelos brasileiros em relação aos professores locais.

Com a criação do subsídio literário em 05 de agosto de 1772, que era um imposto estabelecido sobre a produção de aguardentes, vinhos e vinagre, os professores régios estrangeiros foram sendo substituídos por brasileiros, de modo que a língua viva (brasileira) praticada no Brasil continuava cada vez mais viva. Mas o ritmo foi muito lento, já que foram criadas em toda a colônia apenas dezessete aulas de ler e escrever, quinze de gramática latina, seis de retórica, três de grego e três de filosofia, a instituição secundária em prejuízo da primária.

Para entender bem a ideologia da reforma pombalina, tal como foi implantada no Brasil, é necessária a leitura dos parágrafos 1, 2, 3, do volume 32, ano de 1768 dos "estatutos que hão de observar os mestres das escolas dos meninos nesta capitania de São Paulo", transcritos do Arquivo do Conselho Ultramarino. Seguem trechos dos estatutos:

> 1. Que haverá dois mestres nesta cidade e um em cada uma das vilas adjacentes, os quais serão propostos pelas câmaras respectivas e aprovados pelo General e não poderão exercitar o seu ministério sem ser com esta aprovação e dela tirarem provisão ou licença.(...)
> 4. Que o número de mestres, estabelecidos nesta cidade e em cada uma das vilas não poderá nunca, em caso algum, ser alterado ou expedido, sem nova consulta e expressa ordem nesta matéria para que não suceda ser instruída a mocidade com pessoas menos idôneas. (...)
> 7. Que todos os mestres sejam obrigados a ensinar pelo livro de Andrade e seguir em tudo aquelas regras, que no princípio do dito livro se prescrevem para a boa direção das escolas, e será bom que tenha outros livros, como a *Educação dum menino nobre*, a *Produções das obrigações civis*, de Cícero, para que possam inspirar aos meninos as boas inclinações e o verdadeiro merecimento do homem. (...) (CASTRO, p.323-324).

Segundo Rosário (1995, p. 27), a 8 de maio de 1758, D. José I converte em lei o *Diretório dos índios* que o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado deu ao Pará, em 3 de maio de 1757, através do qual se refaz a lei de D. João V sobre o ensino da língua portuguesa, justificando-o da seguinte forma de seu § 6:

> Sempre foi máximo inalteravelmente praticado em todas as nações, que conquistaram novos domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável que este é um dos meios mais eficazes para

> desterrar dos povos rústicos a barbaridade de seus antigos costumes; e ter mostrado a experiência que, ao mesmo passo que se introduz neles o uso da língua do príncipe que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração e a obediência ao mesmo príncipe. Observando, pois todas as nações polidas do mundo este prudente e sólido sistema, nesta conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros conquistadores estabelecer nela o uso da língua que chamam geral, invenção verdadeiramente abominável e diabólica, para que, privados os índios de todos aqueles meios que os podiam civilizar, permanecessem na rústica e bárbara sujeição em que até agora se conservaram. Para desterrar este pernicioso será um dos principais cuidados dos diretores estabelecerem nas suas respectivas povoações o uso da língua portuguesa, não consentindo por modo algum, que os meninos e as meninas que pertencerem às escolas e todos aqueles índios que forem capazes de instrução nesta matéria usem a língua própria das suas nações, ou da chamada geral, mas unicamente a portuguesa, na forma de Sua Majestade tem recomendado as repetidas ordens, que até agora se não observaram, com total ruína espiritual e temporal do Estado (CASTRO, 1988, p. 385).

Salienta Carvalho (1978, p. 81) que, em 28 de junho de 1759, foi emitido um alvará pelo mesmo Pombal acompanhado de *Instruções* que consagram, por inspiração de Verney, o estudo do latim por intermédio da língua vernácula, em que se destaca o seguinte: “Todos os homens sábios confessam que deve ser em vulgar o método para aprender os preceitos da gramática, pois não há maior absurdo que intentar aprender uma língua no mesmo idioma que se ignora”. Mais adiante, no mesmo documento, ainda acrescenta: “Para que os estudantes vão percebendo com mais facilidade os princípios da gramática latina, é útil que os professores lhes vão dando uma noção da portuguesa...”

Ressalta Castro (1986, p. 325) que, em 30 de setembro do mesmo ano o marquês de Pombal, baixou um decreto em que estabelece definitivamente o ensino do idioma como língua nacional, destacando que “a correção das línguas nacionais é um dos objetos mais atendíveis para a cultura dos povos civilizados, sendo, pelo contrário, a barbaridade das línguas a que manifesta a ignorância das nações”

De acordo com Serafim Leite (1937, p. 38), falar das primeiras escolas no Brasil é “evocar a epopéia dos jesuítas do séc. XVI”. Enquanto se fundava a cidade de Salvador, quinze dias após a chegada dos jesuítas, funcionava uma escola de ler e escrever. Essa política eles manteriam sem alterações durante anos: sempre abrir uma escola onde quer que erigissem uma Igreja.

Ressalta Fernando de Azevedo (1963, p. 506) que foram nessas escolas de ensino elementares de meninos e meninas como no colégio de Piratininga, que “não passava, em 1554, de uma barraquinha de caniço e barro, coberta de palha, longa 14 pés, larga 10”, em que, informava em

carta a Ignácio de Loyola, o Pe. Anchieta comprimia-se às vezes mais de vinte companheiros do apostolado Mas já em 1555, um ano após a fundação do colégio na aldeia de Piratininga, orgulhava-se o Padre Anchieta de terem ali os jesuítas "uma grande escola de meninos índios bem instruídos na leitura, escrita e bons costumes". Realmente, o Padre Anchieta se tornou mestre na língua dos índios, para melhor os instruir.

Segundo o padre Anchieta, nessas escolas, freqüentadas não apenas pelos indígenas, aprendia-se não só a ler, escrever, contar e falar em português. Nessas escolas elementares, germinava a base de todo o sistema colonial de ensino ainda em formação. As aulas funcionavam não só nos colégios, mas em todas as terras onde existisse uma casa da Companhia. Recebiam a primeira instrução, além dos indígenas, também, os filhos dos colonos.

Para Laerte Ramos de Carvalho (apud Hildsorf, 2011, p. 23), é a vertente cristã e católica não jesuítica de iluminismo italiano, modelado por Muratori e Genovesi, que foi apropriada e posta em circulação pela ilustração pombalina: no seu estudo sobre as reformas pombalinas da instrução pública, ele destaca, citando Cabral de Moncada, a orientação reformista, nacionalista, humanista, cristã, católica (mas antijesuítica) e pedagógica do iluminismo português:

> no horizonte do movimento ilustrado, as idéias em si mesmas, apenas enquanto idéias, isto é, abstrações intelectuais, divorciadas de uma prática transformadora têm muito pouca importância. As idéias apenas têm razão de ser, para os iluministas, conforme objetivam ações que modifiquem a realidade existente. Tal pragmatismo, freqüentemente colorido de utopismo, ainda hoje espanta um pouco os adeptos do pensamento puro. Mas, assim eram os filósofos (FALCON apud HILDSORF, 2011, p. 23).

Segundo Hildsorf (2011), os jesuítas tiveram relevante papel na difusão da língua portuguesa, não só no tocante ao desbravamento das terras do interior do Brasil e às povoações dessas terras, mas, principalmente, no que concerne à unificação do país pela língua, rompendo, mais tarde, os laços com o Tupi e o africanismo. Era um difusor de idéias e da cultura européia, mas, como instrumento político, crescendo, a Companhia se tomou um grande latifundiário devido a expansão da propagação do ensino nos territórios brasileiros. O ensino retrógrado, por parte dos jesuítas, em relação aos mais recentes acontecimentos na Europa, foi fator decisivo, entre outros, para que se levantasse a bandeira contra a Companhia, numa grande campanha, encabeçada pelo Marquês de Pombal, culminando no alvará que a extinguiu e a expulsou do Brasil.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar durante a realização dessa pesquisa as reformas sociais e políticas estava liderada pelas ideais iluministas e foi neste cenário que o Marques de Pombal buscou, buscou cultivar uma densa reforma no sistema educacional. Com novas mudanças, que estavam previstas para acelerar o processo educacional. Como uma nova metodologia eclesiástica dos jesuítas que foi suprida pelo novos pensamentos pedagógicos da época incorporados com a nova realidade da escola pública e laica; com criação de cargos como de diretor de estudos, visando a orientação e fiscalização do ensino; introdução de aulas régias, isto é, aulas isoladas, almejando substituir o curso de humanas criado pelos jesuítas. Todas essas novas propostas foram produtos do novo modelo da sociedade iluminista da época.

Já no Brasil, começaram aparecer os resultados do desmantelamento da organização educacional jesuítica e a não-implantação de um novo projeto educacional aconteceram sérios problemas, pois, somente em a partir de 1776, após dezessete anos depois da expulsão dos jesuítas, é que foram formadas novas escolas com cursos graduados e sistematizados. Entretanto, até os dias atuais, percebe-se os reflexos da reforma pombalina na língua portuguesa em diferentes perspectivas e injunções sociais.

ABSTRACT

This article aims to analyze the Legacy of Reform in Education Pombalina Brazilian and show how the Reformation Pombalina contributed to the political and social changes in education. The topic is justified by the need to approach on a legacy of the Reformation Pombalina for Brazilian education because of its importance for education. Social relevance is to show how the Reform Pombalina contributed in the economic, social and cultural critics, and artistic rational Enlightenment ideals implemented by the Marquis of Pombal and can be seen until today, as the institutionalization of the Portuguese language public institutions of teaching and learning of foreign languages in schools. The methodological basis was through the literature search, which allows a wide range of information and allows the use of data in the construction of the text. It can be observed during the course of this research the social and political reform was led by Enlightenment ideals, and this scenario was the Marques de Pombal sought, sought to cultivate a dense reform the education system. With new changes, which were supposed to accelerate the educational process. Evidence educational reform as the Marques de Pombal presented a strategy that required not only by the gap left by the Jesuit system of education, but also as an attempt to modernize the society for the development of the Portuguese economy to maintain and strengthen its absolutist regime.

Keywords: Teaching Portuguese, History of Education, Pombal Reform, Marquis of Pombal.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antonio Alberto Banha de. *A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários no Brasil*. São Paulo: Saraiva/Edições da Universidade de São Paulo.1978

AZEVEDO, Fernando de. *A transmissão da cultura*. Parte 3. São Paulo: Melhoramentos/INL, (5. Ed da obra "A cultura brasileira"). 1976

BOTO, C. *A Escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

CARDOSO, Tereza Maria Rolo Fachada Levy. *As luzes da educação: fundamentos, raízes históricas e práticas das Aulas Régias no Rio de Janeiro***.** 1759-1834. Bragança Paulista, EDUSF, 2002.

CARVALHO, Laerte Ramos de. *As reformas pombalinas da instrução pública*. São Paulo, 1978.

CASTRO, José Ariel. "Formação e desenvolvimento da língua nacional brasileira". *In* COUTINHO, Afrânio & COUTINHO, Eduardo de Faria (Dir.). *A literatura no Brasil*. Vol. I: Preliminares e generalidades. 3º ed. revista e atualizada**.** Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986.

FALCON, Francisco. *A Época Pombalina*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social***.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *História da educação brasileira: leituras***.** São Paulo: CENGAGE Learning, 2011

MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal - Paradoxo do Iluminismo***.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. *A Legislação pombalina sobre o ensino de línguas: suas implicações na educação brasileira (1757-1827).* Maceió: EDUFAL, 2010.

A LEITURA COMO PRÁTICA DE CIDADANIA: UMA QUESTÃO INTERDISCIPLINAR E CULTURAL[3]

Flávia Santos Fonseca[4]

"Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita [...]"(LERNER, 2002, p.73).

RESUMO

O presente artigo é fruto de pesquisas feitas em salas de aula, e tenciona apresentar a importância da leitura no processo de formação de alunos críticos, que possam fazer do ato de ler uma condição essencial para viver a sua cidadania. Serão apontadas algumas causas de deficiências encontradas nas turmas e apresentadas considerações que visem contribuir para mudança da prática do ensino da leitura. O estudo terá como ponto de partida o conhecimento de algumas concepções de leitura.

Palavras-chave: Cidadania, Educação, Formação de Leitores.

INTRODUÇÃO

A leitura vem ser um dos fatores fundamentais para a inserção do ser humano na sociedade atual. O ato de ler pode fornecer ao leitor o acesso às informações, à ampliação do vocabulário, o desenvolvimento da criticidade e o interesse na busca pelo conhecimento sobre assuntos variados que, além de instigar o leitor a pensar criticamente sobre diversas questões, pode impulsionar suas relações sociais.

A preocupação com a leitura esteve sempre muito presente na história, entretanto, o conceito de leitura vem sofrendo modificações ao longo do tempo. Hoje se vive numa sociedade letrada em que a cada dia o indivíduo é desafiado em situações diversas em que é preciso usar a sua competência de leitor, não apenas em textos escritos, mas, sobretudo compreender o mundo que o

[3] Artigo orientado pelas professoras Prof. Drª Vilma Mota Quintela e Suely Mendes Braga.

[4] A autora é acadêmica do curso de Letras da FSLF.

cerca, ler a própria vida e nela ser protagonista. Portanto, é inquestionável o fato de que o ato da leitura permite ao homem não somente sua inserção, mas também a participação ativa no meio social ao qual está inserido e a escola deve ser este elo entre leitores proficientes e inserção social.

As políticas de leitura vêm sendo discutidas nos diversos segmentos da educação, destacando-se a sua relevância para a aquisição do conhecimento, da cultura, do saber e da conscientização política, face aos desafios do mundo moderno. Saber ler tornou-se, pois, condição indispensável para o acesso a qualquer área do conhecimento e, mais ainda, à própria vida do ser humano, uma vez que a leitura apresenta função utilitária e transformadora da sociedade.

Diante desse contexto, considerando a importância da leitura na vida do indivíduo, faremos uma reflexão acerca dos métodos de ensino aplicados por alguns professores em duas salas de aula do ensino médio, de uma escola da rede pública estadual, no município de Aracaju-SE, onde surgiram várias indagações como: aqueles professores são conscientes de seu trabalho e papel na sociedade? eles tentam formar leitores competentes, que compreendem e interpretem aquilo que leem, que conseguem ler também o que não está escrito, que tem a capacidade de identificar elementos implícitos, que possam estabelecer uma relação do texto que estava lendo com outros textos lidos anteriormente, que sabem que em um texto se pode atribuir vários sentidos? alguns alunos mostraram-se sem motivação para ler e escrever, qual a razão?

Visando responder tais questionamentos, buscamos entender a importância da leitura no processo de formação de alunos críticos e investigar a(s) causa(s) das deficiências encontradas.

Para a produção desse artigo foram utilizados como instrumentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica, em que foi feita a seleção do referencial teórico, como o livro A importância do ato de ler: em três artigos que se completam, de Paulo Freire (1988; 2005), em que o autor aponta o hábito da leitura como fonte de poder de transformação tanto do indivíduo quanto do mundo. Para ele, somente através da leitura o indivíduo consegue obter uma visão do mundo de maneira mais consciente, podendo assim, contribuir para o crescimento de sua sociedade e do meio onde vive; a obra O aprendizado da leitura, de Mary Kato (2007), na qual a autora apresenta a leitura como fator positivo para a interdisciplinaridade entre todos os tipos de conhecimento; o livro Didática, de Libâneo (2004), no qual o autor discute sobre o trabalho docente, a prática da vida cotidiana dos alunos, bem como, o aprendizado em sala de aula voltado para a realidade social do aluno; a obra Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário, de Lerner (2002), na qual a autora fala sobre o desafio de formar leitores; o livro Alfabetização e linguística, de Cagliari (2004), onde o autor aponta que todos os conhecimentos que são ensinados e todas as atividades que são

desenvolvidas pela escola estão diretamente ligados à leitura; o livro Leitura em crise na escolar: as alternativas do professor, de Zilberman (1993), que apresenta uma reflexão coletiva sobre o modo de como o livro dever ser utilizado e das maneiras pelas quais os professores podem utilizá-lo para promover o interesse pela prática da leitura, entre outros.

Em seguida, foi realizada a leitura e o fichamento do material selecionado. Simultaneamente, foi feita a análise qualitativa das entrevistas, direcionadas, respectivamente, a professores e a alunos das turmas em estudo, bem como a análise dos dados obtidos através da observação direta.

No discorrer dele serão apresentadas concepções acerca da leitura segundo alguns teóricos; a importância da leitura para o indivíduo como cidadão; em seguida serão abordadas algumas causas das deficiências apresentadas no processo de ensino-aprendizagem da leitura, e por último, as considerações finais.

CONCEPÇÕES ACERCA DA LEITURA

A leitura não pode ser definida apenas como uma decodificação de símbolos, mas como um meio para ampliar os conhecimentos dos alunos e sua visão de mundo. Além de sua função básica utilizada no dia-a-dia, como ler nome de ruas, de ônibus, consultar listas, telefones, revistas, jornais, a leitura também é um meio de comunicação entre as pessoas. Visando compreender melhor o tema, apresentamos algumas concepções de leitura:

Para Kato, **"**a leitura pode ser entendida como um conjunto de habilidades que envolve estratégias de vários tipos"(KATO, 2007, p. 106).

Segundo Cagliari "é muito mais importante saber ler do que saber escrever". Pare ele, a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas, é uma herança de maior valor do que qualquer diploma, porque a maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, decorre de problemas de leitura (CAGLIARI, 2004, p. 148).

> tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado a uma leitura e depende dela para se manter e se desenvolver, e que a mesma é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização de reflexão. Por isso, a escola que não lê muito está fadada ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos alunos(CAGLIARI, 2004, p. 150).

Para Freire,

> ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante [...] Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido... Ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será

> tão mais profunda quanto sejamos nela capazes de associar, jamais de dicotomizar os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo cotidiano(FREIRE, 1995, p. 29-30).

De acordo com Koch, “a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto [...]. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão (KOCH, 1989). Portanto, um leitor competente, na ótica desta autora é o que compreende o que lê, sendo capaz de ler também aquilo que não está escrito. O ato de ler proporciona a descoberta do mundo da leitura, um mundo totalmente novo e fascinante. Entretanto, a sua apresentação ao aluno deve ser feita de forma atrativa, estabelecendo uma visão prazerosa sobre a mesma, de modo que torne um hábito contínuo. A leitura desenvolve a capacidade intelectual do indivíduo devendo fazer parte de seu cotidiano e desenvolvendo a criatividade e a sua relação com o meio externo. O aluno que faz parte do universo da leitura é ativo e está sempre pronto a desenvolver novas habilidades, ao contrário daqueles que não possuem contato com esse universo, pois vive preso dentro de si mesmo com “medo” de tudo que o cerca. “A leitura, como o andar, só pode ser denominada depois de um longo processo de crescimento e aprendizado”(BACHA, 1975, p.39). Através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades (auto educar-se), promovendo a sua transformação e a do mundo, “em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘re-escrita’ do lido” (FREIRE, 2005, p. 21). Ler significa não só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, mas também estudar a escrita, decifrar e interpretar o sentido, reconhecer e perceber.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Ler é muito mais que atribuir significados a palavras isoladas, resumindo-se a um processo mecânico. O ato de saber ler como patamar para atingir o sucesso implica em construir conhecimento, gerar reflexões e desenvolver uma consciência crítica sobre o que é lido. A leitura confere ao indivíduo um melhor entendimento sobre seus direitos e deveres dentro da sociedade, além de proporcionar prazer ao sujeito, pois através da literatura é ativada a sua sensibilidade, criatividade. Diante disso, a escola busca conhecer e desenvolver no aluno a competência da leitura e coloca-se para a educação o desafio da formação desse indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade, onde as trocas sociais acontecem rapidamente. Essa competência deve ser desenvolvida nos alunos desde cedo, para que possam incorporá-la no seu cotidiano e perceberem a importância dela no decorrer de suas vidas.

Os professores, de qualquer disciplina, uma vez que a leitura é um dos canais principais da aquisição do conhecimento, devem estimular os alunos a compreender textos, interpretá-los, e a levantar hipóteses sobre eles. Além disso, devem incentivar os alunos a usar a criatividade e desenvolver seus próprios textos, sobre quaisquer assuntos, evitando um processo maçante, mecânico e sem propósito. Para desenvolver a atividade de leitura, bem como buscar despertar o gosto por essa atividade, o professor deve usar as mais variadas estratégias inclusive aproveitar todas as situações, materiais e ambientes disponíveis e/ou possíveis. Conforme Libâneo, o trabalho docente não deve ficar restrito às paredes da sala de aula, sem preocupação com a prática da vida cotidiana das crianças fora da escola (que influem poderosamente nas suas condições de aprendizagem) e sem voltar os olhos para o fato de que o ensino busca resultados para a vida prática, para o trabalho, para a vida na sociedade. O trabalho docente, portanto, deve ter como referência, como ponto de partida e como ponto de chegada, a prática social, isto é, a realidade social, política, econômica, cultural, da qual, tanto o professor como os alunos, são parte integrante (LIBÂNEO, 2004, p. 79).

De acordo com os PCNs, a escola tem o papel de mobilizar os alunos internamente para a leitura, ou seja:

> para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura – a escola terá que mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisará fazê-los acreditar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, 'conquistado' plenamente, dará autonomia e independência ao 'conquistador'. Precisará torná-los confiantes, condição para que eles possam se desafiar e 'aprender fazendo'. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (PCN, 2001, p. 58).

A leitura não deve servir apenas como meio de transmissão de conteúdos, deve proporcionar prazer, o que pode ser alcançado por meio de um bom trabalho em sala de aula. Acompanhando essa linha de pensamento, a proposta pedagógica da escola deve apresentar de que forma os alunos compreenderão a leitura em cada etapa da sua escolaridade/aprendizagem. Para enfrentar a realidade social, não basta ao aluno saber ler e escrever. É preciso saber fazer uso da leitura incorporando-a sua vida cotidiana.

CAUSAS DAS DEFICIÊNCIAS APRESENTADAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA

Lançaremos a seguir um breve olhar sobre as questões diretamente ligadas à prática do ensino da leitura.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, para que haja uma participação efetiva do indivíduo na sociedade, é necessário que ele domine plenamente a língua oral e escrita, pois é através dela que ele se comunica, tem acesso às informações, se expressa e defende seus pontos de vista. Cabe à escola garantir a todos o acesso aos saberes linguísticos que formam alunos para o exercício da cidadania. O documento aponta que uma das causas do fracasso escolar é a deficiência da aprendizagem da leitura desde as séries iniciais, e orienta procedimentos para reformulação da prática pedagógica para o ensino da língua materna.

Embora seja papel da escola formar leitores conscientes, verificamos que a escola observada, ainda está fixada no estudo mecânico da gramática e uma leitura descontextualizada que, ao invés de despertar o prazer, desestimula o aluno. Entendemos que os professores não conseguem desenvolver esta tarefa com eficiência, porque desconsideram os saberes, necessidades, interesses, realidade e dificuldades do aprendiz, privilegiando a passividade e o silêncio. As escolas mostram-se incapacitadas em conscientizar o educando sobre a importância da leitura para sua vida. Esse, por sua vez, não consegue relacionar os conteúdos ao seu contexto social e acaba por ter a leitura apenas como mais um conteúdo a ser esquecido após a conclusão das aulas. Conforme ensina Chartier et al, “Ninguém pode compreender as situações evocadas nos livros se elas forem totalmente estranhas à sua experiência e a seus conhecimentos ou exteriores a seu meio”. (CHARTIER et al, 1996, p. 115). Corroborando com este pensamento, Vasconcelos ensina que para aprender, o aluno precisa querer, precisa sentir necessidade. Cabe ao educador provocar, desafiar, estimular, ajudar o educando (VASCONCELOS, 2002, p. 63).

Percebemos que nas turmas observadas, as atividades propostas são limitadas. Há um mínimo de participação dos alunos na elaboração de seus conhecimentos. A atividade mental dos educandos é subestimada, o que acaba privando-os de desenvolverem suas potencialidades cognitivas, capacidades e habilidades de forma a ganharem independência de pensamento. Segundo Vasconcelos, alguns professores não se preocupam com o caráter ativo do aluno enquanto sujeito do conhecimento, quando muito “acham que os alunos estão ‘naturalmente’ motivados, já que estão na sala de aula...”(VASCONCELOS, 2002, p. 66).

Questiona-se que embora as escolas possuam biblioteca com um rico acervo cultural, os professores não a utilizam com frequência e nem incentivam os seus alunos a utilizarem. E o que acabam lendo durante o ano letivo é somente as obras relacionadas ao vestibular que em alguns

casos são lidos apenas os resumos. Aponta-se o autoritarismo da escola e dos livros didáticos também como um dos motivos que levam os alunos ao desinteresse pela leitura. E que para provocar prazer nos leitores e fazê-los críticos, é necessário que haja um comprometimento não só por parte dos alunos como também por parte da escola e dos professores.

O fracasso da aprendizagem é justificado por alguns professores pela falta de interesse dos alunos e há também os que atribuem este fracasso à falta de estrutura das escolas, à falta de recursos do governo e aos baixos salários pagos aos educadores. É preciso ter consciência de que o ensino da leitura e a formação do leitor é um desafio para o sistema educacional, tendo como agente transformador o professor, e o aluno o foco de toda a ação educativa. Isto possibilita a todos os envolvidos uma descoberta contínua de si e do outro, através do conhecimento.

Delia Lerner ressalta: "o desafio [...] é formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade dos outros". (LERNER, 2002, p. 27). A autora destaca que para haver uma transformação verdadeira do ensino da leitura, a escola precisa favorecer a aprendizagem significativa, abandonando as atividades mecânicas e sem sentido que levam o aluno a compreender a leitura como uma atividade pura e unicamente escolar. Para isso, a escola necessita propiciar a formação de pessoas capazes de apreciar a literatura e de mergulhar em seu mundo de significados, formando leitores cientes de sua função e poder social. Precisa também, preparar o público alvo para a interpretação e produção dos diversos tipos de texto existentes na sociedade, favorecendo à escrita para que deixe de ser apenas um objeto de avaliação e passe a ser um objeto de ensino. Dessa maneira, além de modificar a forma de ensino, os alunos serão capazes não apenas de reproduzirem pensamentos alheios, mas de refletirem sobre os seus próprios pensamentos (LERNER, 2002, p. 27-29).

A educação é considerada um meio eficaz no desenvolvimento da cidadania, pois ela pode despertar o indivíduo para as reflexões sobre o seu meio. E a leitura, por sua vez, é o eixo central no desenvolvimento desse indivíduo, pois com sua prática adquirem-se novos conhecimentos e percebe-se um novo mundo ao seu redor. O ser humano necessita dessa educação escolar que lhe proporcione uma aprendizagem capaz de fazer com que o meio no qual está inserido seja propício a transformações.

Uma das transformações está sendo as escolas proporcionarem aos alunos ferramentas modernas, como computadores com acesso à internet, permitindo assim, que conheçam novas

possibilidades de comunicação. Vale lembrar que os professores, ao utilizarem essas ferramentas tecnológicas, deve-se rever e projetar novas formas de ministrar aulas, de maneira a tornar possível aos alunos manter contato com os diversos gêneros textuais. Isto facilitará a entrada do jovem em formação no universo de leitores, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes, participativos e sujeitos de sua própria história, que saibam utilizar a linguagem com precisão, comunicar-se com exatidão, sabendo adequar seu discurso a diferentes situações comunicativas.

Os PCNs esclarecem que para ampliar o método de ensino, o professor deve diversificar os modos de ler, ou seja, deve proporcionar a leitura de uma diversidade de gêneros, diversificar o autor e a época, a fim de que os alunos possam estabelecer vínculos cada vez mais estreitos com os textos. O documento ainda acrescenta que esse método possibilita ao aluno passar do estágio de uma "leitura mais ingênua que trate o texto como mera transposição do mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconheça o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura" (PCN, 2001, p. 71).

Como uma das consequências do quadro de deficiências descrito está a elevação do índice de analfabetos funcionais e alunos que a cada ano saem dos bancos escolares sem o hábito de ler e escrever, dificuldades que os acompanham em todas as esferas de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidente nas turmas observadas durante a pesquisa de campo, a prática da metodologia expositiva tradicional. Infelizmente, dificilmente, professores já formados e acostumados com essa metodologia mudarão a sua forma de abordagem da língua e dos textos, sendo, para isso, necessária uma intervenção mais efetiva no sentido da reciclagem desses profissionais, conduzida pelos órgãos oficiais ligados á educação. A revisão crítica dessa metodologia será fundamental para se pensar as estratégias necessárias a uma mudança do quadro atual. Espera-se que essa atitude dê lugar a uma prática que ofereça aos alunos da escola pública aprendizagem significativa e de qualidade.

A escola, enquanto instituição pedagógica responsável pela formação dos seus alunos deve desenvolver neles a competência comunicativa, visto que, a leitura deve ser a principal aliada nessa luta educacional e não ser apenas o fim, mas o meio pelo qual a educação alcançará seus objetivos.

Paulo Freire (1988), diz que somente pela leitura o indivíduo consegue obter uma visão do mundo de maneira mais consciente, podendo assim, contribuir para o crescimento de sua

sociedade e do meio onde vive. Como futuros educadores, precisamos incentivar nossos alunos À prática da leitura, pois, por meio dela, além de adquirirmos mais conhecimento e cultura, são propiciadas novas experiências de mundo. Essa prática pode ser levada para a sala de aula por meio de leituras interessantes, que possam aguçar o desejo e o gosto pelos livros e conscientizar os alunos de que é possível, através do conhecimento adquirido através da leitura, construirmos um país mais justo e em constante crescimento intelectual e cultural com cidadãos críticos e conscientes do seu papel.

ABSTRACT

This article is based on research done in classrooms, and intends to present the importance of reading in the process of formation of critical students, who can make the act of reading a prerequisite to live their citizenship. Will present some causes of deficiencies found in the classes and presents considerations which aim to help change the practice of teaching reading. The study will take as its starting point the knowledge of some concepts of reading.

Key Words: Citizenship, Education, Training Readers.

REFERÊNCIAS

BACHA, M. L. *Leitura na primeira série*. Rio de Janeiro: Livro técnico, 1975.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. *Indicadores da qualidade na educação: dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita/Ação educativa.* São Paulo: Ação Educativa, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2004.

CHARTIER, Anne-Marie et al. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 13 ed. Rio de Janeiro: Mercado das Letras, 1982.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam***.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completem*. 46 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KOCH, Ingedore G.V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real. O possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2004.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. *Construção do conhecimento em sala de aula*. 13 ed. São Paulo: Libertad, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

LIMA BARRETO: UM CRÍTICO MARGINAL DO PRÉ-MODERNISMO[5]

Ângela Cristina Fernandes Januário Graça [6]

cristinajanu@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como base as referências bibliográficas que tratam da vida e da obra de Lima Barreto. O objetivo desse artigo é discutir aspectos que nos permitem relacionar a vida e a obra do autor,especificamente o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, procurando destacar o seu contexto histórico, o caráter social e militante dos seus escritos e a sua linguagem afiada, que demonstra a preocupação do autor em denunciar o preconceito sofrido pelos negros, mulatos e pobres. Para este trabalho, tomou-se como fundamentação teórica os estudos de **Barbosa** (1964), **Sevcenko** (1985), **Bosi** (2006), **Gonzaga** (2010), dentre outros. Na reflexão desses autores, destaca-se uma característica marcante em Lima Barreto: a revolta contra as injustiças e o preconceito de que o escritor se sabia vítima.

Palavras-chave: Pré-Modernismo. Literatura social. Lima Barreto.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se origina de minha participação no Projeto Educacional Fazendo Letras, o "Carpe Diem", desenvolvido pela turma do 4º período do curso de Letras da FSLF, no primeiro semestre de 2010, sob a coordenação da professora Vilma Quintela. O projeto de extensão destinava-se a alunos do Ensino Médio das escolas públicas do nosso entorno social, para os quais ministramos aulas de língua portuguesa e literatura brasileira, ficando ao meu encargo a apresentação do romance *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto. Já aí percebi o quanto o escritor estava voltado à denúncia das mazelas e preconceitos sociais, defendendo o que chamou de "literatura militante". De acordo com Lima Barreto:

> A literatura, na sua concepção, tinha que ser militante, visando a objetivo certo e definido, e não uma "literatura contemplativa"; [...] "cheia de ênfase e arrebiques"; [...] falsa e sem finalidade (BARBOSA, 1964, p. 174).

[5] Artigo orientado pela Profª Drª. Vilma Mota Quintela, produzido enquanto pré-requisito parcial à aprovação na disciplina "Trabalho de Conclusão de Curso", do Curso de Letras da FSLF.
[6] Graduanda em Letras Português e Suas Respectivas Literaturas da Faculdade São Luís de França.

A missão da literatura, para Lima Barreto, segundo Nicolau Sevcenko (1985, p. 168), é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando, desse modo, a solidariedade humana, tornando, assim, os homens mais aptos à conquista do planeta e à felicidade. Como também, a literatura permitia-lhe proferir sobre as injunções particulares e cotidianas para o próprio centro das decisões sobre o destino da humanidade. Eis, segundo o crítico, as convicções de Lima Barreto sobre os poderes e os fins da literatura:

> (...) o homem, por intermédio da Arte, não fica adstrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, se sua pátria, de sua raça; ele vai, além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo (SEVCENKO, 1985, p.168).

Este artigo não tem a intenção de analisar profundamente a vida de Afonso Henriques de Lima Barreto, mas de discutir, literariamente, o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha,* procurando relacioná-los ao contexto social da época em que essa obra foi publicada e à biografia do autor, em vida, marginalizado e tido como louco. Entretanto, segundo Alfredo Bosi (2006, p.316), para conhecer o escritor, é necessário saber de sua origem humilde, dos dilemas relacionados à sua cor, à vida penosa de jornalista e amanuense pobre, à viva consciência de sua própria situação social. Seguindo, pois, essa vertente, buscarei entender o húmus ideológico da sua obra.

Neste trabalho, usarei estudos dos teóricos: Alfredo Bosi, Francisco de Assis Barbosa, Sergius Gonzaga e Nicolau Sevcenko. Apresentarei as suas percepções relacionadas à vida e obra, o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* de Lima Barreto. O artigo científico será uma reflexão das leituras feitas e de todos os questionamentos que desencadearam uma curiosidade como: o que o tornou um escritor com um estilo irônico e sarcástico a ponto de estilhaçar as palavras como pedra de ml fragmentos verbais e lançá-los contra os poderosos? (FARACO, 1997, p.24) Por que a imprensa era alvo predileto da mordacidade? Por que não foi reconhecido em seu tempo, apesar do valor que hoje se atribui a sua obra?

No que diz a respeito ao romance, deixemos, inicialmente, que Gonzaga (2010, p. 254) nos fale. Para o teórico, o romance possui o caráter da denúncia social; é um livro pungente e verdadeiro, em que aparece muito do drama do próprio autor refletido no drama do herói negro. Este, com um olhar de quem sofre com as injustiças, dos que são feridos pelos preconceitos, enfrenta a luta desigual que enfrentou contra tudo e todos; a luta contra uma falsa concepção de imprensa e literatura; pela afirmação de um estilo próprio e fora dos padrões linguísticos da época.

Lima, segundo Gonzaga (2010, p. 255), “escreveu com simplicidade, mesmo com certo desleixo intencional, queria aproximar o texto escrito da linguagem coloquial”.

Já Bosi (2006, p. 318-319) sustenta que a personagem Isaías Caminha encarna a própria frustração do autor, reafirmando os preconceitos de cor e de classe, escrevendo em uma linguagem simples e sem máscaras. Por sua vez, Nicolau Sevcenko (1985, p. 200) lembra que as posições filosóficas de Lima Barreto se inclinam para as vertentes idealista, relativista e voluntarista, apreendidas na obra de filósofos Karl Max, Kant, Nietzsche e Schopenhauer, lidos na Biblioteca Nacional e na Escola Politécnica. Em sua obra é bem latente a obstinação em escrever de forma confessional. A ficção é bastante caricatural e irônica. Possuía uma literatura combativa que tratava das mazelas da sociedade, através do humor, da ironia, da sátira, da caricatura sarcástica. Lima tinha a literatura como uma nobre missão. Para Sevcenko (1985, p.165), o romancista sempre escreveu em condições pessoais e sociais muito difíceis, de modo que seu texto, às vezes, eram aparentes os defeitos da pressa, do descuido ou de outra dificuldade. Entretanto, o que pode parecer a alguns defeito de estilo era, mais propriamente, o resultado da sua intenção deliberada de não escrever bonito, de hostilizar a literatura de cunho ornamental, agradável à sociedade, tomada como passatempo, e, assim, questionar a gramatiquice que imperava e levava a maioria dos escritores a uma direção lusitanizante, caracterizada pela imitação dos clássicos da língua.

Em suma, a visão desses teóricos sobre Lima Barreto será relevante neste trabalho, pois, com base neles, busca-se aqui refletir sobre fatos relevantes de sua vida, do seu estilo brasileiro autêntico e militante, rebelde às injunções do estilo e da gramática da antiga metrópole.

Lima Barreto viveu e escreveu no período que a historiografia literária brasileira chama de Pré-Modernismo, quando dominavam no país as correntes estéticas do século XIX, naquele momento, já em diluição, isto é, o Parnasianismo, o Simbolismo (na poesia) e, na prosa, um Realismo bastante convencional e cansado (referências). Com sua obra, Lima contraria a estética dominante, desprezando a retórica bacharelesca e parnasiana. Contrariando o estilo hegemônico, o escritor opta pela simplicidade, escrevendo, de acordo com a crítica, com certo desleixo intencional, querendo aproximar o texto escrito da linguagem coloquial.

Segundo Gonzaga (2010, p. 255), “Lima foi acusado de escrever de forma incorreta e de ser incapaz de lidar com os padrões linguísticos da elite culta, sua obra foi julgada gramaticamente e condenada por suposta vulgaridade”. Décadas depois, pode-se constatar que Lima Barreto não é apenas o romancista mais importante do período, como também aquele que mais se

aproxima da expressão prosaica, conquistada pela geração de 1922. O Modernismo, iniciado neste mesmo ano, não chega a ser conhecido por Lima Barreto, que morre em 1º de novembro de 1922.

A FORMAÇÃO DO ESCRITOR: LIMA BARRETO E SUA ÉPOCA

Em 1881, nasce numa sexta-feira, 13 de maio, o garoto Afonso - foi esse nome escolhido para batizar o segundo filho do casal Amália e João Henriques de Lima Barreto. O pai era um culto tipógrafo que trabalhava na Imprensa Nacional; a mãe professora. Ambos mulatos e, portanto, sujeitos à opressão de uma sociedade preconceituosa. O primeiro filho tinha vivido apenas 8 dias. Ao nascer o segundo, o pai quis homenagear um amigo ilustre, o senador Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto, que seria o futuro padrinho do garoto. Por isso, o menino acabou ficando com um nome pomposo. A combinação Afonso Henriques ocorre à memória o primeiro Rei de Portugal, não sendo esta a intenção (BARBOSA, 1964, p. 16).

Em 1888, a Lei Áurea tinha sido assinada, no dia em que Afonso completava 7 anos. Afonso assistiu com o pai os festejos da abolição. João Henriques levou o filho ao Largo do Paço e à missa do Campo de São Cristóvão, para testemunhar o grande acontecimento. O menino ficou deslumbrado. Mas leis não eliminam preconceitos. A hipocrisia da sociedade com os negros e mestiços está presente em suas obras.

Segundo as considerações de Barbosa (1964, p. 29) já nos primeiros anos de vida, Lima Barreto mostrava-nos traços depressivos, o que lhe acompanhariam pela vida. A mais forte impressão foi sem dúvida, a morte da mãe. O mundo como se fechou para o menino “taciturno, reservado e tímido”. Agora sem carícias e os abraços maternos, fechou-se em si e nunca mais teve alegria. “Aos sete anos – confessa-se no Diário Íntimo -, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive eu vontade de me matar”. Reagirá sempre assim com extrema violência ante as injustiças do mundo e as incompreensões das pessoas que o cercam. Com violência às vezes desmedida e inconsequente.

Com a Proclamação da República, em 1889, João Henriques, sendo monarquista, sentiu-se perseguido pelos republicanos e logo exonerou-se do cargo que ocupava na Imprensa Nacional. Mais tarde, por influência do compadre ilustre, o senador Afonso Celso, tornou-se administrador da

colônia de alienados mentais da Ilha do Governador. Quando a família se mudou para a Ilha, Afonso permaneceu no Rio a fim de completar os estudos. João Henriques queria, a todo custo, ver o filho de anel no dedo. No Brasil da época, todos sonhavam com um título de doutor, como analisará depois o próprio Lima Barreto:

> O ensino superior fascina todos (...). Os seus títulos, como sabeis, dão tantos privilégios, tantas regalias, que pobres e ricos correm para ele. Mas só são três espécies que suscitam esse entusiasmo: o de médico, o de advogado e o de engenheiro... (*Os Bruzundangas*, p. 21).

Nicolau Sevcenko (1985, p. 180), na abordagem sobre a obra de Lima Barreto, afirma que, há, portanto, visíveis na obra de Lima Barreto, a temática da discriminação e marginalização social, que se compõe como uma trama densamente entretecida nas páginas do escritor. No romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Isaías Caminha sabia que só lhe restava um recurso para escapar a um destino prefixado: "Ah! Seria Doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor...(Isaías Caminha, p.19)". Quando esse mesmo Caminha, em viagem que fizera ao Rio de Janeiro, durante uma parada de trem, ao reclamar da demora do troco no balcão de vendas de café e bolos, é alfinetado pelo preconceito racial.

> Servi-me e dei uma pequena nota para pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: "Oh! Fez caxeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você? Aqui não se rouba, fique sabendo? Ao mesmo tempo ao meu lado, um rapazola alourado, reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu minha indignação. (*Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, p. 24).

Aos quinze anos, Lima Barreto requereu os primeiros exames para ingressar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e começou a frequentar o curso escolhido pelo rapaz: engenharia civil. Agora, na Politécnica, ainda não se havia dado conta de como pesavam as diferenças de classe social. O adolescente sentiria na pele a aspereza do preconceito. Naquele reduto de jovens endinheirados, elegantes, ostentando sobrenomes famosos, sentia a má-vontade de professores e colegas. O mulato Lima Barreto era um estranho. Caladão, vivia pelos cantos dos corredores ou enfurnado na biblioteca estudando Filosofia. A mão paterna havia desenhado um destino para o filho, mas Afonso Henriques delineava para si outros horizontes. Despontava nele, vigorosamente, a vocação de escritor, embora o jovem não soubesse ainda que caminho a seguir: o da ficção ou o do jornalismo.

No jornal estudantil A Lanterna, e mais tarde em A Quinzena Alegre, começou a publicar seus primeiros escritos, sob os pseudônimos de “Alfa Z” e “Momentos de Inércia”. Eram artigos em que traçavam autênticas caricaturas verbais de colegas, professores e situações da Escola, especialmente. Tudo num estilo irônico e, por vezes, sarcástico. Afonso Henriques resolveu estilhaçar toda a sua hostilidade contra os poderosos. Foi assim que começou a ficar conhecido entre os estudantes. Os colegas já o apontam como autor de pilhérias contra os professores. Tudo meio ao contrário do que esperava seu pai.

Segundo Barbosa (1964, p. 83), o rapaz sofria com a convivência obrigatória dos colegas ricos, de outra condição social que não a sua. Começou então a ver que a origem humilde o tornava diferente dos outros rapazes da sua idade, felizes e despreocupados. Não tinham preocupações de ordem material, não precisavam economizar, vestiam-se nos melhores alfaiates, podiam comprar os livros que quisessem. E, mesmo que não levassem os estudos muito a sério, isso não teria maior importância. Contavam com as relações de família, os “padrinhos”, os “pistolões”, que lhes abriam todas as portas, como num passe de mágica. “Os protetores são os piores tiranos”, ponderava o próprio Isaías Caminha na sua fala:

> Os livros nas redações têm a mais desgraça sorte se não são recomendados e apadrinhados convenientemente. Ao receber-se um, lê-se-lhe o título e o nome do autor. Se é de autor consagrado e da facção do jornal, o crítico apressa-se em repetir aquelas frases vagas muito bordadas, aqueles elogios em *clichê* que nada dizem da obra e dos seus intuitos; se é de outro consagrado mas com antipatias na redação, o *clichê* é outro, elogioso sempre mas não afetuoso nem entusiástico. Há casos em que absolutamente não se diz uma palavra do livro (*Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, p. 191).

Certeira como um raio, a desgraça escolheu João Henriques numa noite do ano de 1902. O infeliz deitou-se sadio e acordou em delírio. Enlouquecera de súbito. Afonso Henriques, sendo o filho mais velho, recebia pesada herança: os irmãos menores, a companheira do pai e os filhos dela, além de um velho que morava com a família. A primeira providência foi abandonar a Escola Politécnica, de que levou pouca saudade. Talvez dos jornaizinhos. Da biblioteca, com certeza. A segunda providência é que iria violentá-lo: prestou concurso para amanuense na Secretaria de Guerra. Começou a trabalhar em outubro de 1903.

O Rio de Janeiro vivia a grande hora da sua remodelação. Teve seus casarões antigos do centro demolidos em favor da aberturas de largas avenidas, com prédios novos, em estilo *art nouveau*, tido por modernos. Enquanto nos subúrbios, nos morros, a população pobre vegetava marginalizada e abandonada à própria sorte, sem urbanização, saneamento, saúde e sem o direito de

participação no mercado de trabalho ou nos resultados do tão conclamado “progresso” social. Lima Barreto, que viera da pequena classe média suburbana, chegava, às vezes, a confrontar o sistema republicano, tão desfavorável quanto o regime monárquico no Brasil. A ojeriza do autor pelos homens e pelos processos da República Velha, explica-se ainda mais naturalmente pela sua aversão às oligarquias que tomaram o poder em 1889. (BOSI, 2006, p. 318).

Ao mesmo tempo, as relações sociais das camadas próximas ao poder se mantinham na base do protecionismo, das concessões mútuas, dos favores pessoais, dos privilégios de toda ordem. “A força da nova sociedade estava concentrada justamente nos comportamentos mais antissociais, elevado às condições de valores máximos da elite: o gosto pela fruição do conforto material e pelas situações de privilégios e superioridade, despertando a discriminação e as mais variadas formas de desprezo mútuo entre os cidadãos. Era a condenação de qualquer princípio de solidariedade de antemão. Daí o desenvolvimento do ‘canibalismo dos argentários’ e a transformação do ‘preconceito em conceito’. A riqueza, as posições, os cargos, os símbolos de distinção, de carreira e o saber passavam a exercer a indigna função de separar e indispor os homens entre si, enquanto a República cumpriria o papel de ‘enriquecer os ricos e empobrecer os pobres’ (SEVCENKO, 1985, p.186).

Então, diariamente, entre dez horas da manhã e às três da tarde, Lima redigia decretos e portarias como funcionário público. O homem que sonhava com a glória literária encontrava-se, assim, condenado a uma vida medíocre e burocrática. No mesmo Ministério, trabalhava Domingos Ribeiro Filho, boêmio, escritor, revolucionário e frequentador dos cafés do centro da capital. A vida intelectual e política da cidade passavam sempre pelos cafés, uns mais elegantes, outros menos, quase todos lotados de estudantes, políticos, jornalistas, artistas e boêmios. Foi pelas mãos desse colega, homem de bom copo e boa conversa, que Lima Barreto passou frequentar alguns cafés, onde viria a conhecer de perto gente do meio jornalístico. Em pouco tempo, já escrevia para alguns jornais.

Por esses caminhos chegou ao Correio da Manhã, o jornal mais importante do Rio naquele tempo. Foi no Correio que publicou sobre as escavações que se faziam no morro do Castelo, como parte das obras de reurbanização da cidade. Escrito sob forma romanceada, o conjunto de textos já indicava que o ficcionista Lima Barreto estava superando o repórter Lima Barreto (BARBOSA, 1964, p. 113-126).

Nos fins do século XIX, torna-se evidente a mudança na imprensa brasileira: a imprensa artesanal estava sendo substituída pela industrial. As questões políticas da época eram retratadas na imprensa, que contava com a colaboração de escritores poetas e prosadores, que no século XIX e início do século XX, exerciam a função de jornalistas, já que eram comum muitos deles iniciarem sua carreira trabalhando em jornais. Nesse período, literatura e jornalismo "confundiam-se"; era difícil identificar os espaços de uma e de outro. No início do século XX, a imprensa estava industrializada e exercia forte compra de jornais. Muitos autores da literatura brasileira, como Lima Barreto, colaboraram bastante com a imprensa nacional, escrevendo artigos, notas, crônicas, que retratavam os fatos históricos e sociais da sociedade brasileira da época. Eles opinavam, aconselhavam e criticavam a sociedade em geral, principalmente os políticos e a imprensa, por meio da própria imprensa. Lima Barreto enfrentou muitas dificuldades ao produzir uma literatura inteiramente desvinculada dos padrões e do gosto vigentes (GONZAGA, 2010, p. 254).

À medida que emergia a vocação de romancista, tornava-se cada vez mais penoso suportar a mediocridade do Ministério e do meio doméstico. No trabalho, tinha que ouvir as ironias e gozações em torno do letrado; no subúrbio onde morava, a sua paixão era reduzida a mania de literatura. Nos comentários de um e de outro lado, percebia-se o preconceito contra o mulato que se julgava capaz de virar intelectual e famoso. A vida reduzia-se ao papel burocrático, a paixão à literatura e as rodas boêmias.

Lima escrevia de maneira desordenada e quase compulsiva: planejava duas ou três obras, iniciava todas e não concluía nenhuma. Começa a beber em excesso. A primeira licença para tratamento de saúde, em 1906, afastava-o do Ministério por algum tempo, mas não do jornalismo e da literatura. Lima Barreto continuava a escrever com fé cega. Inicia neste ano, sua colaboração numas das revistas populares da época, a Fon-Fon. Lima já havia então escrito os primeiros capítulos do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, mas não tinha como divulgá-los. A imprensa burguesa certamente não seria um veículo que viesse a aceitar sua obra. Abandonando a redação do Fon-Fon, inicia logo em seguida os preparativos para o lançamento da Floreal. O plano da revista foi traçado, com certeza, numas das mesas do Jeremias, do café Papagaio ou de qualquer outro café do Rio de Janeiro, onde se reuniam os literatos do tempo.

A revista pretendia abrir espaço aos escritores que produziam jornalismo e literatura militantes, ou seja, comprometidos em denunciar os problemas da sociedade em que viviam. A

revista conseguiu chamar a atenção de dois ou três críticos somente quando estava no terceiro número, no qual apareceram os capítulos iniciais de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, brindados com alguns elogios. Lima estava alegre. Curta foi a duração dessa primeira alegria literária do escritor. No quarto número encerrou-se a publicação da Floreal. Lima julga-se só, abandonado dos amigos. Vê tudo negro. É tão grande a depressão que pensa em suicídio. O álcool foi a válvula de escape (BARBOSA, 1964, p. 154).

Surgiu à oportunidade de editar o livro em Portugal, procedimento comum naquele começo de século. Um amigo que embarcava para a Europa incumbiu-se de levar os originais e estabelecer contato com um editor português. O livro escolhido foi *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, um de seus três romances com traços nitidamente autobiográficos. Dos outros dois, um já estava escrito na sua primeira versão (*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*), e aquele que viria a ser o mais conhecido (*Triste fim de Policarpo Quaresma*) ainda não existia.

Recordações do Escrivão Isaías Caminha, segundo GONZAGA (2010, p. 256), esse romance relata a trajetória de um jovem mulato, Isaías, que, vindo do interior cheio de talento e ilusões, procura vencer na capital federal. Mas, sua crença nas possibilidades do saber e seu sonho de conseguir um título de bacharel desfazem-se pouco a pouco. Em parte por causa de sua origem humilde, mas, sobretudo, devido à sua cor: é filho de uma ex-escreva que se amasiara com um padre. O relato, em sua primeira parte, é um veemente e bem realizado libelo contra o preconceito racial. Mas, no decorrer o jovem vai trabalhar no jornal da cidade, e a partir daí a ficção aproxima-se das experiências de Lima Barreto na redação do diário Correio da Manhã. Nesse ponto, o narrador-personagem praticamente desaparece e o texto concentra-se na apresentação crítica do universo jornalístico, com seus tipos representativos e sua corrupção. Há uma fratura no texto, fato que o prejudica. Conforme a opinião anterior, BOSI (2006, p. 319), porém, sustenta que a personagem de Isaías, era o próprio Lima encarnado, tornando público toda a sua indignação com os preconceitos de cor e de classe.

Finalmente, em novembro de 1909, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* saiu publicado em livro. O escândalo tão ansiosamente aguardado não aconteceu. Seria mais uma decepção a acrescentar às muitas outras que o escritor vinha sofrendo desde a adolescência. Sem amigos na direção dos jornais de prestígio, poucas foram às notas que apareceram, registrando o aparecimento do livro.

O Correio da Manhã era o mais atingido pela pena do romancista, que o descrevia qual um museu de mediocridades, tendo à frente um diretor violento, mestre de descomposturas, destruindo reputação em nome da moral, mas que não passava, na realidade, de um êmulo de Tartufo, corrupto e devasso. O silêncio feriu profundamente o escritor, que acalentara tantas esperanças em relação à sua efetiva estreia no mundo da ficção e, sobretudo, desejava discussão das ideias implícitas no seu romance.

Mas não havia "como discutir com eles, porque todos se guiam por ideias feitas, receitas de julgamentos e nunca se aventuram a examinar por si qualquer questão, preferindo revê-las por generalizações quase sempre recebidas de segunda ou terceira mão... (*Os Bruzundangas*). Na boemia e dentro de um copo, Lima viu naufragar mais uma vez as esperanças de ser reconhecido como escritor.

> O grande inadaptado que vivia a sonhar com a glória literária desde os bancos da Escola Politécnica, encontrava, afinal, uma forma de evasão. A desgraça doméstica, o complexo de cor, o tédio da repartição, a falta de dinheiro, a mediocridade da vida literária! A boemia fazia esquecer tudo isso (BARBOSA, 1964, p. 203).

Em 1910, solicitou nova licença por quatro meses da Secretaria de Guerra para tratamento de saúde: já se evidenciavam no organismo do escritor os estragos produzidos pelo álcool. O que não se deteriorava era a paixão pela literatura: em menos de três meses escreveu *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que o Jornal do Comércio começou a publicar em folhetins no dia 11 de agosto de 1911. A literatura brasileira ganhava um dos seus grandes personagens: o visionário Major Quaresma, subsecretário do Arsenal de Guerra, patriota ingênuo que lutou até a loucura para restabelecer aquilo que considerava as ideais e legítimas tradições brasileiras. Acontece que entre o ideal e o real há quase sempre um grande abismo. É esse abismo que espera o Major Quaresma ao fim de uma trajetória solitária e incompreendida: marginalizado, metido num hospício, sem mulher, sem filhos, sem outro amor que não o dedicado à pátria que idealizara.

Sabemos hoje que essa se tornou a sua obra mais conhecida. Mas não de imediato. Na época, pouca gente falou no romance. De novo o mesmo silêncio impiedoso. Lima Barreto parecia já prestes a entregar os pontos. A menor decepção conduzia ao álcool. Nessa altura da vida, Lima Barreto já era a figura acabada de um alcoólatra.

Ao terminar o expediente no Ministério, passava na redação do jornal Correio da Noite para entregar sua crônica diária. Depois, fazia suas andanças pelos bares antes de retornar a sua casa.

Nesse hábito constante, um delírio alucinante povoado de gatos e a agressividade, o leva a ficar por dois meses no hospício. Ao sair, concretiza o desejo de lançar em livro o *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Tomou dinheiro emprestado e bancou a publicação do romance, que saiu em 1916. Naquela época, os livros eram encadernados, ilustrados, geralmente tinham capa de couro, com título escrito em letras douradas. O de Lima Barreto saiu numa brochura bem pobre... Mas era um livro importante. Coube à brochura de aparência quase miserável conseguir o que toda a luta anterior não tinha alcançado: falou-se do livro e do autor. E falou-se bem. Jornais de grande tiragem dedicaram largos espaços ao romance e ao romancista (BARBOSA, 1964, p. 228-230).

No início do século XX: explodiu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). No Brasil, como no resto do mundo, discutia-se, comia-se, bebia-se, sofria-se a guerra. Novas ideias políticas que florescia na Europa, começou a influenciar uma fração de operários brasileiros. Lima Barreto intensificou sua atividade jornalística, colocando-se, é claro, ao lado dos oprimidos. Agora escrevia para vários jornais. Em seus artigos sobram estilhaços de crítica para todos os lados, inclusive contra o conceito de patriotismo que a elegante pena de Olavo Bilac espalhava aos quatro ventos, em suas campanhas cívicas pela obrigatoriedade do serviço militar. Convém não esquecer que o parnasiano Olavo Bilac era o poeta mais badalado do país naquele momento. (BARBOSA, 1964, p.240-245).

Enquanto isso pagava mais uma edição de Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Estávamos em 1917 e, nessa altura o escritor já devia 20 contos de réis a credores diversos... Uma verdadeira fortuna par um simples funcionário público. A paixão pela literatura o endividara quase irremediavelmente, contribuindo para piorar as coisas.

Candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, mas não foi eleito. Internou-se novamente para tratamento de saúde, em seguida, solicitou aposentadoria do seu cargo no Ministério de Guerra. Aposentadoria concedida mediante o diagnóstico dos médicos que examinaram: invalidez para o serviço público. No leito do hospital, enviou a Monteiro Lobato, então dono de uma editora, os originais de Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá, que tinha sido escrita havia bastante tempo. Pela primeira vez na vida, apresentaram-lhe uma proposta de edição em que receberia direitos autorais. Havia pouco tinha vendido, para outro editor, pela mísera quantia de 70 mil-réis, e para sempre, os direitos de *Os Bruzundangas*.

Publicada a obra, em 1919, recebeu aplausos da crítica. No mesmo ano, decidiu candidatar-se novamente à Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada pela morte do poeta e jornalista Emílio de Menezes. Obteve dois votos de novo não foi aceito. Neste mesmo ano, passava as noites perambulando pelas ruas em delírios. Até sua morte, luta contra o alcoolismo e os fantasmas da própria loucura. É internado e ficará até fevereiro de 1920. Lá deu início ao Diário do hospício, que pretendia aproveitar para o romance *O Cemitério dos Vivos*, nunca concluído.

Em 1921, Lima Barreto candidatou-se novamente – pela terceira vez! – à Academia Brasileira de Letras, mas, prevendo que não seria eleito, acabou retirando a candidatura. Tinha 40 anos e uma fisionomia velha e decadente. Mulato, alcoólatra e louco. Vivia malcheiroso, maltrapilho, maltratado. Vindo de São Paulo até o Rio de Janeiro, apenas para conhecer o autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Monteiro Lobato encontrou-o em alto estado de embriaguez que preferiu não se identificar, para não humilhar ainda mais, o escritor paulista vai embora sem falar-lhe (BARBOSA, 1964, p. 289-290).

É setembro de 1922, Lima Barreto está com apenas 41 anos. Decide acabar a sua obra *O Cemitério dos Vivos*, o romance que iniciara na segunda estada no hospício. Este livro que viria a ser, por sinal, mais um romance autobiográfico, seria a coroação de uma obra, toda ela dedicada à explicação de sua própria personalidade. Entretanto, foi impossível concluí-lo, pois se agravava o estado de saúde de seu pai que, perto dos 70 anos, piorava cada vez mais. Em meio a todos esses desgostos, as dificuldades de dinheiro, doente e desamparado, Lima Barreto escrevia para jornais, a fim de ganhar dinheiro, pois o da aposentadoria mal dava para pagar o aluguel da casa. Dura realidade. Ano intenso esse de 1922, marcado por acontecimentos importantes na vida do país. É o ano da Semana de Arte Moderna, da Revolta de 5 de julho, das comemorações do Centenário, da fundação do Partido Comunista. Lima registrou e comentou o clima geral e os grandes acontecimentos da primeira fase republicana: a rebelião contra Floriana Peixoto, a campanha pela erradicação da febre amarela, as primeiras manifestações feministas, o fanatismo pelo futebol, a derrocada econômica verificada no governo de Venceslau Brás, a Primeira Guerra.

Era 1º de novembro de 1922, Evangelina entrou no quarto do irmão, trazendo-lhe uma xícara de chá e torradas. Ao voltar, uma hora depois, encontrou-o morto. Uma chuvinha miúda marcou o cenário naquele dia. No velório, pessoas humildes e desconhecidas, sem sobrenomes ilustres, de quem conviveram nas mesas de botequim. Durante o velório, apareceu um homem com flores e espalhou sobre o cadáver. Uma pessoa da família quis saber quem era. Apenas respondeu

que era um leitor e que o considerava pai dos desgraçados. Para Lima Barreto acabava-se a esperança de atingir em vida a glória literária (BARBOSA, 1964, p. 332).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurei destacar eventos significativos relacionados à vida e à obra de Lima Barreto, procurando ressaltar fatos que evidenciam as barreiras sociais que marcaram a trajetória do romancista: o preconceito racial, a falta de dinheiro, a falta de reconhecimento, a depressão e a indignação daí advindas, o alcoolismo e, por fim, a loucura que silenciou o escritor em plena fase produtiva. Mais que inconformismo, a raiva que marca a sua obra pode ser flagrada na atitude de personagens como Isaías Caminha, uma espécie de *alterego* do escritor:

> Patife! Patife! A minha indignação veio encontrar os palestradores no máximo de entusiasmo. O meu ódio, brotando naquele meio de satisfação, ganhou mais força. Num relâmpago, passaram-me pelos olhos todas as misérias que me esperavam, a minha irremediável derrota, a minha queda aos poucos – até onde? Até onde? E ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angústia... Imbecis! Pensei eu. [...] Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Porque não lhes examina as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! se o fizessem! Que surpresa! [...] Veio-me um assomo de ódio, de raiva má, assassina e destruidora; um baixo desejo de matar, de matar muita gente, para ter assim o critério da minha existência de fato (*Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, p. 65).

Percebe-se que o romancista encontrou na sua literatura uma forma de bradar e dar voz àqueles que não tinham como protestar pelas suas mazelas. Ao final deste percurso, é relevante concluir que, em seus textos, Lima Barreto usa a sua escrita em função da sociedade menos favorecida, ao mesmo tempo, desabafando e denunciando, à medida que incorpora os pormenores do cotidiano a sua literatura. Cumpre-se assim o propósito deste trabalho que foi mostrar como esse cotidiano e a maneira como o autor o vivenciou influenciou a construção do seu estilo literário polêmico. Talvez isso justifique o reconhecimento tardio do valor literário que, se não lhe chegou em vida, alcançou-o triunfante anos após a sua morte.

ABSTRACT

This work is based on the references dealing with the life and work of Lima Barreto. The aim of this paper is to discuss aspects that allow us to relate the life and work of the author, specifically the novel *Memórias do Escrivão Isaias Caminha*, seeking to highlight its historical context, character and social activist of his writings and his sharp language, which demonstrates the author's concern to denounce the prejudice suffered by blacks, mestizos and poor. For this work, taken as theoretical studies of Barbosa (1964), Sevcenko (1985), Bosi (2006), Gonzaga (2010), among others. In reflection of these authors, there is a striking feature in Lima Barreto: the revolt against injustice and prejudice that the writer knew the victim.

Key-words: Pre-Modernism. Social literature. Lima Barreto.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 3. ed. – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1964.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, Carlos. *Lima Barreto: uma literatura afiada*. In: Barreto, Lima. Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Ática, 1997.

GONZAGA, Sergius. *Curso de literatura brasileira*. 4. Ed. – Porto Alegre: Leitura XXI, 2010.

LIMA BARRETO. *Os Bruzundangas.* SP: Ática, 1985.

_____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma.* SP: Paulus, 2005.

_____. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá.* SP: Ática, 1997.

_____. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha.* RJ: Record, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1985.

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO 6º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM ARACAJU: PROBLEMAS E SOLUÇÕES[7]

Joseane Santos Inácio[8]

RESUMO

A Língua Portuguesa é estudada desde que o educando ingressa na escola. É primordial ele ter conhecimento da sua língua materna nos primeiros anos de sua vida, e a escola transmite esse conhecimento através de um profissional capacitado a lecionar essa disciplina e outras. Busca nos primeiros momentos um processo de aprendizagem em que ele aprenda escrever, ler e em seguida interpretar. Ao cursar o 6º ano é lhe apresentado vários professores aos alunos, depois de terem convido com apenas um educador em sala de aula durante anos, essa troca para até dez professores parece algo bem difícil e o sentimento que prevalece nesse momento é o de medo, pois os desafios virão e eles deverão estar prontos para serem aprovados no término do ano, então observando esses entraves este artigo busca identificar os reais problemas e aponta sugestões tais como o envolvimento da família com a escola para um melhor crescimento educacional e uma melhor adaptação a série posterior ressaltando a importância da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, aprendizagem, problemas, soluções.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo discutir problemas de aprendizagem na passagem do ensino fundamental menor para o ensino fundamental maior. O trabalho tem como referência estudos em que são expostos motivos que causam o baixo rendimento escolar e as ações para minimizá-lo, com enfoque nos principais aspectos que podem interferir no aprendizado, tais como: o meio familiar, fator social e emocional, fator neurológico e a rotina escolar. Além disso,

[7] Trabalho orientado pela professora Prof. Ma. Gleyde Selma Shapke.
[8] A autora é acadêmica do Curso de Letras da Faculdade São Luis de França.

tendo-se em vista colher dados necessários à reflexão aqui realizada, foram realizadas visitas a escola Olavo Bilac, localizada na Rua Sargento Brasiliano s/n no Bairro Santos Dumont na capital Sergipana, Aracaju, nas quais pode-se observar e constatar os reais problemas que os docentes enfrentam no que diz respeito, especificamente, ao ensino da língua portuguesa.

Os problemas de aprendizagem têm sido bastante discutidos nos últimos anos, sendo alvo de seminários e palestras, assim como há comentários bastante produtivos abordando as suas principais causas. Fala-se muito em buscar soluções para esses problemas que distanciam o estudante da possibilidade de sucesso na aprendizagem. Para superá-los, educadores e especialistas apresentam projetos educacionais, bem como propostas pedagógicas a fim de garantir a permanência escolar dos alunos promovendo a sua motivação.

Através deste estudo, pretende-se investigar em que medida as dificuldades de aprendizagem podem interferir no rendimento escolar em crianças que saem do 5° ano para o 6º ano do ensino fundamental. A atual sociedade exige que o cidadão seja crítico e reflexivo, portanto, é relevante observar as dificuldades que os alunos possam apresentar no período escolar, para tentar solucioná-las.

É importante ressaltar o desinteresse de alguns professores em ministrar aulas mais dinâmicas, assim como a falta de recursos da escola e a falta de capacitação de alguns discentes. Diante desse quadro, alguns alunos se sentem desestimulados, abandonando a escola. Outros, porém, insistem em ficar por obrigação de cursar o ano letivo sem faltar para não perder o auxilio do governo que seus pais recebem. Analisando esses e outros aspectos, pode-se observar que o rendimento escolar tende a cair. A evasão escolar, de acordo com o último senso realizado pela Secretaria de Estado da Educação SEED no município de Aracaju, é de 5,94% (Senso Municipal de Educação, 2009).

Outros estudos realizados no país também acrescentam esses números. Há um declínio geral no rendimento escolar, principalmente na sua língua materna, e a relação professor aluno fica mais distante. Nas séries iniciais o professor é mais presente, tem mais o controle dos seus alunos, é uma interação baseada na afetividade. No 6º ano, entrando os alunos que já são pré adolescentes, essa relação fica comprometida, pela presença de vários professores, a confiança, a falta de diálogo, e até mesmo o tempo são fatores que também contribui nesse processo.

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

Ao nascer, o individuo vai adquirindo a sua língua materna, a qual, em um processo evolutivo, vai definindo a sua identidade na sociedade. A escola é um elemento fundamental nesse processo, por meio do qual o individuo irá desenvolver a sua competência lingüística. A escola deve, pois, assumir a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania. Além de uma disciplina obrigatória, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o português é uma disciplina que está relacionada com todas as outras. Assim, sem a compreensão da escrita, as outras disciplinas não conseguem transmitir seus conteúdos. O ensino da Língua Portuguesa compreende a assimilação da norma culta padrão e de suas variedades lingüísticas. O bom uso da língua oral e da escrita é importante para o aluno expressar-se de modo adequado para ajudá-lo a ter uma melhor inserção social no futuro.

Para ministrar as aulas o professor executa determinadas funções dentre elas a explanação dos conteúdos para a série em que está lecionando, sendo uma continuação das outras séries, porém elaborada de uma forma diferente a Língua Portuguesa é de suma importância no currículo escolar do docente. Segundo Libâneo (2003) os conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorizados e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida.

Seguindo os conteúdos da Língua Portuguesa trabalhada no 6º ano na escola pesquisada Olavo Bilac são ministrados nos dois turnos matutinos e vespertinos conteúdos como: textos como - poesia popular, produção de textos orais, escritos, estudos da língua vernácula, ampliação do vocabulário com o auxílio do dicionário, Sílaba, escrita, encontro consonantal e vocálico, ortografia, numeral, pronome, acentuação gráfica, Língua - comunicação e discurso, Verbos- Fonologia e ortografia e Morfologia.

A prática pedagógica de ensino da linguagem deve apresentar roteiros para diferentes situações didáticas, essa metodologia de ensino é adotada pelo professor, de forma que o aluno se aproprie dos conhecimentos propostos e apresente suas pesquisas e demais atividades pedagógicas.

O papel do professor é bastante complicado nesse conflito, porque a sociedade, principalmente os pais dos alunos, cobra esse ensino da gramática através de regras, da mesma forma como eles foram ensinados, o que não significa que dominem a língua – a maioria, com certeza, não. (GOMES, 2007 p. 82)

A metodologia aplicada pelo professor da língua portuguesa deve observar que enquanto língua compreende-se a Gramática Normativa e a lingüística, a gramática normativa tenta submeter à língua a um conjunto de normas, e a Lingüística está mais ligada a linguagem de uso. Observando essas duas vertentes da língua levando em conta que a lingüística tem mais aceitação, o professor não deve ministrar aulas programadas, com finalidade de cumprir uma grade curricular, com regras e conceitos formados sem levar em consideração a realidade dos alunos. (PILLET, 1995 p.103) comenta a respeito de metodologias de ensino que com o conhecimento cada vez maior das ciências da educação, é natural que os métodos também passem a ser afetados pelos novos conhecimentos que se adquirem dia a dia a respeito da aprendizagem.

Partindo da concepção da língua escrita como sistema formal (de regras, convenções e normas de funcionamento) que se legitima pela possibilidade de uso efetivo nas mais diversas situações e para diferentes fins, somos levados a admitir o paradoxo inerente à própria língua: por um lado, uma estrutura suficientemente fechada que não admite transgressões sob pena de perder a dupla condição de inteligibilidade e comunicação, por outro, um recurso suficientemente aberto que permite dizer tudo, isto é, um sistema permanentemente disponível ao poder humano de criação (GERALDI, 2000, p.93).

Baseados nos parâmetros curriculares que são referenciais de ensino elaborados pelo Governo Federal desde 1996, a Língua Portuguesa segue determinados padrões os quais facilitam no processo de ensino como: utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade lingüística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam; conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado; compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz; valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos.

Analisando por uma visão particular no âmbito educacional relativas ao estudo ou ao ensino da gramática na escola, obrigatória no currículo escolar, percebe-se que para o melhor enriquecimento da língua a Lingüística tem que esta inserida com mais ênfase nas salas de aula, mediante as suas práticas pedagógicas referente as teorias lingüísticas, então assim não haveria mais preconceitos lingüísticos, iriam surgir várias formas de bilingüismo favorecendo a cultura. Abaixo Luft ressalta a importância desse estudo.

O ensino de língua portuguesa é fundamental para a formação do indivíduo, mas precisa ser revisto para atender às necessidades contemporâneas. Ao ensinar regras gramaticais, uma grande parte dos professores ignora a língua falada pelo aluno, e a implicação disto é que a língua como objeto de estudo fica distante demais da prática efetiva, e, por não haver aproximação, não há aprendizado. (LUFT, 1985, p.13)

No que tange ao ensino da língua portuguesa, como se observa no caso de qualquer outra disciplina cursada no 6º ano, observa-se diversos problemas capazes de dificultar a assimilação do conteúdo apresentado, dentre esses o desnível etário e cultural dos estudantes e a falta de organização escolar. É relevante ressaltar também, quanto a isso, a falta de participação e incentivo dos pais no controle das atividades e a carência de recursos materiais por parte dos alunos. A educação dos filhos assume um caráter de maior permissividade junto aos pais, com as mudanças ocorridas na estrutura familiar, permitindo maior liberdade aos filhos, esquecendo que eles necessitam de apoio e educação. Nesta dinâmica familiar, temos visto a crescente “crise de gerações”, a dificuldade no relacionamento pais/filhos, no estabelecimento de laços familiares. (PRESTES, 2005. p.35).

Para facilitar a prática pedagógica são recomendados recursos para ajudar os alunos com problemas de aprendizagem da Lingua Portuguesa, nesse processo de aprendizagem existe elementos primordiais para que isso ocorra, o docente, o discente e a metodologia aplicada, são inúmeras causas que podem interferir no processo de ensino aprendizagem como a metodologia aplicada na sala de aula e o mundo exterior da escola em que o aluno vive, não conseguem se adaptar a metodologia do professor, e como já foi citado a falta de estímulo dos pais, suas habilidades não são transmitidas, portanto as escolas precisam ter bons profissionais capacitados que sejam perceptiveis a essas dificuladades e forneçam a esses alunos com dificuldades de aprendizagem uma educação apropriada, sendo que esse trabalho é um conjunto de incentivos que incluim também o sistema de ensino.

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da *heteronomia* para *autonomia*, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar pertubadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação.(FREIRE 1996, p.28)

As metodologias utilizadas para os alunos com problemas de aprendizagem são várias dentre elas o direcionamento na abordagem dos conteúdos gramaticais através de recurso áudio – visuais, histórias, produção de textos, repetir várias vezes os conteúdos, tirar as dúvidas, o professor precisa ter uma linguagem clara e acessível que facilite a assimilação de aspectos mais complexo, estimular que o aluno faça pesquisas, fazer o uso constante de leitura de diferentes textos, dinâmicas com músicas, conversação, diálogo com temas atuais.

A dinâmica da sala de aula deve estimular os educandos, despertá-los para um mundo novo que a leitura pode lhes proporcionar o contato com histórias, poesias, e outros gêneros textuais, tem um papel significativo na formação de aluno. Porém, é de extrema relevância a reflexão sobre o sistema lingüístico, a interpretação de um texto só é feita se o educando tiver conhecimento do que está lendo e para isso o ensino da língua portuguesa lhe proporcionará uma compreensão do que está sendo transmitido através dos livros.

Para motivar as aulas de Língua Portuguesa podem ser trabalhadas dinâmicas pedagógicas, tais como o jogo, a competição, em que todos desejam ser o melhor e para isso se esforçam dando o melhor de si para conseguir o seu objetivo. Por meio desse recurso, podem ser trabalhados diversos temas, dividindo-se a sala em grupos ou por gênero. Através da técnica de perguntas e respostas, do debate, da produção de textos o aluno poderá manifestar suas idéias, atuando criativamente sobre a própria língua, de modo a adaptar-se individual e socialmente à realidade que os integra (MORGADO, 2004). De acordo com Morgado, uma sala de aula em que a relação entre o professor e aluno seja estimulante, proporciona uma base de apoio ao aluno, promovendo a sua confiança face á fragilização que a aprendizagem pode significar, levando assim os alunos a demonstrarem uma maior persistência nas tarefas.

3. IMPACTO QUE OS ALUNOS SOFREM AO SAIR DO 5º ANO

A mudança do ensino fundamental menor para o ensino fundamental maior gera diversos problemas para o docente, nessa fase em que os alunos têm entre 11 e 12 anos e estão passando por diversas mudanças emocionais, físicas e sociais, período em que os primeiros sinais de puberdade começam a surgir.

Ao retornarem as aulas após um período de férias os alunos são expostos às novas exigências do 6º ano, logo de início se deparam com um novo modelo de sala de aula, acostumados com salas padronizadas para o ensino infantil com desenhos, pinturas, trabalhos confeccionados por eles, são inseridos em salas sem nenhum atrativo que estimule a aprendizagem, outro fator importante é o aumento de tarefas para serem pesquisados em casa, devido à facilidade aos recursos tecnológicos, os professores realizam trabalhos extraclasse para ajudar nas avaliações, é importante ressaltar também fator observado é o conteúdo explicado de uma maneira mais rápida, seguindo o cronograma anual da escola e a carga horária. O contato com várias metodologias, as novas normas enfim toda estrutura curricular é um dos vários impactos que o aluno sofre ao passar por essa fase de transição.

Vejamos alguns desses aspectos numa matéria realizada em Julho de 2010 pela Revista Brasil, uma revista que aborda assuntos políticos e econômicos, dos acontecimentos do mundo, da questão ambiental e do consumo, da cidadania e da participação social, do mundo do trabalho e dos assuntos culturais, esportivos, literários e inusitados, realizada. Segundo dados da Revista Brasil os aspectos são os seguintes:

1) *Insegurança quanto à dificuldade das aulas e provas do 6º ano (medo de repetir).*

2) *Medo de se perder dentro da escola ou nas instalações das séries finais do ensino fundamental.*

3) *Desorganização do material didático.*

4) *Dificuldade de se organizar para estudar e realizar trabalhos.*

5) *Não saber a quem recorrer para se abrir e relatar problemas.*

6) *Desempenho irregular em algumas disciplinas*.

4. O PAPEL DO PROFESSOR

O professor exerce um papel de suma importância na sala de aula, ele é responsável pela transmissão dos conteúdos, construção de conhecimentos, instrutor de personalidades fazendo um papel de mediador desses valores, ele deve incitar o aluno a pensar, desafiando-o, instigando-o a aprender, colocando a prática acima da teoria, referindo-se a vivência dos alunos, o cotidiano, a realidade que cada um passa estimulando-o a ser curioso, um ser pesquisador que busca o novo. O professor deve estar atento para identificar dificuldades no processo de aprendizagem, enfocando aspectos orgânicos, afetivos e pedagógicos, durante todo o processo. As dificuldades devem ser interpretadas pelos educadores, não como fracassos, mas como desafios a enfrentar.

Para tanto, torna-se necessário ao professor, o conhecimento de estratégias de ensino e o desenvolvimento de suas próprias competências de pensar, além da abertura, em suas aulas, para a reflexão dos problemas sociais, possibilitando aulas mais democráticas, através de um saber emancipador. Pois, apropriar-se criticamente da realidade significa contextualizar um determinado tema de estudo, compreendendo suas ligações com a prática vivenciada pela humanidade (LIBÂNEO, 1998, p.42).

A capacitação dos docentes é importante em todo processo de ensino, é preciso manter os professores sempre atualizados, nesse mundo globalizado ele tem que estar “conectado” com o mundo para o seu trabalho ter valia baseando-se no mundo contemporâneo em que vive, há programas do governo de formação continuada e projetos que incentivam os professores a se capacitarem para que possam passar aos alunos conhecimentos, proporcionando-lhes capacidade de enfrentar os desafios e as adversidades sociais da atualidade melhorando assim a educação proposta pela escola.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão critica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de origem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de

tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo (FREIRE, 1996).

Na pesquisa realizada na Escola Olavo Bilac também foi feito um questionário para os alunos abordando temáticas sobre o ensino da língua portuguesa às quais foram citados abaixo:

1) O que significa ser aluno do 6º ano? Bom, pois aprende-se mais; Ser mais inteligente; Saber mais; Ser estudioso; Indiferente; Ótimo; Ruim, porque tenho 14 anos; É estudar mais, aprender mais e ter chance para passar de ano; É aprender para mais tarde ser um professor e ensinar também; É enfrentar obstáculo e passar de ano; É ótimo porque adoro a língua portuguesa e os assuntos são muitos bons; Ótimo porque estamos crescendo.

2) O que se estuda (conteúdo) no 6º ano em Língua Portuguesa.? Pronomes, adjetivos, fonemas; As línguas; Muita leitura; Língua portuguesa é a pior matéria de todas para aprender; Linguagem, verbo, substantivo comum e próprio; Escrever e ler; Tudo sobre a mídia, a cultura brasileira, plural, hiato, ditongo, tritongo, dissílaba, trissílaba, monossílaba; Gramática, polissílaba; Interpretação de textos; Encontro vocálico, encontro consonantal; Dígrafo; Fonologia.

3) As maiores dificuldades encontradas no 6º ano? Matemática; A idade; Os deveres são difíceis; Passar pelo colega mais novo e ele manga; Quando não se quer nada; Nenhuma; As ilustrações das histórias; Os trabalhos, as provas; Tudo sobre a língua portuguesa; Estudar para o teste; A organização e estrutura da escola; As brigas, pessoas com arma no colégio isso é ruim; Se prestar atenção a aula não há dificuldade; Muitos professores; Muito dever; Meninos ousados.

4) Sugestões a dar quanto ao 6º ano. Não tenho sugestão, Não deveria ter professor; Melhorar o ensinamento; Que os professores possam ser mais rígidos; Que os professores possam ser melhores; Que os professores possam explicar mais os assuntos e façam mais exercícios; Diminuir a quantidade de professores; Diminuir o dever; Deveria ter mais assunto da língua portuguesa; Deveria na hora da aula colocar todos os alunos pra dentro da sala de aula, pois muitos não assistem aula; Que os professores não faltem.

5) Ter vários professores dificulta ou ajuda no processo de aprendizagem? Dificulta um pouco; Ajuda, porque presto atenção; Ajuda pra uns e dificulta pra outros; Ajuda, porque é melhor para aprender; Ajuda porque um professor pra cada matéria tem mais vontade de ensinar do que um só pra várias matérias; Dificulta porque é melhor um professor só pra todas as matérias; Ajuda

porque tem professores que ajuda os alunos a melhorar os estudos; Ajuda muito porque se organiza e ensina mais; Dificulta porque com um só professor temos tempo de estudar mais; É um poço bom e um pouco ruim, porque tem professor bom em determinada matéria e outros já são ruins.

6) Avaliações quanto aos conteúdos aplicados pelos professores de Língua Portuguesa? Bom para aprender a gramática; Precisa ser melhorada para que haja aprendizado; Muito bom os conteúdos; Não há nenhuma dificuldade; Os conteúdos são poucos e não são bem explicados a linguagem; São bons; Bom porque são fáceis; Acho legal; Minha nota seria 7,5, Não sei, relembraria das coisas que estão esquecidos; Melhoraria alguma coisa tipo a nota; Todos são professores, tudo que fazem está certo; Bom porque é para aprender a estudar; Deveria ter mais exercícios; Gosto porque não fico parado e aprendo mais; Os professores não deveriam faltar e explicar mais os assuntos; São muitos conteúdos e não dar pra entender; Está sendo bem explicado.

7) A importância de estudar a Língua Portuguesa para o futuro? Falar melhor; Passar no vestibular; Ser alguém na vida; Para ler melhor e ensinar a escrever; Desenvolver habilidades; Ser advogada; Para não falar errado; Para passar de ano; Para falar bem no dia a dia; Ser juíza; Para ensinar aos filhos; Para aprender a história brasileira; Para ter um trabalho legal; Vai nos ajudar; Para a linguagem verbal; A língua dificulta a fala dos brasileiros; Sem a Língua Portuguesa não saberíamos procurar nada nos livros.

Nas últimas semanas o Jornal Nacional vem mostrando a Educação nas escolas do nosso país é citado alguns temas desse artigo, dentre eles destaco alguns que mostram a realidade da nossa educação e os problemas da Língua Portuguesa:

> A maioria dos alunos está saindo do 5° anos sem saber ler. Descobrir palavras conseguem, interpretar o que lê é que está o grande problema". (Edição 10/05/2011)
>
> Apenas 25% dos alunos que terminam o fundamental aprendem o que deviam da língua portuguesa.
>
> No Brasil, mais de 700 mil crianças de 6 a 14 anos ainda estão fora da escola. na escala de 0 a 10 do IDEB, o indicador de qualidade do MEC, a média dos estudantes do 5° ano foi 4,6, em 2009". (Edição 15/09/2004)
>
> As escolas municipais apresentaram o pior desempenho, 22,8% dos alunos com aproveitamento muito crítico: não desenvolveram habilidades mínimas de leitura para o ensino de quarta-série". (Edição 10/05/2011)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, conclui-se que os maiores problemas enfrentados no ensino da Língua Portuguesa decorrem de fatores sociais, tais como: a não participação efetiva da família no processo, o desnível etário e cultural e a falta de recursos materiais por parte do alunado, bem como desorganização escolar e a falta de respeito para com o discente na sala de aula. Conclui-se ainda que o papel do professor de Língua Portuguesa, além de ensinar e transmitir conteúdos programáticos, consiste em capacitar o alunado ao emprego competente da língua, tendo em vista o contexto em que a comunicação se insere, de modo a levar em conta o uso da norma culta e o seu uso coloquial. Ao analisar o ambiente da escola pesquisada pode-se observar o desencontro entre as necessidades dos docentes, que passa por questões de ordem material. Um aspecto também mostrado na pesquisa foi o papel da escola como sendo primordial nesse processo.

Foram aqui questionadas as metodologias utilizadas, sendo propostas novas formas de abordagem mais interativas e voltadas à realidade social em que os alunos se inserem. Buscou-se aqui ainda sugerir o emprego de recursos direcionados a ajudar os alunos com problemas de aprendizagem da Língua Portuguesa, destacando-se a importância da abordagem dos conteúdos gramaticais através de recurso áudio - visuais.

A transição entre as séries escolares deve ser feita de uma maneira suave, confortável, para facilitar a adaptação do educando na série em que irá cursar, colaborando assim para um melhor aproveitamento no ano letivo. Vale aqui ressaltar a importância extrema do professor de Língua Portuguesa, que será um intermediador para todas as outras disciplinas.

É primordial que, nesse momento de crescimento educacional, todos estejam envolvidos, inclusive a família e a escola. A parceria entre essas duas instâncias sociais em muito ajudará no alcance dos objetivos educacionais. Como afirma o grande filosofo educador John Dewey, “a educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”.

ABSTRACT

The Portuguese language is studied since the student joins school. It is essential he have knowledge of their mother tongue in the early years of his life, and the school imparts this knowledge through a professional trained to teach this discipline and others. Search in the first moments a learning process that he learn to write, read and interpret. To attend the 6th year is presented with several teachers to pupils after they invite with only one teacher in the classroom for years, this exchange for up to ten teachers seems something very difficult and the feeling that prevails at this moment is the fear, because the challenges saw and they were ready to be approved at the end of the yearthen watching these barriers this article seeks to identify the real problems and suggestions such as the family involvement with the school for a better educational growth and a better adaptation of the series later emphasizing the importance of the Portuguese language.

Keywords: Portuguese Language, learning, problems, solutions

REFERÊNCIAS

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: Primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa*. Brasília, ME/SEF, 1998.

BINATTI, Roberta**.** *Por que estudar português?* In: Português do Brasil. Acesso em: 24 maio. 20011. Disponível em < http: www.portuguesdobrasil.net/artigosanteriores3.htm//

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo (2000*). Pedagogia da indignação:* cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP.

GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2000.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. *Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa*. Curitiba: Ibpex, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.* São Paulo: Cortez, 1998.

OLIVEIRA, Geimes. *Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa: um enfoque interdisciplinar*. In: Recanto das Letras. Acesso em: 24 maio. 2011. Disponível em HTTP://www.recantodasletras.com.br/artigos

PIAGET, Jean. *Psicologia e Pedagogia*. Rio de janeiro: Forense Universitária, 1976.

PILETTI, Claudinho. *Didática geral***.** São Paulo: Ática, 1995.

UMA REFLEXÃO SOBRE A QUESTÃO DA GRAMÁTICA E SEU ENSINO NAS ESCOLAS[9]

Maria Isabel Dantas dos Santos Jesus[10]
belldanttas@gmail.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo provocar uma reflexão sobre a questão da gramática e seu ensino nas escolas de forma significativa e contextualizada. O motivo partiu de enveredar sobre a gramática e seu ensino nas escolas como uma questão de aquisição da língua padrão para o exercício da cidadania. É importante enfatizar que o ensino de gramática, não deve ocorrer apenas para preservar a composição da língua e garantir a identidade cultural de uma sociedade, mas possibilitar ao aluno o conhecimento de sua própria língua materna, para que este faça uso dela de forma efetiva**.** A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica realizadas através de sites, livros, revistas e periódicos e referenciais teóricos fundamentados na visão dos autores: Antunes, Travaglia, Possenti e Franchi. Segundo Lakatos e Marconi (2007, p. 66), a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado: em livros, revistas, jornal, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo o material já escrito. Com o objetivo de refletir sobre este complexo processo de aquisição do ensino da gramática nas escolas é que o estudo foi direcionado para a importância de se ensinar a gramática na perspectiva de entender o processo de aquisição do desenvolvimento das competências comunicativas e habilidades necessárias a aprendizagem do aluno. Atualmente, com os avanços das novas tecnologias e dos estudos das ciências relacionadas à linguagem, passou a ser palco de discussões, o ensino de gramática. Sabe-se que, ela deve ser ensinada na escola, e o que se discute é para que e como se deve ser o ensino da gramática em sala de aula, se continua a seguir o modelo tradicional ou adotar os novos métodos de ensino através dos textos para assim, tentar colocar essas questões em prática. É lógico que, numa perspectiva textual, o professor deve trabalhar com gêneros textuais variados e adequados às diferentes situações que estejam sendo vivenciadas pelos estudantes, aplicando a gramática de forma significativa, permitindo-o construir seu próprio conceito.

Palavras-chave: Ensino de Gramática. Textos. Língua Materna. Competências.

[9] Trabalho orientado pela professora Prof. Drª Vilma Mota Quintela.
[10] A autora é acadêmica do Curso de Letras da Faculdade São Luis de França.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em provocar uma reflexão sobre o ensino da gramática nas escolas e tem como objeto o estudo da variedade lingüística padrão, levando-se em conta ser esta uma variedade imprescindível em diferentes ocasiões da vida social do individuo. Parte-se aqui do pressuposto de que a escola deve assumir a função de ensinar a língua padrão de forma significativa, prazerosa e contextualizada, de modo a auxiliar o desenvolvimento das competências comunicativas no aluno, bem como as habilidades necessárias à produção de textos variados. Isto significa tornar possível, ao estudante, fazer uso da língua de acordo com a situação de comunicação verbal em que ele se insere. A esse respeito, comenta-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa:

> Cabe a escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (BRASIL, 1997, p.23).

Nota-se que o ensino da gramática vem sendo trabalhada, nas instituições de ensino público, de forma tradicional e descontextualizada, reduzindo-se apenas às regras gramaticais e à análise de frases soltas, o que vem dificultando a assimilação do conteúdo estudado. A partir dessa problemática surgem alguns questionamentos: O que é mesmo gramática? Por que estudar gramática, uma vez que o indivíduo sendo um falante nativo da língua supõe-se saber gramática?

Tendo em vista essas questões, pretende-se estudar sobre o ensino da gramática nas escolas como forma de aquisição da língua padrão, visando-se o exercício da cidadania. Além disso, importa aqui ressaltar a importância do ensino contextualizado da gramática voltado ao emprego eficaz da língua padrão em diversas situações comunicativas. A relevância deste estudo consiste em esclarecer a importância social do ensino da gramática padrão ao exercício pleno da cidadania.

A reflexão aqui desenvolvida se fundamenta em uma pesquisa bibliográfica prévia, incluindo-se a leitura e o fichamento de livros, revistas e periódicos sobre o assunto abordado. Segundo Lakatos e Marconi (2007, p. 66), a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo o material já escrito. O método aqui utilizado foi o qualitativo. Para Richardson:

> Os estudos que empregam a metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudanças de determinado grupo (2008, p. 80).

2. A GRAMÁTICA E SEU ENSINO NAS ESCOLAS

Para abordar esse tema, faz-se necessário saber, a priori, o significado da palavra "gramática". Segundo o dicionário de Língua Portuguesa de Bechara (2009, p.454), "gramática é um conjunto de regras que regem o uso formal da língua" e num sentido mais amplo, Terra (1997, p.56) a defini como "o estudo dos fatos da linguagem e das leis naturais que a regulam". Para ele, a gramática deveria se preocupar com as regras intrínsecas, aquelas leis naturais da língua que não são aprendidas na escola, mas permite que o indivíduo a utilize com finalidade comunicativa e possa produzir e decodificar enunciados significativos.

Neste contexto**,** percebe-se que todo individuo já domina uma língua, independente de frequentar ou não a escola. Ela é aprendida naturalmente, ou seja, na própria experiência ou convivência com os outros, portanto, entende-se que ele já sabe uma gramática. Assim, confirma Possenti (1999, p.31): "pode-se dizer que saber uma gramática é saber dizer e saber entender frases. Quem diz e entende frases faz isso porque tem domínio da estrutura da língua."

Observa-se que ao tratar de gramática muitos desconhecem da existência de outras acepções; e ao falar dela, pode-se referir a coisas bem diferentes. Assim Antunes (2007, p.25-26) classifica:

> a) das regras que definem o funcionamento de determinada língua, (...) correspondente ao saber intuitivo que todo falante tem de sua própria língua, a qual tem sido chamada de "gramática internalizada"; b) das regras que definem o funcionamento da norma; c) de uma perspectiva de estudo ou de uma tendência histórica de abordagem; c) de uma disciplina escolar, como:"aula de gramática"; d) de um livro, como em:"a Gramática de Celso Cunha".

De acordo com esta classificação, nota-se que além da concepção de gramática internalizada- já definida por Antunes- existem outras concepções, mas dentre tantas, destaca-se duas dos principais tipos de gramática: a normativa e a descritiva, bem como "saber gramática", segundo a visão de Franchi (2006, p.16-22), seguindo esta ordem:

> Gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escreve, *estabelecidas* pelos especialistas, com base no uso da língua consagrada pelos bons escritores... "saber gramática" significa "dizer que esse alguém" conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente.
> Gramática é um sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a superar o que é gramática do que é gramática.
> **"**Saber gramática" significa, no caso, ser capaz de distinguir nas expressões de uma língua, as categorias, as funções e as relações que entram em sua construção, descrevendo com elas sua estrutura interna e avaliando sua gramaticalidade (p, 22).

Como se pode observar, a falta de conhecimento faz com que muitas pessoas associem o conceito de gramática somente a algo normativo que os falantes de uma língua devem seguir, ou seja, esta tão arraigado este conceito de regras do bem falar e escrever, do correto e do errado que desconhecem o verdadeiro sentido da gramática- que é interação verbal. Segundo Antunes (2007) esta concepção de gramática foi herdada dos gregos, como uma forma de preservar a língua contra os possíveis ataques da ação de invasores que queriam impor seu idioma ou ameaças de desaparecimento. Para proteger a integridade da língua foram atribuídos aos compêndios de gramática: paradigmas, modelos ou normas que servissem de instrumento de controle em que toda a comunidade de falantes deveria seguir e assim assegurar a conservação da identidade lingüística de uma sociedade.

Na verdade, esse tipo de gramática em si não ensina ninguém a falar, ler e escrever com exatidão. Antunes (2007, p.55) assevera que "ninguém fala,ouve, lê ou escreve sem gramática, é claro; mas sozinha é absolutamente insuficiente", pois para ela a interação verbal requer um conhecimento a mais para se tornar eficaz: requer o conhecimento de mundo que possibilita uma interpretação correta do objeto; o conhecimento dos recursos de textualização para se organizar um texto de gêneros textuais diferentes e o conhecimento das normas sociais da língua que regulam o comportamento das pessoas em situações de interação verbal.

2.1. O Ensino da gramática através de textos

Atualmente, o ensino da gramática vem sendo trabalhada de forma tradicional e descontextualizada, não havendo um significado para os estudantes, principalmente, quando se tem o equívoco de reduzi-la apenas as classificações gramaticais e nomenclatura. Isto mostra que o aluno a estuda durante todo o ensino fundamental e médio e, no entanto, não a domina, criando uma insatisfação ou rejeição ao se aprender gramática. A esse respeito, Travaglia comenta:

> O ensino de gramática nas aulas de Português como língua materna tem, sem duvida, representado um problema constante para os professores de Língua Portuguesa das escolas de 1º e 2º graus deste país. Estes, principalmente depois das constantes e retiradas criticas ao ensino de gramática nesse nível e também a própria teoria da gramática tradicional e a gramática normativa, sentem-se angustiados sobre o que fazer em sala de aula. Muitas vezes o desnorteio é tal que os professores acabam não fazendo nada que seja significativo para a vida dos alunos (2001, p.9).

Observa-se então que o ensino de língua portuguesa passa por muitas dificuldades, principalmente, quando se refere à gramática. Os PCNs de Língua Portuguesa confirmam:

> O ensino de Língua Portuguesa, pelo que se pode observar em suas práticas habituais, tende a tratar essa fala da e sobre a linguagem como se fosse um conteúdo em si, não como um meio para melhorar a qualidade da produção lingüística. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano – uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio da exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura. Em função disso, tem-se discutido se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é para que e como ensiná-la (BRASIL, 1997, p. 39).

Perini, em seu livro *Sofrendo a gramática* (2009), assevera que uns dos problemas do ensino da gramática que o inutiliza enquanto disciplina esta na má elaboração dos seus objetivos quando propõe a ensinar a ler e escrever melhor; esta também, na metodologia adotada pelo professor que se torna inadequada por não ter uma postura diante da matéria, quando não respeita o que o aluno já sabe; e finalmente, a própria disciplina carece de uma organização lógica, por não respeitar suas próprias definições, pois a depender do contexto uma palavra pode ter outro sentido. Assim, ele afirma:

> É necessário redefinir os objetivos da disciplina. Vamos parar de prometer coisas que não podemos cumprir: reconhecer de vez que estudar gramática não é um dos meios (muito menos o meio) de se chegar a ler e escrever melhor. A gente aprende a escrever escrevendo, lendo, relendo e reescrevendo; foi assim que o Veríssimo chegou lá (PERINI, 2009, P.54-55).

Sabe-se que o aluno, ao chegar à escola, já domina a gramática da língua, sendo capaz de compreender as variações lingüísticas em que a língua se apresenta em decorrência das condições sociais, culturais e regionais, nas quais são utilizadas. Sendo assim, é de responsabilidade da escola ensinar a língua padrão de forma efetiva e significativa, sem desvalorizar a outra modalidade da língua- a falada. Segundo Possenti (1996), a escola tem a função de ensinar a língua padrão, não havendo uniformidade no fenômeno linguístico. Diz o autor:

> A tese de que não se deve ensinar ou exigir o domínio do dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam dialetos não padrões baseiam-se em parte no preconceito segundo o qual seria difícil aprender o padrão. Isto é falso, tanto do ponto de vista da capacidade dos falantes quanto do grau de complexidade de um dialeto padrão. As razões pelas quais não se aprende, ou se aprende mais não se usa um dialeto padrão, são de outra ordem, e tem a ver em grande parte com os valores dominantes e um pouco com estratégias escolares discutíveis (POSSENTI, 1996: 17).

Conforme Franchi (2007), a escola deve ter como objetivo conduzir o aluno, principalmente das séries iniciais do ensino fundamental, a dominar a modalidade padrão-escrito de sua língua. Para isto, é necessário oferecer-lhe condições, instrumentos e atividades que o faça ter acesso às diversas formas lingüísticas e trabalhar sobre essas variações. Propõe o autor:

> Isso é que levar a propor, para as primeiras series do ensino fundamental, uma ênfase especial em diferentes atividades lingüísticas (orais, escritas, de produção de textos, ou mesmo outros exercícios que a imaginação construa) em que os princípios e regras da modalidade culta ou padrão se evidenciem se comparem com os da modalidade coloquial (FRANCHI, 2007, P.30).

Para Bechara (2006), é importante que o estudante aprenda a gramática, mas sem a imposição de privilegiar o ensino de uma das modalidades da língua que o priva da liberdade de escolher e dominar as diversas possibilidades. Isto implica em transformá-lo em um poliglota da sua própria língua materna, tornando-o capaz de construir discursos diversificados e entender as diferentes linguagens. A esse respeito, comenta o autor:

> No fundo, a grande missão do professor de língua materna é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação e até, no texto em que isso se exigir ou for possível, entremear varias línguas funcionais pra distinguir, por exemplo, a modalidade linguística do narrador ou as modalidades praticadas por seus personagens (BECHARA, 2006, P.14).

Neste sentido, a função da escola é ensinar a gramática com texto oferecendo condições ao aluno de adquirir as competências comunicativas e as habilidades necessárias para usar a língua de acordo com cada situação vivenciada, pois é no interior dos textos que os aspectos gramaticais ganham utilidade. Reduzir o ensino da língua somente a teoria gramatical não concretizará o objetivo de formar o leitor competente. É necessário que os professores ampliem seus conhecimentos acerca da gramática para que seus alunos, tendo em vista à sua eficácia discursiva, evitando o desinteresse por seu estudo, decorrente da falta de compreensão de sua importância social. De acordo com Antunes:

> É preciso *reprogramar a mente* dos professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente *erros e acertos de gramática e de sua terminologia*. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como "mudanças", são percebidas como erros (ANTUNES, 2007 P.23).

É importante enfatizar que os educadores devem estar abertos aos processos de mudanças que sofre a língua materna e buscar contribuir para a valorização do seu ensino, possibilitando ao estudante aprender a gramática de forma significativa e de acordo com a realidade atual da sociedade. "Isso não significa que não é para ensinar fonética, morfologia ou sintaxe, mas que elas devem ser oferecidas à medida que se tornarem necessárias para a reflexão da língua" (BRASIL, 1997, P.90).

Neste contexto, o professor deve interagir com o aluno, apresentando-lhe os diferentes gêneros textuais de forma a ajudá-lo a refletir sobre eles e a favorecer o contato com as variedades lingüísticas. Dessa forma ele incentivará a leitura e a produção textual, permitindo ao aluno construir seu próprio conhecimento lingüístico a partir das discussões, releituras e reescritas dos materiais propostos em classe, aplicando assim a gramática de acordo com a pretensão textual. Possenti comenta:

> No dia em que as escolas se dessem conta de que estão ensinando aos alunos o que eles já sabem, e que é em grande parte por isso que falta tempo para ensinar o que eles não sabem, poderia ocorrer uma verdadeira revolução. Para verificar o quanto ensinamos coisas que os alunos já sabem, poderíamos fazer o seguinte teste: ouvir o que os alunos do primeiro ano dizem nos recreios (ou durante nossas aulas) para verificar se já sabem, ou não fazer frases completas (e então não precisaríamos fazer exercícios de completar), se já dizem ou não períodos compostos (e não precisaríamos muito imaginar que temos que começar a ensiná-los a ler apenas com frases curtas e idiotas), se eles sabem brincar na língua do "pê" (talvez então não seja necessário fazer tanto exercícios de divisão silábica), se já fazem perguntas, afirmações, negações e exclamações (então, não precisamos mais ensinar isso a eles), e assim quase ao infinito. Sobrariam apenas coisas inteligentes para fazer na aula, como ler e escrever, discutir e reescrever, reler e reescrever mais, para escrever e ler de forma sempre mais sofisticada etc. (POSSENTI, 1996, p. 32-33).

Para que o ensino de língua materna se concretize de maneira efetiva e os alunos adquiram uma competência em relação à linguagem possibilitando-os a resolver problemas da vida cotidiana, um dos objetivos dos PCNs é que o aluno seja capaz de:

> Expandir o uso da linguagem em instancias privadas e utilizá-la com eficácia em instancias publicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos- tanto orais como escritos- coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem a aos assuntos tratados (BRASIL, 1997, p. 41).

É importante frisar que o professor, diante dessa nova realidade, deve buscar novas práticas de ensino de Língua Portuguesa e comprometer-se com a preparação de seus alunos para a vida.Visto que, ele também deve sempre buscar se aperfeiçoar para saber o que ensinar para que seus alunos atinjam as competências comunicativas e as habilidades favoráveis para se produzir diversos tipos de textos com coesão e coerência, pois sabe-se que "sem gramática não se faz um texto. Mas também, que não se faz um texto apenas com gramática"(ANTUNES, 2005,P.173).

3. CONCLUSÃO

Esse artigo buscou estudar sobre a questão do ensino da gramática na escola, tomando-se como referenciais o estudo de autores que versaram, contemporaneamente, sobre o assunto, destacando-se, dentre esses, Antunes, Franchi, Travaglia e Possenti, além dos atuais PCN de língua Portuguesa, cuja leitura foi fundamental à efetivação deste trabalho.

Percebe-se que é necessário fazer uma análise critica sobre a efetivação do ensino da gramática nas escolas e buscar junto aos professores novas práticas para ensiná-la, pois somente através de leitura de textos variados que estimulará o educando a ler, escrever e produzir textos adequados, coesos e coerentes.

Neste contexto, o professor deve saber escolher bons livros e textos para desenvolver um trabalho envolvente, significativo e contextualizado com seus alunos utilizando a gramática sem desvalorizar o que ele já sabe, pois "a gramática esta presente, portanto, em qualquer atividade verbal ou informal, prestigiada ou não; tenhamos ou não consciência disso" (ANTUNES, 2005, p.167).

Ao final deste percurso, conclui-se que, apesar dos conflitos e dos equívocos envolvendo o ensino da gramática, o seu estudo é fundamental no processo de formação do estudante com vistas ao exercício efetivo da cidadania. Por meio do estudo contextualizado da gramática, será facultado ao aluno dominar as diversas possibilidades da língua nas suas variadas situações comunicativas.

ABSTRACT

This article aims to provoke a reflection on the question of grammar and its teaching in schools is significant and contextualized. The reason he left to embark on the grammar and its teaching in schools as a matter of language acquisition standard for citizenship. It is important to emphasize that the teaching of grammar, should not be made to preserve the composition of the language and ensure the cultural identity of a society, but to allow students the knowledge of their own mother tongue, for him to make use of it effectively. The methodology used was literature research conducted through websites, books, magazines, periodicals and theoretical grounds in view of the authors: Ali, Travaglia, Possenti and Franchi. According to Lakatos and Marconi (2007, p. 66), the literature comes from the survey, selection and documentation of all the published literature on the subject being researched: in books, magazines, newspapers, newsletters, monographs, theses, dissertations, cartographic material, aiming to put the researcher into direct contact with all the material already written. Aiming to reflect on this complex process of acquisition of grammar teaching in schools is that the study was directed to the importance of teaching grammar in the perspective of understanding the process of acquiring the development of communication skills and learning the skills necessary student. Today, with advances in new technologies and science related to studies of language, becomes a stage of discussions, the teaching of grammar. It is known that, it should be taught in school, and what is being discussed is for and how it should be the teaching of grammar in the classroom, continues to follow the traditional model (rules and classifications) or adopt new methods education through the texts so as to try to put these issues in practice. Of course, in a textual perspective, the teacher must work with various genre and appropriate for different situations that are being experienced by students applying to grammar significantly, allowing you to build your own concept.

Keywords: teaching of Grammar. Texts. Language. skills.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé*; Lutar com palavras: coesão e coerência.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ANTUNES, Irandé; *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedra no caminho*. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

BECHARA, Ivanildo; *Ensino de gramática: Opressão? Liberdade?* -12.ed. São Paulo: Ática, 2006.

BECHARA, Ivanildo; *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo "gramática"?* 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LAKASTOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico.* São Paulo: Atlas, 2007.

PERINI, Mário A. *Sofrendo a Gramática: ensaios sobre a linguagem*. São Paulo: Ática, 2009.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RICHARDSON; Roberto Jarry et. al. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 2008.

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. São Paulo: Scipione, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.* São Paulo: Cortez, 2001.

TOBIAS BARRETO: POETA DA TERCEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA[11]

Maria Kleidy Tavares Melo[12]

RESUMO

O presente artigo procura resgatar a importância do poeta sergipano Tobias Barreto, destacando, em sua obra, as suas poesias engajadas. Isto é, realiza-se aqui o estudo do Romantismo no seu contexto geral, colocando-se em primeiro plano sua manifestação em Sergipe, de modo a ressaltar, nesse cenário, a obra de Tobias Barreto, um poeta esquecido da terceira geração romântica, mais conhecida como "geração condoreira" ou "hugoana". Dentre os tópicos centrais do trabalho destacam-se a origem do Romantismo; a importância do poeta sergipano Tobias Barreto no movimento condoreiro; e o estudo analítico de um de seus poemas, inserido em seu único livro de poesias, *Dias e Noites*. Com base em estudos sobre o autor e sua obra, foi possível identificar a importância do intelectual sergipano que tanto contribuiu para o desenvolvimento da vertente condoreira em Sergipe e em Recife. A leitura da obra *Dias e Noites* e o estudo dos textos e dos assuntos explanados foram fundamentados no trabalho dos seguintes autores: JACKSON DA SILVA LIMA (1986; 2004); ANTONIO CANDIDO (2000); SERGIUS GONZAGA (2010); ALFREDO BOSI (1936); TOBIA BARRETO (2004); J. GUINSBURG (1978).

Palavras-chaves: Tobias Barreto; Romantismo; Poesia condoreira.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre a influência de Tobias Barreto e de suas poesias engajadas no movimento condoreiro, situado na terceira geração romântica. Com tal estudo tenciona-se resgatar a importância do poeta Tobias Barreto e a sua contribuição para o Romantismo brasileiro. Em outras palavras, neste estudo, será explanada a importância de Tobias Barreto, poeta social hoje esquecido pelos sergipanos, enfocando-se as suas poesias engajadas.

---

[11] Artigo orientado pela Profª Drª. Vilma Mota Quintela e co-orientado pelo Prof. José Costa Almeida, produzido como pré-requisito parcial à aprovação na disciplina "Trabalho de Conclusão de Curso".

[12] A autora é acadêmica do Curso de Letras da Faculdade São Luís de França-FSLF.

Será feito aqui um estudo analítico do poema "O Gênio da Humanidade" do seu único livro de poesias, *Dias e Noites*. Esse livro situa o poeta no movimento condoreiro, trazendo poemas marcados pelos acontecimentos sociais da época e discussões em torno da liberdade, dentre estes os poemas de guerra contemporâneos à guerra do Paraguai.

A abordagem aqui apresentada se fundamenta nos seguintes teóricos: J. Guinsburg que vem retratando, em sua obra *O Romantismo*, desde o surgimento até a consolidação dessa escola literária; Jackson da Silva Lima, que em seu livro *História da Literatura Sergipana* vem discorrendo sobre o Romantismo no seu contexto histórico e no cenário sergipano, dando ênfase ao movimento condoreiro que sofreu fortes influências do sergipano Tobias Barreto, membro da escola do Recife; Antonio Candido, que, em sua obra *Formação da Literatura Brasileira*, versa sobre as novas direções tomadas no campo das poesias condoreiras; e Sergius Gonzaga e Alfredo Bosi, que tratam do Romantismo no cenário brasileiro não deixando de ressaltar os movimentos políticos que contribuíram para solidificar essa escola. Além disso, tomou-se aqui como referência a produção do próprio Tobias Barreto, em especial a sua única obra poética, *Dias e Noites*, que é composta por todas as suas poesias, as críticas que lhes foram dedicadas, as quais constam em seu livro: "Uns lhe concedem o galardão de bom poeta e a pecha de mau pensador; outros, ao contrário, o galardão de bom pensador e a pecha de mau poeta" (Lima, 2004, p. 33).

Este artigo justifica-se pela necessidade que se tem de valorizar o intelectual sergipano Tobias Barreto, que tanto contribuiu para a literatura brasileira e sergipana e hoje se contra esquecido na memória dos seus próprios conterrâneos. O objetivo deste trabalho é retratar a importância de Tobias Barreto como poeta da terceira geração romântica através da suas poesias engajadas assim como caracterizar a terceira geração da escola literária do Romantismo brasileiro. A pesquisa foi realizada a partir da análise biobibliográfica sobre Tobias Barreto e a escola a que pertenceu. A problemática deste trabalho consiste em indagar o porquê de Tobias Barreto, com tanta popularidade em sua época, não ter alcançado reconhecimento a nível nacional como seu contemporâneo, o baiano Castro Alves, talvez pelo fato deste último ter partido do Recife para o eixo Rio-São Paulo aos vinte e um anos de idade, com incentivo e recomendações do ilustre José de Alencar. Já Tobias Barreto, ao contrário de Castro Alves, permaneceu restrito ao cenário pernambucano. No entanto, mesmo permanecendo em Recife como figura central na escola do Recife, Tobias Barreto muito contribuiu para o Brasil disseminando o pensamento filosófico alemão, adotando o germanismo (a filosofia alemã), muito estudada e admirada por ele.

Em Sergipe, Tobias Barreto foi o fundador do movimento condoreiro, que também se destacou na escola do Recife. Essa geração sofreu intensamente a influência de Victor Hugo e de sua poesia político-social, daí ser conhecida como geração hugoana. O termo "condoreirismo" relaciona-se ao condor, ave que habita o alto da Cordilheira dos Andes, símbolo de liberdade adotado pelos jovens românticos. Seus principais representantes foram Tobias Barreto, Castro Alves e Sousandrade. Enquanto os poetas das primeiras gerações se ocupavam de conflitos íntimos, frutos de uma visão egocêntrica e de um universo limitado ao "eu", Tobias Barreto, educado pela literatura de Victor Hugo, tem horizontes mais amplos, interessando-se não apenas pelos sentimentos e emoções pessoais, mas também pela realidade que o rodeava. A terceira geração do Romantismo serviu como ponte para Tobias Barreto libertar seu espírito que vivia em constantes conflitos a procura de soluções pela liberdade da sociedade que vivia em guerra. Tobias Barreto, taxado como poeta medíocre, foi considerado por alguns críticos como o maior representante do Condoreirismo brasileiro. *Dias e Noites* foi depreciada por outros, mas, de acordo com seus defensores, foi essencial para a literatura brasileira, pela abrangência da visão do poeta, pelo engajamento, pela crítica, pela função, enfim, que o autor empresta aos seus textos.

Tobias Barreto nasceu em 07 de junho de 1839, em Vila de Campos do Rio Real, Estado de Sergipe. Estudou Direito em Recife e atuou como jornalista, advogado e deputado provincial. Destacou-se no campo da filosofia por sua atuação polêmica contra o conformismo retórico. Embora tenha vivido até os 50 anos idade, Tobias Barreto deixou uma vasta bibliografia e muitos livros significantes. São estes: *Ensaios e estudos de filosofia e crítica* (1875); *Dias e Noites* (1881); *Estudos alemães* (1883); *Menores e Loucos* (1884); *Discursos* (1887); e *Questões vigentes de filosofia e direito* (1888). O restante de sua obra, dispersa em jornais, foi reunida em três edições de suas *Obras completas*: de 1925, 1963 e 1989. *Dias e Noites*, publicado em 1881, é a única produção poética de Tobias Barreto. Pois o mesmo foi um crítico intelectual e jurista adepto da filosofia alemã, por isso a maior parte das suas produções tem o cunho filosófico. Tobias Barreto recebeu muitas críticas em relação a sua obra poética *Dias e Noites*, sendo que alguns críticos classificaram-no como um grande pensador, filósofo e revolucionário das ideias, e não como um poeta. A sua obra poética teve oito edições, sete reorganizadas por seu seguidor Sílvio Romero e a oitava reorganizada pelo sergipano Jackson da Silva Lima. Em suas edições, Silvio Romero acrescentou novos poemas e introduziu inúmeras modificações na forma e no conteúdo, com interferência direta na estrutura textual. Tobias Barreto, em suas poesias engajadas, remete-nos à guerra do Paraguai, que entra como destaque no livro *Dias e Noites*, pois os textos inseridos nesta

obra abordam das mais simples observações aos gritos de guerras que as ruas patrocinaram, ao tempo da Guerra do Paraguai. As poesias de Tobias, por trazerem esse material, hoje são consideradas um documento valioso para a história intelectual do Brasil. Tobias Barreto hoje é muito pouco estudado, mas possuidor de uma vasta bibliografia. O intelectual sergipano não foi considerado um grande poeta, mas obteve um tal merecimento que, meio século depois de sua morte, ainda permanece lido, admirado, discutido e, até mesmo, negado e combatido.

2. O MOVIMENTO ROMÂNTICO NO BRASIL E NO MUNDO

O Romantismo quando idealizado, foi por várias vezes questionadas, mas partindo desses questionamentos o mesmo apresentar-se denominações como o Classicismo, o Barroco, e o Maneirismo, que foram grupos que na forma e na peculiaridade são estilos que traduzem qualidades e estrutura na obra de arte. Conforme a afirmação de Guinsburg (1978), o pré-romantismo e o romantismo, nasceram dos mesmos movimentos históricos e o seu surgimento se deu em vários outros lugares, todos os grupos de participante, trabalharam para que o romantismo resolvesse problemas humanos inclusive romper com a ruptura do passado próximo que ainda estava atrelado a Idade Média, permitindo uma nova transmutação de valores.

Segundo J. Guinsburg (1978), o Romantismo designa uma emergência histórica, um evento sócio-cultural. Mas não sendo uma configuração estilística, como querem explanar alguns autores, quando define o Romantismo em duas modalidades polares e antitéticas como Classicismo e Romantismo, mas considerá-la sim uma escola literária. Como ressalta o próprio autor: “Mas é também uma escola historicamente definida, que surgiu num dado momento, em condições concretas e com respostas características à situação que se lhe apresentou” (Guinsburg, 1978, p. 14). Partindo desse pressuposto, o Romantismo nasceu da necessidade que se tinha de produzir literatura voltada, para a sociedade que não tinham acesso a essas produções, as quais eram voltadas a classe média.

O Romantismo foi uma escola literária muito vasta a ponto de ser considerado um fato histórico, que analisa, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. E foi partindo deste pressuposto que houve uma forma de pensar que pensou e se pensou historicamente. De acordo com Guinsburg, o Romantismo é:

> O Romantismo é antecedido pelo Século das Luzes, que abandonou uma visão de História que se mantivera pelo menos formalmente, apesar da contestação maquiavélica do Renascimento, desde a instauração do Cristianismo. Trata-se de uma visão teocêntrica e teológica judio-cristã, que concebia a História como um ciclo de revelação do poder divino através de seus atos de vontade, cuja primeira manifestação seria a Gênese, ponto de partida de uma sucessão de intervenções [...] (Guinsburg, 1978, p. 14)

Para, Guinsburg (1978), o Romantismo é fruto de dois marcantes acontecimentos na história da humanidade, a Revolução Francesa e suas derivações, e a Revolução Industrial. Com essas duas revoluções provocaram e geraram novos processos, que desencadearam forças que resultaram na formação da sociedade moderna, moldando em grande parte os ideais da sociedade. Essas guerras contribuíram para as respectivas mudanças no cenário político que mantinham visões tradicionais e as fronteiras entre os povos que foram modificados criando novo equilíbrio entre as nações.

2.1. O ROMANTISMO NO BRASIL

Segundo Gonzaga (2010), o contexto Histórico-cultural do Romantismo, no Brasil, surge com a independência política de 1822, que gerou um conjunto expressivo de fatos sócio-culturais: o incremento urbano do Rio de Janeiro, a necessidade de ampliação dos quadros burocráticos da jovem nação, o desenvolvimento da imprensa, as primeiras instituições universitárias, o livre debate de ideias, o aumento da escolarização e o surgimento de um novo público leitor, composto por estudantes e mulheres, partindo deste pressuposto:

> "O Romantismo brasileiro nasceu dessas circunstâncias, que possibilitaram um notável incremento da atividade literária no país. Os primeiros letrados brasileiros foram todos os funcionários do alto escalão do Segundo Império, iniciado em 1840, com a maioridade de D. Pedro II" (Gonzaga, 2010, p.104).

O passado decisivo para o auge do movimento romântico foi à publicação da revista Niterói, em Paris, no ano de 1836. Tal revista trazia como epígrafe "Tudo pelo Brasil e para o Brasil" e era elaborada por jovens intelectuais que estudavam na Europa e que se propunham a investigar "as letras, artes e ciências brasileiras". No grupo destacava-se Gonçalves de Magalhães, que, ainda em 1836, lançou um livro de poemas: *Suspiros Poéticos e Saudades*. Essa obra introduziu o espírito romântico no Brasil. Esse movimento literário perdurou até 1881, ano em que é publicado *O Mulato*

de Aluísio de Azevedo que deu início ao realismo no Brasil. O Romantismo foi uma escola literária povoada de características que a definiu em gerações são essas características: individualismo, subjetivismo, sentimentalismo, culto a natureza, formas de evasão, liberdade artística e estilo romântico, que deu origem a essas gerações.

Conforme Gonzaga (2010), esses momentos coincidem com a formação de três gerações. Cada geração assume uma perspectiva própria, embora todas sejam marcadas pelo caráter romântico. No entanto, os elementos que definem cada uma delas não são exclusivos, interpretando-se de forma bastante acentuada. A primeira geração chamada de nacionalista ou indianista foi marcada pela exaltação da natureza, à volta ao passado histórico, o medievalismo e a criação do herói nacional na figura do índio e foi representada por Gonçalves Dias entres outros autores.

A segunda geração, reconhecida como mal-do-século ou byroniana, distingue-se pelo ultra-romantismo advindo do egocentrismo, negativismo, pessimismo e tédio constante. A terceira geração condoreira inicia-se próximo de 1870, caracterizada pela poesia social e libertária e reflete as lutas internas da segunda metade do reinado de D. Pedro II. Como já foi citada anteriormente essa geração sofreu intensamente a influência de Victor Hugo e de sua poesia político-social, daí ser conhecida como geração hugoana.

No livro Formação da literatura brasileira de Antonio Candido foi possível observar as novas direções tomadas pelos poetas em relação às poesias de cunho condoreiras. Segundo Candido é bem nítida essas direções quando o mesmo explana:

> Os poetas da terceira geração receberam o benefício de uma tradição literária apreciável, de que pelo menos três nomes se destacavam como fontes inspiradoras. Em quase todos, como efeito, é mais ou menos perceptível a marca de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, dando a impressão de que a nossa literatura já havia cavado certos sulcos bem assinalados, que solicitavam as formas de concepção e de expressão. A melhor prova disso são as epígrafes dos poemas, tomadas na maioria a poetas brasileiros. (CANDIDO, 2000, P. 221)

De acordo com Candido, a terceira geração romântica foi um movimento muito fértil em relação às grandes produções poéticas, pois os seus representantes produziram bastante e tiveram a oportunidade de discorrer sobre temas que envolvia questões sociais. O autor ainda afirma que esse período de fertilidade poética é visível nos versos facilitando a identificação de manifestações mediatas e medíocres, com isso afirma: “Daí a facilidade que amesquinha o estilo, tirando-lhe o caráter de descoberta pessoal e de obtenção, tão essencial à boa poesia” (CANDIDO, 2000, p. 221).

Os poetas condoreiros herdaram algumas técnicas que com o tempo foi sufocando a poesia romântica, provocando reações inevitáveis. Taís reações pode ser citada como o idealismo extremando, o preconceito sentimental e o exibicionismo, esses até então são os defeitos de concepções encontrados nas poesias. Já os defeitos fatura são o abuso musical, a prevalência dos adjetivos a preferência pelo verso demonstrativo não exercendo competência para o verso implícito (CANDIDO, 2000).

2.2. O ROMANTISMO EM SERGIPE

O Romantismo em Sergipe, não foi muito diferente dos acontecimentos da escola nos seus traços gerais, possuiu um vasto cenário poético, se destacou nos romances de ficção e no teatro. Conservou também as três gerações, mas sobressaiu com bastante notoriedade na terceira geração, a condoreira, intensamente influenciada por Tobias Barreto dentre outros autores. Esse mesmo movimento também vigorou na escola do Recife com participação ativa do sergipano Tobias Barreto.

Jackson da Silva Lima (1986) vem em sua *História da literatura sergipana* resgatar o Romantismo e principalmente o movimento condoreiro em Sergipe, partindo da grande influência do Poeta Tobias Barreto na Escola do Recife. Segundo o autor, o Romantismo sergipano preservou o egocentrismo, a busca pelo "eu", valorizou a sua pátria amada e tudo que nela possuía e também conservou todas as características subjetivas de que se revestiu o romantismo no mundo. Mas isso não significa dizer quer o romantismo sergipano não tenha seus próprios traços e características particulares, sendo assim, estaríamos falando do Romantismo brasileiro em Sergipe e não do Romantismo sergipano. Para Lima (1986), essa nova fase romântica é rica em uma vasta bibliografia em prosa e, principalmente, em verso, isso não quer dizer que essas produções sejam da melhor qualidade estética que podemos perceber no romantismo brasileiro. Mas as mesmas tiveram destaque na década de 1950, ainda possuindo fortes traços do arcadismo poético, com seus principais representantes que continuavam a imitação servil dos clássicos, que ainda não tinham se adaptado as novas transformações estéticas que o romantismo introduziu no mundo inteiro, inclusive no Brasil, como ressalta o teórico:

> Em 1857, os poemas de José Maria são publicados no "correio Sergipense", inaugurando um novo estilo poético. Com as produções, de José Maria foram abolindo o lirismo semi-

> religioso seguido por Constantino que adotou o lirismo amoroso de Joaquim Esteves e Pedro Calasans, com isso nasceu o lirismo épico, empolado na forma e explosivo no conteúdo. (LIMA, 1986, p. 66)

A poesia deixou de ter um caráter regionalista e subjetivo e passou a ter altura emocional em arroubados vôos retórico. Com isso, a terceira geração romântica conhecida como condoreira, conquista espaço no cenário sergipano. Isso se dá, sobretudo, graças a Tobias Barreto e a José Jorge que divulgam, na escola do Recife, em 1862, e em Salvador, em 1865, a sua obra. Em Sergipe, o condoreirismo tinha ainda como representantes Elziário Pinto e José Maria Gomes, que divulgou sua poesia na corte e em Minas (LIMA, 1986).

Conforme Lima (1986), de 1861 a meados de 1862, os poetas românticos sergipanos chegam ao seu auge: na Bahia, Eliziário Pinto; em Recife, Tobias Barreto e José Jorge; na capital federal, José Maria, reunindo-se aos demais emigrantes que lá habitavam. Eram esses Constantino Gomes, Pedro de Calasans e Bittencourt Sampaio.

Em 1863, a poesia romântica, mais uma vez, ganha destaque com seus principais representantes: Eustáquio Pinto, Geminiano Paes, Gratulino Coelho, Leopoldo Amaral, e Joaquim de Calasans. Com a morte de Eustáquio Pinto em 1853, a literatura romântica sergipana entra em declínio total, e esse declínio se deu porque Leopoldo Amaral e Joaquim de Calasans partiram com destino aos campos de luta do Paraguai.

Em Sergipe, as raízes condoreiras foram muito fortes e conflitantes, pois existiram muitas discussões em torno da escola condoreira do Recife. De acordo com Lima (1986), o condoreirismo em Sergipe foi motivo de muitas polêmicas e críticas. Uma dessas, bem visível, foi a do paraense José Veríssimo, que se deixou levar por questões pessoais como Silvio Romero não se furtando em criticar e inferiorizar a significação do movimento condoreiro do Recife, chegando ao ponto de negar a existência do mesmo. A partir das críticas de José Veríssimo os ânimos ficaram aflorados. O eminente Afrânio Peixoto e Silvio Romero esforçam-se para altorgar a palma e o louro a Pedro Luís e José Bonifácio nomeando-os não só precursores e mestres de Castro Alves, como também, o que é um absurdo, do próprio Tobias Barreto. José Veríssimo não se contentou com suas criticas anteriores, e chegou ao cúmulo de intitular ‘O Gênio da Humanidade’ a pecha de ‘Poeta medíocre’.

No ano de 1865, o Condoreirismo encontra-se em seu pleno apogeu histórico, militando em suas fileiras Tobias Barreto, Castro Alves, Plínio Lima, Vitoriano Palhares e tantos outros que seguiram as influências de Tobias Barreto e Castro Alves (LIMA, 1986). Ainda em 1865, no Recife, circulam, em jornais e revistas, dezenas e dezenas de poemas inovadores na forma e explosivos na essência, todos eles dentro das coordenadas da nova escola literária definitivamente

assumida por Tobias Barreto. Esses poemas já tinham sido escritos no ano de 1862, por Tobias e outros jovens entusiastas, se destacando o cantor-maestro de “Os escravos”, o qual ficou incumbido de divulgar o movimento condoreiro pelo Brasil. Os poemas que mais se destacaram foram os de autoria de Tobias Barreto, Castro Alves, José Jorge, dentre outros.

3. TOBIAS BARRETO, POETA ESQUECIDO

Tobias Barreto de Menezes nasceu em 07 de junho de 1839, em Vila de Campos, província de Sergipe Tobias era mestiço, pobre e faleceu em Recife, Pernambuco. Bacharel em direito formado pela Faculdade de Direito do Recife, foi portador de vários títulos, jornalista, advogado crítico jurista e deputado provincial. Possuidor de uma oratória incomparável destacou-se no campo da filosofia por atuação polêmica contra o conformismo retórico. Direcionou seus escritos, para a filosofia adotando no Brasil o germanismo alemão. Ao desembarcar no Recife, Tobias Barreto desencadeia e afirma sua postura de poeta, compôs um poema dedicado à cidade que ele chamava de ‘Cabocla Civilizada’, o poema ‘A vista do Recife’ é o seu marco inicial para a produção poética de temática condoreira denominada terceira geração romântica. A sua única obra poética, “*Dias e Noites*” publicada em 1881, não obteve necessariamente o reconhecimento que merecia. Foi menosprezada pela crítica, não sendo explorado o bastante e tampouco se evidenciou sua qualidade estética.

Tobias Barreto foi um poeta de vários atributos. A propósito, Lima ressalta o desempenho do poeta na oratória, na crítica, na música, no jornalismo, na filosofia, nas questões jurídicas e sociais, no direito romano, bem como na literatura alemã, lida no original por Tobias Barreto, na época, um dos poucos brasileiros conhecedores da língua de Schiller e Goethe (LIMA, 2004, p. 444). Para Lima, Tobias Barreto foi um poeta de uma sensibilidade poética capaz de construções lírica que se caracterizou pela sua singularidade, pela sua elevação, muitas vezes exagerada, dos conceitos, pelo arranjo, muitas vezes excessivo, nas imagens. Outra qualidade peculiar à poesia de Tobias Barreto é a correlação linguística, o conhecimento da métrica e da rima, dos pequeninos segredos que exige o bom verso.

Tobias Barreto não possuiu grande notoriedade no campo poético, mas foi defendido e aclamado por seu amigo e seguidor Silvio Romero, que muito contribuiu para que as produções de Tobias não caíssem no esquecimento total. Tobias Barreto, poeta que muito contribuiu para Sergipe

e a escola do Recife, mas foi esquecido pelo fato de sua obra poética não ter se destacado, assim como, seus livros de cunho filosófico.

Destacou-se no campo da filosofia por sua atuação polêmica contra o conformismo retórico. Embora tenha vivido até os 50 anos idade, Tobias Barreto deixou uma vasta bibliografia e muitos livros significantes: Ensaios e estudos de filosofia e crítica (1875); Dias e Noites (1881); Estudos alemães (1883); Menores e Loucos (1884); Discursos (1887); e Questões vigentes de filosofia e direito (1888). O restante de suas obras, dispersa em jornais, foi reunida em três edições de Obras completas, em 1925, 1963 e 1989. *Dias e Noites*, publicado em 1881, esta obra é a única produção poética de Tobias Barreto. Pois o mesmo foi um crítico intelectual e jurista adepto da filosofia alemã, por isso a maior parte das suas produções tem o cunho filosófico. Tobias Barreto foi um crítico, e recebeu muitas críticas em relação a sua obra poética *Dias e Noites*, pois os críticos classificam-no como um grande pensador, filósofo e revolucionário das ideias, e não um poeta. A sua obra poética teve oito edições, sete reorganizada por seu seguidor Silvio Romero e a oitava reorganizada pelo sergipano Jackson da silva Lima. Silvio Romero acrescentou novos poemas e introduziu inúmeras modificações na forma e no conteúdo, com interferência direta na estrutura textual.

4. O GÊNIO DA HUMANIDADE

"O Gênio da Humanidade é um dos poemas de autoria de Tobias Barreto está inserido na sua única obra poética, *Dias e Noites*, de 1881. Esse poema é considerado uma das raras composições homogêneas na forma e na ideia, mantendo sempre o mesmo nível de inspiração. Tobias Barreto foi um poeta de um lirismo admirável e que é possível identificá-lo na sua forma mais sublime nesse poema. A composição desse poema é distribuída em sete estrofes de dez versos, com esquema rítmico, em redondilha maior. Mais uma vez o poeta consegue harmonizar os aspectos formais aos temáticos numa composição de grande densidade poética. Sua musicalidade acentuada se distribui num ritmo que, ao longo do poema, parece que se vai tornando mais intenso, assumindo na segunda metade uma conotação quase dramática que produz no leitor uma espécie de efeito catártico.

O sergipano mergulha profundamente em movimentos reflexivos, que demonstram sua erudição filtrada, é claro, por sua sensibilidade e sua habilidade artística, as quais lhe permitiram aproximar questões fundamentais para a humanidade à plasticidade estética da poesia. Podemos

observar essa aproximação na primeira estrofe, quando o poeta é bem discursivo e detalha toda a sensibilidade vivenciada nos campos de guerra, lançando mão de um sentimentalismo que vai além da alma. O poema, *O Gênio da Humanidade*, possui uma temática condoreira, que vai de encontro às causas sociais em que se encontram a sociedade da época. A título de ilustração, sgue uma transcrição do poema:

O Gênio da Humanidade

Sou eu quem assiste às lutas,
Que dentro d' alma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração:
Quis ver dos céus o segredo;
Rebelde, sobre um rochedo
Cravado, fui Prometeu;
Tive sede do infinito,
Gênio, feliz ou maldito,

A Humanidade sou eu.

Ergo o braço, aceno aos ares
E o Céu se azulando vai;
Estando a mão sobre os mares,
E os mares dizem: passai!...
Satisfazendo ao anelo
Do bom, do grande e do belo,
Todas as formas tomei:
Com Homero fui poeta,
Com Isaías profeta,
Com Alexandre fui rei.

Ouvi-me: venho de longe,
Sou guerreiro e sou pastor;
As minhas barbas de monge
Tem seis mil anos de dor:
Entrei por todas as portas
Das grandes cidades mortas,
Aos bafos do meu corcel,
E ainda sinto os ressábios
Dos beijos que dei nos lábios
Da prostituta Babel.

E vi Pentápolis nua,
Que não corava de mim,
Dizendo ao sol: eu sou tua,
Beija-me... Queima-me assim!
E dentro havia risadas
De cinco irmãs abraçadas
Em voluptuoso furor...
Ânsias de febre e loucura,

Chiando em polpas de alvura,
Lábios em brasas de amor!...

Travei-me em lutas imensas,
Por vezes cansado e nu,
Gritei ao céu: em que pensas?
Ao mar: de que choras tu?
Caminho... e tudo o que faço
Derramo sobre o regaço
Da história, que é minha irmã:
Chamem-me Byron ou Goethe,
Na fronte do meu ginete
Brilha a estrela da manhã.

E no meu canto solene
Vibra a ira do Senhor:
Na vida, nesse perene
Crepúsculo interior,
O ímpio diz: anoitece!
O justo diz: amanhece!
Vão ambos na sua fé...
E às tempestades que abalam
As crenças d' alma, que estalam
Só eu resisto de pé!...

De Deus ao imenso ouvido
A humanidade é um tropel,
E a natureza um ruído
Das abelhas com um mel,
Das flores com seu orvalho,
Dos moços com seu trabalho
De santa e nobre ambição,
De pensamentos que voam,
De gritos d' alma, que ecoam
No fundo do coração!..

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidencia a participação de Tobias Barreto no Romantismo no seu contexto geral e no cenário sergipano, ressaltando a importância e as contribuições do mesmo no movimento condoreiro, que se destacou em Sergipe e na escola do Recife. Tobias Barreto foi um poeta autor de uma única obra poética, *Dias e Noites*. A mesma possui contribuições expressivas para estudar a poesia engajada de cunho condoreiro, buscando a compreensão dos conceitos básicos da literatura romântica com enfoque na terceira geração, assim como valorizar a postura poética desse poeta. A obra sustenta temas sociais que procede de resultados de vivências presentes de uma sociedade.

Os textos de Lima (1986, 2004), Guinsburg (1978), Candido (2000), Gonzaga (2010) e Bosi (1936) apresentaram respostas favoráveis à problemática do tema proposto na introdução. Abordando fragmentos que solidificaram a importância do poeta sergipano que hoje se encontra esquecido pelos seus conterrâneos.

A partir desses estudos biobibliográficos, foi possível conhecer a importância do poeta para o romantismo brasileiro e sergipano, e principalmente as suas publicações na terceira geração romântica que contribuíram para introduzir o movimento condoreiro em Sergipe e no Recife.

Tobias Barreto foi um intelectual possuidor de uma vasta produção, embora não tenha sido muito feliz ao direcionar seus olhares para o campo poético, tendo sido muitas as críticas atribuídas ao seu livro *Dias e Noites.* No entanto, através de sua participação ativa e guerreira na terceira geração condoreira, buscou defender um ideal que hoje o torna reconhecido como o precursor desse movimento no Brasil. Mesmo possuindo traços peculiares na sua qualidade poética, Tobias foi ignorado como poeta e reconhecido como o introdutor da filosofia alemã no Brasil. Mesmo tendo sofrido todas essas criticas, Lima (2004) afirma: "Eis aqui um grande poeta, um poeta de um tão alto merecimento que, meio século depois de sua morte, ainda permanece lido, admirado, discutido e, até mesmo, negado e combatido" (LIMA, 2004, p. 444).

Tobias Barreto, além de ter sido um intelectual que se destacou na filosofia alemã, também teve reconhecimento em alguns aspectos poético, pois era uma de suas qualidades peculiar à correlação linguística o conhecimento da métrica e da rima, dos pequenos segredos que exige o bom verso. Contudo o mesmo foi um perfeito representante do romantismo brasileiro, pois elaborou o verso branco, a poesia polimétrica, e usou nas suas composições o sentimentalismo e a voluptuosidade.

O Condoreirismo, movimento no qual foi muito bem representado pelo intelectual sergipano, levou a poesia condoreira a um plano superior de expressão e exaltação característico, conduzindo-a dos campos e das tavernas para as tribunas e praças públicas onde foram aclamadas e bem aceitas. Tobias Barreto, sem dúvidas, foi um poeta possuidor de um lirismo incomparável, mas foi o Condoreirismo que lhe firmou um renomado poeta. Com a sua obra, o poeta se destacou em várias vertentes, tendo produzido poesias de cunho satírico, elegíaco, filosófico, campestre, patrótico, amoroso, dentre outros.

ABSTRACT

This paper seeks to rescue the importance of the sergipano poet Tobias Barreto, highlighting in his work, his engaged poems. That is, the study of the Romanticism was carried out in its general context, prioritizing its manifestation in Sergipe, emphasizing in this scenario the work of Tobias Barreto, a forgotten poet of the third romantic generation, known as the "condoreira" generation or "hugoana". Among the main topics of this work, the origin of the Romanticism; the importance of the sergipano poet in the "condoreiro" movement and the analytic study of one of his poems, which can be found in his single poetry book, *Dias e Noites*, are the most significant ones. Based on studies about the author and his work, it was possible to identify the sergipano intellectual's significance, who hugely contributed to the development of the "condoreiro" movement in Sergipe and Recife. The reading of *Dias e Noites* and the study of the texts and the mentioned subjects were based on the work of the following authors: JACKSON SILVA DA LIMA (1986; 2004); ANTONIO CANDIDO (2000); SERGIUS GONZAGA (2010); ALFREDO BOSI (1936); TOBIAS BARRETO (2004); J. GUINSBURG (1978).

Keywords: Tobias Barreto, Romanticism, "Condoreira" poetry.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira***.** 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos.* 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000.

GUINSBURG, J. *O Romantismo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1985.

GONZAGA, Sergius. *Curso de literatura brasileira***.** 4. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2010.

LIMA, Jackson da Silva. *História da literatura sergipana***.** v. 2. Aracaju: FUNDESC, 1986.

LIMA, Jackson da Silva. *Dias e Noites: Tobias Barreto*. 8. ed. São Cristóvão: UFS, 2004.

MULHER: INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA DO CORPO A CARNE DE JULIO RIBEIRO[13]

Iara Fontes Rabelo[14]

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a obra *A Carne* (1888) de Júlio Ribeiro, fazendo uma análise crítica e reflexiva sobre o papel da mulher na sociedade, de modo a abordar questões polêmicas como a conquista da independência e de tabus em relação à liberdade sexual feminina. Nesta perspectiva, o estudo abre um leque de discussões a respeito de temas como o desejo sexual, o sadismo, a ninfomania, o amor livre, o divórcio e a posição da mulher na sociedade. O autor na sua obra expõe tanto o naturalismo dentro da sexualidade, quanto o erotismo ao extremo para a época. A pesquisa a sites, os estudos das obras dos teóricos Michel Foucault, Margareth Rago, Alisson M. Jaggar e Susan R. Bordo dentre outros da Literatura Brasileira foram as ferramentas metodológicas utilizadas para alcançar nosso objetivo. A partir destes teóricos foram feitas analises mais complexa, correlacionados com a obra.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Naturalismo. Mulher na literatura. Determinismo.

I. INTRODUÇÃO

O movimento Naturalista chegou ao Brasil no final do século XIX, os escritores brasileiros abordaram a realidade social brasileira, destacando a vida nos cortiços, o preconceito, a diferenciação social entre homens e mulheres. Um dos destaques do naturalismo foi o mineiro Júlio Ribeiro com a obra *A Carne* (1888). Naturalista ao extremo, Júlio Ribeiro, em seu romance, aponta características do naturalismo presentes na obra. Dentre estas podemos destacar a forma como o ser humano está condicionado às suas

[13]Trabalho orientado pelas Professoras Dra. Vilma Mota Quintela Sara Rogéria Barbosa, apresentado como requisito parcial para obtenção de conclusão de curso.

[14] Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Respectivas Literaturas da Faculdade São Luís de França.

características biológicas (hereditariedade) e ao meio social em que vive; a realidade do indivíduo que é mostrada através de uma forma cientifica (influência do positivismo); a utilização da linguagem coloquial; a abordagem dos desejos humanos, dos instintos selvagens e da exploração social como temas principais.

Neste artigo será abordada, num primeiro momento, a trajetória histórica da mulher e sua submissão ao homem e à sociedade; a perda do vínculo com a própria família; o rompimento social diante da conquista de trabalho e da ascensão profissional, ocupando cargos exclusivamente masculinos; a sua inserção na educação superior, e de que forma conquistou a igualdade e a liberdade efetivada.

No segundo, faremos uma análise crítica e reflexiva da obra *A Carne* de Júlio Ribeiro, comparando sua personagem Lenita à figura da mulher no romance ambientado no século XIX. Traçando um perfil da jovem Lenita à frente do seu tempo, expondo uma mulher muito mais avançada, autônoma, independente e realizadora dos seus desejos carnais.

No terceiro e último, faremos uma análise sucinta do uso da linguagem erótica, pelo autor Julio Ribeiro em seu romance naturalista para aquela época. Através de alguns trechos do romance é notável perceber que o uso da linguagem erótica se manifesta através do corpo, do modo de falar e de como os fatos acontecem de forma animalesca.

A história da mulher é marcada por submissão e conformismo diante da figura masculina. No cotidiano isto pode ser verificado pelas diversas manifestações culturais e sociais que se observam em todo lugar, desde a Idade Média. A finalidade deste artigo é apresentar uma análise reflexiva e crítica da obra *A Carne*, no que tange aos danos que a sociedade machista impôs à mulher durante o século XIX, e como esse fato se estende até o século XXI. A leitura da obra, correlacionando aos tempos atuais, permite considerar a existência e a disseminação de um preconceito contra a mulher por parte da sociedade, principalmente pelos homens, o que nos motivou a tratar deste problema sob a ótica do autor de *A Carne*, Júlio Ribeiro.

Na obra, é perceptível como a sociedade machista discrimina a figura feminina de Lenita, protagonista da obra. No presente artigo importa fazer uma análise crítica do romance abordando o papel da mulher na sociedade do século XIX, analisando o contexto histórico, de

forma a destacar a personagem Lenita como uma mulher à frente do seu tempo, e, por fim, analisar o uso da linguagem erótica na obra.

O desenvolvimento deste artigo dar-se-á a partir do estudo de textos relacionados ao tema. Foram estudadas obras de Michel Foucault - *A História da Sexualidade: A vontade de Saber/vol. I* (1988); Margareth Rago - *Do Cabaré ao Lar: A utopia da Cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930* (1985); Alisson M. Jaggar e Susan R. Bordo - *Gênero, Corpo, Conhecimento* (1997) e Michelle Perrot - *As Mulheres e ou os Silêncios da História* (1970). Quanto à literatura foram utilizados Moises Massud (2000), Alfredo Bosi (1985), J. Nicola (1988) e Antonio Candido (1975).

O filósofo Michel Foucault, no livro *A História da Sexualidade: A Vontade de Saber* (1988), tece comentário a respeito da sexualidade. Pode-se dizer que Foucault coloca suas próprias ideias quando as apresenta no primeiro e segundo capítulo do livro. No primeiro capítulo, Nós, vitorianos, ele apresenta o fim das discussões sobre sexo numa época em que a preocupação com as normas e as regras era equacionada pela sociedade e pela a igreja. Para Foucault, falar de sexo enquanto ato natural, positivo era algo normal, legítimo e, porque não dizer, livre de pecado:

> Seria legítimo, certamente, perguntar por que, durante todo tempo, associou-se o sexo ao pecado e ainda, seria preciso ver de que maneira se fez essa associação e evitar dizer de forma global e precipitada que o sexo era "*condenado*". (FOUCAULT, p.14, 1988).

Diante desta afirmação, o filósofo questiona se seria preciso perguntar por que nos culpamos tanto por ter feito do sexo um pecado. Em suma, uma primeira abordagem feita deste ponto de vista parece indicar que, a partir do fim do século XVI, a colocação do sexo em discurso, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação.

No segundo capítulo do livro, A hipótese repressiva, Foucault afirma que o século XVII seria "o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual não estivéssemos completamente liberados" (1988). Ou seja, seria necessário reluzi-lo em nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornaram presente de maneira demasiada e sensível. Como exemplos desse silêncio em relação ao discurso do sexo podem citar: a falta de diálogo entre

pais e filhos, educadores e alunos, patrões e serviçais. Pode-se dizer que o interesse de calar o discurso sobre o sexo também partiu da visão burguesa influenciada pela pastoral católica que impôs a confissão, como ato obrigatório de todo cristão. Os filósofos Sanchez ou Tamburini, relataram "ser indispensável para que a confissão fosse um relato completo, do ato sexual, discriminando posição dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, momento exato do prazer." (p.22). Quanto maiores seus desejos realizados, maior seria a aplicação de penitência. Ou seja, era um dos meios de repressão encontrados para manter a ordem social, política, econômica.

Em meados do século XVIII, entraram em atividade os posicionamentos científicos para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente a medicina, por intermédio das "doenças dos nervos", como o onanismo – masturbação - preocupou-se, com a insatisfação e com as "fraudes contra a procriação". Desde então houve uma preocupação em abrir os discursos sobre o sexo. O sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado e até meados do século XIX, o onanismo foi a única forma de desvio reconhecida como perversão em relação ao sexo "sadio". Algumas décadas mais tarde, as coisas começaram a mudar: a medicina e a psiquiatria legal se interessam por uma sexualidade não controlável. Mais tarde uma nova configuração é criada da seguinte forma: descrição do sexo como qualidade constitutiva do sujeito; passagem do sexo do registro religioso para o médico, acarretando uma transferência da competência sobre estes saberes dos *experts* religiosos para os da medicina; diferenciação entre a sexualidade "perigosa" e a "sadia"; e finalmente, a biologização da diferença dos sexos como base fundadora de toda sexualidade legítima.

Desta forma, as bases para aquilo que, no final do século XIX, passou a ser chamado de "sexualidade" não eram mais aceitáveis e foi impossível pensar o sujeito sem o sexo. Seria necessário privilegiar a razão como a nova instância que determina o sujeito autônomo.

No terceiro capitulo Foucault, expõe dois conceitos, o de *ars erotica* - arte erótica - e o da *scientia sexualis* - ciência do sexo -. A arte erótica, própria de civilizações como Roma, Índia, China, buscava no saber sobre o prazer, formas de ampliá-lo, era um saber de dentro, no qual a verdade sobre o prazer é extraída do próprio saber. No ocidente configurou-se a ciência do sexo na qual a confissão é centrada na produção de saberes sobre o sexo.

Foucault finaliza sua fala afirmando que em torno deste discurso de como descobrir a busca pelo desejo, o prazer, enfim, gerava-se a satisfação do corpo humano. Como contribuição para esta discussão, Goellner (2003) afirma que *"o corpo é uma construção histórica e social e a ele são atribuídos significados" (p.98).* Já Jaggar e Bordo (1997 apud Rotania, 2000) complementam que "o corpo pode fornecer várias leituras, tendo em vista que se pode considerar um corpo ou vários corpos" (p.75). Ou seja, existem diversas formas de ver o corpo, seja ele como materialidade biológica, ou como lugar de práxis social, subjetividade, construção cultural, ou como lugar de inclusão de outros corpos.

O corpo e o seu conceito estão ligados às questões da natureza e da cultura, designando vários e diversificados posicionamentos teóricos, filosóficos e antropológicos. Alguns atos que começam hoje a ser habituais em nossos corpos estão, na verdade, de acordo com a nova ordem socioeconômica, política e cultural. Trata-se o corpo como uma unidade real, absoluta e de horizontes determinados.

> O corpo não é apenas um *texto* da cultura. É também, como sustentam antropólogo Pierre Bourdieu e o filósofo Michel Foucault, entre outros, um lugar *prático* direto de controle social. De forma banal, através das maneiras à mesa e dos hábitos de higiene, de rotinas, normas e práticas aparentemente triviais, convertidas em atividades automáticas e habituais, [...] Nossos princípios políticos conscientes, nossos engajamentos sociais, nossos esforços de mudanças podem ser solapados e traídos pela vida de nossos corpos não o corpo instintivo e desejante concebido por Platão, Santo Agostinho e Freud, mas o corpo dócil e regulado a serviço das normas da vida e habituado às mesmas. (BORDO, 1997, p. 19).

Neste contexto, a sexualidade de homens e de mulheres está relacionada à sua afetividade e às diferentes expressões desta, seja entre homens, entre mulheres ou entre ambos. Nessa sexualidade, demonstram-se, também, as relações de gênero que são diferentes para homens e mulheres.

Como contribuição para esta crescente evolução da mulher em sua independência e na sociedade Margareth Rago em seu livro, fala da questão da habitação popular e seus ensejos no Brasil. Também trata do papel da mulher na sociedade da Primeira República. A autora vem mostrar a preocupação daquela sociedade de manter a mulher dento de casa, ou seja, cuidando do lar, do marido e dos filhos, a preocupação na verdade que existia era em

educá-la para que ela exercesse uma profissão, para torná-la mais apta à carreira domestica. Segundo a autora:

> Certamente, a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devota e inteiro sacrifício, implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual. Esta desvalorização é imensa porque parte do pressuposto de que a mulher em si, não é nada, de que deve esquecer deliberadamente de si mesma, e realiza-se através dos êxitos dos filhos e do marido. (RAGO, p.42, 1985)

Neste contexto, percebe-se que os anarquistas e a sociedade da Primeira República, o pai, o marido, o líder devem ser obedecidos pelas mulheres, ou incapazes de assumirem suas próprias vidas individuais. A imagem de "mãe-sacrifício" completa numa mesma construção simbólica. Para a autora à posição da mulher dentro desta sociedade, eram submissas e algumas não eram submissas, pois muitas delas anarquistas enfrentaram a policia armada, paralisaram fabricas, dentre estes grupos de mulheres havia uma solidariedade de classe. Mas duas imagens femininas que se contrapõe de um lado uma mulher submissa, não sabem lutar, e do outro uma figura combativa, sai às ruas e enfrenta autoridades públicas e policiais. Por fim, de um lado, o tradicional a representação da mulher submissa; e do outro uma figura feminina simbolizada pela independência, figura, na opinião da autora, empenhada na luta pela transformação de sua realidade cotidiana, apesar de todo um discurso da época na qual conduziam a mulher ao território da vida doméstica.

II. O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE NO SÉCULO XIX E NA ATUALIDADE

Em meados do século XIX, a mulher se encontrava restringida a casa e interditada à vida pública, as mulheres não tinham direitos, eram vistas em várias culturas como animais de submissão ao homem e eram tratadas apenas para prestar trabalhos como cozinhar, lavar, cuidar dos filhos e do marido. A mulher do Brasil, formada e constituída socialmente nesta ordem, era subordinada e dependente do pai ou do marido, sendo propriedade do homem. Levavam o estigma da fragilidade da pouca inteligência, está era a lógica da sociedade patriarcal de mantê-la afastada dos espaços públicos, além da educação formal, não sendo permitido o acesso à escola.

Durante esse tempo a mulher teve que aceitar muitas coisas ditadas pela sociedade dentre eles o casamento, ou seja, ela dependia de sua boa aparência, nos conformes do gosto masculino daqueles dias, de seu charme e das artes culinárias. Ela por sua vez tinha a obrigação de manter a boa ordem e os bons costumes do casamento, caso quisesse o divorcio, teria que provar que seu marido fosse culpado por infidelidade e crueldade. Porém, somente os homens poderiam obter a dissolução do casamento, segundo a lei do divorcio que foi aprovada em 1857, que definiu legalmente diferentes parâmetros entre homens e mulheres.

A educação também negada pelos pais, que acreditavam para suas filhas era algo supérfluo, bastavam apenas modos e de como cuidar da casa. Pois para os pais aprender aritmética não ajudaria a filha encontrar um marido, esse era o pensamento comum. Uma governanta em casa, por um breve período, era o destino habitual das meninas. Seus irmãos deviam ir para escolas públicas e universidades, mas a casa era considerada o lugar certo para suas irmãs. Alguns pais mandavam suas filhas para escolas, mas boas escolas para garotas não existiam. Os professores não tinham boa formação e não eram bem educados. Nenhum exame público para escolas aceitava candidatas mulheres. Elas eram ensinadas a serem jovens senhoras católicas na mesma linha da educação dada as suas avós.

A partir da segunda metade do século XIX, pela ciência positivista na qual Veríssimo e toda a geração intelectual do entre - séculos foram formados; e que defendia a superioridade feminina sobre o homem, no que dizia respeito ao "poder privado" filha, esposa, mãe, guardião do lar e a superioridade masculina sobre a mulher, na esfera do "poder-público", político, econômico, social, culto, etc. Com a Revolução Industrial por volta do século XVIII as mulheres ingressaram no mercado de trabalho somente após quase vinte anos do fim da Segunda Guerra Mundial, na década de 1960, devido à necessidade de mão-de-obra nas fábricas em expansão no período de industrialização ou à necessidade de ajudar a compor a renda familiar.

No século XIX, não só as mulheres pobres trabalhavam. Muitas mulheres oriundas de famílias abastadas, e por isso com acesso ao estudo, eram ativas social e politicamente, bem informadas, cultas, poliglotas, reivindicavam direitos iguais aos dos homens, colaboravam com artigos para jornais e várias eram escritoras (de prosa, poesia, cartas, diários, crônicas, contos, dramas, comédias, ensaios e crítica literária). O mundo das Letras, no entanto, sempre foi masculino. Da repressão sexual quase que total que prevaleceu durante séculos, houve um período, na pós-segunda guerra mundial, que a mulher se liberou

totalmente dessas amarras, discutiu e provou a experiência do amor livre e descompromissado. Após libertar o próprio corpo dos grilhões do cinto de castidade, do espartilho e do sutiã, ocorre uma maior liberdade e a conquista da própria autonomia, principalmente, na esfera das relações do trabalho, com a reivindicação pela igualdade de salários e pelo combate à violência domestica. Contudo, do século XI ao XX, importantes passos foram dados e, para cada um deles, foi necessário se livrar de diversos cintos de castidade, que aprisionaram o corpo, a voz, a mente e as ações da mulher ao longo da História. Mesmo assim, há ainda preconceitos diferentes entre a mulher do lar, a boa mãe e esposa e as mulheres públicas da vida.

> Assim, o retrato da mulher publica é construído em oposição ao da mulher honesta, casada e boa mãe, laboriosa, fiel e dessexualizada. A prostituta construída pelo discurso médico simboliza na negação dos valores dominantes, paria da sociedade, que ameaça subverter a boa ordem do mundo masculino, seu objetivo principal é a satisfação do prazer é, nesta lógica, prazer e trabalho são categorias antinômicas. (RAGO, p.90, 1985).

Diante desta afirmação da autora, nota-se que a sociedade impõe que as prostitutas sejam enclausuradas nas casas de tolerância ou bordeis, espaços restritos de confinamento da sexualidade extraconjugal. Percebe-se que o machismo reina sobre esta questão da mulher boa mãe e esposa e a mulher da vida. São preconceitos ditados pela sociedade que não impede que a mulher do lar também não possa ter seus desejos, suas fantasias realizadas, afinal eles também são mulheres e possui necessidades fisiológicas, assim como o homem. Ao lado tradicional representação da mulher-submissão, emerge outra figura feminina, simbolizada pela compatibilidade, independência, força, figura que luta pela transformação de sua realidade cotidiana, tanto a partir da própria presença destas ativistas, quanto pelas suas projeções.

O exemplo destas mulheres vale notarem que na literatura feminina, a prostituta traduz um ideal de libertação social e sexual da mulher, escapando assim as duas imagens dicotômicas que, às vezes, podem alternar em uma mesma personagem. As prostitutas vitimizadas pelo destino são efeitos da inexperiência e da ingenuidade fronte ao mundo urbano. Falar de sua vitimização pelo destino cruel supõe situá-las, como fazem os autores, no espaço urbano moderno, onde o ser humano perdeu toda capacidade de controle e onde os

laços familiares e comunitários se desagregam. A prostituição, neste caso, decorre de um fenômeno de violenta discriminação sofrida pela mulher.

A contestação da desigualdade dos sexos é a conseqüência desta onda de preconceitos colocada pela própria sociedade. Na qual visa só o lado moral e comportamental, mas que fica camuflado o que levou a essas mulheres a se tornarem prostitutas. Homens e mulheres são seres dotados de razão, portanto supõe-se, ou procura-se negar, que são potencialmente sujeitos, de que seus direitos são iguais. Ela será, portanto uma menor, um ser inferior, a matéria que, procura o macho. Finalmente, a mulher permanece um meio termo entre o homem e o animal, variante do seu lugar habitual entre natureza e sociedade, mas uma variante, aqui, cheia de ameaças. É como o autor Júlio Ribeiro em sua obra *A Carne*, expõe a personagem Lenita como uma figura feminina animalesca, ninfomaníaca, que aos olhos da sociedade e dos críticos literários a vê como uma mulher doentia de comportamento anormal.

Pois, o corpo não é apenas um texto da cultura. É também, como sustentam o antropólogo Pierre Bourdieu e o filósofo Michel Foucault, entre outros, um lugar prático direto de controle social. De forma banal, através das maneiras à mesa e dos hábitos de higiene de rotinas, normas e práticas aparentemente triviais, convertidas em atividades automáticas e habituais, a cultura "se faz corpo" como coloca Bourdieu (p.19). Então, a partir do momento que o homem é visto como um ser natural, a sexualidade deixa de ser antagônica à espiritualidade, como era o caso na visão religiosa, para tornar-se algo que lhe é próprio e cuja satisfação, dentro do casamento é sabia, independentemente da reprodução.

Ao contrário do século XIX, durante sua trajetória histórica até chegar à atualidade a figura feminina a mulher moderna assume novas responsabilidades igualitárias às masculinas, tanto no campo profissional como no pessoal e sexual. A autonomia feminina não foi um processo rápido, foi ao longo das décadas sendo construído, devido à grande instabilidade econômica vivenciada em muitos países, houve uma mudança na postura social das mulheres, movidas pelas necessidades de sobrevivência de seus lares e, em número cada vez maior, responsáveis pela chefia das famílias. A independência financeira também resultou na libertação cultural, muitas mulheres que antes eram apenas donas de casa, passaram a serem operárias com grande potencial, disputando vagas de empregos com homens, os quais possuem a ideologia dominante do "machismo".

As mudanças ocorridas em nossa sociedade nos últimos tempos modificaram também o modo de ser de agir e pensar dos indivíduos, principalmente no que tange o universo feminino, assim, em revolução massiva sobre seus direitos, buscaram emanciparem dos lares em busca de empregos, sendo chefes de famílias indo à busca de seu espaço no mercado trabalho competitivo e desigual marcado por grandes restrições e profundas humilhações. Segundo a autora Solange Sanches nos diz:

> As mulheres lançaram-se à conquista do espaço público, antes exclusivo para os homens, e empreenderam uma longa jornada pela construção de sua própria independência: financeira, profissional e pessoal. Nessa trajetória, foram decisivas as ações individuais, de todas aquelas que se lançaram sobre os desafios de uma carreira profissional, da atuação política e à chefia de suas famílias. Mas ainda mais decisiva foi a crescente organização das mulheres nos movimentos sociais e políticos, particularmente no movimento sindical. (SANCHES, p. 5, 2003).

Neste contexto, a autonomia feminina para a mulher já não mais submissa ao pai e marido, oprimida, reprodutora e rainha do lar, mas engajada política, econômica e socialmente, e acima de tudo romântica. Assim. Concebe a relação a dois de forma harmoniosa e racional. Por fim, seu cotidiano, na atualidade mostra a sensualidade, concebendo o matrimonio como complemento da vida não o centro, tendo ideais libertários da repressão feminina procura viver segundo suas próprias escolhas, quebrando paradigmas e preceitos.

III. LENITA, UMA MULHER À FRENTE DO SEU TEMPO

O romance narra a história de uma jovem Lenita, mulher extremamente culta e bela, que após perder o pai, vai morar em uma fazenda no interior de São Paulo com o coronel Barbosa. Lá, ela se apaixona pelo filho dele chamado Manuel Barbosa. Este homem, muito mais velho que ela, a encanta, resultando depois, numa envolvente relação de amor e luxúria.

Manuel era um homem já maduro e exímio conhecedor das coisas da vida, vivia trancado no quarto com seus livros e periodicamente partia para longas caçadas; vivera por

dez anos na Europa, onde se casara com uma francesa de quem se separara há muito tempo. Lenita firmara uma sólida amizade com Manuel, que, aos poucos, vai se revelando uma tórrida paixão, no início, repelida por ambos, mas depois consolidada com fervor em nome do forte desejo da "carne".

Lenita diante da presença afetuosa do Coronel Barbosa chega a desejá-lo, e o mesmo Coronel também se remói diante do pensamento de ter Lenita como amante, diante do impasse, resolve viajar a negócios.

Passou a considerar a possibilidade do namoro com o filho do Coronel Barbosa, embora a sua figura, em princípio não correspondia ao ideal de homem que pensava pudesse satisfazer os seus desejos. As impossibilidades do casamento, por ser Manuel um homem que já havia contraído o matrimônio, não afligiam Lenita, visto que, sonhava apenas com a realização dos desejos da carne, descartando a possibilidade de uma mera amizade. O livro narra a ardente trajetória desse romance singular, marcado por encontros e desencontros, prazer e violência, desejo e sadismo, batalha entre mente e carne. A história caminha para um trágico desfecho a partir do momento em que Lenita, encontrando cartas de outras mulheres guardadas por Manuel, sente-se traída e resolve abandoná-lo; estando grávida de três meses, casa-se com outro homem. Manuel, não suportando tamanha traição, suicida-se, o que comprova o resultado final da batalha "mente versus carne". O suicídio de Manuel é dramático, por envenenamento decorrente de uma injeção de curare. Em seus minutos finais, ele assiste ao desespero dos pais enquanto lhe passam na mente os pensamentos que o levaram a tal atitude. Manuel chega a querer reverter o quadro, mas não tem como avisar os outros acerca do antídoto, pois o veneno o paralisa completamente triunfam os prazeres da carne, no trágico final, os desenganos da mente.

É com este enredo e com o uso da linguagem simples e regionalista que Júlio Ribeiro questiona o papel da mulher na sociedade, o casamento e o amor livre, o desejo sexual, o sadismo, a ninfomania, o divórcio e a posição da mulher na sociedade, tudo de maneira minuciosa, bem escrita, numa linguagem coloquial. Ainda assim, nota-se que o escritor pagou caro por sua ousadia ao abordar em seu romance uma personagem extremamente culta e dona de seus “direitos sexuais”, rompendo com os padrões estabelecidos pela sociedade “puritana” do final do século XIX. A ousadia de Lenita, no auge de seus vinte e dois anos, incomodou muita gente, desde os críticos literários até o clero.

O autor apresenta Lenita como uma mulher à frente do seu tempo e isto é notável na personagem pelas atitudes que tomou quando resolveu se descobrir e se revelou como uma mulher autônoma e dona do seu próprio destino, pois já se comportava de maneira diferente das demais mulheres da sua época. Ao contrário das outras mulheres Lenita era corajosa, ousada e buscava satisfazer seus desejos sexuais. Ela não se preocupava em expor seus desejos e passou por cima de toda ideologia machista da sociedade patriarcal. Na qual essa sociedade via-se no direito de que a mulher deveria ser submissa aos seus responsáveis e manter-se-à inibida de seus desejos carnais.

A prova desta mulher desinibida é perceptível pela hereditariedade da jovem Lenita com traços próprios do indivíduo que a tornaram diferente das outras mulheres por possuir um determinismo, Lenita foi uma das poucas mulheres a decidir sua vida como exemplo possuir uma educação superior, ser independente, ter liberdade de escolha para amar e realizar seus desejos carnais. Comparando Lenita com as mulheres do seu século, que não tiveram a oportunidade de alcançar uma educação superior, independência e nem o direito de escolher seu próprio marido, viviam somente para cuidar da casa, dos filhos e do marido e estas eram vista pela sociedade e o clero como mulheres modelos, honestas e de boa índole. Qualquer comportamento a normal que a mulher apresentasse, perante a burguesia e o clero seria considerado como ato ilícito e que esta deveria ser punida e castigada de acordo com a cultura de cada país.

Lenita foi muito além dessas mulheres, pois ela mostrou-se que isso poderia mudar e que as mulheres deveriam sim, se revelar e expor as necessidades do corpo afinal como poderia ser pecado ou imoral não satisfazer seus instintos, como mulheres do sexo frágil assim considerada pelos homens também possuímos nossas necessidades. Aos vinte e dois anos Lenita possuía um comportamento que jamais alguma mulher pudesse possuir enfrentou toda a sociedade e, pois sua cara a tapa quando resolveu assumir seu romance com o filho do Coronel Barbosa, Manuel o qual já teria sido casado, mas mesmo assim ela não se importou para o que a sociedade haveria de pensar, pois se apaixonará por ele e para ela o que importava era o amor, e não o que os outros haviam de falar. O que muitas mulheres naquela época não tinham coragem de enfrentar e por isso se conformavam a viver sob submissão do homem. Outra questão abordada pelo autor na obra em relação ao determinismo da jovem nota-se numa passagem do romance quando Lenita encontra cartas, era um bilhetinho em

poucas linhas a letra bonita, fina, redonda de mulher dizia: *“ Espero-o sábado sem falta; se não vier zango-me. Não esqueço um só momento. Adeus”.(p.125).* Lenita ao ler sente-se traída por Manuel, então a partir daí ela resolveu abandoná-lo, e casar-se com outro mesmo estando grávida de três meses de Manuel o homem pelo qual tinha se apaixonado. Jamais outra mulher da época faria o que Lenita fez, só mesmo sendo uma mulher corajosa e que não admitisse ser traída. Ao contrário das outras mulheres que eram traídas pelos seus maridos mais que viviam casadas só por aparência e conveniência social para manter um exemplo de boa família.

Por fim, Lenita mostra-se, mas uma vez que não é submissa e que não tem medo, e que estar prestes a enfrentar suas conseqüências, mesmo que isto lhe custasse um preço caro afastando-se de seu grande amor. Sendo assim, Lenita rompe com os padrões de uma sociedade decente que pregava pela nobreza a antiga “mocinha” ingênua dos romances que viviam longe dos desejos da carne.

IV . O USO DA LINGUAGEM ERÓTICA NA OBRA

Ao lermos *A Carne* percebe-se que Júlio Ribeiro destaca em sua abordagem extremamente aberta do sexo e pelo uso da linguagem falada. O resultado é um diálogo vivo e extraordinariamente verdadeiro, que na época foi considerado até chocante de tão inovador. A ler uma obra naturalista, tem-se a impressão de se estar a ler uma obra contemporânea, que acabou de ser escrita. Para os naturalistas acreditavam que o individuo é um mero produto da hereditariedade e o seu comportamento é fruto do meio em que vive e sobre o qual age.

É perceptível na obra a predominância do instinto, o fisiológico e o natural, retratando a agressividade, a violência, o erotismo como elementos que compõe a personalidade humana. A obra explora temas como o sadismo, a ninfomania, a nudez, o sexo, o divorcio, o amor livre e o desequilíbrio que leva à loucura, assim como a personagem Lenita que era dominada pelos seus instintos e desejos, pois seu comportamento era fruto da sua natureza animal.

Lenita desde logo se revela uma moça dominada pelos desejos da carne, o que ela buscava não era propriamente o amor, mas a satisfação de seus desejos sexuais. Num episódio em que assiste a tortura que sofria um escravo, sentiu prazer ao ver a carne açoitada com violência. *"... do alto do céu no lodo da terra, sentia-se ferida pelo aguilhão da carne, espoliar-se nas concupiscências do cio, como uma negra boçal, como uma cabra, como um animal qualquer... era a suprema humilhação."(RIBEIRO,p.35,1888).* Neste parágrafo do romance é notável a presença do sadismo, pois denota a excitação e prazer provocados pelo sofrimento alheio. Percebe-se que Lenita envolve atos reais não simulados, nos quais o indivíduo deriva excitação sexual do sofrimento psicológico ou físico incluindo humilhação ao parceiro. Em outra passagem do livro Lenita permanecia inquieta.

> Demorou no banho morno. Arrepiava-se ao perpassar da esponja, ao sentir suas próprias mãos como se fossem outras. Ela queria, desejava, gemia por Barbosa. Madrugada, não resistiu, entrou na ponta dos pés, como se deslizando, beirou-se à cama dele. Curvou-se, aproximou a cabeça do peito adormecido. Escutou-lhe a respiração, hauriu-lhe o odor do corpo, sentiu a tepidez da pele do macho. Ele despertou, sentiu a carne quente pelo apetite sexual. Um tropel de idéias confusas dominou a mente. Sentou-se à beira da cama. Segurou-lhe a cabeça com a mão esquerda, a boca na boca: os bigodes ásperos nos lábios macios. A língua buscando o sétimo céu da garganta profunda. Lenita quis sair, mas não conseguiu livrar-se do abraço. O medo fisiológico do macho. As primícias do primeiro coito. Na exaltação sinhozinho sugou avidamente os bicos arrebatados dos seios. As carícias ferozes. Os corpos unificados. A estação espacial do pênis penetrando a nave-mãe vaginal. (RIBEIRO,p.55, 1888).

Neste outro parágrafo implica em uma descompensação do desejo sexual feminino. Lenita sente um apetite intenso demais, permeando por fantasias sexuais. Não consegue conter seus desejos carnais, fugindo do controle e da ausência e da compulsividade sexual. Ou seja, é comum a ninfomaníaca sentir-se desprovida de vontade própria em suma, escrava dos seus próprios desejos.

Em um passeio pela fazenda na mata a jovem apoderou-se dela um desejo ardente, irresistível, de banhar-se em um lago de águas cristalinas. Sem nenhum receio ela começou a despir-se. "*Tirou o paletozinho, o corpete espartilhado, depois a saia preta e as anáguas." (RIBEIRO, P.25, 1988).* É perceptível nesta passagem quando o autor descreve o exibicionismo, Lenita manifesta seu desejo incontrolável de obter satisfação sexual no fato puros e simples de exibir os órgãos genitais.

O autor também aborda a questão do amor livre, no qual a jovem acreditava o amor sem posse e sem a interferência do Estado e da igreja na vida e nas relações pessoais. Isto se percebe quando fizeram sexo sobre as pedras, na mata. E em todos os lugares que sugeriam uma aproximação à tarde, à noite, de madrugada. Até que o pavio longo da vela se houvesse dirimido, antes que os primeiros raios de sol entrassem pela fresta aberta da janela do quarto. Os dias passavam, e Lenita, vaidosa, tirava grande prazer da sujeição de Barbosa. Sentia o orgulho lisonjeado da satisfação de tê-lo preso a seus sentimentos, mais se contentava com o amor correspondido e sem compromisso formal. O final Manuel era divorciado e não eram comuns eram de fato considerados ilegais o divorcio talvez por este motivo Lenita não se importasse muito com este detalhe. Ela estava preocupada em satisfazer seus desejos e seus instintos selvagens.

Em suma, o autor expôs em seu romance a linguagem coloquial, o uso das palavras regionalista, o uso da linguagem erótica como pode ser comprovado em alguns parágrafos citados no texto por ele mesmo. É com esta personagem ousada e intensa que Júlio Ribeiro mostrou com naturalidade o comportamento humano e animalesco.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura da obra e depois de analisá-la de modo crítico e reflexivo, percebe-se que esta abordagem crítica de *A Carne*, de Júlio Ribeiro, serviu-nos para mostrar como o pudor era visto pela sociedade brasileira do século XIX. A obra, pelo que parece, foi atacada pela maior parte da crítica literária por abordar, em suas páginas, um relacionamento sexual entre uma jovem culta com um homem mais velho. Sabe-se que a estética naturalista, mesmo baseada na ciência e sofrendo duras críticas por conta dos temas que abordava, adquiriu grande importância ente nós, pois não só abordou problemas psicológicos, nem taras, mas sim porque também representou as camadas marginalizadas da sociedade, como mendigos, homossexuais, lésbicas, prostitutas, malandros, etc. Afirmar que o Naturalismo não teve grande relevância entre nós, é um equívoco sem tamanho, como atesta Nelson Werneck Sodré:

> O Naturalismo teve considerável importância, a certa altura, abriu caminho, esclareceu um mundo de concepções. Teve um papel cujo destaque os leitores de hoje talvez não tenham condições para avaliar e estimar, porque a vida mudou muito. (SODRÉ, p.203,1965).

Analisando a recepção crítica da obra *A Carne*, de Júlio Ribeiro, é possível termos uma visão de como a sexualidade era vista pela sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX. Para os críticos, era inadmissível uma mulher ser possuidora de amplos conhecimentos científicos e detentora de seu desejo sexual. Percebe-se que Lenita é tachada de rameira por entregar-se aos desejos carnais. Sabe-se que a obra *A Carne* possui seus defeitos de concepção, como qualquer outra, mas tentar banir este livro da história literária brasileira e chamar as pessoas que apreciam o livro de imbecis, como fez Álvaro Lins, é, no mínimo, um equívoco.

Olhando por esse ângulo, nota-se que quase todos os romances da escola literária Naturalista, a exemplo de *A Carne,* foram mal interpretados pela crítica. Talvez por mostrar o sexo como eixo centralizador das relações humanas essa obra foi vista com indiferença. Em linhas gerais, não conseguir enxergar à frente do tempo foi o principal defeito dos críticos literários de maior envergadura do século XIX e início do século XX. Infelizmente. É importante frisar, ainda, que mesmo sendo "ignorada" pela crítica literária, o romance do escritor mineiro conseguiu se sobressair, mesmo com o seu conteúdo sendo "tachado de imoral e pornográfico". Acreditamos que esta obra "A Carne" foi o estopim para uma grande vendagem que proporcionou a Júlio Ribeiro a popularidade merecida.

Por fim, fica registrado que nem todas as pessoas acharam *A Carne* imoral e pornográfica muito pelo contrário, acharam-na "natural e bem animalesca". Como já havia descrito antes no texto a obra *A Carne* é bem semelhante à contemporaneidade, pois nela estar presente a objetividade dos fatos, a apresentação real do indivíduo.

ABSTRACT

This article aims to analyze the work of the Flesh (1888) Julio Ribeiro, making a critical analysis and reflective about the role of women in society, in order to address controversial

issues such as gaining independence and taboos regarding sexual freedom female. In this perspective, the study opens a range of discussions on topics such as sexual desire, sadism, nymphomania, free love, divorce and position of women in society. The author explains in his work both within the naturalism of sexuality and eroticism in the extreme for the time. The research sites, the theoretical studies of the works of Michel Foucault, Margareth Rago, Alison M. Jaggar and Susan R. Board and others of Brazilian literature were methodological tools used to reach our goal. From this theoretical analysis were made more complex, correlated with the work.

Keywords: Brazilian Literature. Naturalist school, and the female figure. Determinism.

REFERÊNCIAS

BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R.(Org.). **Gênero, corpo, conhecimento.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997. p.19-41. (Coleção Gênero).

BOSI, Alfredo**. História concisa da literatura brasileira.** 3ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira.** Belo Horizonte: Itatiaia, 6ª Ed. 1975.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de Saber.** Volume 1, Tradução Maria Thereza C. Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro, Edições Grall,1988.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira através dos textos**. 22ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

NICOLA, J., 1988, ***Literatura Brasileira - Das Origens Aos Nossos Dias***, 8ª Ed., Editora Scipione, São Paulo/SP.

PERROT, Michelle. ***As mulheres ou os silêncios da história***. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RAGO, Luzia Margareth. Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira:** Seus fundamentos econômicos. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1969.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO ESTÍMULO A FORMAÇÃO DE LEITORES, PERPASSANDO EM SEUS PROBLEMAS ENFRENTADOS. [1]

Ana Cláudia Santos Ribeiro [2]

RESUMO

Este artigo foi produzido para mostrar um estudo aprofundado do tema abordado. Buscou-se nesse estudo refletir sobre a importância da Literatura Infanto-Juvenil como estímulo a formação de leitores, perpassando em seus problemas enfrentados, **a** literatura infanto-juvenil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa, ela está ligada à educação, desde o surgimento de novas concepções de infância, no século VXII. Como instrumento a Literatura para crianças e jovens se mostra extremamente útil no processo de ensino/ aprendizagem, assim é necessário desvendar como ela auxilia, e como atende as necessidades dos alunos, mostrando os inúmeros benefícios que através de sua utilização em sala de aula são levados aos alunos, além das dificuldades encontradas, como a falta de incentivo nas bibliotecas escolares e o despreparo dos professores, para que o uso da Literatura seja o principal fator para a formação de leitores.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Leitura. Leitor

Introdução

A Literatura Infantil surgiu entre os séculos XVII e XVIII, com a ascensão da família burguesa, antes disso as crianças eram tratadas como pequenos adultos, e por isso, não era produzida uma Literatura adaptada didaticamente aos pequenos leitores. Somente após a mudança nessa forma de perceber as crianças, é que surgiu uma preocupação em proporcionar uma educação voltada para elas.

De acordo com as reflexões realizadas por varios pesquisadores sobre o assunto estudado “ A importância da literatura infanto-juvenil como estímulo a formação de leitores perpassando em seus prlblemas enfrentados a partir do ensino fundamental. Aracaju”. O interesse é apresentar com uma análise de questões que considero importantes para

demonstrar que é possivel contribuir para reverter o quadro de desestímulo, as vezes de aversão, que os alunos possuem ao “ato” e ao “hábito” de ler.

“ Para se realizar uma pesquisa bibliografica é preciso promover o confronto entre as imformações coletadas sobre determinado assunto e oconhecimento teórico acumulado a respeito dele” LUDCKE e ANDRÉ (1986:1) O presente artigo tem como objetivo abordar questões relacionadas à importância da Literatura Infanto-Juvenil e seus problemas na formação de leitores . Tendo como embasamento teórico autores que dedicam suas vidas em pesquisar esse objeto de estudo. Esses autores metodizam a importância da relação professor/aluno/literatura infanto- juvenil, no processo de formação de leitores, ressaltam também a essencialidade dessa literatura acontecer principalmente pela forma como a realidade é colocada ao alcance da compreensão infanto-juvenil. Eles afirmam que no Brasil a literatura infanto-juvenil apresenta um campo de trabalho extenso e desconhecido, Apontam que introduzida nas series iniciais e de rica contribuição para a aprendizagem, afirmando que a literatura e uma leitura do mundo interior e exterior do individuo. Eles discutem também a prática da leitura na escola através da literatura para crianças e jovens, avaliando seus pressupostos e equívocos, estreitando relações entre ciência e arte, fazendo com que a literatura infanto-juvenil situe-se na junção do serio e do lúdico. Esses pesquisadores mostram a importância da leitura em uma sociedade mais democrática sem perder de vista o prazer de ler e de se conhecer no que se é lido, tornando-se um leitor critico, podendo viajar para diversos mundos através de uma historia, questionando e formando opiniões.

Ao longo dos anos, a educação preocupa-se em contribuir para a formação de um indivíduo responsável e atuante na sociedade. Isso porque se vive em uma sociedade onde as trocas sociais acontecem rapidamente, seja através da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual.

Diante disso, a escola busca conhecer e desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita. E como a literatura infanto-juvenil pode influenciar de maneira positiva neste processo. Bakhtin (1992) expressa sobre a literatura infantil abordando que por ser um instrumento motivador e desafiador, ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

Esta pesquisa enfoca toda a importância que a literatura infanto-juvenil possui, ou seja, que ela é fundamental para a aquisição de conhecimentos, recreação, informação e interação, métodos necessários ao ato de ler. De acordo com as idéias acima, percebe-se a necessidade da aplicação coerente de atividades que despertem o prazer de ler, e estas devem estar presentes diariamente na vida das crianças, desde bebês. Conforme Silva (1992, p.57) "bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde bebezinhos poderá ser uma excelente conquista para toda a vida".

Apesar da grande importância que a literatura exerce na vida do individuo, seja no desenvolvimento emocional ou na capacidade de expressar melhor suas idéias, em geral, de acordo com Machado (2001), elas não gostam de ler e fazem-no por obrigação. Mas afinal, por que isso acontece? Talvez seja pela falta de exemplo dos pais ou pela falta de preparação dos professores, em função disso o que se percebe é que a literatura, bem como toda a cultura criadora e questionadora, não está sendo explorada como deve nas escolas e isto ocorre em grande parte, pela pouca informação dos professores. A formação acadêmica, infelizmente não dá ênfase à leitura e esta é uma situação contraditória, pois segundo comentário de Machado (2001, p.45) "não se contrata um instrutor de natação que não sabe nadar, no entanto, as salas de aula estão repletas de pessoas que apesar de não ler, tentam ensinar".

Existem fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: curiosidade. Neste sentido, o livro deveria ter a importância de uma televisão dentro do lar. Os pais deveriam ler mais para os filhos e para si próprios. GARCIA (1992:37) Afirma que:

> Mediar à leitura é está no meio de uma atividade essencial à escola, a vida, sem tomar nas mãos as rédeas do processo, como se fosse o professor o único, a saber, o caminho; é estar presente mesmo que sutilmente ausente; é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada individuo e, nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior.

Embora haja unanimidade acerca do papel da família nos contatos iniciais da criança com a literatura, cabe ao ensino fundamental a ênfase a continuidade do processo de formação de leitores, e, finalmente, ao Ensino Médio, o fornecimento de instrumentos para que os jovens exerçam plenamente a leitura crítica propriamente dita.

Por esse motivo, direcionei minhas indagações ao contexto escolar em que as praticas de leituras devem ser efetivadas, apesar dos problemas originários de uma crise educacional de ordem teórica e metodológica.

FORMAÇÃO DO LEITOR: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA ESCOLA

É a partir do século XVIII que a leitura se expande com grande intensidade em conseqüência da difusão do sistema escolar para outras pessoas pertencentes a categorias menos privilegiadas economicamente. Há um aumento significativo de leitores e escritores. Isso determina uma mudança radical no mercado de livros que se torna mais ativo e exigente na sociedade ocidental. Outra conseqüência da propagação do hábito da leitura é que se modifica a transmissão da cultura popular que era apresentada apenas de forma oral. A cultura torna-se mais democrática, mais próxima do povo e a escola transforma-se então na mediadora entre a criança e o livro, e entre os dois forma-se o leitor. Com o estímulo à leitura, desenvolve-se a tipografia com novas formas de imprimir livros, jornais e folhetins.

O pressuposto que me levou a eleger o processo de estímulo a formação de leitores repousa, sobretudo, na relevância que assume as primeiras experiências que a criança vivencia na sua relação com a escola e, principalmente, na sua relação com a obra literária, ou seja, na crença de que, no processo de interação com o livro de literatura, mesmo ainda não decifrando o código escrito a criança constrói significados a partir de um referencial que lhe é muito particular: a própria experiência. O propósito é mostrar a importância da literatura infanto-juvenil no processo de formação de leitores.

A leitura precisa ter sentido para quem lê. Lê é o movimento de interação das pessoas com o mundo e entre si. MAIA concorda com Paulo Freire, em que o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. FREIRE (1984: p11).

Estende-se o conceito de leitura, de maneira que, nessa linha de pensamento, a experiência prévia, a visão de mundo e o conhecimento anterior são importantes para a

construção dos significados acerca do que foi lido. Para o autor, lê é um ato da consciência que não se exaure nele próprio para resultar numa atividade que busca a compreensão do ser e estar no mundo. Nessa linha de pensamento, apóia-se, não só em bases psicológicas, como também em bases históricas e filosóficas. Para GERALDI (1996: p 70) autor que entende a leitura como prática sociais, ler é um ato de interação e interlocução.

> Aprender a ler é, assim, ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, por interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações. Isto é ler. E escrever é ser capaz de colocar-se na posição daquele que registra suas compreensões para ser lidos por outros e, portanto, com eles interagir. GERALDI (1996, p 70)

Percebe-se na visão desses autores que a leitura é uma atividade necessária não só no processo de ensino aprendizagem do ser humano, mas também no processo existencial dele, que além de ser um ato que se realiza no campo da cognição, apresenta caráter social, histórico e político.

Desde o final da década de 70 o tema leitura tem sido objeto de reflexões em livros e revistas especializadas, em seminários e congressos de modo que, no contexto da educação brasileira se convencionou chamar de a “crise da leitura”. Explica-se o termo “crise”, por que a leitura tem se tornado objeto de análise de vários autores que ao refletirem acerca do processo de ensino/aprendizagem da língua, apontam para uma situação lingüístico-pedagógica que requer muito cuidado. SILVA (1986) ressalta que a falta de condições para o desenvolvimento de práticas efetivas de leitura, face ao reduzido número de bibliotecas ou salas de leitura. Apoiando Silva e ainda complementando GERALDI (1984) diz que “a má-formação do professor de língua materna é de grande contribuição para essa “crise”. Analisando o pensar desses teóricos faz-se perceber duas causas uma de ordem estrutural e outra de ordem pedagógica. Segundo Geraldi reconhecer e compartilhar com os alunos não significa responsabilizar somente o professor, tendo ele conhecimento das condições de trabalho do profissional de educação no Brasil. Coadunam-se com essas reflexões Suassuna (1995) quando ressalta que a origem do problema está na escolarização da língua, traduzida em um principio pedagógico excludente, que ignora a variação lingüística e elege modelos de redação e de leitura. Em contraponto com SUASSUNA (1995), GERALDI diz que a questão

está na metodologia adotada pelo professor. Dessa forma, o problema da leitura é caracterizado como uma face da crise do ensino. Assim sendo, embora a crise da leitura seja conseqüência de uma crise maior, que engloba questões de ordem política, econômica, social e cultural, é para importância da literatura para crianças e jovens que direciono minhas inquirições, por ser ela um instrumento em que a formação do leitor se dá de forma prazerosa.

LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS: ALIMENTANDO O IMAGINÁRIO E CONSTRUINDO SIGNIFICADOS

A história mostra que, desde as suas origens, a literatura para crianças e jovens teve um papel equivocado, por servir à pedagogia escolar, no tocante a " burilar e fazer cintilar, na obras de persuasão retórica e no cristal das sonoridades poéticas, as lições de moral e os bons costumes que pelas mãos de Perrault as crianças do mundo moderno começaram a aprender" LAJOLO (1993:22)

Lajolo e Zilberman (1991), ao fazerem um balanço da produção literária para crianças e jovens no Brasil, agrupam a produção literária em ciclos delineados num plano histórico e cultural, ao mesmo tempo em que mostram a relação da literatura com a instituição-escola, o que permite analisar o uso pragmático do gênero ao longo de quase um século. Bons exemplos de sentimentos, bom comportamento, civismo, atitudes modelares, são alguns dos elementos constantes na obra literária, que, assim, se reveste de propósito pedagógico. Servir de modelo quanto aos hábitos lingüísticos amplia ainda mais seu caráter utilitário.

Segundo as autoras citadas mesmo no período modernista, quando a literatura não infantil apresenta-se como uma estética inovada, a literatura destinada à criança, embora veiculando a tradição popular, ainda mantém seu caráter educativo. Somente com Monteiro Lobato, iniciador do movimento editorial no Brasil, é que a literatura para criança e jovens assume um projeto estético em que a ficção abre possibilidades para um pensamento questionador e crítico sobre a realidade.

Lajolo e Zilberman tendo em vista que:

> A educação é um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de difusão de seus valores, tais como a importância da alfabetização, da leitura e do conhecimento

> (configurando o pedagogismo que marca o gênero) e a ênfase no individualismo, no comportamento moralmente aceitável e no esforço pessoal. Esses aspectos fazem da literatura um elemento educativo, embora essa finalidade não esgote sua caracterização. LAJOLO E ZILBERMAN (1991,p.76)

Para tanto, as autoras buscam justificativas, lançando mão da teoria literária, da psicanálise ou mesmo da pedagogia; porém, elas convergem para o mesmo ponto: quanto mais cedo for iniciado o processo de formação do leitor, maior a possibilidade de sucesso.

A leitura e a literatura estão interligadas, acerca do ensino da língua, segundo ZILBERMAN (1985, p.19) enquanto ação cognitiva a literatura avulta como modelo por excelência da leitura. Já SILVA (1986, p.53) comenta que pelas suas características, a literatura se enquadra na seguinte tipologia de leitura: leitura informativa, leitura de conhecimento e leitura literária.

> Uma obra literária é aquela que apresenta a realidade com uma roupagem nova e criativa, deixando espaço para que o leitor entre em sua trama e descubra o que está nas entrelinhas da história. (OLIVEIRA; 2009, p.22)

HERNANDEZ (1985, p.53) entende a literatura infanto-juvenil como sendo um conjunto de obras nas quais a linguagem seja o essencial e não um instrumento para levar a criança algo diferente do que exige no seu mundo interior. O autor descreve essa literatura como um mundo no qual a imaginação e a magia fazem de cada realidade uma imagem e de cada imagem uma realidade. A partir desses conceitos citados sobre a literatura infanto-juvenil, COELHO (1987, p.23) diz:

> A literatura infantil é essencialmente arte... É arte: fenômeno de criatividade que apresenta o mundo, o homem, a vida através das palavras funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. COELHO (1987:23)

O pensamento de YUNES (1988) converge para a mesma direção que COELHO(1987), para ela a literatura para crianças e jovens é a arte de inventar, de fingir e enganar e ao mesmo tempo mostrar o engano. A posição desses autores aqui considerados mostra a importância da qualidade da obra literária para crianças e jovens. Portanto, faz-se necessário ter presentes esses conceitos para não confundir uma simples história, em que conteúdo e forma deixam a desejar, com uma obra que é expressão da arte.

Uma literatura de qualidade é aquela capaz de fascinar o leitor e torná-lo cativo. É uma literatura carregada de sentido e de expressão, grávida do novo, geradora de vida e capaz de impulsionar o ato criador do leitor.

Concordo com as autoras,pois em meu pensar a literatura é uma linguagem instauradora de realidade e exploradora dos sentidos, a qual possui inúmeras significações em cada leitura.

Considerações Finais

Quanta gente,
quanto sonho,
quanta história,
quanto invento,
quanta arte,
quanta vida,
...há dentro de um livro.

A escrita é um objeto cultural por excelência, e sua apropriação dá-se através de um processo evolutivo que começa fora da escola. A leitura é uma das consequências da palavra escrita, é uma das atividaes mais importantes do universo cultural do ser humano. Na escola ou fora dela são muitas, tanto as formas de produção de leitura quanto os objetivos de realizações das diversas leituras. Lê-se para adiquirir informações, ampliar-se a "visão de mundo", para obter-se um prazer. É papel da escola e em consequência dos educadores, desenvolver as relações entre leitura e indivíduo em todas as suas formas, com destaque para a literatura infanto-juvenil. Este tipo de texto amplia para todos os alunos, as possibilidades de refinamento da criticidade, do conhecimento, da auto-estima, da criatividade e da cidadania.

O professor defronta-se com um entrave fundamental na prática da leitura: a dificuldade que os alunos encontram ao longo da vida para aproximar-se dos livros e conseguir tirar prazer do ato de ler, a falta de salas de leitura nas instituições de ensino contribui muito para que esse fator aconteça. Os alunos nas séries iniciais não são leitores fluentes, por isso os professores encontram-se inertes diante do fato que além da competência técnica pra ler , o

aluno necessita, desencadear o gosto pela leitura, para poder usurfruir do que a leitura pode vir a fornecê-los.

Quando o ambiente escolar oferece oportunidade de leitura, torna-se indispensável que o poder público e a sociedade organizada, destacando-se os educadores,contribuam para efetivação do que ja se encontra em forma de lei, planos de trabalhos e projetos educacionais. Esse ambiente deve oferecer oportunidades diversificadas de pesquisas tanto para o professor quanto para os alunos. As implatações de bibliotecas e a implementação das que estão em funcionamento implicam numa consequente melhoria na qualidade do ensino.

Vale ressaltar que para a leitura se dá de forma prazerosa o professor mediador tem que sentir prazer no que está fazendo, usando o lúdico como "arma" pnincipal para fascinar e encantar seus ouvintes, alcançando então seu objetivo, transformando sua aula num momento ímpar, fazendo com que sua clientela esteja sempre presente.

Na falta de uma biblioteca, mas com possibilidade de uma sala de leitura, deve-se fomentar uma politica de formação de leitores com o acervo que a sala de leitura possui, ou seja, todos os envolvidos e preocupados com a importância de uma sociedade leitora assídua, questionadora de seus direitos, podem contribuir com sugestões e ações para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva todos na unidade de ensino.

A realização desta pesquisa permite-me confirmar, como indicam os teóricos da literatura infanto-juvenil aqui apresentados que a impotância dessa literatura na formação do "ser", se dá principalmente pela forma como a realidade é colocada ao alcance da compreensão infanto-juvenil.

> A conquista do pequeno leitor se dá atraves da relação prazerosa com a obra literaria, em que sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única, e o levam a vivenciar as emoções, alegres ou tristes, em parceria com as personagens da história, adentrando assim situações da realidade.OLIVEIRA (2009,P.266)

A importância da literatura para crianças e jovens por si só justifica a necessidade fundamental. É importante que tomem conhecimentos de obras da literatura infanto-juvenil existentes. Não se trata apenas da presença, é preciso que o professor aprenda a decodificar os símbolos e a lidar com a fantasia presente na obra literária, a fim de ficar capacitado a desenvolver um bom trabalho nessa área junto com os alunos.

A presente pesquisa teve como objetivo investigar a importância da literatura infanto-juvenil como estímulo ao processo de formação de leitores a luz de um referencial teórico metodológico. A análise que comecei sobre o assunto fez-me abrir novos horizontes.

ABSTRACT

This article was produced to show a profound study to this theme. This study were searched to reflect the importance of literature of child as an incentive to making readers, traversing in your own problems, the literature of child it is the way that lead a child to build up your imagination, emotions, and feelings to form so pleasant and meaning, It´s linked to education, since the born of the new conceptions of infancy, In century VXII. As an instrument, the literature to children and kids, show all it is very important in process teaching/learning, So is very necessary to show it how it help, and how it help a necessity of a student, showing a bunch of benefits that through your utilization at classroom it´s leads to class, beyond of difficulties found, As a lack of incentive at library of schools and an unpreparedness of professors, to that your use of literature, be it the principal factor to training readers.

Key-words: Children's literature. Reading. Player

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli; LUDCKE, Hermengarda Alves. **Pesquisa em educação, abordagens qualitativas.** São Paulo. Editora Pedagogia e Universitária Ltda, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. De Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 1992.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura Infantil-História, Teoria, Análise.** São Paulo. Editora Quinron,1987.

FREIRE,Paulo. **A importância do ato de ler; em três artigos que se completam**.7. ed. São Paulo, Cortez/Campinas, Autores Associados, 1984.divulgação. Campinas, Mercado de Letras; ALB, 1996.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau: por uma outra leitura da leitura.** São Paulo, Loyola, 1992.

GERALDI, João Wanderley. **(Org) O texto na sala de aula: Leitura e produção.** Cascavel, Assoeste, 1984.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias.** 5. Ed. São Paulo, Ática, 1991.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo. Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. **Leitura e Prazer: Interação participativa da criança com a literatura infantil na escola.** São Paulo. Paulinas, 1996.

PONDÉ, Gloria; YUNES, Eliana. **Leitura e leituras da literatura infantil.** São Paulo, FTD, 1988.

SILVA, Ezequiel Teodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus,1986.

SUASSUNA, Lívia. **Ensino de língua portuguesa; uma abordagem pragmática**. Campinas, Papirus, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** São Paulo: 1 ed. Global, 1985.

O ENSINO DA LITERATURA NA ESCOLA: UMA BREVE REFLEXÃO [15]

Magda Cavalcante de Andrade Rocha[16]

RESUMO

Este artigo traz uma reflexão sobre o ensino da literatura nas séries iniciais. Tal reflexão decorre da experiência de sua autora como estagiária de uma turma do Ensino Básico de uma escola situada na periferia da cidade de Aracaju, no Estado de Sergipe. Essa experiência deu origem a um projeto investigativo, no qual sua proponente associa a pesquisa de campo a uma revisão bibliográfica sobre o tema Literatura e Ensino, tendo como referenciais teóricos autores como Regina Zilberman, Marisa Lajolo e João Wanderley Geraldi. Já a pesquisa de campo restringiu-se à aplicação de questionários direcionados, respectivamente, aos professores de Língua Portuguesa e aos alunos da turma observada. Neste artigo, parte-se do pressuposto de que o ensino da literatura é uma maneira eficaz de reverter o quadro caótico da escola em algo positivo. Nesse contexto, cabe ao professor trabalhar no sentido de instituir o gosto pela leitura entre seus alunos, capacitando-se a criar mecanismos que despertem o interesse por essa atividade tão prazerosa, de modo a conduzir o jovem em formação a uma experiência transformadora.

Palavras-chave: Aprendizagem Escola, Ensino, Literatura.

A literatura pode ser uma importante aliada no processo de desenvolvimento e enriquecimento intelectual e humanístico do jovem em formação, tornando-lhe possível, através dela, conhecer e descobrir tudo aquilo que a sua mente é capaz de processar, introduzindo-o no mundo mágico da experiência ficcional. Conforme se lê nos atuais PCN de Língua Portuguesa, o trabalho com a literatura no Ensino Básico se constitui um dos eixos fundamentais da educação escolar, dada a sua relevância para a formação cultural do estudante:

> A Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural. Camões ou Machado de Assis; Cervantes ou

[15] Trabalho orientado pelas Professora Drª. Vilma Mota Quintela, apresentado como requisito parcial à aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras da FSLF.

[16] Graduanda do curso de Licenciatura em Letras - Português e suas Respectivas Literaturas da Faculdade São Luis França.

> Borges; Shakespeare ou Allan Poe; Goethe ou Thomas Mann; Dante ou Guareschi; Molière ou Sthendal. (BRASIL/MEC, 2002, p.19)

Mas é, sobretudo, nas primeiras séries, quando se dá a iniciação do estudante no mundo da leitura, que a literatura cumpre papel fundamental, sendo esta uma forma privilegiada de conhecimento de mundo e das diversas possibilidades estéticas da língua. Aprender uma língua não é somente aprender as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas de determinado meio sociocultural comunicam, interpretam e representam a realidade. Para Regina Zilberman, a literatura infantil pode ser a base para para uma ruptura com o ensino tradicional:

> (...) a literatura infantil (...) é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. (...) Aproveitada em sala de aula na sua natureza ficcional que aponta a um conhecimento de mundo (...) ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional. (Ibiden, p. 25).

Na escola enquanto espaço socializador, a leitura, surge como uma alternativa inteligente às formas mais remotas de alfabetização, onde os professores fazem uso do livro didático com a finalidade de apresentar ao “leitor” as letras na sequência em que o alfabeto as ordena e na variedade de suas diferentes formas gráficas. Em vez disso, o ensino da literatura deve voltar-se à formação do leitor competente, aquele capaz de utilizar adequadamente as estratégias de leitura, tirando dela o máximo proveito para si. Conforme se lê nos PCN's:

> Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade (2002, p.54.).

A criança entra em contato com o livro antes mesmo de conseguir decifrá-lo, da mesma maneira que descobre a linguagem antes de dominar seu uso. Os diferentes códigos – verbais, visuais, gráficos – se antecipam à criança que os encontra como pontos, a espera que esta os assimile paulatinamente ao longo do tempo. Dentre os códigos enumerados, o gráfico vem por ultimo. Sua apropriação depende da intermediação da escola, que emprega recursos metodológicos para obter aprendizagem desejada. A alfabetização, como é conhecida pela sociedade contemporânea, não pode dispensar a ação pedagógica, que vale de um espaço característico, a sala de aula, e de uma agente especialmente designado para esta tarefa, o

professor. É, pois, de grande importância a boa orientação do professor, a quem, como assinala Marisa Lajolo:

> (...) cabe a decisão sobre o que é melhor, mais adequado, mais desejável, mais indicado para este ou aquele contingente de jovens, acidental ou circunstancialmente sob nossa influência e responsabilidade. (LAJOLO, 2003 , p. 37).

É a partir dos resultados do trabalho docente que a leitura se instala na vivência da criança, como uma habilidade que ela pode controlar e desenvolver com o transcurso do tempo. De acordo com Geraldi (2006, p. 92), que enfatiza algumas posturas recorrentes diante de textos, pode-se usar a leitura para extrair informações de notícias jornalísticas ou de textos literários, a fim de se informar como eram os hábitos ou costumes de uma determinada época, por exemplo. Quando a palavra escrita pode ser decifrada por ela, os diferentes materiais reduzidos pela imprensa – como os livros, os jornais ou a revista – estão ao seu alcance, servindo de suporte aos gêneros artísticos (ou não) correspondentes: a literatura, a história em quadrinhos, o conto. Dessa forma, o professor a conduzirá a uma abordagem que vai além de uma leitura meramente decifratória, contribuindo assim para a formação do leitor competente. Conforme Marisa Lajolo,

> Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido do texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (Idem, p. 91).

O ENSINO DA LITERATURA NAS SÉRIES INICIAIS

Através da literatura, o estudante também tem a oportunidade de refletir sobre valores e princípios sociais que lhe são ou não familiares. O aluno poderá ter acesso a variadas situações que lhe proporão problemas, ajudando-o a apurar o seu senso crítico e ampliando seus conhecimentos sobre a vida e as relações na sociedade. Além disso, de acordo com Lajolo & Zilberman, ao habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, a escola serve como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo (LAJOLO, 2003, p.25).

A literatura pode fazer parte do universo da criança muito antes de ela conhecer o livro como suporte de leitura, uma vez que a leitura do mundo precede a leitura de textos. Assim, uma forma de despertar o seu interesse pelo livro é estabelecendo-se relações entre a leitura e a sua vivência imediata, aproximando-a, assim, do universo ficcional de forma crítica. Uma vez introduzido o vírus de amor ao livro, este passa a ser importante elemento na vida de quem o lê, principalmente quando ele é estimulado na convivência familiar.

Vale frisar que a família tem um importante papel no processo de formação do leitor em potencial. No entanto, o que se observa é que nem sempre o ambiente familiar estimula a prática da leitura, muitas vezes, em decorrência da formação precária dos pais ou responsáveis pelo jovem em formação escolar. Nesse caso, aumenta a responsabilidade social da escola no que tange a inserção da criança no mundo da literatura, o que lhe dará passaporte ao pleno exercício da cidadania:

> (...) o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. ((LAJOLO, op. Cit. p. 105-106).

Infelizmente, a escola, às vezes, adota livros cujo conteúdo se encontra muito distante da realidade do educando. Os livros didáticos, frequentemente, podam a imaginação e criam o desinteresse pela leitura que é feita apenas para ser avaliada. É preciso rever os pontos essenciais para a formação de um leitor observando sua fase, interesses e estímulos. O livro didático deve enriquecer o imaginário da criança, ajudando-a a construir uma visão de mundo própria através da leitura.

A literatura infantil compreende vários gêneros e, de acordo com a idade, a criança aceita melhor uns que outros. Há também que ressalvar algumas características que definem se o texto é mais apropriado para uma ou outra idade. As histórias infantis devem servir a dramatizações, as quais deverão contar com a participação da própria criança, que também poderá participar da confecção de fantoches, máscaras e vestimentas.

Segundo Abramovich (2003) quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar, de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos:

> É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 2003, p.17)

As crianças gostam e necessitam de histórias que levam ao encantamento, estimulando sua inteligência, promovendo a socialização e enriquecendo-lhe o vocabulário, a linguagem e a memória, desenvolvendo, assim, a sua sensibilidade e, ao mesmo tempo, aumentando o seu interesse pelos livros. Cabe ao professor conhecer bem o enredo das histórias que conta, gostar e envolver-se com o tema, pois, ao dramatizar o texto, vivenciará junto com seus ouvintes o conteúdo do mesmo. Para essa prática, será indispensável aprimorar os recursos da oralidade, explorando o potencial da voz como veículo de expressão. De acordo com Regina Zilberman:

> O contato com a literatura infantil se faz inicialmente através de seu ângulo sonoro: a criança ouve histórias narradas por adultos podendo eventualmente acompanhá-las com os olhos na ilustração. É essa última que introduz a epiderme gráfica do livro, de modo que a palavra escrita apresenta-se via regra como o derradeiro elo de uma cadeia que une o indivíduo à obra literária. Contudo, tão logo ela se instala no domínio cognitivo de um ser humano, converte-o num leito, isto é, modifica sua condição. Portanto, é a posse dos códigos de leitura que muda o status da criança e integra-a num universo maior de signos, o que nem a simples audição, nem o decifra mento das imagens visuais permitiam. (ZILBERMAN, 2003, p.65)

Um texto literário pode ser trabalhado de diversas maneiras, utilizando-se atividades lúdicas, dobraduras, recortes, pinturas, painéis de desenhos, dramatização, dentre outras inúmeras atividades práticas, que possam envolver as crianças. O professor deve oferecer ao aluno oportunidades reais para a fruição do texto, ajudando seu aluno a formular idéias, a criar, pensar, recriar e construir seus conhecimentos de forma prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, chega-se à conclusão da importância de se investir na formação de professores aptos a despertar e incentivar o gosto do jovem em formação pela leitura, capacitando-o a fruição do texto literário como um caminho para o conhecimento.

Infelizmente, é preocupante o despreparo do jovem estudante da escola pública, no que se refere a essa questão. É preciso frisar que o ensino da literatura é uma maneira eficaz de reverter o quadro caótico em que se encontra a escola pública em algo positivo, desde que se possa contar com profissionais preparados para tal. O professor deve desempenhar o papel do facilitador nesse processo, propondo condições para que os alunos participem ativamente das práticas envolvendo a leitura de textos. Nesse contexto, cabe ao professor trabalhar no sentido de instituir o gosto pela literatura entre seus alunos, capacitando-se a criar mecanismos que despertem o interesse por essa atividade tão prazerosa, de modo a conduzir o jovem em formação a uma experiência transformadora.

.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio*. Brasília: 1999.

_____ *Parâmetros curriculares nacionais: ensino Médio :* linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2002.

GERALDI, João Wanderley (org.) *O texto na sala de aula.* São Paulo: Ática, 2006.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. 6. Ed. São Paulo: Ática, 1985.

LAJOLO, M. **Usos e abusos da literatura na escola**. São Paulo: Globo, 1982.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 5. Ed. São Paulo: Globo 2003.

DRUMMOND: A PEDRA QUE CRIOU A ROSA

MARA ANGÉLICA RODRIGUES
mara_ange@hotmail.com

RESUMO

Este artigo consiste em compreender a importância de Carlos Drummond de Andrade para a literatura brasileira, situando-o na segunda geração modernista, de modo a destacar no conjunto de sua obra, o livro de poemas *A Rosa do Povo*, publicado em 1945. Será feita uma apresentação panorâmica de sua produção poética, procedendo ao final, a um estudo analítico do livro em questão, a fim de perceber se houve alguma influência significativa no contexto político-histórico em sua produção literária. *A Rosa do Povo*, obra-chave dentro da produção do poeta mineiro. É um livro dos mais debatidos e admirados da poesia moderna brasileira. O poeta voltou-se para um eu artístico mais reflexivo e coletivo, de grande teor político-social, em que se mostrou intimamente marcado pelos acontecimentos da ditadura de Vargas e da Segunda Guerra Mundial. O escritor comungou a dor de seus semelhantes e fez jus à linguagem do Modernismo. Em "A Flor e a Náusea", o poema analisado, Drummond cristalizou sua consciência em busca de justiça social. Expressou seu canto solidário numa linguagem poética viva, atingindo o leitor através de uma mensagem significativa, concentrada no conteúdo da mensagem. A essência é o significado, na lógica do significante que transcende a liberdade de interpretação. A pesquisa foi realizada a partir de estudos bibliográficos com tais autores ACHCAR (2000); BARBOSA (1988); BOSI (2006); CHAVES (1993); CONTIDO e CASTELO (2006); CUNHA (2006); GONZAGA (2010); LIMA (1968); NEJAR (2011); SIMON (1978).

Palavras-chave: Poesia Moderna; Carlos Drummond de Andrade; Lírica Social

1. INTRODUÇÃO

A Rosa do Povo de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 1945, reúne 55 poemas escritos entre 1943 e 1945. O escritor salienta os problemas sócio-históricos do país e do mundo em engajamento poético. É obra-chave dentro da produção do poeta mineiro, e, é um livro dos mais debatidos e admirados da poesia moderna brasileira. O poeta voltou-se para um eu artístico mais reflexivo e coletivo, de grande teor político-social, em que se mostrou intimamente marcado pelos acontecimentos da ditadura de Vargas e da Segunda Guerra Mundial. O escritor comungou a dor de seus semelhantes e fez jus à linguagem do Modernismo. Entre distintos críticos que afirmaram o valor de *A Rosa do Povo* em relação a outras obras participantes que se fizeram na época, Bosi (2006) afirma:

> [...], o Estado Novo (1937-45) e a II Guerra exasperaram as tensões ideológicas; e, entre os frutos maduros da sua introjeção na consciência artística brasileira contam-se obras-primas como *A Rosa do Povo*, de Drummond de Andrade, *Poesia Liberdade*, de Murilo Mendes e as *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos (BOSI, 2006, p. 384).

Na acepção que *A Rosa do Povo* foi avaliada como uma das obras mais frutíferas de sua época e pela sustentação contextualizada, se faz perceber que *A Rosa do Povo* fornece subsídios significativos para estudar os textos literários da contemporaneidade, levando a compreender as ideias básicas da literatura contemporânea, bem como a descobrir uma nova forma de trabalhar o que já havia sido estudado. A obra apoia-se em temáticas da história do Brasil do século XX o que comprova parte significativa de nossa própria historia. Concorda-se, também, que são poemas que chamam o leitor a descobrir uma linguagem de grande inventividade e capacidade sugestiva, o que contribuiu para o ledor ter uma leitura ativa que o incite a desenvolver sua capacidade cognoscitiva e ser capaz de construir uma análise crítica a partir das leituras em demanda, provocando-o a contemplar novos desafios literários.

E, Drummond é um escritor reconhecido mundialmente, suas obras foram traduzidas e publicadas em vários idiomas. Atualmente é reconhecido como autor da contemporaneidade eterna, vivo no dilato de suas obras. Como cita cunha (2006):

> Na verdade, cada vez que (re)lemos Drummond, nós o ressuscitamos, na mesma medida em que ele nos (re)alimenta. Afinal, esta é a função da arte. [...], o Poeta-cronista é dos mais estudados nas universidades brasileiras, e mesmo fora do país, e é uma das presenças mais fortes nos manuais didáticos – mesmo não sendo de língua e literatura. A crítica especializada o reverencia, com justiça. [...], é dos poetas mais traduzidos da língua portuguesa – e traduzir poesia é tarefa especialmente difícil! Seus poemas estão à disposição dos leitores na Argentina, Cuba, Estados unidos, México, Alemanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Noruega, República Tcheca, Suécia – além de terem sido traduzidos para o latim! Cá para nós, o poeta está moto? (CUNHA, 2006, p. 65- 66).

Drummond tornou-se diferente de outros escritos pelo seu estilo anti-retórico, pela sua vigilância atenta na realidade cotidiana, com uma atitude de dúvida, delicadeza, descrença, impregnados de ironia e humor sutil. A poesia de Drummond é algo que ultrapassa o gênero poético, podendo se manifestar em qualquer parte de seu estilo literário. Na forma, usa verso livre, regular e fixo. Uma linguagem que enaltece a palavra em múltiplo significado de inesgotável interpretação. A poesia lírica drummondiana é o indivíduo e a história.

Ao optar-se pela pesquisa deste escritor procurei estabelecer objetivos como discorrer sobre a segunda geração do modernismo; estudar a vida e a obra de Carlos Drummond de Andrade e sua contribuição para a literatura brasileira; fazer análise literária da obra *A Rosa do Povo*.

Partindo desta perspectiva apresenta-se um estudo coerente à inclusão da pesquisa no entrelaço poeta, poesia e história, na relevância de compreender a importância de Carlos Drummond de Andrade para a literatura brasileira, situando-o na segunda geração modernista, de modo a destacar no conjunto de sua obra, o livro de poemas *A Rosa do Povo*, publicada em 1945. Será feita uma apresentação panorâmica de sua produção poética, procedendo ao final, a um estudo analítico do livro em questão, a fim de perceber se houve alguma influência significativa no contexto político-histórico em sua produção literária.

A pesquisa foi realizada através de estudos bibliográficos. As leituras consolidadas comprovam que o material apontado compete a dois níveis peculiares: a impessoalidade crítica obtida pelo referencial teórico e a análise crítica pessoal integrada aos teóricos pesquisados. Dentre eles Barbosa (1988), Achcar (2000), Gonzaga (2010), Simon (1978), Chaves (1993), Cunha (2006), Bosi (2006).

1.1. Referenciais Teóricos

Barbosa (1988) aborda a releitura do contexto histórico e social do Brasil da década de 20, 30, 40 dentre outras. Verificar a história política, social e questões humanas do período de 45 foi essencial para o estudo da obra *A Rosa do Povo*, de 1945. Foi vital para unificar como essas ocorrências podem refletir numa obra literária. O respaldo foi observar como Drummond articulou elementos sociais num texto poético que eleva a explanação daquilo que está escrito. Delineia a biografia de Drummond, detalhadamente, da primeira publicação até as obras inéditas. Comenta textos selecionados da obra drummondiana. Sobre *A Rosa do Povo*, apresenta uma crítica geral da obra, como os poemas dessa obra teriam temas como terra natal, a família, o amor, o tempo e a velhice, dentre outros e que a obra traz um acentuado processo técnico-formal e duas conquistas para a evolução da literatura brasileira: realismo social e a poesia metapoética. Contribuições cogentes para assinalar a importância de Drummond para a literatura brasileira, principalmente na postura crítica de literatura engajada.

Achcar (2000) retrata uma prévia sobre o Modernismo em sua fase inicial. Fala um pouco do contexto histórico da época modernista. Discorre sobre as características do Modernismo em seu segundo momento. Expõe estrofes de alguns poemas da obra *A Rosa do Povo* e analisa-os. Por exemplo, *A Rosa do Povo* se abre com uma “arte poética” intitulada “Consideração do Poema”, é considerada a relação do poeta com outros poetas, a própria obra

e a “incorporação” às suas emoções ideias (“o fatal meu lado esquerdo”) daquilo que foi lido em autores “irmãos”. A segunda peça do livro, “Procura da Poesia”, é também uma arte poética, e também, como “Consideração do Poema”, se inicia com preceitos negativos e são duas grandes peças metalinguísticas. “A Flor e a Náusea”, cuja abertura é antológica e que o poema foi incluído por Drummond entre os poemas do indivíduo, do “eu todo retorcido” (ele exprime a reação do sujeito lírico diante do “desconcerto do mundo”). Outros aspectos desse desconcerto serão tematizados em poemas do “choque social”, como “O Medo”, “Carta a Stalingrado”, “Telegrama de Mocou”, “Mas Viveremos”, “Visão de 1944”, “Como o Russo em Berlim”, “O Elefante”, “Morte do Leiteiro”, “Anúncio da Rosa”, “Nosso Tempo”. Ao lado de grandes poemas do “choque social”, *A Rosa do Povo* apresenta, ainda mais numerosos e de qualidade elevadíssima, poemas de consideração existencial. A obra encerra com dois longos poemas que constituem, nos termos do poeta, “cantares de amigos”.

Gonzaga (2010) salienta que a extraordinária importância da obra de Drummond decorre de alguns fatores básicos, mas dar-se-á ênfase nos que foram primordiais à abrangência da poética drummondiana integrada à obra *A Rosa do Povo*. Uma complexa visão de mundo: para Drummond a realidade tem várias faces. Faces descontínuas, irregulares, opositivas. A linguagem de grande inventividade e capacidade sugestiva: uma linguagem capaz de explorar as infinitas faces das palavras, gerando uma riqueza de multiplicidade de sentidos e com infinita possibilidade interpretativa. Seus versos são duros, ásperos e cheios de arestas. O poeta também utiliza tanto verso livre quanto verso regular (simétrico), às vezes usa formas fixas, consagradas pelas estéticas passadistas.

Reflexão sobre a existência: o único presente em todas as obras de Drummond. O questionamento do sentido da vida, observáveis em alguns temas fundamentais como solidão, angustia e incomunicabilidade (o eu-lírico usa da subjetividade para estabelecer vias não comunicantes com os demais seres humanos); o fluir do tempo e a morte (um dos temas básicos da obra drummondiana, a astúcia da passagem do tempo, se põe por dúvidas diretas sobre o sentido desse fluxo que degrada os corpos, a beleza, as coisas e também as ilusões, os amores e as crenças dos indivíduos).

Temática social: Drummond, em *A Rosa do Povo*, inicia destacando em sua criação poética, os problemas sócio-históricos do país e do mundo. Há, particularmente em *A Rosa do Povo*, escrito entre 1943 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, uma transformação de sua angústia pessoal em engajamento político. Incluso nessa temática, o autor faz comentário

analítico sobre determinados poemas do livro, tais como “A Flor de Náuseas”, “Nosso Tempo”, “Procura da poesia”.

Simon (1978) destaca teóricos que mostram seus pontos de vista em opinião a favor ou adversa a delinear-se poema como literatura engajada. Na percepção da autora “cumpre ressaltar que a análise de uma obra poética deve levar em conta o problema da ambiguidade em toda a sua dimensão. O que significa considera-la a partir de uma ambiguidade fundamental: sua dupla função como “objeto autônomo” e como “objeto de comunicação”. O signo poético, ao mesmo tempo que tende a encontrar seu referente em si mesmo, não deixa de ser signo e, como tal, integra um sistema de signos que insere no universo cultura”. Faz análise crítica dos poemas “O Elefante”, “Carta a Stalingrado”, “Procura da Poesia”, entre outros.

Chaves (1993) destaca dados sobre Drummond (“tempo, vida, poesia”) e interpretações de textos que cooperou com a análise do poema “A Flor e a Náusea”. Cunha (2006), Bosi (2006) e os demais autores foram complementares e reforçaram a importância de Drummond para a literatura brasileira e corroboraram para o desenvolvimento da pesquisa.

2. A Poesia de Drummond no contexto do Modernismo brasileiro

O Modernismo brasileiro foi, heroicamente, inaugurado pela Semana da Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro de 1922. Esse movimento veio com toda força para implantar seus ideais inovadores por todo Brasil através de revistas e manifestos de uma riqueza literária brasileira, documentais, importantíssimos para o legado da autenticidade cultural brasileira. A este respeito descreve Achcar (2000):

> O movimento se alastrou por grande parte do país, como testemunham as revistas que se publicaram e os grupos que se formaram um pouco por toda a parte. A esses “anos heroicos”, de implantação polêmica de novas atitudes culturais, sucedeu um período de consolidação e diversificação, em meio a agitado contexto social (ACHCAR, 2000, p. 10).

O valor do Modernismo foi revestir o Brasil de sua própria cultura, tirá-lo das amarras de uma idealização europeia. Assim afirma Costa (1982), por meio de um artigo sobre Oswald de Andrade: (COSTA, 1982, p. 21). “É muito sábio já que um grupo de moços brasileiros pretendeu tirar o Brasil da pasmaceira artística em que vivia, colocando a consciência nacional no presente do universo”. Os modernistas da geração de 22 abriram as portas para que novos escritores se expressassem livremente, sem os formalismos do academicismo, a atribuir suas emoções com a realidade do Brasil.

O momento no qual essa tendência se manifestou está associado a um país repleto de mudanças sociais e políticas. O Brasil sofreu os efeitos da crise econômica-mundial de 1929, que afetou a exportação do café, e com ele a oligarquia dirigente, logo irrompeu a revolução de outubro de 1930. Na década de 30 o Brasil foi marcado por várias transformações como a Revolução Constitucionalista, em 32; eleições da Assembleia Nacional Constituinte, em 33; promulgação de nova Constituição, eleição de Getúlio Vargas, em 34; sublevação comunista, em 35, que resultou em 37, na dissolução do Congresso e inaugura o Estado Novo; os anos de repressão; a Segunda Guerra Mundial iniciada em 1939, na qual o Brasil ingressou em 1942, época que concentrou os melhores fluxos da nação no campo democrático. Em 1945, finda a guerra e a ditadura de Vargas. Começou um país esperançoso, que em seguida foi quebrado pelos anos da Guerra Fria e da ameaça da bomba nuclear sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Esse era o quadro histórico político, social, econômico e cultural que o Brasil estava inserido.

Os escritores diante deste prenuncio assumiram uma nova posição ideológica. A união entre o sistema de ideias e a literatura é ratificada pela preferência de temas sociais e pela preocupação de restituir a condição humana em meio a tantas turbulências. O Brasil assistiria uma geração de escritores comprometidos com a realidade que se vivia, fecundando um Brasil literariamente amadurecido, de manifestações e de valores hoje representativos para a cultura brasileira, constituindo a geração de 30, a segunda fase do Modernismo que se estende até 1945. Época que revigorou o romance regionalista e surgiu o poeta mineiro que viveu de perto a movimentação revolucionária de 1922, com a implantação da estética cultural modernista. Nessa época, ainda como coadjuvante, Drummond apareceu na cena poética com o poema “No Meio do Caminho”, contribuindo para o momento de ruptura com a literatura passadista. Sua primeira publicação foi *Algumas Poesias*, de 1930, um das obras mais significativas da literatura brasileira, que congratulou o Modernismo em sua segunda fase.

Conforme Achacar (2000), a geração de 30 se distingue por: generalização e aproveitamento da mistura de estilo (estilo misto ou mesclado): dependendo do que o escritor quer expressar ele combina o elevado e o banal, o grave e o grotesco; renovação da temática existencial: busca de novos registros para temas como tempo, o amor e a morte; envolvimento do escritor nas questões sociais: literatura mais construtiva, politizada e social, textos marcados por revolta e esperança socialista; reflexão da poesia sobre a própria poesia: o papel do poeta com o cuidado com as palavras, ou seja, a própria poesia sendo tematizada.

Segundo Guimarães (1982), na forma poética, versos livres, carregado de lirismo. Linguagem objetiva, simples, direta, despojada, palavras livres, desarticulando a sintaxe para dá um efeito de impacto da realidade. O caráter metalinguístico da busca do neologismo para exprimir a ideia no sentido sonoro, rítmico e visual. Os elementos linguísticos aparecem de forma fragmentada para expressar o universo fraturado em que o poeta vive.

3. Percurso da formação do escritor

Carlos Drummond de Andrade, poeta, cronista, contista e ensaísta. Destaca-se pela excelência da linguagem, elegante e correta, de grande riqueza e precisão vocabular. Ele nasceu em 31 de outubro de 1902, Itabira do Mato Dentro, estado de Minas Gerais e faleceu em 17 de agosto de 1987, no rio de Janeiro. Em 1925 formou-se em farmácia e fundou junto com Emílio Moura e Gregoriano Canedo, A Revista que, somente saiu três números, foi o órgão mais importante que o grupo mineiro instituiu os padrões estéticos-literários do Modernismo no Estado. Em 1928, publicou em junho, no terceiro número, na Revista de Antropofagia de São Paulo o poema “No meio do caminho”, que se tornou um dos maiores escândalos literários do Brasil e fez Drummond ficar conhecido como o “poeta da pedra. Em 1934 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde assumiu o cargo de chefe de gabinete de Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde. Aposentou-se de suas funções burocráticas em 1962. Durante esse período, colaborou, como jornalista literário, para vários periódicos, especialmente o Correio da Manhã. Nos anos de 1950 dedicou-se completamente à produção literária. Cessou, em 1984, suas funções jornalísticas.

A antologia drummondiana está dividida em quatro momentos que restitui suas características literárias. No Primeiro, (a fase gauche: esquerdo, em francês) reflete um desencanto com o mundo que está presente no pessimismo, isolamento, individualismo (o disfarce do eu), contenção da emotividade, nostalgia em relação ao próprio passado, a reflexão existencial que se nota na ironia, humor, na linguagem coloquial e na metalinguagem, versos livres, subversão a ordem gramatical e dispensa às vezes a pontuação. Observável nas obras: *Algumas Poesias* (1930) e *Brejo das Almas* (1934). O poeta coloca-se numa atitude de um eu maior que o mundo.

No segundo momento o poeta é oposto ao primeiro. O foco é transformar o mundo, ser solidário com os problemas do mundo (temas sociais, politicos e populares: a consciência da dolorosa realidade social, da tensão eu-mundo, a consciência de seu ser-no-mundo,

questionamento do sentido da existência humana). Visíveis nas obras: *Sentimento do mundo* (1940), *Jose* (1942) e *Rosa do Povo* (1945). O poeta arma-se em relação a si próprio e o mundo, depois comtempla-se a si e ao mundo e tem às vezes um caráter impessoal ("se"), o pronome em primeira pessoa desaparece e o poeta se desdobra em terceira pessoa. O poeta adquire uma postura de um mundo maior que o eu com o viés da aceitação de si a caminho para a aceitação do mundo.

No Terceiro, divide-se em duas fases: poesia filosófica: temática que aponta para a preocupação universal da vida e da morte. Expressa nas obras *Fazendeiro do ar* (1955) e *Vida passada a limpo* (1959) e poesia nominal: textos repletos de neologismos e aliterações. Evidente na obra *Lição de coisas* (1962). O poeta chega ao eu igual ao mundo. Abrange a poesia metafísica. Um Drummond que se questiona, igualmente, sobre o sentido da vida e do homem. E fechando o último momento, apresenta-se o tempo das memórias. São obras da década de 70 e 80. São várias recordações do poeta retratadas em temas infantis e familiares que são retomados e aprofundados nos temas universais. Analisados nas obras *Boitempo & A falta que ama*, *Menino antigo* (*Boitempo II e Esquecer para lembra*), *Boitempo III*, *As impurezas do branco*, *Amor Amores*, dentre outras. O escritor refaz a própria biografia. A propósito dos temas drummondiano Gonzaga (2010) aponta:

> Tais temas abordam a realidade pessoal e subjetiva, a social e a do cotidiano, a do passado familiar e histórico, bem como as grandes interrogações filosóficas a respeito do sentido da vida, do tempo, da morte, etc. Esses motivos aparecem carregados de densidade, unindo a emoção e o pensamento, o eu e o mundo (GONZAGA, 2010, p. 327).

Drummond viveu praticamente todo o século XX e deixou um acervo de livros dividido em poesia, crônica, conto, ensaio, antologia e obra em colaboração, obras traduzidas, entrevistas publicadas em livro, traduções de Carlos Drummond de Andrade e livros em braile que são prestigiados e importantes para a literatura brasileira. Pelos seus poemas foi consagrado como o maior poeta do Brasil e um dos grandes do mundo em sua época.

Retomando o segundo momento, em *A Rosa do Povo*, Drummond, se expressa como um poeta participante, que por meio de sua prática poética lutou contra as injustiças dos acontecimentos da realidade social de sua era e provou que se pode produzir poesia engajada com a obliquidade de obra de arte.

4. *A Rosa do Povo* na consciência solidária

A obra *A Rosa do Povo*, publicada em 1945, obra-chave dentro da produção do poeta mineiro. Poesia de caráter social, contém 55 poemas, alguns longos, e é o mais variado dos livros de Drummond. Confirma a maturidade poética do escritor comparada à sua estreia e apresenta o perfil da linguagem do Modernismo. Como expõe Achcar (2000):

> Livro difícil, é dos mais discutidos e apreciados da poesia moderna brasileira: celebrado como ponto alto da poesia de participação social, é, ao mesmo tempo, marco da linguagem modernista, por sua expressão vigorosa e arrojadamente inventiva (ACHCAR, 2000, p. 48).

Os poemas dessa obra foram escritos durante a Segunda Guerra Mundial, nos anos sombrios da ditadura de Getúlio Vargas. Fatos históricos que incomodaram o escritor, despertando-o uma ideologia revolucionária anticapitalista, repulsa ao egoísmo burguês e um alento socialista que reflete sua revolta e sua esperança em poemas indignados e intensos. Percebe-se também que vários poemas desta obra revelam adesão ao comunismo.

A Rosa do Povo é uma obra direcionada para o presente, retoma inquietações anteriores do poeta, como a terra natal, a família, o amor, o tempo e a velhice, associando-os ao drama do cotidiano, a solidarizar-se com os problemas sociais. No ponto de vista de Simom (1978):

> Encontramos, então, em todo o livro, uma tensão dialética entre a viagem no mundo (presente, coletivo, comunicação e objetividade) e a viagem no quarto (passado, individual, contemplação e subjetividade) que permanece como núcleo gerador da expressão poética de *A Rosa do Povo* (SIMON, 1978, p. 136).

Drummond perpassa sua angústia pessoal em engajamento político e atribui em sua poesia social outras temáticas importantes para a literatura brasileira como a culpa e a responsabilidade moral do poeta diante das mazelas do mundo, a concentração da ordem política injusta, a passagem da náusea individual à perspectiva de uma nova sociedade e a celebração da ordem socialista. O poeta também faz uma reflexão sobre o sentido do fazer poético, a autoridade da linguagem como meio que transforma as relações humanas e a realidade social no próprio questionamento da poesia sobre a poesia. Barbosa (1988) sintetiza:

> [...] além de acentuado processo técnico-formal, estão presentes duas conquistas decisivas para a evolução de nossa literatura: o realismo social, particularmente penetrante e que não se restringe, apenas, ao lirismo da poesia engajada; e a poesia metapoética, alimentada pela reflexão introspectiva sobre o sentido da escrita como obra de arte (BARBOSA, 1988, p. 64).

De acordo com Achcar (2000), na estrutura percebe-se verso livre e a estrofação irregular se alteram com versos de métrica tradicional dispostos em estrofes regulares; o estilo

ora é “puro” (padrão elevado, “poético”), ora é “mesclado” (mistura de elevado e vulgar, sério e grotesco). Na Visão de Simon (1978):

> Entre as diversas formas e experiências praticadas em *A Rosa do Povo*, destaca-se, como “novidade”, a utilização de procedimentos linguísticos submissos a uma função comunicativa. [...], é resultante dessa abertura da palavra poética aos acontecimentos do mundo a prática de uma sintaxe lógico-discursiva que determina a estrutura dos versos e das estrofes, bem como a configuração rítmico-sonoro do poema (SIMON, 1978, p. 102).

O estudo partirá para a análise do poema “A Flor e a Náusea”, que estará composto no anexo. O poema em seus primeiros versos são formados por infrequentes associações, já no título se nota esta tendência, o contraste entre flor e náusea (metáfora do novo x repugnante, expulsão), no verso 1, o concreto e o abstrato (“Preso a minha classe e a algumas roupas”, crítica a classe burguesa), no verso 2, a antítese na oposição entre branco e cinza (“Vou de branco pela rua cinzenta”, a crença da esperança de um mundo melhor, da paz, x a impureza de um mundo capitalista).

Verso 3, o poeta emprega uma sequência de palavras, em princípio tão diferentes, mas que cria um belo efeito expressivo. Ao aproximá-las como sujeito de uma mesma ação, o poema acaba por revelar, entre as duas, uma analogia que será desdobrada no poema: a presença forte das mercadorias aumenta o peso da melancolia. (“Melancolias, mercadorias espreitam-se”), o poeta ao utilizar essas duas palavras, ele empregou a paronomásia (figura de retórica, vocábulos semelhantes quanto à sonoridade, mas diferentes quanto ao sentido). O poeta termina a primeira estrofe manifestando um “eu todo retorcido”, cheio de angustia, depressivo e impotente. O eu-lírico não consegue idealizar outra revolta fora das armas que não possui.

Na segunda estrofe**,** o signo tempo é caracterizado pelo “relógio da torre” (v. 6): manifesta o caminhar da história. A corrosão do tempo impossibilita a justiça. O tempo e o poeta são igualmente repugnantes, inacabados, moldando-se na mesma fragmentação. No paradoxo, Muito cauteloso, o poeta insinua uma possibilidade de mudanças que as ocorrências do presente (“fezes”, “maus poemas” e ‘alucinações”) semelham contradizer. A expressão “ainda” e a palavra “espera” manifestam-se habilmente que a transformação pode ser possível.

O poeta errante pela cidade inabitável, insensata (desligada dos problemas sociais) é um observador que com suas palavras tenta lutar, mas é inútil, os muros (metáfora de homem) são surdos. As palavras também são decompostas, não entendidas com “cifras e códigos”, não

tem significado, não indica nenhuma solução ou direção. O sol, uma luz de consolo inábil. As pessoas e coisas são coisas sem importância, insignificantes.

A cidade material e capitalista, anos se passam e está do mesmo jeito. Os homens caminham, feito robôs, de volta para casa como se fossem objetos. A realidade para eles é apenas o que leem nos jornais. O poeta, vigilante sem rumo, pensa em vomitar sua náusea pela culpa e liberdade inútil em meio a esse turbilhão de sensações. A literatura entende que agora, de nada serve é crime de um "eu menor que o mundo", imerso na subjetividade que não consegue encontrar os semelhantes, "ração diária de erro" (v. 26).

"Os ferozes padeiros do mal". / "Os ferozes leiteiros do mal" (versos 27 e 28) denuncia tanto a banalização do mal quanto a sua fascinação pelo cotidiano, pois leiteiros e padeiros entregavam seus produtos diretamente nas casas e foram confundidos como mal feitores da vida diária das cidades brasileiras.

O verso 30 traz uma alusão a um fato da vida do poeta: o apelido de "anarquista" que ele ganhou no colégio Anchieta, aos 17 anos, fato que marcou muito sua vida. No verso 34 a entonação exclamativa exprime uma emoção que anuncia a mudança na ambientação do poema. "O tédio" (v. 15) cede lugar a um pouco daquela "esperança mínima" (v. 33) que o poeta acredita dar aos outros com seu "ódio". Na sequência, o emprego do verbo no modo imperativo indica a presença de interlocutores, alterando o tom mais descritivo que caracterizava o poema. O texto parece ganhar, agora, aquela oralidade que é típica dos comícios, ou seja, marca-se um clima de participação mais intensa. (CHAVES, 1993).

Na penúltima estrofe, outro paradoxo, o nascimento de uma flor feia, raquítica, desbotada e tão insignificante que nem está transcrita nos livros, tem a pressa de registrar algo novo e surge de qualquer forma para romper com o objeto-homem e a náusea, algo que suplanta o ódio**,** preenchendo de sentido a liberdade vazia do poeta.

A última estrofe. No verso 44, o poeta enlaça a realidade alienada e a vida como ela é, na classe capitalista, sentando-se maravilhado no chão da capital do país às cinco horas da tarde. No verso 45, o poeta recebe esta nova vida com zelo na expectativa de como ela vai ser ou de como se tornará um dia. E, certamente para eliminar com a cólera dos elementos do velho mundo, uma tempestade se aproxima (versos 46 e 47).

No verso 48 a oposição do título é retomada e desenvolvida. O "asfalto", o "tédio", o "nojo" e o "ódio" aparecem como faces daquele "tempo pobre" que a flor, imagem da esperança, vai vencendo e fura a náusea para um novo desabrochar, anunciando o amanhã.

Na construção formal, o poema é estruturado da seguinte forma: compõe-se de nove estrofes, de números variados de versos. A primeira, segunda e sexta estrofes são quintilhas. A terceira, oitava e nona estrofes são quadras. A quarta, e quinta são formadas de sete versos. E a sétima estrofe é sextilha. O poema termina com um verso solto: "É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio".

5. Considerações finais

Carlos Drummond de Andrade foi um escritor que seguiu a progressão dos acontecimentos, historiando inúmeras coisas que o cercava e que existia na realidade do cotidiano. Poesias que estampam os problemas do mundo, do ser humano brasileiro e universal diante dos regimes totalitários, da segunda Guerra e da guerra fria. O poeta assumia às vezes momentos de esperanças, em seguida, o paradoxo, possuía uma postura de descrente, desesperançado frente aos acontecimentos da vida. Mas, foi um escritor autêntico que negava todas as formas de fuga da realidade e estava sempre atento ao momento presente. Deste modo, ressalta Chaves (1993):

> Como que obedecendo ao imaginado anjo, o homem Carlos Drummond de Andrade viveu sua vida e construiu sua obra procurando a margem dos acontecimentos, sem, contudo, fugir deles. Seus poemas iriam refletir quase sempre situações de alguém que buscava a sombra com os olhos preocupados em ver o mundo, porque essa era para ele a tarefa do poeta. "Atrás dos óculos e do bigode", como se autodefiniu, o escritor atento deslocava seu olhar de Itabira do mato Dentro, cidadezinha mineira em que nasceu, até às margens do Rio Volga, na Rússia, onde uma cidade, ameaçada pela Segunda Guerra Mundial, revelava uma "fria vontade de resistir". Sua atenção desconhecia fronteiras: do subúrbio do Méier, no Rio de Janeiro, até às Ilhas Fidji, na Oceania, passando por Sabará-buçu ou por Manhattan através de caminhos tortuosos, o poeta parecia sempre estar à procura do homem e dos mistérios, grandes e pequenos, que confundem a vida (CHAVES,1993, p. 10).

A grande importância de Carlos Drummond de Andrade foi sempre manter uma postura de maturidade poética. Ele, quando se revelou em quatro fases poéticas, apresentou-se como um escritor frente ao mundo moderno que soube manter sua literatura utilizando uma comunicação que evoluísse no tempo através de sua visão de mundo, de seus temas e de seus traços estilísticos.

Desde o primeiro livro que o poeta "às avessas" procurava se estabelecer na vida, ou seja, a se situar no tempo. Dimensionando o presente o poeta se entregava ao passado e procurava trazê-lo para si, a fim de uma melhor explicação para compreender seu ser em raízes remotas e de compreender também a vida e os homens em função de sua preocupação com os homens de seu tempo. O poeta deixa a entender que a preocupação com os problemas

de sua época perturbavam seu interior, e, com seu lirismo moderno teve a necessidade de fazer obra participante. Conforme Barbosa (1988):

> E é esta mesma preocupação com o agora que, aos poucos, o faz perceber a própria finitude, insistindo em cantar a vida então atual, que avulta em *Sentimento do Mundo* e *A Rosa do Povo*, cujos poemas, notadamente no segundo livro, são marcados pelas preocupações sociais daquele momento: a guerra, a crise política de seu país (BARBOSA, 1988, p. 173).

A Rosa do Povo, é a expressão do "eu menor que o mundo", toma como tema a política, a guerra e a amargura do homem. Passa a existir o "sentimento do mundo", desvendado pela solidão e na fraqueza do homem perante um mundo frio e mecânico que o amortiza a um objeto.

Na análise do poema a "A Flor e a Náusea", nota-se exatamente um eu-lírico mergulhado num mundo frígido, calculista, em que tudo é um objeto que pode ser consumido como uma mercadoria. Esse rebaixamento causa angústia, revolta, inutilidade que é caracterizado pela náusea. Toda essa tensão sócio-existencial tem uma barreira marcada pelo muro ("os muros são surdos", os homens surdos) que o deixa mais fragilizado, ninguém o ouve. Mas, o poeta invoca uma esperança que não está somente na sua imaginação ou fantasiando, a mudança pode acontecer. A esperança é que alimenta o poeta em meio a tanto desencanto. E simbolicamente ela aparece na flor, o nascimento de um novo mundo, um desabrochar para uma nova vida.

Esse poema traz uma síntese das temáticas da obra de 45 e traduz a explicação do seu título. Flor, semelhante a rosa, o surgimento de uma nova realidade, e, "do povo", a necessidade de está inserido em um novo mundo que talvez não seja o esperado. Abre-se um mundo socialista, esquerdista e capitalista que são abordados em diversas passagens do livro como ("Melancolias, mercadorias espreitam-me") e ("Sob a pele das palavras há cifras e códigos."). Como Drummond tem uma linguagem de grande inventividade e capacidade sugestiva, "do povo", pode também sugerir leitor-povo que a poesia engajada anseia atingir.

Em "A Flor e a Náusea", Drummond cristalizou sua consciência em busca de justiça social. Expressou seu canto solidário numa linguagem poética viva, atingindo o leitor através de uma mensagem significativa, concentrada no conteúdo da mensagem. A essência é o significado, na lógica do significante que transcende a liberdade de interpretação.

ABSTRACT

This article is to understand the importance of Carlos Drummond de Andrade to Brazilian literature, standing in the second generation modernist, to highlight, in his work, the book of poems *People rose*, published in 1945. Panoramic presentation will be made of his poetic production, and, upon completion, an analytical study of the book in question, to see if there was any significant influence on political-historic context in his literary production. *People rose*, key work within the mining production of the poet. Is a book of the most discussed and admired modern Brazilian poetry. The poet turned to a more reflective and artistic I collective of great social and political content, which showed closely marked by the events of the Vargas dictatorship and World War II. The author communed the pain of their similar and lived up to thelanguage of modernism. In "the flower and the Nausea", Drummond crystallized his conscience in pursuit of social justice. Expressed his solidarity in a poetic language corner alive, reaching the reader through a significant message, focusing on the content of the message. The essence is the meaning, the logic of the signifier that transcends thefreedom of interpretation. The survey was conducted from bibliographic studies with such authors ACHCAR (2000); BARBOSA (1988); BOSI (2006); Keys (1993); Contained and CASTLE (2006); WEDGE (2006); GONZAGA (2010); LIMA (1968); NEJAR (2011); SIMON (1978).

Keywords: Modern Poetry; Carlos Drummond de Andrade; SocialLyric

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

ANDRADE, Carlos, Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ANDRADE, Carlos, Drummond de. **Contos de aprendiz**. 53. ed. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2008.

BARBOSA, Frederico; BELETTI, Sylmara. **Fotobiografias**: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond. Rio de Janeiro: Livroarte: 2000.

BARBOSA, Rita de, Cássia. **Literatura comentada**: Carlos Drummond de Andrade. 2. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 46. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHAVES, Rita. **Margens do texto**: Carlos Drummond de Andrade. São Paulo, Scipione: 1993.

CONTIDO, Antônio; CASTELO, J., Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**: história e crítica. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

COSTA, Marta, Morais da et al. **Estudo sobre o Modernismo**. Curitiba: Criar, 1982.

CUNHA, Antonieta. **Carlos Drummond de Andrade**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

FABRIS (org.), Annteres. **Modernidade e Modernismo no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

GONZAGA, Sergius. **Curso de literatura brasileira**. 4. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2010.

JULIANO, Roberto, Gonçalves. **Nossa Antologia**. Santo André: Alpharrabio, 2002.
LIMA, Luiz, Costa. **Lira e Antilira**: Mário, Drummond, Cabral. Rio de Janeio: Civilização Brasileira: 1968.

NEJAR, Carlos. **Historia da literatura brasileira**: da Carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.

SIMON, Iumna, Maria. **Drummond**: uma poética do risco. São Paulo: Ática, 1978.

Disponível em: <http://pre-vestibular.arteblog.com.br/25382/A-ROSA-DO-POVO-Analise-Parte-VI/>. Acesso em: 12 mai. 2011.

AVALIAÇÃO ESCOLAR: INTERFERÊNCIAS NO RELACIONAMENTO PROFESSOR – ALUNO [17]

Ana Maria Moura Santos [2]

RESUMO

Este trabalho aborda a avaliação centrando-se nos instrumentos e técnicas utilizadas nessa avaliação. Tem como objetivos avaliar os principais instrumentos da avaliação escolar do 5º ano do ensino fundamental, analisar aspectos relatados pelo uso dos instrumentos de avaliação escolar que podem ser determinantes na relação professor-aluno. Para realização deste trabalho optou-se por realizar pesquisa bibliográfica dos teóricos para o estudo, leitura e fichamentos, recolha dos documentos (prova escritas), análise destes, aplicação de questionários, tratamento e análise dos dados. Muitas vezes o fracasso escolar se dá justamente porque esses alunos devido a péssima avaliação que tiveram no processo de desenvolvimento, onde continham apenas instrumentos que os mediam por notas e conceitos e não por uma avaliação do seu contexto social.

Palavras-chave: Avaliação, instrumentos avaliativos, professor-aluno.

INTRODUÇÃO

Excluir ou diagnosticar, libertar e incluir, julgar, selecionar? Qual é a cara da avaliação? Diante das distorções em relação ao processo avaliativo tendo em vista, esse bicho de sete cabeças que foi criado ao longo dos anos é que venho ressaltar nesse artigo a interferência dos instrumentos de avaliação na relação professor-aluno sem a pretensão de propor uma receita ou modelo a ser seguido, procuro verificar, baseada em Luckesi, Perronoud, Lei de Diretrizes e Bases, César Coll, Paulo Freire, Os Parâmetros Curriculares Nacionais, Esteban, Haydt, Demo, Celso Antunes, e Méndez se esses instrumentos são aplicados com precisão de acordo com as necessidades apresentadas em uma sala de aula.

17

A avaliação é fundamental, necessária e está diretamente relacionada á concepção de mundo que o educador possui e pretende construir, portanto, nem a avaliação e nem a prática pedagógica do professor podem ser vistas isoladamente. Ela não deve ser vista como um obstáculo na vida escolar e sim como um processo natural e fundamental do cotidiano do aluno[3].

> " Entendo que o ato de avaliar é, constitutivamente, amoroso.(...). O ato amoroso é aquele que colhe a situação, na sua verdade (como ela é). (...) O ato amoroso é um ato que colhe atos, ações, alegrias e dores como eles são: acolhe para permitir que cada coisa seja o que é, neste momento, (...) O ato amoroso tem a característica de não julgar. Julgamentos aparecerão, mas, evidentemente, para dar curso á vida (á ação) e não para excluí-la. (...) O acolhimento integra, o julgamento afasta.(...) Só quando acolhidos, nos curamos. O primeiro passo para a cura é admissão da situação como ela é. (...) O ato amoroso é acolhedor, integrativo, inclusivo". (LUCKESI, 1999, p.168-172)

Geralmente estamos sendo avaliados por aqueles que conosco estabelecem processos de amos conscientemente. A avaliação escolar é m obter, porém, a forma pela qual essa avaliação n provocando sérios prejuízos àqueles que a ela são subjugados.

3 - LUCKEZI, Cipriano G**. Avaliação da aprendizagem escolar**: SP. Cortez, 1.995.

A depreciação por boa parte dos professores dos conhecimentos que os alunos trazem de sua vivência no cotidiano faz com que muitas vezes estes fiquem quase desmotivados para a aprendizagem que deles vai ser exigida pelo currículo escolar. A avaliação deve compreender um conjunto de atuações que tem por função sustentar, alimentar e orientar a intervenção pedagógica, analisando e adequando situações didáticas, subsidiando assim, o professor com elementos de reflexão contínua sobre sua prática.

Quando o aluno não consegue apreender os conhecimentos e competências que a instituição pretende que ele o faça, é classificado como fracassado. Os conhecimentos construídos fora do contexto escolar perdem sua validade na escola, uma vez que só são valorizados os padrões determinados pela instituição, e o aluno da camada social menos favorecida, fracassa diante da expectativa a seu respeito.

A avaliação tem uma estreita interpretação com o que o professor faz das respostas dadas pelos alunos e é especialmente significativa, no caso das crianças que chegam à escola portando estruturas de compreensão diferentes daquelas aceitas pelas normas estabelecidas. A avaliação é considerada instrumento de auto-regulação, que requer que ocorra em todo processo de ensino e

aprendizagem, possibilitando ajustes constantes de regulação do processo e contribui para o efetivo sucesso.

Comumente a avaliação é vista pelo aluno um ato unilateral para promoção, e não como parte constituinte do processo de ensino – aprendizagem e, para muitos professores, é mais um ritual exigido pela escola, tendo em vista a premiação dos melhores. Isso faz com que a avaliação seja vista por boa parte dos professores como uma demonstração da sua autoridade, punindo o aluno pelos erros que muitas vezes ele próprio provocou e pelos próprios educandos como um castigo.

Para o aluno, a avaliação é um instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades de reorganização de seu investimento. Aprovar ou reprovar alunos com dificuldades deve sempre ser acompanhado de encaminhamentos de apoio e ajuda que garantam a qualidade de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades esperadas.

O processo avaliativo, que ocorre na maioria das instituições, dá maior destaque aos aspectos quantitativos. Avaliar com qualidade significa valer-se, não apenas de dados quantitativos, mas utilizar estes dados dentro de um quadro mais amplo, onde o envolvimento e comprometimento do professor são fundamentais.

Segundo Perrenoud[4] (1999) a avaliação escolar, mais cedo ou mais tarde, cria hierarquias de excelência em função das quais se decidirá o prosseguimento no curso seguido, o papel na sociedade e, também, a entrada no mercado de trabalho. A avaliação escolar vem se constituindo em um problema há longa data e, desde sempre, vem excluindo a grande maioria da população do acesso ao saber.

Este trabalho aborda a avaliação centrando-se nos instrumentos e técnicas utilizadas nessa avaliação. A técnica avaliativa tem o papel de obter as informações desejadas no processo de avaliação e os instrumentos são os recursos que serão usados para isso.

Esta pesquisa possui como objetivo geral saber se os instrumentos de avaliação escolar alcançam, ou não, os objetivos didáticos pedagógicos que devem orientar seu uso. E como objetivos específicos: avaliar os principais instrumentos da avaliação escolar do 5º ano do ensino fundamental, analisar aspectos relatados pelo uso dos instrumentos de avaliação escolar que podem ser determinantes na relação professor-aluno. Para realização deste trabalho optou-se por realizar pesquisa bibliográfica dos teóricos para o estudo, leitura e fichamentos, recolha dos documentos (prova escritas), análise destes, aplicação de questionários, tratamento e análise dos dados.

A avaliação é um processo que tem um enorme valor para o processo ensino e aprendizagem, uma vez que, tanto o educando e o educador, terão a possibilidade de corrigir os seus rumos, melhorando a eficácia do ensino em geral.

A PRÁTICA AVALIATIVA

Dentro do processo ensino-aprendizagem compreende-se a avaliação como excelência fundamental para esse procedimento. Porém o que vem sendo empregado é que a avaliação não passa de uma forma classificatória de enunciar o que cada aluno deveria ter assimilado de conteúdo explanado pelo professor em um dado momento letivo, a fim de concluir o que estava dentro do que havia planejado.

Baseando-se no que diz Luckesi acerca da prática avaliativa como parte integrante do processo de democratização do ensino, irei avaliar o ponto principal do que se diz respeito ao processo ensino-aprendizagem. Assim ele comenta:

---

4 - PERROUND, Ph. (1999) *Avaliação.* **Da Excelência à Regulação das Aprendizagens**, Porto Alegre, Artmed Editora.

> estão da avaliação do aluno relacionada à questão da , ensino, perguntando se a atual prática da avaliação da aprendizagem escolar está a favor ou contra da democratização do ensino. (Luckesi, 1995, p.60)

Segundo Luckesi[5] o instrumento avaliativo é aplicado quando verifica-se que no processo pedagógico a pratica avaliativa se dá a partir do momento que um determinado conteúdo é dado como encerrado e o professor tende a medir seus últimos esforços em tentar ensinar o que lhe é cabível.

Baseando-se nesse ponto o professor pode cometer uma grande injustiça, pois, muitas vezes com intenção ou sem intenção o educador insatisfeito com alunos indisciplinados acaba por elaborar uma avaliação não clara, prejudicando alguns alunos já que nem todos assimilam da mesma maneira o que foi exposto e mais uma vez, coloca-se em dúvida esse sistema avaliativo.

> Esses instrumentos de avaliação são cotidianamente construídos da seguinte maneira. Próximo do final da unidade de ensino, o professor formula o seu instrumento de avaliação, a partir de diversas variáveis; conteúdo que o professor ensinou efetivamente, conteúdos que o professor não ensinou, mas

> que deu por suposto ter ensinado; conteúdos "extras" que o professor incluiu no momento da elaboração do teste, para torná-lo mais difícil; o humor do professor em relação a turma que ele tem pela frente, a disciplina ou a indisciplina social desses alunos. (Ibidem, p.67)

Com isso surge então o maior perigo da avaliação. Trata-se do momento em que o educador avalia o educando pelo resultado daquilo que ele produziu. Quais foram os critérios que o professor utilizou para avaliá-lo, já que, o produto de uma prova ou trabalho de pesquisa, nem sempre reflete o que fora realmente assimilado pelo aluno.

> Após recolhimento das respostas, os professores corrigem os mesmos e atribue-lhe um valor (em notas ou em conceitos) que deve corresponder ao nível qualitativo da aprendizagem manifestada pelo aluno. (Luckesi, 1995, p.68)

Outro ponto importante é quando há um acréscimo de pontos concedido pela simpatia que o professor tem por alguns alunos, método nada conveniente já que isso pode causar certo comodismo por parte de alguns deles, prejudicando-o no futuro, pois nem sempre eles encontraram professores que se apropriarão do mesmo sistema. E pior ainda, esse processo pode até forjar a dificuldade que o educando apresenta, não podendo assim reforçar o problema existente na aprendizagem do conteúdo.

> Ainda, por vezes se acrescentam "pontos a mais" ou "pontos a menos" ao aluno, a depender de sua conduta em sala de aula. Esses podem decorrer de condutas inteligentes em relação a matéria ensinada, podem decorrer de atitudes disciplinares, podem corresponder a condutas responsáveis ou não dos alunos etc. (Ibidem, p.68)

Tendo em vista o que Luckesi[6] compreende a avaliação como "juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão" (1995, p.69) verifiquei que não necessariamente, estes elementos estejam sendo observados nas práticas educativas, pelo contrário, o que na verdade parece é que algo sombrio acerca do que realmente deve-se intencionar com a avaliação da aprendizagem.

A AVALIAÇÃO E A LEI DE DIRETRIZES E BASES

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases que foi projetada, em 1988 diz que o processo avaliativo que é contemplado no Art. 24 inciso V, a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) Avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevaleça dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais:

b) Possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;

c) Possibilidade de avanços nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;

d) Aproveitamento de estudos concluídos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seu regimento.

Para uma formação mais adequada o professor não deve acrescentar na prova final somente a nota daquela unidade, embora esteja no regimento. Uma mudança de procedimento em alguns casos sempre será valida. A Lei usa a expressão "verificação do rendimento escolar[7]", ou seja, comprovar a eficiência do educando. Então, segundo a lei, o professor deve ter esse compromisso de comprovar a eficiência dos alunos nas atividades, verificar o êxito por eles alcançado no processo de aprendizagem.

Esse processo de avaliar torna-se muito complexo, pois, não é a mesma coisa que medir como medimos exatamente qualquer objeto com o uso de uma régua. Ao contrário disso, não há instrumento preciso para a avaliação, já que nesse processo estamos lhe dando com um processo humano contínuo e não com um objeto concreto observável.

Por outro lado, para evitar avaliações precipitadas, para impedir que a avaliação de um momento seja generalizada para todo o processo, deve-se proceder a uma avaliação contínua que verifique o desenvolvimento do aluno em todos os seus aspectos. Segundo César Coll[8], a função da avaliação do aprendizado escolar está inteiramente ligada ao processo educativo quando esta designa um conjunto de atuações que nos levem a promover ajustes necessários para que todas as carências pedagógicas dos alunos sejam alcançadas o que nos leva a detectar o grau de aprendizagem real que foram alcançados com a realização do projeto pedagógico.

Nos dias de hoje os objetivos da avaliação visam tanto o processo de aprendizagem quanto os sucessos ou fracassos dos alunos. Portanto, há uma diferença fundamental em relação às provas

escolares é a avaliação permanente, que se realiza com outro tipo de meios, entre os quais se inclui um grupo de atividades realizadas pelo aluno durante o aluno letivo.

De acordo com Coll, não se pode separar o que cabe ao professor do que é responsabilidade dos alunos, que seriam os conhecimentos prévios e as atividades. Outras instituições e a família que fazem parte desse universo precisam se fazer presentes "Para que a criança atinja os objetivos finais de cada unidade didática, temos antes de identificar os fatos, conceitos e princípios que serão propostos; os procedimentos a considerar e os valores, normas e atitudes indispensáveis", afirma. Não é tarefa fácil. Por isso, ele destaca que, em muitos casos, os profissionais dependem de uma formação melhor antes de assumi-la.

Ressaltando ainda a atuação de alguns profissionais, não como modelo, mas como inspiração para darmos continuidade na busca do melhor caminho para chegar ao coração e à mente dos alunos. O verdadeiro educador sempre deve fazer um comentário construtivo às respostas dadas pelos alunos sejam elas incompletas ou incorretas, tornando-o assim ativo e estimulando para que ele busque sempre a melhor resposta dentro do contexto[9]. A forma como o professor conduz a aula deve despertar a curiosidade pelo ouvir e aprender.

> "... o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma 'cantiga de ninar'. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas." (FREIRE, 1996, p.96)

A função da avaliação é favorecer o crescimento do aluno e regular as ações de sua formação, bem como possibilitar a sua certificação.

A AVALIAÇÃO E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

De acordo com os PCN a avaliação exige uma observação sistemática dos alunos para saber se eles estão aprendendo, como estão aprendendo e em que condições ou atividades eles encontram maior ou menor dificuldade. Não apenas ao domínio de conteúdos específicos deve se referir essa avaliação e sim também ao desenvolvimento das capacidades. O aluno

deve ser avaliado como um todo, nas mais diferentes situações que envolvem aprendizagem tais como: nos trabalhos escolares, na solução de problemas propostos, nas brincadeiras, etc.

A avaliação inicial da classe ganha destaque nos PCN[10] porque é ela que dará ao professor suporte para fazer seu planejamento, determinando até aonde o educador poderá avançar nos conteúdos selecionados. Notas, conceitos, etc. não podem ficar de fora. A instituição precisa desses instrumentos para seus registros. O importante é que o aluno esteja consciente do valor ou conceito que lhe foi aplicado através do seu mestre, e não apenas comunicado através de nota.

É importante salientar que nas atividades especificas de avaliação, uma prova, por exemplo, fique clara para o educando qual a pretensão avaliativa e sejam usadas situações semelhantes ás de aprendizagem. Estimular o aluno a fazer a auto-avaliação é também uma forma de o próprio educando aprender a analisar seus trabalhos desenvolvendo seu senso critico e sua autonomia podendo tornar a avaliação como instrumento de aprendizagem.

A avaliação por mais que seja indesejável a sua existência para a maioria dos alunos e de professores, não pode deixar de existir em nenhum curso, como é observado por Esteban[11]. (2001.p.9). O processo avaliativo precisará contar com uma variedade de recursos, fontes, dados e informações. É necessário recorrer as mais diferentes estratégias, técnicas, instrumentos e medidas, e os resultados dessas aplicações serem analisados para a melhoria do rendimento ou do desempenho do que é avaliado, podendo assim fazer um novo planejamento das atividades educativas e até da própria avaliação.

Diante disso os PCN propõem as seguintes orientações:

* a perspectiva de cada momento da avaliação deve ser definida claramente, para que se possa alcançar o máximo de objetividade;

* considerar a diversidade de instrumentos e situações, para possibilitar, por um lado, avaliaras diferentes capacidades e conteúdos curriculares em jogo e, por outro lado, constatar os dados obtidos e observar a transferência das aprendizagens em contextos diferentes;

* utilizar de diferentes códigos, como o verbal, oral, o escrito, o gráfico, o numérico, o pictórico, de forma a se considerar as diferentes aptidões dos alunos.

Levando em consideração essas preocupações, o educador pode realizar a avaliação por meio de:

* observação sistemático-acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos, utilizando alguns instrumentos, como registro em tabelas, listas de controle, diário de classe e outros;

* análise das produções dos alunos – considerar a variedade de produções realizadas pelos alunos, para que se possa ter um quadro real das aprendizagens conquistadas;

* atividades específicas para a avaliação – garantir que sejam semelhantes às situações de aprendizagem comumente estruturadas em sala de aula.

Os PCN[12] defendem que a responsabilidade da avaliação deve ser compartilhada: não cabe somente ao professor essa função. "Delegá-la aos alunos, em determinados momentos, é uma condição didática necessária para a construção de instrumentos de auto-regulação para as diferentes aprendizagens". (p.86).

FORMAS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Dependendo do que se pretende verificar em uma instituição várias formas de avaliação podem ser empregadas. As formas de avaliação que, atualmente, parecem ser mais freqüentemente empregadas nas escolas são a prova escrita, os trabalhos em grupo, a auto-avaliação, que alguns professores convidam seus alunos a fazerem sobre o seu próprio desempenho e a avaliação que às vezes pedem para o aluno fazer do curso.

É preciso não perder de vista que a razão de tudo o que acontece na escola é o aprendizado dos alunos e se a prova não puder ensinar nada a eles, não se justificam o tempo e a energia gastos na sua preparação e correção. Nesse sentido, é fundamental também aproveitar a correção da prova como uma preciosa oportunidade de os alunos identificarem as suas principais dificuldades, para que possam dedicar-se mais tempo ao estudo dos conceitos que ainda não compreenderam, para desenvolver mais bem determinadas habilidades.

Segundo Méndez[13] (2002, p.98), "mais que o instrumento, importa o tipo de conhecimento que põe à prova, o tipo de perguntas que se formula, o tipo de qualidade (mental ou prática) que se exige e as respostas que se espera obter conforme o conteúdo das perguntas ou problemas que são formulados".

Utilizando a prática de avaliação como um processo, não é possível conceber e valorizar a adoção de um único instrumento avaliativo, priorizando uma só oportunidade em que o aluno revela sua aprendizagem. Dar aos alunos diversas possibilidades de serem avaliados implica em assegurar a aprendizagem de uma maneira mais consistente. Implica também em encarar a avaliação, teórica e praticamente, como um verdadeiro processo. A prova operatória constitui um instrumento de avaliação que corresponde a uma nova oportunidade dada ao aluno para ampliar o seu conhecimento sobre uma determinada matéria.

É possível avaliar os alunos mediante a aplicação de provas sem que essa atividade seja, apenas, uma tarefa burocrática, a qual rouba dos professores e alunos tempo preciosos que poderia estar sendo dedicado ao desenvolvimento do ensino e do aprendizado. Para eles, uma prova pode ser considerada operatória quando:

Longe de serem mecânicos questionários, testes ou exercícios, for um momento a mais para o aluno viver internamente a construção ou reconstrução de conceitos ao longo do caminho da aprendizagem[14]. Ou seja, um momento de aprendizagem, (HOFFMAN, 1994, p. 34).

O ato de avaliar tem, basicamente, três passos: Conhecer o nível de desempenho do aluno em forma de constatação da realidade. Comparar essa informação com aquilo que é considerado importante no processo educativo. (qualificação)-Tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados. (p. 148).

OS MÉTODOS AVALIATIVOS UTILIZADOS PO PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO NO MUNICÍPIO DE SOCORRO-SE NO ANO DE 2011.

Quando se fala em instrumentos avaliativos, logo nos vêm à mente exames e provas de várias formas e modelos, porém todos com a mesma finalidade: medir a capacidade do aluno através de um juízo de valor. O professor utiliza-se de instrumentos avaliativos como forma de medir o grau de aprendizado dos seus alunos independente de qual série esteja lecionando. A prova escrita é um instrumento utilizado para aprovar ou reprovar os discentes, dessa forma a avaliação pode se tornar um exercício autoritário de julgamento, que poderia ser o contrário, constituir, um processo de crescimento mútuo, onde professor e aluno sofrem uma mudança qualitativa.

O instrumento de avaliação mais utilizado no ensino fundamental, senão o único, é a prova escrita, no modelo do vestibular, segundo os professores entrevistados no CEPJ SAMPAIO, isso dará mais experiência para o aluno. Quanto a isso, Demo afirma[15]:

> Olhando para o tipo predominante de ensino médio, o desempenho esperado é um estoque fantástico de memorização, dentro do ritual, clássico do mero ensinar e do mero aprender. Os alunos tornam-se no máximo "idiotas especializados". Não se preparam para a vida, mas para o vestibular. Avalia-se, pois, esse desempenho reprodutivo, estando em jogo as melhores vagas de Universidades Pública Gratuita. (DEMO, 2004, p.86)

Esse modelo de ensino é o mais procurado pelos pais, muitos alunos ingressam na Universidade Pública, contudo não se pode culpar somente os professores pelo instrumento utilizado, mas também os pais, por escolherem escolas que tenham esse perfil. Não há um método e instrumento que podemos classificar em certo, pois sua aplicação vai depender de cada turma por isso não se pode afirmar que esse método de avaliação é incorreto.

Os desafios enfrentados pelos professores da rede pública de ensino são vários, dentre eles destaca-se a tecnologia já que esta desvia a atenção dos alunos em sala de aula principalmente no Colégio Estadual Poeta José Sampaio em Socorro-Se. Outro ponto também é a falta de recursos citado por estes quando questionados sobre os instrumentos avaliativos utilizados. Segundo eles sem recursos a única forma de avaliar os alunos é a prova escrita. Ao contrário do que afirma Cazaux[16] em sua obra Avaliação Do Processo Ensino-Aprendizagem, quando fala que cabe ao professor reconhecer as diferenças na capacidade de aprender dos alunos, para poder ajudá-los a superar suas dificuldades e avançar na aprendizagem, e ainda que é responsabilidade do professor aperfeiçoar sua técnicas de avaliação.

Em analise as respostas dos alunos, quando perguntado sobre a forma de avaliar dos seus professores, a maioria diz não concordar com provas excessivas, pois, para eles a nota não prova nada e em virtude do valor dado a nota pelos professores, os alunos estudam somente para alcançá-la e não o aprendizado.

Já analisando as respostas dos professores quanto à forma de avaliar seus alunos percebe-se que, eles acham que errar é comum na vida escolar do educando e que errando aprende-se mais. Esses mesmos professores ao fazer correções aplicam frases como "mais atenção" ou "estude mais", acabam ai entrando em contradição com o que haviam dito antes. Esse tipo de correção só reprime o

aluno e contrapõe à perspectiva de que o processo avaliativo deve ser em método investigativo e que dispensa a correção tradicional impositiva e coerativa[17].

> Algumas vezes, ocorre a educadores conscientes do problema, apontar aos alunos as falhas do processo, criticá-los e contento é profundidade, exercendo, entretanto, em sua sala de aula, uma prática avaliativa improvisada e arbitrária. (Hoffmann, 1991, p.12)

Os alunos do CEPJ SAMPAIO ficaram divididos, quanto ao concordar ou não com os instrumentos de avaliação aplicados pelos professores, diante disso não é apropriado julgar se eles estão certos ou errados, já que os próprios alunos dividem-se nas opiniões. Eles acreditam que tudo depende do comportamento dos alunos em sala de aula, depois disso o professor saberá qual a melhor forma de avaliar seus alunos.

> Não se podem embasar tais discussões em certos e errados, em posições radicais do "sou a favor ou contra", mas principalmente promover encontros e estudos para que todos tenham a oportunidade de expressar seus anseios, compreender as perspectivas alheias, refletir sobre as próprias crenças. (Hoffmann, 2006, p.11)

CONCLUSÃO

Quando se fala em avaliação logo relacionamos a idéia de mensuração de mudanças do comportamento humano. Essa abordagem viabiliza o fortalecimento no aspecto quantitativo e não nos aspectos qualitativos que são difíceis de serem mensurados, pois, envolvem objetivos subjetivos, postura, política, crenças e valores.

Os instrumentos de avaliação são determinados pelas idéias e modelos da realidade em que o profissional atua. Serve como um meio de controle, feito através de pontos ou notas, para que os alunos realizem as tarefas e tenham comportamentos esperados, no qual o professor e a instituição desejam. Não se incomodam com o tipo de conhecimento que o aluno adquiriu, e sim, com o tipo de nota que o aluno obteve. A nota, portanto, passa a ter valor maior e não o aprendizado do aluno. O

discente precisa aprender, e não a ser submisso e obediente àqueles que são responsáveis por seu processo educativo.

O ponto principal no processo ensino-aprendizagem é o aluno aprender a aprender, a ser crítico, saber pensar. É nessa perspectiva que a avaliação deve trabalhar. Nesse processo avaliativo o professor não deve cobrar do seu aluno algo que ele não vivencia devido a não ter condições básicas, econômicas e família para orientá-los. Porém isso não significa que ele não possa aprender, somos capazes e capacitados desde que, haja o estímulo para a própria construção.

Este trabalho comprova que a avaliação pode ser usada como ferramenta para exclusão institucional e social. Infelizmente o educando de classe desfavorecida pode ser prejudicado, pois, são taxados como "burros" muito mais que os de classe melhor por não terem uma bagagem intelectual e por isso são excluídos. Só não devemos esquecer que eles não apresentam habilidades e competências, porque as escolas e o ambiente na qual estão inseridos não lhes permitiram que os tivesse.

Muitas vezes o fracasso escolar se dá justamente porque esses alunos devido a péssima avaliação que tiveram no processo de desenvolvimento, onde continham apenas instrumentos que os mediam por notas e conceitos e não por uma avaliação do seu contexto social.

Diante de tudo que foi pesquisado espera-se que as escolas mudem seus conceitos, sejam mais flexíveis para que com isso possamos minimizar a exclusão dos alunos da escola e consequentemente da nossa sociedade.

ABSTRACT

This paper addresses the evaluation focusing on tools and techniques used in this assessment. Aims at assessing the main instruments of educational assessment in the 5th year of elementary school, examining aspects reported using school assessment tools that can be decisive in the teacher-student relationship. For this study, we chose to conduct a literature research of theorists to study, read and annotated, collection of documents (written test), analysis of these, questionnaires, process and analyze data. School failure often occurs precisely because these students because they had bad evaluation in the development process, which only contained instruments that measured by the notes and concepts, not by an assessment of its social context.

Keywords: Evaluation, assessment tasks, teacher-student.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Avaliação da aprendizagem Escolar**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1988.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

COLL, César**. Ensino. Aprendizagem e Discurso em Sala de Aula**, César 1, 222 págs. ed. Artmed, 1998.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. 9. ed. Campinas. Editores Associados. 2008.

DEMO, Pedro. **Avaliação sob o olhar propedêutico**. Campinas-SP. Papyrus, 1.996. HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-escola à Universidade**: Ed. Medição, 1993.

DEMO, Pedro.**Educação e Qualidade**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2004.

ESTEBAN, M. T. **A avaliação no cotidiano escolar**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e terra. 1996

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtiva**. 29ª Ed. Porto Alegre, 1994.

LUCKEZI, Cipriano G**. Avaliação da aprendizagem escolar**: SP. Cortez, 1.995.

MENDEZ, Juan Emanuel Avarez. **Avaliar para conhecer** - examinar para excluir. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2002.

PERROUND, Ph. (1999) *Avaliação.* **Da Excelência à Regulação das Aprendizagens**, Porto Alegre, Artmed Editora.

UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS NO CONTEXTO ESCOLAR[18]

Rosangela Leite Santos[19]

RESUMO

A finalidade deste trabalho é compreender as causas da crise no ensino brasileiro, bem como suas consequências no atual ensino de Língua Portuguesa. Desde a década de 80, que se discute a relação entre o fracasso escolar dos alunos advindos das classes populares, e a ineficiência da escola ensinar a esses alunos a leitura e escrita, colocando, assim, o ensino da Língua Portuguesa, como centro das discussões a respeito da melhoria da qualidade do ensino no país. Objetiva-se com este trabalho, portanto, provocar reflexões que levem a uma inquietação das pessoas envolvidas com a educação formal e, especialmente os professores de Língua Portuguesa, quanto a necessidade de se rever as práticas de ensino dessa disciplina.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa, preconceito, variedade linguística, padrão, não padrão.

1. INTRODUÇÃO

Conforme Ilari (2006), é fato a não existência de uma língua homogênea, e que as variedades lingüísticas, desde antes de Cristo, foram motivos de discussões. Sendo assim, pode-se deduzir que a língua serve tanto para unir quanto, paradoxalmente, para separar, marcar e demarcar posições dentro de uma sociedade dividida em classes, na qual a modalidade culta, tida como correta e valorizada socialmente associa-se aos interesses dos grupos socialmente dominantes.

---

[18] Trabalho desenvolvido sob a orientação da Prof. Dra. Vilma Mota Quintela como pré-requisito parcial à aprovação na disciplina TCC, do Curso de Letras da Faculdade São Luís de França - FSLF.

[19] A acadêmica é formanda do Curso de letras Português e suas Respectivas Literaturas, da Faculdade São Luís de França - FSLF.

Apesar de já haver o reconhecimento dessa diversidade por parte dos órgãos oficiais responsáveis pelo planejamento da educação no país, como se percebe nos objetivos gerais da Língua Portuguesa para ensino fundamental, expressos no PCN[20], nota-se que o trabalho com as variedades do Português nas escolas ainda carece de mais atenção, pois as variedades diferentes da padrão continuam sendo vistas de forma preconceituosa pela sociedade.

Nesse sentido Cagliari (2009) afirma:

> O preconceito é social, mas sua manifestação se dá através das atitudes das pessoas diante de fatos lingüísticos. Por isso, ensinar português nas escolas é uma forma de promoção social. Para os alunos que já falam o dialeto de prestígio, aprendê-lo se constitui uma tarefa relativamente simples, mas, para quem fala alguma variedade estigmatizada do português, será um trabalho tão grande quanto aprender uma nova língua. (CAGLIARI, 2009, p. 41)

Este artigo, que tem como tema **Uma reflexão sobre o trabalho com as variedades do Português no contexto escolar**, partiu de estudos realizados principalmente na área da Sociolinguística dos quais originaram os questionamentos que nortearam esta pesquisa: a variedade não padrão é um defeito ou preconceito? Que variedade cabe à escola ensinar?

Para desenvolver esta pesquisa, buscou-se embasamento em vários autores que abordam o problema da variabilidade lingüística, estabelecendo uma relação entre a evolução da língua, de épocas remotas até a atualidade, e a diversificação social. Dentre esses, destacam-se: Antunes, Bagno, Bechara, Cagliari, Castilho, Ilari, Possenti, Soares e Travaglia, além de autores de artigos científicos recentes sobre o assunto, disponibilizados em sites da internet de modo a tornar possível uma atualização de dados. Tais autores, bem como suas respectivas obras, foram de grande valia para se atingir os objetivos desse trabalho que consistem em compreender a importância da escola pública ensinar a variedade padrão da língua; perceber a relação entre a crise no ensino de Português e a democratização do acesso a educação no Brasil; refletir sobre os objetivos do ensino de Português e o papel da escola em relação a este. Para a escrita do presente artigo, foi ainda de suma importância uma consulta a documentos oficiais relacionados à problemática aqui abordada, dentre esses os novos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa - PCN. Com este trabalho não se tem a pretensão de esgotar as discussões a respeito do ensino da língua. Sua relevância social consiste em promover reflexões que se transformem em práticas positivas de ensino da língua

[20] A propósito, no PCN da Língua Portuguesa de 2007, destacam-se como objetivos: "conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado" (p. 41).

materna, capazes de ajudar os alunos, principalmente, os das classes menos favorecidas a se tornarem de fato, usuários competentes da língua portuguesa no Brasil.

2. A CRISE ATUAL NO ENSINO DE PORTUGUÊS – UM BREVE HISTÓRICO

Para se compreender a atual crise no ensino de Português no Brasil, é importante conhecer como se processou a evolução dos estudos sobre o ensino de Português. Neste contexto, Soares (In: Batista, 2001) informa que, até a década de 70, os estudos e pesquisas sobre o ensino da Língua Portuguesa foram subsidiários da Didática. Nas Faculdades de Filosofia, em que se instalaram e se desenvolveram, a partir dos anos 30, esses estudos, a Didática de Português era uma disciplina subordinada à cátedra denominada Didática Geral e Especial.

Assim, a produção intelectual sobre o ensino de Português, até os anos 70, possui as mesmas características da produção da área da Didática, a que se vincula esse ensino. Observa-se aí, de um lado, propostas de natureza normativa e prescritiva que informariam e orientariam a prática dos professores; de outro lado, pesquisas, poucas e basicamente de caráter experimental, fundamentadas na Psicologia da Aprendizagem, com intuito de intervir no processo de ensino para verificar como melhor prescrever as tais normas e procedimentos.

Na segunda metade dos anos 70, os estudos e pesquisas sobre o ensino do Português na escola e a produção intelectual nessa área seguiram novos rumos. Três fenômenos contribuíram para esse redirecionamento: a crise da educação e o fracasso escolar, como consequência da democratização do acesso à educação, acentuada nos anos 60, sendo encontrados, no ensino do Português, os principais indicadores desse fracasso; a reforma universitária promulgada no final dos anos 60, que aboliu a figura da cátedra, conferindo autonomia à Didática de Português, cuja denominação é substituída por Prática de Ensino de Português; e a chegada dos conhecimentos linguísticos ao campo do ensino de Português – que apesar de serem introduzidos nos cursos superiores de Letras no Brasil desde os anos 60, só na década de 80, começaram a ser incorporados no ensino do português. Conforme Cagliari:

> A linguística, entretanto, teve um desenvolvimento extraordinário nas últimas décadas, que não foi acompanhado pela grande maioria dos professores de Língua Portuguesa de nossas escolas de formação [...]. na verdade, a evolução rápida e profunda por que passou a Linguística moderna deixou muitos professores perplexos, não só diante do trabalho que vinham desenvolvendo ao

> longo dos muitos anos no próprio magistério, como também pelo fato de verem seus grandes mestres criticados, ou mesmo contestados, em questões fundamentais. Alguns professores foram ao encontro das novas idéias da Linguística e, na medida do seu próprio bom senso, tentaram melhorar profissionalmente suas atividades docentes. Muitos se fecharam e simplesmente ignoraram a Linguística, rotulando-a de "fogo de palha". É preciso fazer um esclarecimento aqui. Muitos professores atribuíram os fracassos da escola mais recente a intromissão da Linguística em sala de aula. A Linguística tem por objetivo o estudo da linguagem e, por conseguinte, não é por si um método de ensino. As pessoas afoitas foram aplicando as últimas novidades da Linguística, sem adequa-las ao ensino, procederam de maneira irresponsável e leviana. O uso da Linguística no ensino de português tem que ser planejado por linguistas, professores de português, com a colaboração de pedagogos, psicólogos, etc. (CAGLIARI, 2009, p. 34-36).

2.1 CRISES QUE AFETARAM O ENSINO DE PORTUGUÊS

Castilho (2009, p. 9-13), enfatiza três crises como responsáveis pela crise atual do ensino de Língua Portuguesa no primeiro e segundo graus do Ensino Básico: a *crise social*, a *crise científica* e *crise* no *magistério*.

A primeira crise refere-se às mudanças da sociedade brasileira, devido ao rápido processo de urbanização, que trouxe conseqüências significativas ao ensino formal. Até 1920, a população economicamente ativa do Brasil era predominantemente rural. Em 1970, 80% da população passou a se concentrar na zona urbana. Essa nova realidade modificou o perfil sociocultural do alunado de 1º e 2º graus. As escolas deixaram de ser exclusividade da classe média urbana, para a qual a escola e os materiais didáticos eram pensados, e passaram a receber também, os alunos filhos de pais iletrados, mal chegados às cidades e a elas mal adaptados.

A segunda crise está relacionada à crise científica que atingiu os estudos linguísticos, que só poderá ser entendida recorrendo aos três grandes modelos teóricos de interpretação da linguagem humana: a língua como atividade mental, a língua como estrutura e a língua como atividade social. Nas duas primeiras teorias, a língua é concebida como um fenômeno homogêneo, como um produto que deve ser examinado descontextualizado de suas condições de produção. Já para a terceira, a língua é postulada como um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável através de regras variáveis socialmente.

A terceira crise é a do magistério, na qual além dos problemas provenientes das duas primeiras crises, há ainda a desvalorização profissional tanto no âmbito da remuneração quanto no âmbito de formação do magistério. Além disso, as mudanças sociais do país levam

à transição de um paradigma científico para outro, colocando os professores de Língua Portuguesa, numa situação altamente desconfortável em relação ao que se ensinar, como se ensinar, para quem se ensinar e, até mesmo, para que se ensinar. Desta forma, a tarefa da atual geração de educadores torna-se mais difícil implicando uma reciclagem contínua, a reação contra o círculo de incompetência e a acriticidade em volta do ensino brasileiro, bem como a luta pela valorização da carreira.

Em suma, quanto mais complexa a sociedade se torna, mais atribuições são delegadas ao professor, principalmente de Língua Portuguesa:

> A tarefa do professor de língua materna no que tange à execução de uma política de educação linguística deve ampliar-se e enfileirar-se no rol dos componentes curriculares que permitam chegarem os alunos a essa cultura integral de que falam os muitos programas de ensino. Desde logo, convém ressaltar que não é só através da aula da Língua Portuguesa que o aluno chegará a essa cultura integral; todas as matérias que lhe são ministradas concorrem para esse objetivo maior. Também é certo que não desejamos ampliar a tarefa do professor de Língua Portuguesa, já ser complexa e difícil, para transformá-lo num professor de cultura geral; mas queremos insistir no fato de que tal professor, com base nas informações de um material que constante e amplamente utiliza em aula, pode, ao lado da educação linguística que lhe compete especificamente, ministrar, oferecer a seus alunos numerosos subsídios ou para diretamente enriquecer a sua cultura nas áreas do saber, ou os estimulando a ler e a consultar uma bibliografia especializada para que atinjam essa cultura integral. (BECHARA, 2006, p. 24.)

2.2. DEMOCRATIZAÇÃO X CRISE NO ENSINO

A relação entre a democratização do acesso à educação e a crise do ensino de Português é um fato que merece atenção e criticidade por parte daqueles que se propõem a refletir sobre o ensino da língua materna. Sobre este assunto, Soares (2008, p. 68-69) apresenta a seguinte contribuição:

> [...] o fenômeno que se tem designado “crise da linguagem”, definida como uso inadequado e deficiente da língua materna e como decadência de seu ensino e aprendizagem, tenha surgido, em todos os países em que tem sido denunciado contemporaneamente à aceleração do processo de democratização do ensino. O processo de democratização do ensino, resposta às reivindicações das camadas populares por mais amplas oportunidade educacionais, concretizou-se em crescimento quantitativo e diversificação do alunado. Não tendo a escola reformulado seus objetivos e sua função, a escola é que vem gerando o conflito, a *crise*, que é resultado de transformações *quantitativas* - maior número de alunos – e, sobretudo, *qualitativas* – distância cultural e linguística entre os alunos que ela vinha servindo e os novos alunos que conquistaram o direito de também serem por ela servidos. Assim, o problemas que hoje se coloca para a escola, em relação à linguagem, é o de definir o que pode ela fazer, diante do conflito linguístico que nela se cria, pela diferença existente entre a linguagem

> das camadas populares [...] e a linguagem que é *instrumento* e *objetivo* dessa escola, que é a linguagem das classes dominantes.

Apesar do problema relacionado ao uso da língua não ser um fato novo, este ainda continua merecendo atenção, visto que a questão ainda não foi resolvida. De acordo com Antunes (2005), em geral, tem-se acompanhado, nos meios de comunicação, seminários, conferências e etc, discussões sobre o ensino e a aprendizagem do Português, principalmente na escola pública. Tornou-se comum ouvir falar da falta de domínio dos alunos para produzirem, mesmo no final do ensino médio, textos relevantes, adequados e coerentes, bem como para se expressarem oralmente, utilizando-se de um gênero textual mais formal. A propósito, diz Antunes:

> [...] Já não causa surpresa o fato de se constatar que os alunos, até mesmo na universidade, demonstram ter dificuldades significativas na expressão oral, na leitura e na escrita de determinados gêneros mais formais. Deparamo-nos, por vezes, com situações diante das quais nos perguntamos: o que ficou de, no mínimo, onze anos de estudo da língua? Por que até mesmo noções e habilidade tão elementares não foram assimiladas? (ANTUNES, 2005, p. 25).

Estas preocupações são corroboradas por uma pesquisa coordenada pelo Instituto Paulo Montenegro, sobre a evolução do Indicador de Alfabetismo (Inaf) no Brasil, no período de 2001 a 2009, a qual revela que apenas 52% dos brasileiros que cursaram até a 4ª série atingiram no máximo, o *grau rudimentar de alfabetismo*[21] e, destes, 9% podem ser considerados analfabetos absolutos, mesmo tendo concluída a referida série; dos que cursaram da 5ª a 8ª, só 17% podem ser considerados *plenamente alfabetizados*[22], 24% dos que concluíram os estudos entre 5ª e 8ª séries do ensino fundamental continuam no nível rudimentar e apenas 41% atingem o nível pleno de alfabetismo. Porém as inquietações de especialistas a esse respeito, fruto da constatação de que é necessário fazer algo para reverter o problema, não apontam muitos caminhos de como deveria ser. Quanto a isso, resume Marcos Bagno:

---

[21] Alfabetismo rudimentar: corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica.(www.ipm.org.br)

[22] Alfabetismo pleno: classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: lêem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos. (www.ipm.org.br)

> Uma coisa não podemos deixar de reconhecer: existe atualmente uma crise no ensino da língua portuguesa. Muitos professores, alertados em debates e conferências ou pela leitura de bons textos científicos, já não recorrem tão exclusivamente à gramática normativa como única fonte de explicação para os fenômenos lingüísticos. Por outro lado, sentem falta de outros instrumentos didáticos que possam, se não substituir, ao menos complementar criticamente os compêndios gramaticais tradicionais. (BAGNO, 2009, p. 129)

Segundo Vera Massagão, uma das responsáveis pela análise do Inaf em 2009, a ampliação da escolaridade pressupõe uma nova realidade para aquelas pessoas que antes estavam à margem desse processo. Porém, para que essa ampliação se reverta em ampliação da aprendizagem, é necessário tempo e esforço da parte dos sistemas de ensino.

3. A VARIABILIDADE NA LÍNGUA

Sabe-se que as discussões relacionadas às variações dentro de uma língua, bem como os espaços de uso das variedades e a valoração de uma em detrimento da outra, é uma questão antiga. Segundo Ilari (2006), é natural que todas as línguas vivas apresentem uma variação vertical – que corresponde à estratificação das classes sociais – e uma horizontal – correspondente às diferenças geográficas. Da mesma forma, é natural os falantes expressarem-se de modos diferentes, adequando-se ao grau de formalidade exigida pela situação da fala. Por exemplo, vale lembrar que o latim não ficou inerte às evoluções ocorridas na sociedade romana ao longo do tempo. Essas transformações deram origem à variedade *urbanista* do latim – usada pelos autores - e à variedade *rusticitas* – falada pelas classes subalternas e camponesas – à qual os autores latinos impuseram severa sanção, impedindo que esta tivesse versão escrita.

Porém, no século IV a.C., observa-se uma preocupação por parte da Igreja no sentido de aproximar a modalidade urbanista ou *latim clássico* da modalidade *rusticitas* ou *latim vulgar*[23]. Nesse período, recomenda-se que os textos sejam escritos e lidos numa linguagem mais próxima do povo, pois mais importava a compreensão do povo que a dos gramáticos. Desta forma:

> Enquanto o latim literário permanecia relativamente estável como língua da escrita e como a língua falada de todas as situações mais formais, o latim vulgar foi derivando para variedades regionais que, no fim do primeiro milênio, já prefiguravam as atuais línguas românicas. A essas variedades costuma-se chamar

[23] Latim vulgar: entende-se pelo termo vulgar no sentido de corriqueiro, banal, sem conotações pejorativas o latim que aparece nas várias camadas da população romana (inclusive a aristocracia), falado e escrito em situações informais. (ILARI, 2007, p. 58)

> "romances". A separação irreversível entre os dois tipos de cultura que se costuma designar pelas expressões *latine loqui e romanice loqui* se resolveu, obviamente, em favor dos romances, que acabaram por assumir todas as funções antes reservadas ao latim literário, inclusive as ligadas à escrita; mas, como se pode imaginar, esse foi um processo longo, pontilhado de influências recíprocas e de tentativas de fechar o fosso que se ia cavando entre ambos. (ILARI, 2007, p. 62.)

Esse fato corrobora a idéia de não existirem línguas uniformes, nem imutáveis e a de que a finalidade essencial de uma língua é a comunicação entre os membros da comunidade a qual se serve dela. Possenti (1997) chama a atenção daqueles – principalmente dos profissionais – que buscam uma visão mais adequada sobre o fenômeno da linguagem para dois importantes fatos: o primeiro é que todas as línguas variam, não existindo sociedade ou comunidade em que todos falem de uma só maneira; o segundo é que a variedade lingüística reflete a variedade social, assim, as diferenças de *status* ou papel social entre os indivíduos se refletem também na língua. Nesse sentido, o autor afirma, ainda, que essas diferenças não são casuais. Existem fatores que permitem ou influenciam na variação. Um dos fatores responsáveis pela diferença na fala de uma pessoa é externo à língua, a exemplo dos fatores geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão, dentre outros, havendo ainda, fatores internos à língua que subordinam a variação. Isto é, a variação é de certa forma, regrada pela gramática interna[24], a qual não permite que se cometam determinados erros. Por exemplo, ouve-se a pronúncia *caxa* (caixa), *pexe* (peixe), *outro* (outro), mas jamais se ouve *peto* ou *jeto* no lugar de *peito* e *jeito.*

Possenti (1997) justifica a afirmação acima dizendo:

> Alguns sonham com uma língua uniforme. Só pode ser por mania repressiva ou medo da variedade, que é uma das melhores coisas que a humanidade inventou. E a variedade lingüística está entre as variedades mais funcionais que existem. Podemos pensar na variação como sendo fonte de recursos alternativos: quanto mais numerosos forem, mais expressiva pode ser a linguagem humana. Numa língua uniforme talvez fosse possível pensar, dar ordens e instruções. Mas, e a poesia? E o humor? E como os falantes fariam para demonstrar atitudes diferentes? Teriam que avisar. (dizer, por exemplo "estou irritado", "estou a vontade". "vou tratá-lo formalmente")? (ibid, 36).

Nesta perspectiva, Travaglia (2001) acrescenta que a escola deve estar aberta à pluralidade do discurso e que a variedade lingüística é uma dimensão dessa pluralidade. Assim, todos sabem da existência de uma enorme variedade lingüística, mas mesmo

---

[24] Gramática interna: sistema de princípios e regras que correspondem ao próprio saber lingüístico do falante: ele se constrói na atividade lingüística e na atividade lingüística se desenvolve. (FRANCHI, 2006.)

reconhecendo-a como um fato, ainda persiste, em nossa sociedade, o antigo costume de tratar a variação de forma valorativa e até moral, às vezes, levando a classificar os usos próprios de cada variedade em corretos ou incorretos, aceitáveis, ou inaceitáveis. Segundo esse mesmo autor:

> [...] Se se acredita que em diferentes tipos de situação tem-se ou deve-se usar a língua de modos variados, não há por que, ao realizar atividades de ensino/aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, a norma culta, discutindo apenas suas características e buscando apenas o seu domínio em detrimento de outras formas de usos da língua que podem ser mais adequadas a determinadas situações. (ibid, 41).

4. O OBJETIVO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Segundo os novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da Língua Portuguesa (1997), desde o início dos anos 80, o ensino de Língua Portuguesa ocupa um lugar privilegiado na discussão sobre a necessidade de melhorar a qualidade da educação Brasileira, sendo a relação entre o fracasso escolar e a leitura e a escrita o ponto central da discussão. Desse modo, a comprovação desse fracasso revela a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa com o intuito de encontrar maneiras de assegurar, de fato, o domínio da leitura e da escrita. Nesta perspectiva, o ensino da Língua Portuguesa a partir de 1997, passa a ser organizado em torno de oito objetivos, dentre eles:

> - expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos — tanto orais como escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados;
> - utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade lingüística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
> - conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado;
> [...]
> - conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia. (PCN da Língua Portuguesa, 1997, p. 41-42.)

Travaglia (2001) corrobora os objetivos acima citados afirmando que:

> O ensino de Língua Materna[25] se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a **competência comunicativa** dos usuários da língua (falante,

[25] Entende-se, aqui, a língua materna como aquela língua natural que o falante aprende como sua primeira língua, como seu primeiro sistema de representação. (FERRAREZI, 2008, p.24)

> escritor/ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. O que é necessário para a consecução desse primeiro objetivo? Evidentemente propiciar o contado do aluno com a maior variedade possível de situações de interação comunicativa[...]. (TRAVAGLIA, 2001, p. 17-18).

Tudo quanto foi dito acima sobre os objetivos do ensino de Português, Cagliari (2009) resume afirmando que o principal objetivo de se ensinar o Português é explicitar o funcionamento da linguagem humana, quais os seus usos e de que modo os estudantes devem agir para ampliar ao máximo esses usos, tanto na modalidade oral quanto na escrita nas mais diversificadas situações de vida.

5. VARIEDADES NÃO PADRÃO: DEFEITO OU PRECONCEITO?

Estudos comprovam que todas as línguas passam por variações identificadas como geográficas, sociais, sexo, idade, etc. A Língua Portuguesa não foge a essa regra. No entanto, existem muitos preconceitos devido à valoração atribuída aos diferentes fatores que as determinam, sendo comum, tratar as variedades lingüísticas desprestigiadas socialmente como inferiores ou deficientes e erradas. Tais fatores são evidenciados no PCN da Língua Portuguesa quando se enfatiza que o problema do preconceito em relação às diferenças dialetais difundidos na sociedade deve ser enfrentado na escola, visto que o respeito à diferença deve permear todo o processo educativo. Nesse sentido, este documento esclarece que:

> [...] também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o que existe uma única forma (certa) de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e sendo assim, seria preciso "consertar" a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum dos seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em dado momento histórico. A questão não é a correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja de utilização eficaz da linguagem [...] (PCNs, 1997, p.31-32)

Bagno (2009), na introdução do capítulo "A mitologia do preconceito lingüístico", alerta que, apesar de haver, atualmente, uma forte tendência de rejeições às mais diversas formas de preconceito, esta preocupação, tão necessária, não contempla o preconceito lingüístico. Ao contrário disso, o que se observa é a legitimação deste nos meios de comunicação, inclusive nos instrumentos tradicionais de ensino da língua. Segundo ele o

“preconceito lingüístico é um tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é invisível, no sentido de que quase ninguém se percebe dele, quase ninguém fala dele (...)”. O autor afirma, ainda, que esse preconceito encontra-se ancorado - em boa parte – na indistinção histórica entre língua e gramática normativa. Ele chama a atenção para a necessidade de se rever esse conceito, visto que, a gramática não é a língua.

Tais observações são confirmadas por Travaglia (2001) ao afirmar que “A atitude embutida no conceito de norma culta ou padrão, que vigora nas gramáticas normativas que tem sido a base do ensino, advém de uma postura ideológica que acabou gerando preconceitos [...]”. Assim tal tese encontra respaldo em Castilho:

> A norma (culta, da classe de prestígio) constitui o português correto; tudo o que foge à norma representa um erro. Isto representa um preconceito porque na verdade, não há Português certo e errado: todas as variedades são igualmente eficazes em termos comunicacionais nas situações em que são de uso esperado e apropriado. O que há na verdade são modalidades de prestígio e modalidades desprestigiadas em função do grupo social que as utiliza. Assim, queremos que os alunos saídos de classes desprestigiadas aprendam a norma culta para dela se utilizarem, por exemplo, quando fora do ambiente familiar é desejável porque isso lhes dará maiores possibilidades de mobilidade social. Contudo, é igualmente desejável que eles mantenham a modalidade que aprenderam antes de vir para a escola [...]. (CASTILHO apud TRAVAGLIA, 2001, p. 63.)

Bagno (2009) defende que as variedades linguísticas sejam objeto e o objetivo do ensino da língua, pois uma educação linguística focada na formação de cidadãos não pode deixar de perceber o falar dos diferentes grupos sociais como significativos elementos da identidade cultural desses grupos e dos seus integrantes, individualmente, e que, denegrir ou condenar as pessoas que assim falam, é o mesmo que considerá-las incapazes, deficientes ou menos inteligentes. O autor acima citado defende a valorização, o respeito às variedades estigmatizadas, mas enfatiza que:

> A aceitação, a defesa e reconhecimento da legitimidade das variedades sem prestígio social não estão em contradição com o trabalho didático de levar os falantes dessas variedades a se apoderar também de novos recursos lingüísticos, de outras variedades, principalmente das urbanas de prestígio e da norma padrão tradicional, que ele só terá condições de conhecer por meio da escolarização. Queremos que todo e qualquer brasileiro, seja qual for sua origem social, possa (se quiser) ler os melhores escritores, entender o que diz o telejornal das oito da noite, tirar proveito das modernas tecnologias [...]. nenhum lingüista ou educador consciente pretende, no que diz respeito ao falante de variedades estigmatizadas, “fixar-lhe a situação de origem como horizonte, aprisioná-lo num nicho dialetal como se sua língua fosse, sei lá, um traço genético” [...]. (BAGNO, p. 34, 2009)

5.1. QUE VARIEDADE CABE A ESCOLA ENSINAR?

É fora de dúvida que o reconhecimento e o respeito às diferentes variedades lingüísticas devem permear todas as práticas educativas de modo que os espaços de uso dessas variedades na sociedade, o valor social atribuído a elas e a importância de se dominar determinada variedade devem ser bem explicitados para o aluno, principalmente, durante o ensino da língua materna. A esse respeito, Soares (2008), afirma:

> Um ensino da língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro dessas relações entre a escola e a sociedade, o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixar como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem as exigências de uma sociedade que divide, o discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades sociais. [...] tem de levar o aluno a perceber o lugar que ocupa o seu dialeto na estrutura de relações sociais econômicas e lingüísticas, e a compreender as razões por que esse dialeto é socialmente estigmatizado; tem de apresentar razões para levar o aluno a aprender um dialeto que não é o do seu grupo social [...]. (SOARES, 2008, p.78)

Como se pode observar, agir de forma não preconceituosa em relação às variedades diferentes da variedade padrão não significa que a escola não deva ensinar esta modalidade. Isto é facilmente presumido na tese de Possenti (1997):

> [...] *o objetivo da escola é ensinar o português padrão,* ou talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico. A tese de que não se deve ensinar ou exigir o domínio do dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam os dialetos não padrões baseia-se em parte no preconceito segundo o qual seria difícil aprender o padrão. (POSSENTI, 1997, p. 17)

Diante do exposto conclui-se que a escola não deve entender as variedades como um vale tudo, onde não há o certo e o errado. Ela deve realizar o ensino da língua de modo que o aluno compreenda o que socialmente se espera de cada indivíduo linguísticamente e o que é permitido fazer usando uma ou outra variedade de Português. (CAGLIARI, p. 41, 2009.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aula de Português

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.
A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?
Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.
Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.
O português são dois; o outro, mistério.

(Carlos Drummond Andrade)

Com base nos estudos das obras que fundamentaram este trabalho, conclui-se que não basta a escola reconhecer as variedades da língua e permitir que os alunos das variedades de "menor prestígio" as utilize em sala de aula. É necessário que a escola desenvolva atividades – principalmente nas aulas de Língua Portuguesa – que ampliem o universo lingüístico do aluno – em especial aqueles que tem poucas oportunidades de participar (fora da escola) de eventos sociais mediados pela leitura e escrita. Para tanto, é significativo que esse aluno tenha contato, na sala de aula, com textos reais, ou seja, que aprenda a ler, produzir e entender textos pertinentes aos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade. Dessa forma, ele poderá reconhecer a sua variedade linguística em textos orais e escritos e aprender de maneira consciente, outras variedades mais valorizadas socialmente.

Sabe-se que isso não é tarefa fácil, mas é um desafio que precisa ser enfrentado para que os alunos, falantes da Língua Portuguesa, a exemplo do poema acima, não precisem de alguém – nem mesmo de um professor – para traduzir um texto escrito usando uma variedade da língua diferente da que ele conhece e usa e, por desconhecimento dessa variedade, passe a vê-la como "esquisita" e "antipática". Entretanto, para compreender essa outra possibilidade de uso da língua, que não seja necessário o aluno esquecer a linguagem que tem na ponta da língua.

ABSTRACT

The purpose of this work is to understand the causes of the crisis in Brazilian education, as well as its consequences in the current teaching of Portuguese language. Since the 80's, discussed the relationship between students' school failurearising from the popular classes, and the inefficiency of these schools teach students to read and write, thus placing the teaching of Portuguese as a center of discussions about improving the quality of education in the country. Objective with this study, however, provoke thoughts that lead to a concern of people involved in systematic education, and especially teachers of Portuguese, and the need to review the teaching practices of this discipline.

Keywords: Teaching Portuguese Language, prejudice, linguistic variety, standard, nonstandard.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras:** coesão e Coerência. São Paulo, Parábola, 2005.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Aula de português:** discurso e saberes escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, Evanildo. Ensino da gramática: Opressão? Liberdade?/12. Ed. –São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: língua portuguesa. Brasília, DF, 1997.

CAGLIARI, LUIZ CARLOS. **Alfabetização & linguística.** São Paulo: Scipione, 1ª edição. 2009.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R.. Metodologia cientifica. 6ª ed. São Paulo.Pearson Prentice Hall. 2007.

FERRAREZI jr, Celso. **Semântica para a educação básica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GERALDI, João Wanderley. ***Linguagem e ensino*:** exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. São Paulo, Ática, 1992.

INAF – Índice de Alfabetismo Funcional. disponível em: http://www.ipm.org.br acessado em 07/06/2011

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, ALB Mercado de Letras, 1996.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 14. ed. São Paulo, Ática, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VANTAGENS E PROBLEMAS NO USO DA INTERNET NA EDUCAÇÃO[26]

Marysandra Melo dos Santos[27]

RESUMO

Este artigo tem como finalidade refletir sobre as vantagens e possíveis problemas enfrentados por alunos e professores no que se refere ao uso da internet como ferramenta de trabalho escolar. O trabalho tem como objetivos específicos refletir sobre a possibilidade desses alunos ingressarem no mundo cibernético de forma saudável e produtiva; destacar a função da internet no processo educativo da criança; apresentar os problemas e vantagens do uso da internet na educação. O projeto em questão justifica-se por trazer à discussão a problemática referente aos benefícios e dificuldades envolvendo a introdução da internet como ferramenta educacional na contemporaneidade. O grande desafio desse artigo é mostrar que, apesar de todos os problemas que existem atualmente na rede, as vantagens referentes ao uso dessa ferramenta podem vir a superar as dificuldades encontradas. Para isso, será fundamental a participação dos pais e a dedicação de mestres preparados a fazer do microcomputador um aliado da educação, vindo este a beneficiar, não só o educando, mas a todos os cidadãos. Sabe-se que o uso desassistido da internet pode trazer inúmeros riscos ao educando, tais como o contato com redes de prostituição, drogas, crimes, fraudes e inúmeras outras desvantagens.

Palavras-chave: Educação, Novas Tecnologias, Internet.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade refletir sobre as vantagens e possíveis problemas enfrentados por alunos e professores, no que tange ao uso da internet como ferramenta pedagógica. O projeto em questão se justifica diante da importância da discussão atual referente ao uso dessa nova tecnologia no ensino básico, vindo o presente trabalho a cumprir a função de promover a reflexão acadêmica em torno dessa problemática. A metodologia empregada consistiu, basicamente, na realização de uma pesquisa de cunho bibliográfico, exploratório e descritivo, com base na qual se deu a fundamentação teórica deste artigo.

---

[26] Artigo orientado pela Profª Drª. Vilma Mota Quintela, produzido enquanto pré-requisito parcial à aprovação na disciplina "Trabalho de Conclusão de Curso", do Curso de Letras da FSLF.

[27] A autora é graduanda do Curso de Letras-Português e suas Respectivas Literaturas, da FSLF. Email para contato: danda.aju@hotmail.com.

A reflexão aqui proposta parte das seguintes questões: - A internet pode vir a contribuir positivamente na educação básica, no sentido da promoção de uma formação mais rica e diversificada? Se pode, de que modo? A escola brasileira está preparada para o seu uso?

A internet foi um dos meios de comunicação que mais ganharam espaço nos últimos tempos. No começo, foi difícil a aceitação dessa ferramenta, mas hoje não saberíamos viver sem algumas das vantagens trazidas pelo computador e as facilidades que ele nos oferece. Devido à abrangência de seus recursos, a sua utilização na área da pesquisa acadêmica se torna cada vez mais constante e indispensável. Para o seu uso, não existe limite de idade nem barreiras étnicas: a internet ocupa um lugar privilegiado, destacando-se a sua finalidade de interligar o mundo inteiro. Assim, contemporaneamente, esse veículo se torna algo cada vez mais comum entre pessoas das mais diferentes culturas. Já no que diz respeito à educação, um dos maiores dilemas enfrentados pelos pais gira em torno do uso indiscriminado da internet por seus filhos. Para que isso seja evitado, há a necessidade do auxílio de profissionais capazes, preparados para indicar a direção certa. Sabe-se que o uso desassistido da internet pode trazer inúmeros riscos ao educando, tais como o contato com redes de prostituição, drogas, crimes, fraudes, dentre outras inúmeras desvantagens.

O grande desafio desse artigo é mostrar que, apesar de todos os problemas que existem atualmente envolvendo a rede, as vantagens referentes ao uso dessa ferramenta podem vir a superar as dificuldades encontradas. Isso se tornará possível com a participação dos pais e a dedicação de mestres preparados a fazer do microcomputador um aliado, vindo essa atitude a beneficiar, não só o educando, mas os cidadãos como um todo.

O conhecimento na área da tecnologia é hoje uma das mais importantes ferramentas do mundo globalizado. No entanto, importa ressaltar que só a tecnologia não basta a uma educação eficaz e comprometida. Com o desenvolvimento deste trabalho, busca-se ressaltar que um aluno bem preparado diante do desafio que é o uso dessa tecnologia como ferramenta educativa, não se desviará do seu principal foco, cabendo ao professor orientar o processo de apropriação da internet como uma aliada da educação formal.

2. O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Segundo os especialistas José Manuel Moran, Marcos Tarciso Masetto e Marilda Aparecida Behrens, estamos em uma nova era, um tempo em que cada vez mais se exige que todo mundo esteja conectado. Daí o surgimento de novos desafios no campo da educação escolar. As novas tecnologias trouxeram grande impacto sobre esta área, criando novas formas de aprendizado, de disseminação do conhecimento e, especialmente, a necessidade se estabelecer novas relações entre o professor e o aluno. As tecnologias atuam vencendo distâncias entre educadores e educandos e entre eles todos e o conhecimento, agora também disseminado através dos meios virtuais. Convêm salientar que a internet é a estrada de via dupla que a cada dia agiganta-se em possibilidades de comunicação e interação, permitindo melhores meios de construção de conhecimento através de textos, hipertextos, mídias audiovisuais, videoconferência, e o que vier. Ela abre "janelas" de comunicação com o mundo, podendo vir a cumprir importante função na formação de alunos, atualizando professores, contribuindo à interação entre todos, isto é, à expansão da comunicação que sai da sala de aula e abrange o país e o mundo. Quanto a isso, afirma Leite:

> (...) a Tecnologia Educacional passou a ser compreendida como uma opção de se fazer educação contextualizada com as questões sociais e suas contradições, visando o desenvolvimento integral do homem e sua inserção crítica no mundo em que vive, apontando que apenas utilizar tecnologia não basta; é necessário inovar em termos de prática pedagógica (LEITE, 2010, p. 14).

A tecnologia muda os meios de comunicação de massa e, paralelamente, os meios de ensino, não somente dentro da sala de aula. A introdução das novas tecnologias está mudando inclusive a própria sala de aula, com o advento do ensino a distância, por exemplo. Primeiro foram os correios tradicionais que incentivaram o ensino em domicílio, por correspondência. As aulas particulares já não precisavam mais da presença do professor. Depois veio o rádio, que possibilitou o contato virtual entre o professor e seus alunos potenciais, situados nos mais diversos lugares, onde se encontrasse um aparelho transmissor. Os discos de vinil e as fita "K-7" tiveram também o seu tempo, até que apareceram o Cd e o vídeo, facilitando ainda mais o ensino a distância com a disponibilização do som aliado à imagem. Segundo Leite (2006, p.70), "o impacto que isto pode trazer à educação diz respeito a novas formas de ensinar e de aprender, pois tira da escola o controle sobre a aprendizagem das pessoas".

É importante salientar que, desde o inicio da década de 90, as escolas públicas de vários estados têm sido equipadas com um verdadeiro arsenal tecnológico, possibilitando o acesso dos alunos a projetos como a TV Escola, ao vídeo-escola, às centrais de informática etc. Certamente tais tecnologias têm auxiliado o processo de ensino e talvez o de

aprendizagem, no entanto o resultado dessas intervenções tem sido pouco observável na prática, e a educação formal continua essencialmente inalterada.

2.1. A Internet como ferramenta no processo de ensino – aprendizagem

Educar é colaborar para que professores e alunos nas escolas e organizações transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos. Na sociedade da informação todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social. A esse respeito, diz Moran:

> Temos grandes dificuldades no gerenciamento emocional, tanto no pessoal como no organizacional, o que dificulta o aprendizado rápido. São poucos os modelos vivos de aprendizagem integrada, que junta teoria e prática, que aproxima o pensar e o viver (MORAN, 1991, p.16).

De acordo com o autor, uma mudança qualitativa no processo de ensino/aprendizagem acontece quando conseguimos integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias disponíveis: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais. A propósito, diz o autor:

> Integrar tecnologias, metodologias, atividades. Variar forma de dar aula. Planejar e improvisar. Valorizar a presença no que ela tem de melhor e a comunicação virtual no que ela nos oferece. Equilibrar a presença e a distancia, a comunicação "olho no olho" e a telemática (MORAN, 1991, p. 31).

O problema é que se passou muito rapidamente do livro para o vídeo e daí para a Internet, sem que houvesse tempo suficiente para se compreender e explorar todas as possibilidades de cada meio. De qualquer modo, a Internet tem contribuído fortemente para uma total mudança nas práticas de comunicação e, consequentemente, educacionais, envolvendo a leitura, a forma de escrever, a pesquisa, servindo o computador como instrumento complementar na sala de aula. Com a Internet são muitos os caminhos que se abrem, dependendo a sua viabilização das condições materiais em que se dá a ação educativa (número de alunos, tecnologias

disponíveis, duração das aulas, quantidade total de aulas que o professor dá por semana, apoio institucional etc). Alguns desses parecem ser mais viáveis e produtivos que os outros. Caberá ao professor e à escola encontrar as soluções mais adequadas à introdução desses novos meios no cotidiano escolar. No entanto, ainda se vê, no ensino básico, um uso muito incipiente dos conhecimentos produzidos na área da informática. Caminhamos a passos curtos em relação a essa nova concepção de educação que envolve o uso das novas tecnologias, partindo do pressuposto do seu benefício para uma aprendizagem mais diversificada e eficaz. Quanto à necessidade premente de investimento efetivo nessa área, Moran, Masetto e Behrens concluem:

> Uma das áreas prioritárias de investimento é a implantação de tecnologias telemáticas de alta velocidade, para conectar alunos, professores e administração. O objetivo é ter cada classe conectadaàá internet e um aluno com um notebook. Começam a investir significadamente no mercado ainda pouco explorado da educação contínua, principalmente dos cursos de curta duração (MORAN ET AL., 2000, p.12)

Conforme informam Vieira, Almeida e Alonso (2003, p. 25), desenvolve-se pela secretaria de Educação a Distância do MEC um projeto em parceria com algumas Universidades, denominado Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo), que visa a formação de 340 diretores e coordenadores de escolas públicas na área da tecnologia da educação, para que esses profissionais saibam lidar com as novas tecnologias, visando os problemas, bem como a competência envolvendo o seu uso. O incentivo dessas instituições e do governo tornará possível a melhoria na compreensão das dificuldades e a possibilidade de um relacionamento eficaz entre o professor, o aluno e as novas tecnologias.

Apesar dessa contribuição, é certo que a Internet não deve ser encarada como a solução para todos os males hoje observados na educação. Cumprindo o papel de ferramenta de apoio, ela não deve ser considerada como substituta a outras práticas, tampouco do relacionamento humano concreto realizado, na sala de aula, entre professor e aluno e entre os estudantes. Isto porque, para fornecer um ambiente propício à aprendizagem, a Internet depende de intermediações inteligentes e articuladas previamente estabelecidas.

2.2. Vantagens e desvantagens do uso da interne na educação formal

Boa para uns, nem tanto para outros, a presença da internet nas relações sociais contemporâneas é um fato. No que tange à educação, os especialistas têm apontado frequentemente vantagens e desvantagens relacionadas ao seu emprego em sala de aula. Quanto a isso, é ponto pacífico que, para o bom aproveitamento dessa tecnologia como ferramenta escolar, será indispensável à efetivação de uma política social no sentido da capacitação de profissionais para esse fim. A propósito disso, diz Wikidot:

> Hoje em dia, a escola não é mais a única fonte onde os alunos podem buscar conhecimento. Na era digital, os alunos levam para a sala de aula muitas novidades e informações pesquisadas no computador de casa, lan house ou da própria escola. É muito importante o professor conhecer e entender o funcionamento dessas novas tecnologias para que os mesmos possam auxiliar os alunos a utilizarem essas ferramentas da melhor forma possível (WIKIDOT, 2010, p. 1).

A Internet tem facilitado a criação de conteúdos escolares, podendo servir ao acesso simultâneo de uma grande quantidade de informação. A agilidade e a facilidade na comunicação entre as pessoas é outra das vantagens trazidas pelo advento dessa mídia eletrônica, isto sem falar na possibilidade da leitura de noticias em tempo real e na inserção de mecanismos educativos como a vídeo conferência dentre outros. Além disso, por meio da internet, a rede dos relacionamentos cresce a cada momento, viabilizando o intercâmbio veloz das informações. Assim, a ponte feita entre as novas tecnologias e o ensino conduz à promoção de novos e constantes conhecimentos, promovendo o prazer de estudar, de aprender de forma interativa, na medida em que torna possível atravessar, em segundos, distâncias geográficas e materiais.

Em suma, as vantagens trazidas pela inserção da internet no processo educativo são inúmeras, incluindo-se aí a rapidez de acesso à informação disponível na rede e a disponibilização de ferramentas multimidiáticas adequadas ao processamento das novas linguagens que ganham a cena cultural. Em suma, o uso da rede veio ampliar o campo de ação e a comunicação entre o aluno e o professor, promovendo o intercâmbio educacional e cultural. A propósito, diz Bernini:

> Essas novas tecnologias cooperam para o desenvolvimento da educação sendo usadas para dinamizar as aulas tornando-as mais vivas, interessantes, participativas e mais vinculadas com a nova realidade de estudo. Porém, sempre se apresentam com a característica de instrumentos e exigem eficiência e adequação aos objetivos aos quais se destinam (BERNINI, 2004, p. 1).

No que tange a esse ponto, podemos dizer que a internet em si não oferece desvantagem alguma ao educando, mas sim a sua má utilização. Esta pode vir a expor seus usuários a crimes cibernéticos, a informações distorcidas, dentre outros problemas que podem ser evitados a partir de uma ação efetiva no sentido de preparar professores e alunos adequadamente para esse processo. Uma das desvantagens constantemente apontadas no que concerne ao uso da internet é o isolamento social, que tem acometido, às vezes de modo preocupante, o jovem em fase escolar. Outro problema apontado é o fácil acesso aos chamados conteúdos para adulto por crianças e adolescentes. Dentre os perigos relacionados ao uso indevido desse aparato tecnológico encontram-se a violação da privacidade e o incitamento à violência e às atitudes xenófobas. No entanto, é certo que os problemas frequentemente apontados no que se refere ao uso da internet na sala de aula, não inviabilizam as inúmeras vantagens que podem advir do seu emprego responsável.

3. CONCLUSÃO

Neste artigo, tratou-se da utilização da tecnologia da informação como ferramenta de gestão educacional, levando-se em consideração as demandas sociais contemporâneas. Diante do exposto, a conclusão a que se chega é que o emprego desse recurso pode ser benéfica ao processo de ensino-aprendizagem, desde que se efetive uma política formativa no sentido da apropriação responsável desse recurso, de modo a adequá-lo às necessidades e objetivos da escola atual. A partir das leituras desenvolvidas, foi possível perceber que a internet, além de um espaço de divulgação, pode servir como espaço de interação e de trocas entre os mais diversos segmentos, permitindo a socialização dos saberes. O professor, que cumpre papel fundamental na formação do educando, deve estar preparado para a nova realidade que se coloca, submetendo-se a uma constante capacitação profissional, devendo esta ser uma garantia e uma exigência das instâncias governamentais.

ABSTRACT

ADVANTAGES AND PROBLEMS OF THE INTERNET IN THE EDUCATION

This article has as purpose to show to the advantages and possible problems faced for the pupils with regard to the use of the Internet as tool of pertaining to school work. Specifically the project has as objective generality to reflect on the possibility of these pupils to enter the cybernetic world of healthful and productive form. The work has as objective specific to present the importance of the technology for education; to understand the function of the Internet for the educative process of the child; to present the problems and advantages of the Internet for the education. The project in question is justified for its importance in informing on the Internet and as it combines it education of form to help or to problematical. The methodology developed for the construction of this work is based on a bibliographical, electronic research, how much to the nature subject summary. The great challenge of this article is to show that, although all the problems that exist currently in the net, the referring advantages to the use of this tool can come to surpass the found difficulties, with the participation of the parents and the devotion of prepared masters to make of the microcomputer an ally of the education, come this to benefit, not only educating, but to all the citizens. One knows that the unassisted use of the Internet can bring innumerable risks to educating the such as the contact with nets of prostitution, drugs, crimes, frauds and innumerable disadvantages. With the development of this work, it is arrived the conclusion from that prepared and a well guided pupil ahead of this challenge that is the use of this technology as educative tool, will not turn aside itself from its main focus, that is to make of the Internet an allied.

Key-words: Education, Technology, Learning, Digital Media.

REFERÊNCIAS

BERNINI, Denise S. D. *Tecnologias em Educação: vantagens e desvantagens do uso da mídia*. Disponível em:

<http://www.professoradenise.jex.com.br/tecnologias+em+educacao/+vantagens+e+desvantagens+do+uso+da+midia>. Acessado em: 8 jun 2011.

LEITE , Carlos Eduardo Damian. As novas tecnologias e a função do lúdico na educação. 2006. Disponível em: <http://www.fatea.br/seer/index.php/janus/article/viewFile/37/40>. Acesso em: 15 jun 2011. Ano 3, nº 4.

LEITE, Lígia Silva (Coord.). Colaboração de POCHO, Cláudia. Lopes; AGUIAR, Márcia de Medeiros; SAMPAIO, Marisa Narcizo. *Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula*. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p.10-18.

MARTINS, Cássio Forgiarini. *Meios de entretenimento com computador, suas vantagens e desvantagens*. Disponível: <http://www-usr.inf.ufsm.br/~cassio/elc1020/artigo.pdf>. Acesso em: 08 jun 2011.

MORAN, José Manuel. *Como ver televisão: Leitura crítica dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1991.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas Tecnologias e Mediações Pedagógicas*. Campinas: Papirus, 2000.

VIEIRA, Alexandre Thomaz; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; ALONSO Myrtes. *Gestão educacional e tecnologia*. São Paulo: Avercamp, 2003.

PAIS, Luiz Carlos. *Ensinar e aprender matemática*. São Paulo: Autentica, 2006.

WIKIDOT. *A influência das novas tecnologias no processo de ensino: vantagens e desvantagens.* Disponível em: <http://internetnovastecnologiasnaeducacao.wikidot.com/vantagens-desvantagens>. Acesso em: 08 jun 2011.

A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE LÚDICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Ivete Bezerra da Silva[28]

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre: A Importância da Atividade Lúdica para o desenvolvimento da criança no ensino fundamental, especialmente no que diz respeito ao processo de formação do leitor. O projeto se justifica pela sua importância para o desenvolvimento de uma metodologia de ensino como também de uma concepção de aprendizagem, no que se refere às práticas de aquisição da leitura. O presente texto tem como objetivo geral demonstrar a importância da atividade lúdica para o processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito a essas práticas. O trabalho tem como objetivos específicos apresentar a atividade lúdica como um método que pode beneficiar os alunos no processo de ensino-aprendizagem, facilitando-lhes obter uma boa aquisição da leitura, bem como, relacionando e analisando práticas lúdicas de leitura aplicáveis ao processo de aprendizagem e compreendendo este processo mediado pela atividade lúdica. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho foi de cunho bibliográfico e eletrônico, além de uma pesquisa descritiva e explicativa. A intenção deste artigo é sensibilizar os professores de educação infantil e principalmente das séries iniciais do ensino fundamental acerca do importante papel que os jogos, as brincadeiras e os brinquedos exercem no desenvolvimento da criança e do jovem aprendiz. Este trabalho nos convida a repensar sobre a aplicabilidade das práticas pedagógicas a partir de uma reflexão sobre a importância didática da atividade lúdica no processo de construção do conhecimento, tendo-se em vista a formação do leitor e de sua cidadania.

Palavras – Chave: Atividades lúdicas. Práticas de leitura. Processo de ensino-aprendizagem.

---

[28] Graduanda do curso de Letras. E-mail: ivesan40@hotmail.com
Artigo orientado pela Profª Drª. Vilma Mota Quintela, produzido enquanto pré-requisito parcial à aprovação na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso.”

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre: A Importância da Atividade Lúdica para o desenvolvimento da criança no ensino fundamental. Quanto ao objeto de estudo do presente artigo, propõe-se aqui a discutir a importância da atividade lúdica no processo de ensino- aprendizagem, levando em conta que a sua adoção implanta um novo padrão educativo e político, envolvendo questões relativas ao planejamento e à gestão educacional nas escolas, bem como os sistemas educacionais. O presente texto tem como objetivo geral demonstrar a importância da atividade lúdica para o processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito a essas práticas. O trabalho tem como objetivos específicos apresentar a atividade lúdica como método que pode beneficiar os alunos no processo de ensino-aprendizagem, facilitando-lhes obter uma boa aquisição da leitura; relacionar e analisar práticas lúdicas de leitura aplicáveis ao processo de aprendizagem; compreender este processo mediado pela atividade lúdica.

Esta pesquisa se justifica pela sua importância no desenvolvimento de uma metodologia inovadora junto aos alunos no que se refere à aquisição da leitura, com uma perspectiva e uma nova concepção de aprendizagem O trabalho também, pode ser analisado para estudos futuros sobre a questão apresentada servindo após analises para fins educativos, afim de, estabelecer alguns parâmetros pedagógicos que possam elucidar o processo de ensino-aprendizagem. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho foi de cunho bibliográfico e eletrônico, além de uma pesquisa descritiva e explicativa.

O presente artigo consiste em detectar a eficácia da atividade lúdica como método de ensino capaz de contribuir ao desenvolvimento da prática de leitura no âmbito do ensino infantil e fundamental. Para se obter um resultado esperado é necessário utilizar métodos investigativos, compreendê-lo em sua amplitude, importando verificar se tal proposta educativa traz contribuições positivas ou negativas para o processo de ensino-aprendizagem. As pesquisas apontam para a eficácia com a atividade lúdica no sentido de que esse método desenvolve as habilidades de leitura dos alunos podendo trazer maior contribuição para o aprendizado. O trabalho com o lúdico ajuda a melhorar a prática escolar para aquisição da leitura, o educador deve utilizar o lúdico como atividade pedagógica e avaliar os resultados.

O processo de ensino atualmente é uma constante variação de idéias e ideais, afirmando-se como um procedimento múltiplo de aprendizado e conhecimento. Portanto, o lúdico aplicado como processo de ensino, principalmente ao que se refere ao ensino da leitura, é otimização para resultados mais eficazes junto aos alunos.

A intenção deste artigo é sensibilizar os professores de educação infantil e principalmente do ensino fundamental das séries iniciais do importante papel que os jogos, as brincadeiras e os brinquedos exercem no desenvolvimento da criança. Para isso se faz necessário saber o significado do brincar, conceituar os principais termos utilizados para designar o ato de brincar, tornando-se também fundamental analisar o papel do educador neste processo lúdico, e ainda, os benefícios que o brincar proporciona. Tendo isso em vista, far-se-á aqui algumas considerações importantes sobre os jogos e brinquedos. Desta forma, espera-se oferecer uma exposição mais consciente acerca da importância do brincar na vida do ser humano, e em especial na vida da criança.

1.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento do trabalho, foi usada para a fundamentação teórica o livro de Maria Alexandre de Oliveira, intitulado *Leitura Prazer – Interação participativa da criança com a literatura na escola*, que trata do emprego da atividade lúdica na escola, através de jogos e brincadeiras que possibilitam o desenvolvimento da prática da leitura e das disciplinas de modo geral, sendo este o ponto chave do presente trabalho. Foi também utilizado como referencial teórico o livro *Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências múltiplas*, de Linda Campbell, Bruce Campbell e Dee Dickinson, que aborda questões sobre o ensino, refletindo sobre a capacidade de desenvolvimento pessoal de cada aluno e de sua cultura. O presente trabalho ainda terá como referencial teórico a obra de Paulo Freire *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, que aborda questões referentes à autonomia de cada indivíduo no processo de construção educativa. Já Tizuko Morchida Kishimoto, cuja obra também serve de referencial a este estudo, fala sobre as brincadeiras como instrumento coadjuvante ao processo de ensino em *O jogo e a educação infantil*. Ainda no que diz respeito ao referencial teórico, Kátia Stocco Smole aborda a importância dos jogos para o ensino, no livro intitulado *Brincadeiras infantis nas aulas de matemática*.

No decorrer da construção do trabalho, de acordo com a necessidade, surgiram novos autores, que contribuíram na construção do mesmo, sendo, no entanto, os aqui apresentados os autores principais no que se refere a esse processo.

2 O JOGO E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA

A criança desenvolve sua criatividade em momentos de "liberdade", ou seja, enquanto trabalha em seu mundo (KISHIMOTO, 2004, p. 25). Quando ela desenvolve seu cognitivo, nasce com este o perceptivo, ou seja, a criança consegue ver além do que está a sua frente do que lhe foi imposto, ou proposto a ser trabalhada na educação como forma de aprendizagem, surgindo assim inúmeras sensações novas na vida dela. "o pensamento da criança se constitui em paralelo à organização de seu esquema corporal e na criança pequena o pensamento só existe na interação de suas ações físicas com o ambiente". (SMOLE et. al., 200, p. 15, apud WALLON).

Deve-se, portanto destacar o modo peculiar de interação do sujeito no seu espaço intimo, na sua construção tanto no desenvolvimento social (externo), quanto no individual (interno), veiculada na palavra, na linguagem e nos meios de comunicação.

Os princípios imaginativos são formulados da criança e partem do pressuposto das atividades de conhecimento do real e de suas experiências. No plano da brincadeira assistimos à imaginação corporificada e falante, em uma vivência plena e não-parcializada do tempo e do espaço. No que diz respeito a esse aspecto, afirma Oliveira (2004, p. 65): "O brincar é uma atividade inerente à vida da criança. Ela brinca mesmo sem um objeto concreto; brinca com o próprio corpo quando bebê, com os pés, com as mãos (...)".

A partir do brinquedo, do jogo, e, portanto da imaginação, as crianças ampliam suas habilidades conceituais. Ao brincar, as crianças estão desenvolvendo seu cognitivo, sendo levadas muitas vezes a diferir do seu comportamento diário. Quando a criança brinca de imitar os mais velhos, ela está gerando oportunidades para seu desenvolvimento intelectual. Assim, o lúdico e a instrução escolar representam o mesmo papel no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades e conhecimentos. Isto é, a propósito, diz Kishimoto:

> Com o aparecimento do jogo simbólico a criança ultrapassa a simples satisfação da manipulação. Ela vai assimilar a realidade externa ao seu eu, fazendo distorções ou transposições. Da mesma forma, o jogo simbólico é usado para encontrar satisfação fantasiosa por meio de compensação, superação de conflitos, preenchimento de desejos. Quanto mais avança em idade mais caminha para a realidade (KISHIMOTO 1998, p.40).

Tendo em vista a reflexão acima, a análise aqui empreendida leva em consideração como um dever da escola, a partir do desenvolvimento de uma proposta de aprendizagem através do ensino lúdico, garantir que a criança não transforme essa

aprendizagem numa diversão sem sentido, é preciso fazer com que ela entenda que a atividade lúdica é um meio de aprendizagem do qual se pode obter uma maior eficácia no processo de ensino-aprendizagem. Sendo a mesma, uma aquisição de conhecimento de forma a melhorar a sua compreensão dos fatos a serem estudados. Para isso o professor e a escola precisam está cientes da função do trabalho lúdico na educação, e da transformação que isto pode acarretar no processo de ensino junto ao aluno. O professor precisa aprender a diversificar seu ensino, compreender que ensinar é mais que passar conhecimento, é quebrar regra e paradigmas, é desafiar a cada dia a si próprio, é trazer a tona a realidade do mundo e saber transformá-la em educação, tornado-se um desafio para o avanço na organização do trabalho pedagógico.

> É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendida por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido (FREIRE, 1996, p. 34).

Para entender o universo lúdico é fundamental compreender o que é brincar e para isso, é importante conceituar palavras como jogo, brincadeira e brinquedo, permitindo assim aos professores de educação infantil e do ensino fundamental trabalhar melhor as atividades lúdicas. “Os professores podem refletir sobre o conteúdo que planejam ensinar e considerar quais personagens e enredo aparece como possibilidades para a narração de histórias e outros diversos trabalhos lúdicos que possam interagir com a criança” (CAMPBELL, CAMPBELL, DICKINSON, 2000, p. 33-34).

A utilização de brincadeiras e jogos no processo pedagógico faz despertar o gosto pela vida e leva as crianças a enfrentarem os desafios que lhe surgirem. Conforme Oliveira (2004, p.66): “Na brincadeira, seja ela com objetos, seja com situações imaginárias, a criança está desenvolvendo sua capacidade mental criativa, como também exercitando a coordenação motora, o desempenho de papéis, a compreensão do mundo”.

A brincadeira é uma atividade que pode ser tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não limita a ação lúdica. Isto porque a criança pode modificá-las, ausentar-se do jogo quando desejar, incluir novos membros, introduzir as suas próprias regras, atuando de acordo com as suas necessidades subjetivas e com as necessidades externas, havendo uma grande liberdade de ação.

O brinquedo contém sempre uma referência ao tempo de infância do adulto com representações vinculadas pela memória e imaginações. O vocábulo “brinquedo” não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois entra em contato direto com o imaginário da criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica vasta. Enquanto

objeto, de estudo o jogo é sempre suporte de brincadeira. Com respeito a isso, Oliveira (2004, p. 67), citando Vygotsky, afirma que, no brinquedo, "o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo". A brincadeira pode se apresentar como uma oportunidade de desenvolvimento. Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, as brincadeiras podem proporcionar o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção.

2.2. A Educação Lúdica

Sabe-se que os jogos e competições sempre despertaram interesse no ser humano, seja por esporte ou diversão.Um exemplo disso é que, entre os primitivos, as atividades como a dança, a caça, a pesca e as lutas eram tidas como motivo de sobrevivência sendo, muitas vezes, restritas ao divertimento e ao prazer.

> excluir o jogo dos animais é apontar para as caracteristicas relacionadas aos aspectos socias: o prazer demonstrado pelo jogador, o caráter "não-sério" da ação, a liberdade do jogo e sua separação dos fenômenos do cotidiano, a existência de regras, o caráter ficticio ou representativo e a limitação do jogo no tempo e no espaço (KISHIMOTO, 1994, p. 3-4 apud HUIZINGA, 19951).

As crianças, de hoje participam dos jogos, de empreendimentos propícios ao lazer e à caracterização esportiva. O corpo e o meio, a infância e a cultura adulta fazem parte desse empreendimento, que engloba a criança numa aprendizagem diversificada. Os jogos caracterizam a própria cultura, a cultura gera a educação e a educação representa a sobrevivência. Conforme afirma Kishimoto (2003, p.15), "A variedade de fenômenos considerados como jogo mostra a complexidade da tarefa de defini-lo".

A definição do jogo, não resumi-se apenas a um punhando de atividades geradoras de esportividades, ou brincadeiras aleaotorias, mas também a abordagem de adquir conhecimentos que podem servir para a vida da criança durante toda a sua vida, tornando isso numa busca diaria para seu desenvolvimento.

A ação de buscar e de apropriar-se dos conhecimentos para transformar exige dos estudantes esforço, participação, indagação, criação, reflexão, socialização com prazer, relações essas, que constituem a essência psicológica da educação lúdica, que se opõe a concepção política ingênua, a passividade, ao espontaneísmo, à estreiticidade, à alienação, a submissão, condicionantes da pedagogia dominadora e neutralizantes.

O trabalho com o lúdico implica em um contato direto com os fenômenos da vida real. Atualmente, este trabalho promove na criança, uma satisfação real no aprender, pois a aprendizagem flui de maneira presente, e não como promessa para uma aprendizagem futura, como recompensa a curto prazo. Segundo Kishimoto (1994, p. 13), "a gradativa percepção de que a manipulação de objetos facilita a aquisição de conceitos introduz a prática de materiais concretos subsidiarem a tarefa do docente".

A ação de buscar, de apropriar-se dos conhecimentos, de transformar exigem dos estudantes esforços, participação, indagação, criação e reflexão, socialização com prazer relações que constituem a essência psicológica da educação lúdica, seu objetivo, além de explicar as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, cultural e psicológico. "Também a escola precisa ter uma finalidade sintetizadora, transformando a realidade viva nas distintas disciplinas ou áreas de conhecimento apresentadas ao estudante" (ZILBERMAN, 2003 p.25).

Os jogos enfatizam a libertação das relações pessoais passivas, técnicas para as relações reflexivas, criadoras, inteligentes, socializadoras fazendo do ato de educar um compromisso consciente intencional de esforço, sem perder o caráter do prazer, de satisfação individual e modificadora da sociedade.

As práticas de letramento como usos sociais da leitura e escrita são importantes em qualquer ação pedagógica, por isso o conhecer de tais ações nas vivências pedagógicas de professores e educandos, torna-se fundamental para que se conclua um ensino-aprendizagem de qualidade.

2.3. O Ensino da Leitura Através do Lúdico

Ninguém nasce sabendo ler; aprende-se a ler à medida que se vive. Também se aprende em casa com os pais e na chamada escola da vida. Um aluno com hábitos de leitura geralmente permite-se interagir nas leituras em sala de aula. A falta de contato com determinados autores, e tipos de leitura, não o impedem de aprender, ao contrário, esse tipo de interação é essencial para a sua aprendizagem. Mas essa interação nem sempre acontece, visto que, para muitos alunos, os textos escritos são ininteligíveis, constituindo um dos maiores obstáculos ao sucesso escolar, principalmente quando não se tem o hábito da leitura.

A leitura é considerada como elemento primordial para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, pois existe uma interação entre o que é lido e o que é interpretado, ou seja, o que é decodificado. Conforme Yunes e Pondé (1989, p. 59) "A leitura exige do aluno, algumas condições pré-vias do leitor. Esta visto que, sem a

decodificação do sistema gráfico, sem estabelecer conexão das letras entre si e da cadeia sintético-semântica, a leitura será penosa e desanimadora".

Algumas atividades lúdicas para a aquisição da leitura podem ser direcionadas para a alfabetização e ensino de língua materna, assim como também para trabalhar certas competências e habilidades nos alunos. Efetivar tal proposta no contexto escolar, não tem sido fácil, é necessário que os envolvidos no processo ensino-aprendizado centrem-se em objetivos e metodologias que envolvam essas ricas possibilidades. Daí a necessidade de uma maior integração entre a escola e os professores, para uma melhor aquisição dos textos a serem trabalhados em sala de aula.

No que concerne ao exposto Zilberman (2003, p. 27), afirma que "a seleção dos textos advém da aplicação de critérios de discriminação. (...). Todavia, é necessário que o valor por excelência a guiar esta seleção se relaciona à quantidade estética".

Estes sugerem que a reflexão teórica, a abordagem histórica e a análise textual constituam trajetos seguros e paisagens sedutoras nas tão necessárias travessias do processo de aquisição da leitura nas séries iniciais do Ensino, tomando-se essa prática como elemento essencial para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

> A escola, por sua vez, ainda que de maneira insatisfatória, está tomando consciência, pouco a pouco, da importância da leitura e buscando metodologias adequadas, haja vista as cartas que costumamos receber, as solicitações feitas em cursos pelo país, as publicações que têm saído e pesquisas que estão se realizando (YUNES E PONDÉ, 1989, p. 31).

Para tanto, sugere-se trabalhos que promovam a construção de atividades que contemplem a imaginação, a criatividade e o prazer pela leitura, em grande constância no ambiente escolar, e assim, podendo desenvolver um processo de aquisição da leitura para os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Muitas dessas atividades podem ser desenvolvidas através do jogo e brincadeiras que geram o aprendizado consciente da criança.

Os jovens, ao brincar, à medida que se desenvolvem, fazem uma entrega total, seja de seu corpo, seja da sua mente, e isso faz com que essas experiências sejam vivenciadas com muita intensidade.

O fato de não brincar no momento adequado com o brinquedo correspondente à idade pode acarretar perturbações, e o fato de, numa determinada fase, não se dar um determinado modo de brincar pode significar o mau desenvolvimento do indivíduo. As relações entre o jogo, a criança e a educação têm merecido uma constante observação e pesquisa no que tange ao desenvolvimento infantil, sendo a educação lúdica uma orientação adequada para uma prática educativa que esteja atenta à formação do ser

humano saudável, pois permite não somente o desaparecimento de sintomas neuróticos como uma modificação da estrutura da criança.

Os primeiros passos na vida escolar são de fundamental importância para o êxito de toda a longa caminha de estudos, e é de grande responsabilidade, para o professor, este "rito" de iniciação, sendo este, para a criança, a ampliação do círculo familiar. A vida social da criança é à base do desenvolvimento infantil e a escola deve dar oportunidade para que ela possa exprimir, em suas atividades, a vida em comunidade.

É através da leitura que a criança pode identificar-se culturalmente, sendo o papel da escola fornecer este tipo de leitura infanto-juvenil que oportunize ao educando vivenciar uma leitura consistente e interessante, podendo assim, aprender de maneira dinâmica e criativa. A inclusão deste tipo de leitura no currículo do professor pode ajudar a construir uma educação mais eficiente, e, contudo levar ao educando a aprender a sua língua partindo de uma linguagem mais presente em seu dia-a-dia.

O professor precisará entender a criança como ser pensante, ativo, curioso e que vive no seu próprio tempo, para assim poder tornar o lúdico interessante e prazeroso, e a criança passar a gostar de brincar na escola e de estar com a professora e com os colegas de classe.

O jogo deve ser visto como conhecimento e produto do conhecimento e como atividade voluntária do ser humano, pois se imposto, deixa de ser jogo.

As atividades lúdicas podem contribuir para a construção do conhecimento, pois o lúdico é uma fonte de prazer e de descoberta para as crianças, e pode contribuir com as atividades didático-pedagógicas durante o desenvolvimento das aulas, mas esta contribuição vai depender da concepção que se tem de lúdico. Nos últimos anos a utilização do lúdico como recurso pedagógico vem sendo motivo de reflexão e debates de muitos educadores.

3. CONCLUSÕES

Neste estudo, toma-se como referência o lúdico e a leitura sob a análise documental qualitativa cujos instrumentos de coleta de dados foram livros, artigos e periódicos que tratam sobre a temática deste.

O propósito geral foi conceber o lúdico no processo de construção do conhecimento literário da criança, além de contribuir com uma possível alternativa pedagógica que inter-relacione corpo, movimento e ludicidade neste processo.

O jogo é um elo integrador entre os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. Por isso, partiu-se do pressuposto de que é brincando e jogando que a criança ordena o mundo a sua volta, assimilando experiências e informações e, sobretudo, incorporando atividades, atitudes e valores.

Ao tratar da incorporação da dimensão lúdica da cultura infantil às tecnologias didáticas para o aprendizado da leitura, promove a necessidade de discutir a superação dos mitos em relação a um saber didático, como método único.

Sendo assim, segundo estudos realizados o trabalho lúdico promove técnicas de ensinar numa perspectiva antropológica e sociocultural, que compreenda as brincadeiras e os jogos como uma atividade social aprendida nas interações humanas, desde a mais tenra idade, resgatando o caráter lúdico do movimento humano (apropriação e construção do conhecimento) em prol de um saber-viver significativo, tão almejado pelos educadores.

Ao fazer este trabalho deparei-me com um método que já achava uma importante parceria para o desenvolvimento do aluno principalmente nas séries iniciais e aprofundando-me neste estudo, descobri que a atividade lúdica além de contribuir no processo educativo, faz com que o educando aprenda brincando tornando as aulas mais produtivas e proveitosas, ou seja, a aplicabilidade do lúdico através dos jogos, brinquedos e brincadeiras possibilita a interação entre professor e aluno tornando-se uma via de mão dupla proporcionando um prazeroso aprendizado. Dessa forma, espera-se despertar o leitor para uma reflexão sobre o papel construtivo que o lúdico tem no desenvolvimento do educando. Esse papel é, sem dúvida, fundamental para a aprendizagem da leitura e da escrita, permitindo o desenvolvimento da iniciativa, da imaginação, da criatividade e do interesse pelo novo.

Portanto, este trabalho é um convite ao repensar da prática pedagógica a partir, da didática do lúdico no processo de construção do conhecimento da leitura. Buscando a valorização da criança e a formação de sua cidadania, surgindo um novo caminho uma nova perspectiva de ensino e um novo modelo de aprendizagem.

Por fim, os estudos nos mostram que a atividade lúdica pode contribuir significativamente para a formação do leitor desenvolvendo as habilidades e competências no processo de aquisição da leitura do conhecimento e da escrita permitindo o desenvolvimento da iniciativa, da imaginação da criatividade e do interesse pelo surgimento desse novo método.

THE IMPORTANCE OF THE PLAYFUL ACTIVITY FOR THE DEVELOPMENT OF THE CHILD IN BASIC EDUCATION

ABSTRACT

This articletrução presents a reflection on: The Importance of the Playful Activity in the Process of Formation of the Reader. The project if justifies as well as for its importance for the development of a new methodology of education of a new conception of learning, as for the practical ones of acquisition of the reading. More specifically, the present text has as objective generality to demonstrate the importance of the playful activity for the teach-learning process in what it says respect to these practical. The work has as objective specific to present the playful activity as method that can come to benefit the pupils in the teach-learning process, being facilitated to them to get a good acquisition of the reading; to relate and to analyze practical playful of reading applicable to the learning process; to understand the process of teach-learning mediated for the playful activity. The methodology used for the development of the work was of bibliographical and electronic matrix, beyond a descriptive and explicative research. The intention of this article is to mainly sensitize the professors of infantile education and of the initial series of basic education concerning the important paper that the games, the tricks and the toys exert in the development of the child and the young apprentice. The work is an invitation when practical rethink of pedagogical from a reflection on the didactic importance of the playful activity in the process of construction of the knowledge, having itself in sight the formation of the reader and its citizenship.

Key - words: Recreation. Reading. Education. Teacher

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee. **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. 1 ed. 1994. São Paulo: Pioneira, 1998.

_____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da literatura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2001.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer**: interação participativa da criança com a leitura infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 2004.

SMOLE, Kátia Stocco et. al.. **Brincadeiras infantis nas aulas de matemática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1989.

O USO DE BLOGS COMO SUPORTE DIDÁTICO-PEDAGÓGICO[29]

Suzy Dayse Vasconcelos Bezerra da Silva

Resumo

Este artigo apresenta as potencialidades do uso do blog como suporte didático-pedagógico no processo de ensino-aprendizagem. O lócus da pesquisa é a construção e utilização de um blog para a disciplina Identidades Culturais na pós-modernidade, ministrada pela Profa. Dra. Vilma Mota Quintela, no quinto período do curso de Letras.Tendo como pensador principal Pierre Lévy, que aponta a inteligência coletiva como uma realidade da pós-modernidade e a urgência em desenvolvermos competências para o mundo virtual. As estatísticas apresentadas nos questionários aplicados aos alunos matriculados na disciplina e as produções textuais postadas no blog confirmam a inclusão do ensino superior na cibercultura.

Palavras-chave: blog, cibercultura, produção textual

1. Introdução

Este artigo é o resultado da constante pesquisa que venho desenvolvendo acerca da utilização de blogs como suporte didático-pedagógico no ensino superior; objetivando apresentar as potencialidades que viabilizam o uso desta ferramenta no processo de ensino-aprendizagem e a inclusão digital do educando na cibercultura. A importância do tema reside na influência do pensamento de Peirre Lévy e Martins e na globalização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (doravante, TIC's).

> A inteligência ou cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou "eu" que sou inteligente, mas "eu" com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais (dentre as quais o uso da escrita). Para citar apenas três elementos entre milhares de outros, sem o acesso às bibliotecas públicas, a prática em vários programas bastante úteis e numerosas conversas com os

[29] A autora é graduanda em Letras pela FSLF. Artigo orientado pela Profª Drª. Vilma Mota Quintela, produzido enquanto pré-requisito parcial à aprovação na disciplina "Trabalho de Conclusão de Curso."

> amigos, aquele que assina este texto não teria sido capaz de redigi-lo. Fora da coletividade, desprovido de tecnologias intelectuais, ”eu” não pensaria. O pretenso sujeito inteligente nada mais é que um dos micro atores de uma ecologia cognitiva que o engloba e restringe.O sujeito pensante também se encontra fragmentado em sua base, dissolvido pelo interior. (LÉVY, 2008, p.135)

A pesquisa qualitativa participativa apresenta-se em 3 etapas, a primeira com o estudo bibliográfico e a apresentação de um projeto para a construção de um blog que seria utilizado como suporte didático-pedagógico na disciplina Identidades Culturais na Pós-modernidade, ministrada pela Profa. Dra. Vilma Mota Quintela, no segundo semestre do ano de 2010, no curso de Letras da Faculdade São Luís de França, situada no município de Aracaju, no estado de Sergipe, Brasil. No segundo momento, o blog foi construído por mim e apresentado aos acadêmicos e a professora da disciplina ,oportunidade em que passei a ministrar oficinas para ensinar o uso da ferramenta e suas possibilidades. A partir deste momento executei a pesquisa de campo, que constou da aplicação de 45 questionários compostos por 10 perguntas abertas e de múltipla escolha, que serão aplicados e respondidos pelos acadêmicos matriculados na citada disciplina. A terceira etapa da pesquisa consiste em analisar os dados coletados a partir da tabulação dos questionários.

Desdobrando os objetivos desta pesquisa teremos: testar o uso do blog como um suporte didático-pedagógico no ensino superior, conhecer os conceitos relativos ao weblog e a cibercultura, identificar quais são as potencialidades que o uso do blog oportuniza no processo de ensino-aprendizagem, desenvolver a prática da leitura e da produção textual em gêneros digitais e confirmar se o uso do blog no processo de ensino-aprendizagem facilita a inclusão digital.

Segundo Lévy em seu livro Cibercultura, as habilidades que o indivíduo desenvolve no início da sua vida profissional, não possuem mais significado no meio da carreira, isso devido ao turbilhão de informações que são lançadas na rede, no ciberespaço, e que passa a exigir do profissional uma atualização constante. Trabalhar equivale cada vez mais a aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos, conforme afirma Lévy.

> O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e

> alimentam esse universo. “Ciberespaço é o conjunto de informações codificadas binariamente que transita em circuitos digitais e redes de transmissão. A partir das intricadas relações estabelecidas nesse sistema, emergem as referências a um „espaço informacional‟ , indicando o caráter teórico que embasa a concepção da espacialidade do ciberespaço. A World Wide Web (rede mundial) passou a ser genericamente identificada como „o ciberespaço”.(LÉVY,1999, p.29)

A internet trouxe em sua interface vários gêneros digitais, e entre eles o blog, que faz parte do nosso objeto de estudo. Considerado pelos teóricos como um gênero híbrido, por possuir a opção de ser individual (em que o autor do blog proíbe as participações dos leitores) ou coletivo (em que o autor do blog pode adicionar membros e outros autores, com acesso restrito a postagem ou como acesso de administrador do blog), esse gênero digital também viabiliza o uso de imagens, vídeo, som, links e textos.

> Um **blog** (português brasileiro) ou **blogue** (português europeu) (contra(c)ção do termo inglês *Web log*, diário da web) é um *site* cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou *posts*. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do *blog*, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do *blog*. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog)

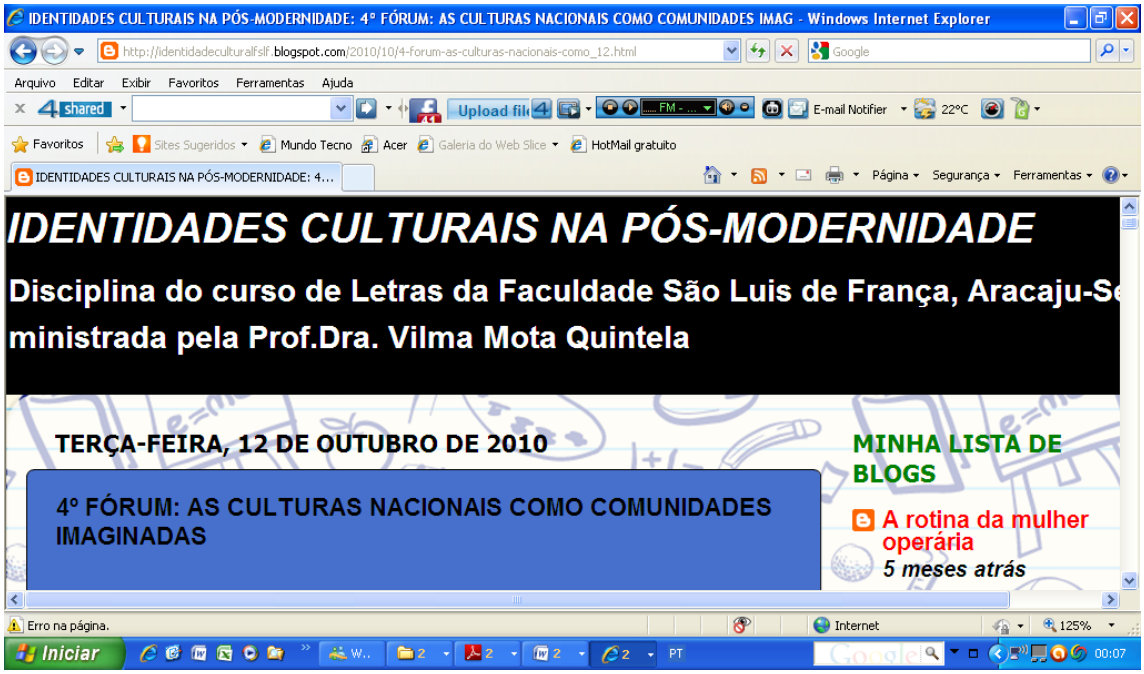
Conforme o site wikipedia o webblog foi criado por Jorn Barger em 1997e a abreviação *blog*, , foi criada por Peter Merholz, que, de brincadeira, desmembrou a palavra *weblog* para formar a frase *we blog* "nós blogamos". Desde então esse diário online vem sendo utilizado pelos mais distintos públicos, de todas as idades.

> blogs são como diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos. (MARCUSCHI,2005, p.29)

O blog é um diário virtual informal, que abrange um imensa variedade de temas, que são postados no ambiente virtual, e passam a ser denominados posts. Vários sites apontam o Brasil como o terceiro país do mundo em número de blogueiros, e o quinto em número de leitores de blogs. Não cito a literatura sobre essas estatísticas em decorrência da literatura ainda escassa sobre o tema, sendo mais recorrente as informações da rede de internet.

2. Uma experiência exitosa sobre o uso do blog como suporte pedagógico

Passo agora a apresentar as estatísticas e justificativas dos 45 questionários aplicados e respondidos pelos alunos do curso de Letras, da Faculdade São Luís de França, na disciplina de Identidades Culturais na pós-modernidade, ministrada pela Profa. Dra. Vilma Mota Quintela, no segundo semestre do ano de 2010, quinto período. Abaixo, imagem da página do blog criado como suporte pedagógico para a disciplina.



QUESTIONÉRIO DE PESQUISA
1- Qual a frequência do seu acesso a internet? a( ) diário b( ) semanal c( ) mensal d( ) raramente e( ) não acesso
2- Você já possuía um email antes de entrar na faculdade? a( ) sim b( )não
3- Você sabia o que era um blog antes de entrar na faculdade? a( ) sim b( ) não
4- O uso do blog como ferramenta pedagógica pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem? a( ) sim b( )não Justifique_____

5-Ter acesso a um blog como ferramenta didático-pedagógica despertou em você novas possibilidades para a sua atuação em sala de aula enquanto futuro professor? a( ) sim b( ) não Justifique- _____
6-Você entende ser importante que o professor possua habilidades para o uso dos gêneros digitais no processo de ensino- aprendizagem? a( ) sim b( ) não Justifique_____
7-Marque um X em duas das principais ações pedagógicas promovidas pelo blog enquanto recurso pedagógico: a ( ) promove o acesso aos gêneros digitais b ( ) promove a leitura c( ) promove a produção textual; d( ) promove o desenvolvimento de novas metodologias para o processo de aprendizagem; e( ) Promove a socialização e a globalização do conhecimento; f( ) promove a integração enquanto comunidade virtual; g( ) promove a facilidade de acesso aos conteúdos partilhado por todos.
8- Participar de um blog despertou em você? a( ) Interesse pelo aprendizado da nova ferramenta digital; b( ) Interesse em navegar pela internet; c( ) Nenhum interesse; d( ) medo por não conhecer a nova ferramenta digital.
9-Você sabia criar um blog antes de entrar na faculdade? a( ) sim b ( ) não
10- Você possui computador com acesso a internet em sua casa? a( ) sim b( ) não Sua participação foi muito valiosa, obrigada.

1- Qual a frequência do seu acesso a internet?

A(40%) diário B(44,2%) semanal C(4,6%)mensal

D(11,1%)raramente E(0%)não acesso

2-Você já possuía um email antes de entrar na faculdade?

A(86,6%) sim B(13,4%)não

3-Você sabia o que era um blog antes de entrar na faculdade?

A(55,5%) sim B(44,5%) não

4- O uso do blog como ferramenta pedagógica pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem?

A(88,8%) sim B(6,6%)não 2 não responderam(4,6%)

Justifique (As transcrições foram feitas fielmente, conforme os questionários)

- Sim, porque ao descobrirmos a facilidade do mundo da internet, o conhecimento chega mais rápido e torna-se vasto.

-Sim, diante do blog as pessoas conseguem relacionar-se e dividir seu conhecimento.

-Sim, porque é uma boa ferramenta para postar conteúdo e também para pesquisar.

-Não, porque eu não uso blog como ferramenta pedagógica, procuro usar livros.

-Sim, pois facilita o uso do computador e ajuda na pesquisa e no desenvolvimento pedagógico.

-Sim, pois através dele há uma facilidade de aprendizagem.

-Sim, porque se os alunos também possuírem esse acesso, facilita, tanto o ensino e a aprendizagem.

-Não, não sei fazer.

-Sim, por entender melhor o mundo digital.

-Sim, porque através do blog você também compartilha conhecimentos.

-Sim, através do blog ficamos atualizados em diversos conteúdos e temas.

-Sim, pois sempre é bom uma inovação na aprendizagem.

- Sim, porque o assunto quando pertence ao domínio publico facilita a comunicação.

-Sim, estimula o aprendizado e facilita a comunicação.

-Sim, porque vai fazer com que os alunos conheçam diferentes gêneros textuais e produzam.

-Sim, porque temos uma referência a mais nas pesquisas.

-Sim, interagir com outras pessoas, trocar idéias, conhecimentos, é uma forma de socialização.

-Sim, pois podemos compartilhar conhecimentos, facilita o acesso a outras opiniões, conteúdos, etc.

-Sim, habilidade tecnológica.

-Sim, promove a interação, habilidade com o mundo da tecnologia.

-Sim, a diversidade de informações, que circulam nos diversos blogs é prova incontestável da questão formulada.

-Sim, desde que seja utilizado para essa finalidade.

-Sim, pois bem, o blog é uma ferramenta muito importante que nos ajuda adquirir mais conhecimento.

-Por ainda não saber acessar não tenho clareza para tal avaliação.

-Sim, porque facilita no desenvolvimento em pesquisas, em relação a assuntos de importância acadêmica.

-Sim, porém, há algumas ressalvas: nem todos tem acesso diário ou semanal à internet.

-Sim, por que é mais uma ferramenta a favor do conhecimento e aprendizagem.

-Sim, por que facilita o aprendizado, e ajuda no desenvolvimento de outras atividades.

-Sim, pois otimiza o tempo e dinamiza as aulas.

-Sim, é um meio de interagir com pessoas com opiniões diferentes.

-Sim, facilita a pesquisa dos assuntos da atualidade.

-Sim, pois nos dá a oportunidade de adquirir conhecimentos.

-Sim, porque promove a globalização do conhecimento bem como aos gêneros digitais.

-Sim, facilita no conhecimento, abrindo portas para grandes tecnologias na educação.

-Sim, porque é sempre bom estarmos conectados com as novas tecnologias.

5-Ter acesso a um blog como ferramenta didático-pedagógica despertou em você novas possibilidades para a sua atuação em sala de aula enquanto futuro professor?

A(39 / 86,6%) sim B(5 / 11,1%) não 1 não respondeu(2,3%)

Justifique (As transcrições foram feitas fielmente conforme os questionários)

-Sim,o blog auxilia como fonte inspiradora do professor do futuro com novas metodologias.

-Sim, hoje com a globalização nós futuros professores precisamos estar sempre atualizados para uma melhor atuação.

-Sim, mas sinto uma pequena dificuldade, que com o tempo irei superar.

-Sim, o professor precisa estar apto para as novas tecnologias.

-Sim, facilita a comunicação, desenvolve várias habilidades.

-Sim, porque pode tornar as aulas mais interativas e a turma mais motivada.

-Sim, é uma maneira diferente de ensinar e aprender ao mesmo tempo, tornando o ensino mais ágil.

-Sim, pois será uma possibilidade de ensino-aprendizagem.

-Sim, por ser uma ferramenta de interesse crescente dentre os jovens alunos.

-Sim, pois o professor deve estar apto no sentido de tanto aprender como passar informações para os alunos.

-Sim, é importante o professor está atualizado no mundo globalizado.

-Sim, quando estiver dominando claramente penso em armazenar temas da minha autoria como poeta.

-Sim, pois o professor com habilidades em gêneros digitais desempenhará seu papel melhor em sala de aula

-Sim, através dessa ferramenta o professor pode despertar o interesse dos alunos bem como facilitar o aprendizado.

-Não, como já utilizava a ferramenta não desperta em mim possibilidades que já visualizo.

-Sim, porque através do blog podemos compartilhar conhecimentos,opiniões das outras pessoas, etc.

- Sim, porque posso atualizar muitos assuntos.

- Sim, pois é indispensável

- Sim, a medida que aprendo coisas novas, sinto vontade de passar adiante.

- Sim, porque no blog você está em aberto para o mundo

- Sim, porque o aluno precisa estar atento ao mundo da globalização

- Sim, pois percebe que o blog diverte ao mesmo tempo que informa.

- Ainda não, por falta de conhecimento.

- Sim, é uma oportunidade!

- Sim, com certeza tanto para avaliar os alunos quanto para disponibilizar materiais para os alunos.

- Sim, por que eu também futuramente posso seguir esse mesmo método aprendido.

- Sim, porque mais tarde isso pode ser obrigatório até porque devemos colocar em prática o dia-dia, para mais tarde saber ensinar aos nossos futuros alunos.

- Não, porque eu prefiro o contato pessoal e não ficar usando o blog como mala direta (correio).

- Sim, porque contribui com mais um meio no processo de ensino-aprendizagem.

- Sim, pois o professor deve estar apto para as novas tecnologias

- Sim, porque um professor atualizado torna a aula mais interessante.

6-Você entende ser importante que o professor possua habilidades para o uso dos gêneros digitais no processo de ensino-aprendizagem?

A(97,7%) sim B(2,3%) não

Justifique (As transcrições foram feitas fielmente conforme questionários)

- Sim, porque é a melhor forma para adquirir novos conhecimentos

- Sim, o mercado de trabalho exige que o professor esteja atualizado

- Sim, o professor deve estar ciente da importância da ferramenta tecnológica para que a mesma seja utilizada para um aprendizado eficiente.

- Sim, pois, atualmente há um grande processo de informatização de todos os setores profissionais.

- Sim, pois ajuda a lidar com novas possibilidades.

- Sim, o professor em si já é uma ferramenta e agregar outros conhecimentos enriquece e transfere a outras pessoas.

- Sim, pelo simples fato de que esta é uma realidade da qual poucos ficaram de fora.

- Sim, o professor deve está atualizado com os avanços para melhorar sua metodologia.

- Sim, essa ferramenta passa a ser fundamental para o trabalho do professor.

- Sim, é importante pois o mercado de trabalho está cada vez mais exigente e o profissional precisa inovar.

- Sim, porque há uma comunicação com perfeita evolução do professor com os alunos.

- Sim, porque o professor deve estar ciente da importância desta ferramenta.

- Sim, porque o professor tem que evoluir de acordo com as novas propostas.

- Sim, muito embora eu procurarei não usá-lo,principalmente com alunos.

- Sim, como eu falei anteriormente daqui a alguns dias isso vai ser obrigatório.

- Sim, com certeza, não tem como ser um professor sem saber da nova era da tecnologia.

- Sim, a tecnologia está tão avançada que as crianças estão dominando e cobrando dos adultos.

- Sim, porque precisamos está atualizados com a era digital.

- Sim, pois os alunos gostam de novidades.

- Sim, porque ele precisa se atualizar e introduzir o aprendizado na sala.

- Sim, ele deve e precisa estar atento.

- Sim, o professor deve conhecer o mundo digital para facilitar seu trabalho.

- Sim, porque os próprios alunos vivem em um mundo digital, é importante o professor está atualizado.

- Sim, pois é muito importante para o professor seguir esse processo.

- Sim, porque o professor precisa acompanhar a atualidade e saber utilizá-la para a educação.

- Sim, pois só com as habilidades ele consegue acessar a internet.

- Sim, interagir com seus alunos.

- Sim, no que se refere ao ensino-aprendizagem todo conhecimento é válido.

- Sim, pois de maneira gradativa a tecnologia vem invadindo o âmbito escolar.

- Sim, por se tratar de uma ferramenta pós-moderna é óbvio que o professor necessita falar a linguagem em tela.

- Sim, porque o professor com habilidades em gêneros digitais desempenhará seu papel melhor em sala de aula.

- Sim, porque facilita o aprendizado dos alunos.

7- Marque um X em duas das principais ações pedagógicas promovidas pelo blog enquanto recurso pedagógico:

A (24,4%) promove o acesso aos gêneros digitais

B (20%) promove a leitura

C(33,3%) promove a produção textual;

D(40%) promove o desenvolvimento de novas metodologias para o processo de aprendizagem;

E(57,7%) Promove a socialização e a globalização do conhecimento;

F(8,8%) promove a integração enquanto comunidade virtual;

G(24,4%) promove a facilidade de acesso aos conteúdos partilhado por todos.

8- Participar de um blog despertou em você?

A(77,7%) Interesse pelo aprendizado da nova ferramenta digital;

B(2,3%) Interesse em navegar pela internet;

C(11,1%) Nenhum interesse;

D(6,6%) medo por não conhecer a nova ferramenta digital.

1 não respondeu este item

9- Você sabia criar um blog antes de entrar na faculdade?

A(13,3%) sim B(86,6%) não

10- Você possui computador com acesso a internet em sua casa?

A(68,8%) sim B(31,1%) não

3. Considerações finais

Tendo como referência o pensamento de Pierre Lévy, em que o processo de ensino-aprendizagem precisa atualizar suas competências constantemente e conectar-se com o ambiente virtual a partir do princípio da inteligência coletiva, evidencio a partir deste artigo a viabilidade da construção e utilização do blog enquanto suporte pedagógico. As pesquisas de campo, realizadas a partir da aplicação dos questionários e a observação dos posts que encontram-se no blog,

constituem uma análise que potencializa o uso de gêneros digitais no ensino superior, aproximando o aluno e o professor da cibercultura, do espaço virtual e por conseqüência, aproximando-os da leitura e da produção de texto, tornando-se o ponto alto do blog em estudo. As estatísticas da pesquisa apontam a importância da inclusão digital, da criação de um blog para a disciplina, da oportunidade do aprendizado da construção de um blog, em que 86,6% dos alunos desconheciam essa competência, e ao final do semestre, a turma desenvolveu habilidades para postagem dos textos, exercitaram o uso dos comentários, e divididos em grupos criaram seus próprios blogs com os conteúdos pesquisados na disciplina identidades Culturais na pós-modernidade. Como blogueira , aluna da disciplina que apresentou a proposta do blog, e também professora, entendo que o blog é um recurso positivo para a aprendizagem, desde que bem aproveitado e que foi uma experiência bastante exitosa em no processo de ensino-aprendizagem.

4. Referências

CONDÉ, Valéria Gil. **Modelos de Análise Linguística.**São Paulo: Contexto, 2009

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de artigos científicos.** São Paulo: Avercamp, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**.São Paulo: DPeA, 2006

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência- O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: editora 34,2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: editora 34,1999.

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. 2ªed. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2005.

MARTINS,Francisco Menezes. **Impressões Digitais- Cibercultura, Comunicação e Pensamento Contemporâneo**.Porto Alegre: Sulina,2008.

Sites

http://www.identidadeculturalfslf.blogspot.com/

http://blogfslf.blogspot.com/

http://pt.wikipedia.org/

EDUCAÇÃO E LEITURA: PROBLEMAS ENCONTRADOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR[1]

Paulyne Rodrigues de Souza[2]

RESUMO

Este artigo apresenta um relato sobre a prática de leitura na escola e da leitura na formação do aluno, como ser leitor. Abordando alguns aspectos que tornam o universo da leitura algo não tão agradável para o aluno. O objetivo é mostrar as dificuldades que os alunos têm em fazer uma leitura e como as instituições escolares deixam a desejar nesse quesito. Além disso, mostrar o incentivo da leitura em sala de aula e uso da Internet, por parte do professor, fazendo com que o aluno tenha motivação e interesse em ler e pesquisar; focando ainda a importância da formação do docente. Nessa perspectiva ficou clara a importância de identificar quais problemas existentes na formação de alunos-leitores e torná-los capazes de ver o mundo de forma crítica e que também possa tornar a leitura um prazer e não apenas uma maneira de busca de uma vida melhor.

Palavras-Chave: Leitura. Aluno. Professor. Sala de aula.

1. Introdução

O presente artigo apresenta um relato sobre: Educação e Leitura: problemas encontrados na formação do leitor. Nota-se que os alunos têm bastante dificuldade em fazer qualquer leitura de qualquer gênero textual e se interessar pelo ato de ler. Mas percebe-se, que às vezes tudo isso ocorre por falta de incentivo por parte dos pais, professores e até mesmo da sociedade. Ler é mais do que um processo individual, é também uma prática social e o incentivo do professor aos alunos com a leitura é muito importante para que eles possam ter uma visão diferente do mundo através do ato de ler. Aqui, vale ressaltar que a formação de um leitor crítico se faz a partir do momento em que o professor mostra aos alunos o prazer da leitura, isso ocorre quando o docente usa de textos diversificados em suas aulas e que vão ao encontro com realidade do aluno.

O trabalho iniciou-se no mês de fevereiro e finalizado no mês de junho do ano de 2011. Toda a pesquisa deu-se na cidade de Aracaju, localizada no Estado de Sergipe, que fica no Brasil.

A pesquisa desenvolveu-se como requisito final da Disciplina TCC do curso de Letras e suas respectivas Literaturas da Faculdade São Luís de França para a conclusão do curso. Tendo a intenção de abordar os problemas na formação do leitor prezando para uma nova perspectiva do ensino.

O projeto tem como justificativa desenvolver artifícios que tornem a leitura atrativa no processo de formação do leitor e trazer soluções para este atrativo. Contribuindo com professores e todos que interessam pelo assunto como base de conhecimento de um tema que é bastante debatido. Problematiza-se nesta pesquisa a questão: Por que o aluno não gosta de ler? É necessário entender quais as causas deste problema para compreendê-lo e assim questionar como esta prática está sendo abordada no contexto escolar; A sala de aula é um ambiente propiciador do gosto pela leitura?O professor deve ser um incentivador da prática da leitura para que o aluno entenda que esta dá sentido ao mundo, assim como as aulas tem sentido para os alunos.

O objetivo principal deste trabalho é retratar os problemas do processo de formação de leitores perpassando por outros objetivos como: Argumentar qual o papel social da leitura, Refletir sobre o papel do professor no processo ensino-aprendizagem do ensino da leitura, Descrever qual o papel da leitura no contexto educacional e expor que a apropriação da leitura e da escrita faz com que não haja problemas na formação dos leitores. Para tanto, inicialmente, foram buscadas, em pesquisas bibliográficas, as contribuições de autores como Paulo Freire, Maria Helena Martins, Regina Zilberman, Marisa Lajolo, entre outros como também pesquisas em textos teóricos como os Pcn’s.Enfatizando a função social e a importância da literatura na formação do leitor desenvolvendo assim o seu potencial critico ao ler.

2. A PRÁTICA DA LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

A prática da leitura se faz presente na vida das pessoas desde o momento em que passam a compreender o mundo a sua volta. No constante desejo de decifrar e

interpretar o sentido das coisas que os cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a ficção com a realidade em que vivem no contato com um livro, enfim, em todos esses casos, está de certa forma lendo, embora muitas vezes o indivíduo não se dá conta disso. Freire (2008) já postulava que

> "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente" (FREIRE, 2008, p. 11).

Freire (2008) mostra que antes mesmo do contato com o livro o indivíduo já tem um contato com a leitura do mundo, com sua experiência de vida, pois cada ser tem uma maneira de interpretar e ver as coisas que o rodeia. Por isso a leitura do mundo é sempre fundamental para a importância do ato de ler, de escrever ou reescrever e transformar através de uma prática consciente. Isso equivale dizer que a realidade cotidiana do aprendiz está diretamente refletida no processo de conhecimento e interpretação das palavras e frases escritas. Com isso a leitura é uma forma de atribuição contínua de significado, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do ser humano, pela sua subjetividade. Assim, a leitura é um dos grandes elementos da civilização humana. Martins (1986) também afirma que o ato de ler vai além da escrita. "Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo". (MARTINS, 1986, p14). É notável que tanto para Martins (1986) quanto para Freire (2008) a experiência do mundo que precede a leitura é antes de tudo viver, cada pessoa tem sua experiência de mundo e, ao ler, muitos se identificam na leitura escrita.A prática da leitura da palavra é um fator que deve ser realizado, na sala de aula e na biblioteca, fazendo uso de livros didáticos e literários, revistas, jornais, entre outros, a fim de transformar em qualidade a relação textual com o mundo leitor. O incentivo à leitura deve partir do professor em sala de aula, dos pais e da sociedade, pois assim os alunos passarão a buscar leituras individualizadas. Dessa forma, o texto quando lido com intenção de compreendê-lo tem o poder de transformar o leitor passivo em um leitor crítico e agente capaz de modificar e formar conceitos. Por isso é importante o uso da biblioteca escolar, a qual deve ser amplamente explorada pelos professores para que os alunos tomem gosto pelas leituras diversas, a qual pode ser vista como propagadora da função social do ato de ler.

2.1 Leitura em sala de aula

Ler é importante na escola porque é importante na sociedade.

> ... a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade.(ZILBERMAN,2003,p.16)

Quando o aluno lê, os sentidos e valores que possui acerca dos fatos do mundo, acerca da vida e das pessoas entram em contato com os valores e sentidos veiculados nos textos. Com isso, a leitura na sala de aula serve para o aluno aprender a participar das práticas sociais de leitura que acontecem em todos os espaços onde as pessoas circulam, seja no restaurante, Shopping, no trabalho, enfim, em todo lugar. As atividades de leitura nas primeiras aulas devem ser livres para não travar ou obrigar o aluno a fazer o que não tem vontade, ou seja, eles devem ser motivados pelo professor a ler textos interessantes, pois há diversos tipos de textos os quais podem e devem ser estudados em sala, de forma a não se tornar cansativo. Freire (2008) mostra que ao ler é preciso pensar certo, ou seja, saber argumentar e ter sua própria opinião. Ele diz: "Quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo. [...] Devemos pensar sobre a nossa vida diária. [...] Aprender a ler e escrever não é decorar "bocados" de palavras para depois repeti-los." (FREIRE, 2008 p. 56).

Dessa forma, o aluno que lê e interpreta passa a ter um gosto pela leitura, pois compreende aquilo que está escrito. Os textos em sala de aula podem ser tirados de jornais, de livros, podem ser contos, enfim, podem ser de qualquer gênero. Porém, é preciso levar o aluno a pensar e argumentar. Pensar certo é entender e descobrir o que pode estar escondido nos fatos e nas coisas, naquilo que se analisa e observa. Freire (2008, p.59) acrescenta que "um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade". Com base nisso é preciso que o aluno, em sala de aula, leia com atenção. Ele deve ser motivado pelo professor, o qual deve mostrar o que há nas entrelinhas, nas figuras, no título, isto é, em tudo que pode despertar a curiosidade do aluno. Assim, criar condições de leitura trata-se de dialogar com o leitor sobre sua leitura, ou seja, sobre o sentido que ela dá: seja a algo escrito, quadro, coisas, sons, imagens, idéias, situações reais ou imaginárias. Dessa maneira, o aluno que lê mais ou que passa a ter o hábito de ler revelará um desempenho melhor,

pois posicionará diante dos fatos, acontecimentos e será capaz de selecionar os textos que atendem uma necessidade sua, interpretando, analisando e produzindo com eficácia.

Segundo Paulino (2001, p.156), "as leituras, em sua diversidade, mobilizam emoções, incitam reflexões, transmitem conhecimentos, envolvendo, como se viu, diferentes saberes. Se os textos se diversificam, também as leituras devem ser diferentes". Assim, a leitura em sala de aula deve ser variada, isto é, diferenciar quanto ao gênero: notícias de jornal, poemas, contos, poesias e tantos outros. Essa prática da leitura em sala de aula só terá um bom desenvolvimento se o professor tiver o hábito de ler. É preciso que antes de levar um texto para seus alunos, primeiro que ele tenha conhecimento, ou seja, prepare antes suas aulas de leitura, pois só assim ele será mais tolerante tanto para avaliar quanto para selecionar os textos a serem lidos. Sendo tarefa primordial do professor de português como afirma Lajolo (2001, p.21 e 22)

> O professor de Português deve estar familiarizado com uma leitura bastante extensa de literatura, particularmente da brasileira, da portuguesa e da africana de expressão portuguesa. Freqüentador assíduo dos clássicos, sua opção pelos contemporâneos, pelas crônicas curtas ou pelos textos infantis deve ser, quando for o caso, mera preferência. Em outras palavras: o professor de Português pode não gostar de Camões nem de Machado de Assis. Mas precisa conhecê-los, entendê-los e ser capaz de explicá-los.

Com isso, para ter uma ótima interpretação é preciso antes de tudo fazer uma boa leitura.

2.2 Por que o Aluno não Gosta de ler?

A maioria dos alunos não gosta de ler e há alguns fatores que servem para comprovar isso. No ambiente familiar, por exemplo, diversos pais não lêem e não estimulam os filhos à leitura, porque eles também não foram incentivados para tal. Com isso, são poucas as famílias que tem o hábito de leitura em casa. Na família brasileira só se fala de livros quem teve a oportunidade de ter nascido em meio a eles e os que falam de leitura e de escola falam com a vontade de quem pertence à classe que se apossa de livros desde criança. O ambiente escolar deveria ser o local de maior motivação à leitura, mas o sistema de ensino valoriza e foca muito mais a gramática e esquece de estimular os alunos a ler um bom livro, revistas, gibis, jornais etc. tornando-se um erro gravíssimo do ensino de Língua. Falta também, o apoio governamental, ou seja, falta o

governo investir mais na educação, muitas escolas públicas, infelizmente, carecem de qualidade e de recursos como livros e biblioteca adequada.

Ser leitor, também requer disciplina e treinamento. Martins (1986, p. 84) mostra que "o homem é um ser pensante por natureza, mas sua capacidade de raciocínio precisa de tanto treinamento quanto necessita seu físico para, por exemplo, tornar-se um atleta." Isso vem mostrar que para se tornar um grande leitor é preciso ter atenção, desafiar ludicamente a memória, pensar e ler diariamente. Assim como Martins (1986), Freire (2008) aponta, também, a disciplina na leitura; já que "estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem." (FREIRE, 2008, p.59). Com isso, percebe-se que para ler bem tem que ler muito e grande parte dos alunos sentem-se desmotivados e "preguiçosos" quando o assunto é leitura. Esses não querem exercitar a mente porque ler requer garra, estímulo, concentração e perseverança. É muito mais fácil sentar-se diante da televisão ou ficar ouvindo o rádio do que pegar um jornal ou um livro e ler. A dificuldade maior é a acomodação e a falta de tradição de leitura no contexto histórico do Brasil, pois a leitura sempre se restringiu à minoria de indivíduos que teve acesso à educação e aos livros. A grande massa da população sem condições de estudar sempre aderiu aos meios diretos de comunicação que não exigem educação formal, como, por exemplo, rádio e TV. Por isso, ler é um hábito raro entre as famílias. Muitos alunos chegam ao colégio achando livro quase uma coisa esquisita, leitura uma chatice, talvez esses alunos precisem ser conquistados; perceber que ler pode ser divertido, interessante, descontraído e prazeroso.

Mas o que é preciso ler, afinal? Cada um deve descobrir o que gosta de ler, e vai gostar, talvez, pela vida afora. Não é preciso que todos amem os clássicos nem aprecie romance ou poesia. Há quem goste de ler sobre esportes, explorações, viagens, astronáutica ou astronomia, história, artes, computação. Independente do que está lendo o importante é que faça exercitar o cérebro. Se o aluno iniciar-se com o que gosta, passará a ter o hábito de leitura e, consequentemente, estará lendo gêneros variados com maior complexidade.

Portanto, para que o aluno tome gosto pela leitura é preciso estímulo por parte dos professores para que eles possam ter outra concepção de leitura e não 11repitam com seus filhos o que seus pais lhes passaram. Dessa maneira, é possível modificar o

conceito de que o aluno não gosta de ler, assim, a leitura será a ponte para o processo educacional eficiente. Essa motivação deve acontecer desde a Educação Infantil, porém nunca é tarde para incentivar os estudantes já adolescestes à leitura, pois lendo o sujeito fica mais forte como indivíduo, mais integrado no mundo, mais curioso, mais ligado aos acontecimentos.

2.3 Os leitores do Ensino público / Ensino Particular

A diferença entre os alunos da Rede Pública e da Rede Privada insere-se na questão da origem social. A diferença na escola privada é que há mais recurso e pode oferecer uma infraestrutura melhor. Os pais que têm a possibilidade de colocar o filho em uma escola particular, é porque querem o melhor, por isso exigem boas notas, atividades extras, infraestrutura, enfim, exigem mais do professor e da escola, desse modo o colégio é visto como uma etapa pré-faculdade. Já nas escolas públicas, infelizmente, oferecem o básico do estudo. Lamentavelmente, no Ensino Fundamental e Médio destas escolas simplesmente tem-se a idéia de que os alunos precisam ter um conhecimento básico para seguirem suas vidas. E a falta de infraestrutura em diversos setores só agrava mais o problema: carteiras estragadas, falta de livros, de materiais didáticos etc. A ausência dos pais também faz com que os alunos se sintam desmotivados, pois a família é um fator fundamental na educação. Infelizmente, a maioria dos pais é semianalfabeto, não têm condições nem mesmo de ajudar o filho. Diferente do que acontece com os alunos da escola privada, que desde cedo são estimulados a pensar no futuro, no que vai ser quando crescer. Porém, há também aqueles pais da rede pública que se interessam pela educação do filho, isso é minoria, mas existe e esses alunos fazem a diferença no ensino, alguns até lêem por si mesmos.Quanto à leitura, tanto na Rede Privada quanto na Rede Pública há falta de interesse dos alunos em ambas as partes - particular e pública - o que diferencia é que os da escola privada leem um pouco mais, não porque os alunos gostam, mas porque são mais cobrados por parte dos professores. E a cobrança desses alunos é maior, porque os pais pagam à escola, então a exigência de casa como da escola acaba sendo maior também, fazendo com que eles leiam mais, isso em todas as disciplinas. E com isso, a aprovação dos alunos nos vestibulares é maior na rede privada em razão das condições precárias de ensino do sistema público e das condições educacionais e culturais dos alunos das classes desfavorecidas.

2.4 Leitura Através da Internet

As pessoas vivem na era da globalização, na qual há troca de informação instantânea e facilidade de transmissão de conhecimento. A Internet pode propiciar a troca de experiências, facilita a pesquisa individual e grupal entre alunos, ajuda de certa forma na educação, quando usada para pesquisa, leitura, análise entre outros, pois os alunos interagem com o mundo real através do virtual. Essa tecnologia na escola está vinculada a uma concepção de ser humano e mundo, de educação e seu papel na sociedade moderna. A Internet no ensino deve servir para enriquecer o ambiente educacional, proporcionando a construção de conhecimentos por meio de atuação ativa e criativa por parte de docentes e discentes. Quando o aluno se torna mais participativo ele aprende mais, pode aprender só ouvindo, mas aprende melhor interagindo, pesquisando. Por isso, o professor pode passar trabalhos para que seus alunos possam pesquisar tanto individualmente como em dupla, assim eles se tornarão mais participativos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN‟ s) mostram que é possível ler diversas obras por meio da Internet, mas cabe ao professor orientar seus alunos no sentido de que é preciso filtrar as informações e não se dispersarem, pois há muita informação na rede. Conforme os PCN‟ s (1998 p. 147), "é possível utilizar a Internet como uma grande biblioteca sobre todos os assuntos. Algumas pessoas descrevem a Internet como um tipo de repositório universal do conhecimento". Com base nisso, pode-se observar que é possível ler e refletir através do computador. Pois, por meio dessa tecnologia, podem-se criar ambientes de aprendizagem que fazem surgir novas formas de pensar e aprender. Os PCN‟ s destacam ainda a importância da Internet no processo educacional: O computador, em particular, permite novas formas de trabalho, possibilitando a criação de ambientes de aprendizagem em que os alunos possam pesquisar fazer antecipações e simulações, confirmar ideias prévias, experimentar, criar soluções e construir novas formas de representação mental. Além disso, permite a interação com outros indivíduos e comunidades, utilizando os sistemas interativos de comunicação: as redes de computadores. (PCN's 1998, p.141).

Há recursos, por meio da Internet que permitem a construção de objetos e imagens que favorecem a leitura. O professor deve mostrar que o computador é um instrumento de mediação para o estudo, orientando seus alunos a fazer pesquisas, leituras, análises de obras de modo a fazer com que eles busquem informação sobre o assunto em

questão. Assim, é necessário guiar seus discentes para que eles aprendam a usar a Internet como ferramenta de pesquisa de fato, e não copiem e colem apenas, afinal buscar e selecionar informações na rede é uma habilidade a ser desenvolvida. Para isso cabe ao docente orientá-los para que possam ler e refletir através da tela do computador. Porém, o professor deve mostrar que não se pode substituir o livro pela Internet, ou seja, a obra do autor pelo resumo, sinopse, e que o computador é um complemento no ensino educacional, permitindo criar ambientes de aprendizagem, surgindo assim, novas formas de pensar e aprender.

2.5 A importância da Formação do Professor

Os professores são peças fundamentais na transformação da escola; são eles que estão em contato direto com o aluno, que planejam, organizam, orientam, avaliam e desenvolvem atividades no dia a dia da sala de aula. Esses professores têm uma função extraordinária como educador, por isso é preciso que tenham uma formação acadêmica e ética, pois enfrentarão alguns problemas com alunos que são comumente associados a uma crescente desestruturação familiar e do meio social, como: pais separados, pais alcoólicos, desemprego, drogas entre outros. Com isso, é preciso que o docente esteja preparado para trazer temas para suas aulas conforme a realidade e faixa etária de sua turma, com o intuito de despertá-los o interesse pela leitura. Segundo Martins (1986), o educador não tem a função de apenas ensinar ler, mas criar condições que estimulam os alunos a isso: A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS 1986, p.34)

Assim, é primordial que o professor ao sugerir uma obra fale a seus alunos sobre o autor, o porquê de lê-lo e, se necessário, contextualizar a história, poder compará-lo com a época e o cotidiano em que vivem. Mostrar que todo livro traz na capa, nas primeiras ou últimas páginas o nome do autor, do ilustrador, da editora, o ano de publicação e das imagens, enfim, devorar, enxergar o livro como um todo, fazendo com que o aluno perceba que tais informações são essenciais e essa é a primeira leitura que se faz de um livro. Com isso, o professor está criando situações que estimulam os alunos a gostar de ler, e esses educandos jamais se esquecerão de procurá-las toda vez

que buscar uma leitura. A leitura tem que dar sentido ao mundo, assim como as aulas tem que ter sentido para os alunos.

Conforme Lajolo (2002, p. 15) “Ou um texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer sobre nossas aulas”. Dessa forma, é preciso que o professor esteja preparado para estar em sala. Ao levar um texto ou indicar um livro, primeiro ele precisa estar interagindo com a leitura, ter conhecimento do que está passando com os seus discentes e não simplesmente indicar algo que não conhece porque o aluno poderá questioná-lo e se o professor não leu antes, não saberá tirar as dúvidas de sua turma.

Poderá levar novidades, por exemplo, textos de jornais ou revistas de fatos atuais, fazer debates, seminários em sala de aula, pôr a turma para participar, compartilhar suas idéias e fazer com que o aluno participe também. Valorizar a participação em sala quando o aluno expuser seu ponto de vista. É importante que o professor estimule sua turma e mostre a leitura como uma prática social, fazendo com que os leitores percebam que precisam ler não somente para compreender, mas também para se comunicarem, adquirir conhecimentos e ampliar horizontes em relação ao mundo, e que, quanto mais praticar mais qualidade vai ter a sua leitura. É na sala de aula que professores e alunos têm a oportunidade de trocar conhecimentos, de construir uma aprendizagem sólida e coletiva.

Mas para isso o professor deve ter consciência de sua missão de educador e de profissional responsável pelo sucesso de seus alunos fora do ambiente escolar. É claro que o professor, precisa também, do auxílio dos pais, estes mesmo não sendo leitores precisam estar presentes na vida escolar de seus filhos. Dessa forma, se pais e professores trabalharem juntos haverá educação de qualidade, pois ambos podem estimular o aluno ao prazer de ser leitor. Assim, aquele educando que se afeiçoar a leitura se tornará melhor a cada texto lido e terá um potencial crítico ao argumentar, diante de uma postura ativa, de análise e de resposta ao texto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma concepção crítica, o professor tem um papel importante como mediador, devendo privilegiar a experiência de leitura dos alunos. Para isso os docentes têm como alternativa trabalhar diferentes tipos de textos e não apenas os dos livros didáticos. Notou-se que deve, também, estabelecer objetivos, planejar, apresentar diferentes pontos de vista construindo em sala de aula confiança e abertura para o debate e discussão entre os alunos. E finalmente, dessa maneira desenvolver a leitura crítica. Apesar da grande importância que a literatura exerce na vida do individuo, seja no desenvolvimento emocional ou na capacidade de expressar melhor suas idéias, em geral, de acordo com Machado (2001), elas não gostam de ler e fazem-no por obrigação.

> É imprescindível que na formação da criança, e do leitor, haja sempre espaço para que o contraditório e a ambigüidade apareçam. Não, naturalmente, como lições – se houvesse explicações para o contraditório, ele simplesmente não existiria – mas sim por meio do diálogo, da meditação, de discussões, especulações e troca de opiniões.
>
> É riquíssimo imaginar um cenário onde, juntos, adultos e crianças – em casa, numa sala de aula, seja onde for – possam trocar idéias e impressões sobre assuntos diante dos quais ninguém, seja qual for a faixa etária, pode "ensinar". Neste cenário, só é possível compartilhar experiências. Suspeitar ou sugerir, por outro lado, que crianças não tenham experiência de vida suficiente a ser compartilhada com adultos é ignorar a existência humana concreta.
>
> A Literatura, o discurso poético e ficcional, quando respeitadas suas características permite a identificação emocional entre a pessoa que lê e o texto e, assim, pode representar, dentro ou fora da escola, um precioso espaço para que certas especulações vitais – feitas pelo leitor, seja consigo mesmo, seja com outras pessoas – possam florescer.

ABSTRACT

This article presents a report on the practice of reading in the school, and the reading in the formation of the student, as well as be reader. Addressing some of the aspects that make the universe of reading something not so pleasant for the student. The goal is to show the difficulties that students have to make a reading and how the school institutions leave something to be desired in this item. In addition, show the encouragement of reading in a classroom and use of the Internet, on the part of the teacher, making the students has motivation and interest in reading and researching; focusing on the importance of training teachers. From this perspective it is clear that it is important to identify which existing problems in the training of students-readers and makes it capable of seeing the world in a critical and which can also make reading a pleasure, not just a way to search for a better life.

Key-words: Reading. Student. Professor.Classroom.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental**. Vol. 1. Ed. 1ª NC, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LAJOLO, Marisa**. Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo. Paulinas, 2007

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PAULINO, Graça. **Tipos de textos, modos de leitura**. São Paulo: Formato, 2001.

PONDÉ, Gloria; YUNES, Eliana. **Leitura e leituras da literatura infantil.** São Paulo, FTD, 1988.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

SOUZA, João Fernandes de A. **Artigo: A importância da leitura**. Goiânia: UCG, 1981.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

A INFLUÊNCIA POMBALINA NA LITERATURA BASILIANA[30]

Rosélia dos Santos Vieira[31]

rosy.aju1@hotamil.com

RESUMO:

Este artigo consiste em investigar as relações do Marquês de Pombal com o poeta brasileiro José Basílio da Gama. Daí o tema: "A Influência Pombalina na Literatura Basiliana". Como objetivo central do trabalho destaca-se o estudo da relação entre o Marquês de Pombal e Basílio da Gama, sugerida na exaltação da política pombalina presente no poema heróico O Uraguai. O artigo tem como base teórica autores da historiografia literária brasileira como Ivan Teixeira (1995), Antonio Cândido (1981), Vânia Pinheiro Chaves (1997) e (2000), Regina Zilberman (1995), Angélica Soares (2006), Alfredo Bosi (2006) e Sergius Gonzaga (2010). No poema, é possível perceber a influência que o Marquês exerceu sobre Basílio, caracterizando-se esta pela troca de favores que veio a beneficiaru ambas as partes. Com base no estudo dos textos tomados como referencial teórico, percebeu-se que o Marquês de Pombal não só favoreceu o apogeu da literatura basiliana, como também apoiou outros poetas brasileiros da época como Sílvio Alvarenga e Alvarenga Peixoto. Para a realização desse trabalho, recorreu-se a uma pesquisa bibliográfica, buscando-se na literatura elementos que tornassem possível alcançar os objetivos previamente estabelecidos no projeto investigativo que deu origem a este artigo.

Palavras-chave: Basílio da Gama. Mecenato Pombalino. Arcadismo.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, busca-se indagar sobre a relação entre o poeta José Basílio da Gama e o Marquês de Pombal. José Sebastião de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, ficou conhecido mundialmente por ser uma personalidade ilustre não somente

[30] Trabalho orientado pelas Professoras Drª. Vilma Mota Quintela e Sara Rogéria Santos Barbosa, apresentado como requisito parcial à aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras da FSLF.

[31] Graduanda do curso de Licenciatura em Letras - Português e suas Respectivas Literaturas da Faculdade São Luis França.

na área política, mas também por ser ele um homem que apoiou e financiou a poética Setecentista.

Mecenas, patrocinador generoso, protetor das letras, ciências e artes e dos artistas e sábios. Por ser o mecenas, Sebastião financiou a poética neoclássica e, em troca, encontrou alguns poetas que o apoiaram suficientemente para o sucesso de sua política, uma vez que todas as produções eram voltadas unicamente para o elogio político pombalino. Um desses favorecidos, fruto desse mecenato, foi, sem dúvidas, José Basílio da Gama. Este, depois de fazer parte da companhia dos jesuítas, um dos principais inimigos do Marquês, resolveu dedicar-se à política pombalina. Em suma, neste trabalho pretende-se investigar o que motivou o apoio dado pelo Marquês de Pombal ao poeta.

Um dos motivos que instigou esse estudo foi o fato do Marquês de Pombal, um homem que nasceu há exatos trezentos anos, ser uma das figuras políticas mais estudadas no Brasil e no mundo por pessoas de diferentes cursos e lugares. O Marquês foi responsável por transformar a educação em Portugal nos anos de 1700, ou seja, na era setecentista, sendo assim, o Brasil, que então ainda pertencia a Portugal, também foi beneficiado, principalmente na área literária. Desse modo, surgiu o interesse de associar o estudo da literatura à história. Com este trabalho, espera-se fomentar o interesse pela vida e pela obra de dois homens que fizeram história e contribuíram para a literatura brasileira e portuguesa. Destacou-se um como homem público e financiador das artes, e o outro como autor do poema heróico O Uraguai, bastante lembrado por ser um dos primeiros poemas do Arcadismo brasileiro.

Este artigo tem como objetivo geral apresentar de forma compacta os principais aspectos contribuintes para o surgimento intelectual de autores que se despontaram graças ao apoio moral e financeiro do Conde de Oeiras. Como referenciais teóricos foram utilizadas obras de autores que tratam de assuntos da historiografia Brasileira, de extrema relevância para a execução deste artigo. São estes Ivan Teixeira, Regina Zilberman, Antonio Cândido, Vânia Pinheiro Chaves, Alfredo Bosi, Sergius Gonzaga e Angélica Soares.

2. BASÍLIO E A INFLUÊNCIA POMBALINA SOBRE AS LETRAS

No inicio do século XVIII, Portugal encontrava-se econômica e culturalmente atrasado em relação às duas maiores potências européias da época, Inglaterra e França. Este período é marcado por transformações sociais, culturais, políticas e econômicas. Após 1750, Portugal é governado pelo rei D. José I, cujo mandato estende-se até 1777; tem como ministro o Marquês de Pomba, representante do despotismo esclarecido em Portugal. Em 1759, Pombal expulsa os jesuítas dos domínios portugueses. Tal fato acelera a marginalização do clero na vida lusitana e estabelece o fim da influencia jesuítica na educação.

O Arcadismo no Brasil é marcado por fatos históricos como a descoberta do ouro na região de minas Gerais, com a decadência da economia canavieira, o centro econômico transfere-se para as regiões de mineração, a marca da economia, vem à vida política, social e cultural. A partir desse momento a sociedade colonial brasileira apresentaria mudanças, pois a noticia que havia ouro em terras brasileiras fez com que imigrantes começassem a povoar o território brasileiro.

A primeira metade do século XVIII marcou a decadência do pensamento barroco, para qual colaboraram vários fatores: a burguesia ascendente, voltadas para questões mundanas, passou a deixar em segundo plano a religiosidade que permeavam o pensamento barroco; além disso, o exagero da expressão barroca havia cansado o publico, e a chamada arte cortesã, que se desenvolvera desde a renascença, começava a apresentar sinais de declínio, perdendo terreno para a arte burguesa, marcado pelo subjetivismo. Surgiram, então, as primeiras Arcádias, que procuravam à pureza e a simplicidade das formas clássicas.

No Brasil o Arcadismo é marcado por dois fatos literários que são considerados importantes: a fundação da Arcádia Ultramarina, em vila Rica e a publicação do livro de poemas Obras, de Cláudio Manuel da Costa, estes dois episódios em 1768.

José Basílio da Gama nasceu em 22 de julho de 1741, no Arraial de São José do Rio das Mortes, atual Tiradentes (MG). Era filho de Manuel da Costa Vilas-Boas, fazendeiro abastado, e de Quitéria Inácia da Gama. A morte do pai, ocorrida na sua infância, acarretou situações complicadas. Passando por tal agonia, o Brigadeiro

Apolim, amigo da família o manda para o Rio de Janeiro, o que facilitou seus estudos naquela cidade, juntamente com a companhia dos jesuítas.

Quando foi decretada a expulsão da companhia de Jesus do Brasil, em 1759, tornou-se noviço no colégio dos jesuítas. Fugiu para Roma, lá fez parte da Arcádia Romana, sob o nome de Termindo Sipílio. Durante uma das varias viagens que fazia para Portugal foi preso por suspeita de fazer parte da companhia de Jesus, foi condenado ao degredo na África. Sabiamente, Basílio produziu um epitalâmio para e recitou no dia do casamento da filha do Marquês de Pombal, o que o livrando da condenação, além disso, ganhou a confiança e um cargo como secretario do ilustre ministro de Portugal. No fim de sua trajetória, foi admitido na Academia das ciências de Lisboa e publicou o poema Quitúbia (1791). Morreu em Lisboa, em pleno reinado de D.Maria I, em plena obscuridade.

Com o poema épico O Uraguai, José Basílio da Gama tem a intenção de exaltar, glorificar, enaltecer, um fato histórico ou uma figura que ficaria para a história, como foi o caso do Marquês de Pombal. O poema retrata em todos os cincos cantos a defesa de Basílio em prol da política pombalina. O poema narra o que foi a luta pela posse da terra, travada em princípios de 1757. Nessa época, a noroeste do atual Rio Grande do Sul, havia sete povos dominados por Jesuítas espanhóis e índios Guaranis. Em contrapartida, ao Sul do Uraguai, perto de Montevidéu, havia uma colônia portuguesa. Portanto, em terras portuguesas, domínio espanhol, e em terra espanhola domínio português. A partir dessa situação, surgiu um Tratado para resolver esta improbidade territorial, fez-se,em 1750, o chamado Tratado de Madri. De acordo com seus dispositivos, Portugal deveria entregar a colônia do Sacramento aos espanhóis e deles receber os Sete Povos das Missões.

Conforme Teixeira (1999), Basílio destacou-se tanto na literatura quanto na política, pois além de consagrar-se como um grande poeta, também ocupou um cargo público como secretário, fato que mais pareceu uma troca de favores entre o Marquês e Basílio da Gama. O Marquês precisava ocupar um lugar de destaque na política, além de, carregar consigo a responsabilidade de reconstruir a cidade de Lisboa, que no ano de (1755) um enorme terremoto a destruiu, matando centenas de milhares de pessoas. A partir desse momento é que o Conde passa a ter prestígios com o rei D. José I. Também

incubiu-se de fazer valer seu governo absolutista, aquele que possuía o poder absoluto. Já Basílio, precisava livrar-se da prisão, e, por isso, assumiu o papel de defensor da política pombalina.

José Sebastião de Carvalho e Melo ficou conhecido por exercer ações importantes tanto na política quanto nas letras, financiando a literatura de poetas brasileiros e portugueses. No campo das letras, o poeta José Basílio da Gama adquiriu uma enorme confiança do Marquês, com a publicação do poema O Uraguai, que tinha como intenção enaltecer, glorificar e louvar a política pombalina. A propósito diz Teixeira:

> Basílio da Gama é o grande poeta pombalino, noção que se impõe desde a "Ode ao conde da cunha" (1769), seu primeiro texto impresso em Portugal. Basílio não só apresentaria diversas obras ao ministro, mas também dois poetas mais jovens do que ele, ambos originários do Brasil dispostos a integrar a equipe de propagadores da ilustração em Portugal: Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto (TEIXEIRA, 1999, p. 49-50).

Conforme Teixeira (1999), a partir do lançamento do poema O Uraguai (1769), pôde-se perceber o surgimento de uma literatura basiliana de caráter político, que deixaria uma importante herança literária. A propósito diz o autor:

> Nenhum dos portugueses conseguiu ultrapassar os limites brônzeos da ode neoclássica, com exceção talvez de Alcino Micênio, que elaborou textos mais flexíveis e insinuantes. Dentre todos os poetas pombalinos, Basílio foi o único capaz de conceber um texto ficcional, com fábulas bem definidas, em que pudesse encaixar alegoricamente a figura do então Conde de Oeiras, abrindo caminho para as futuras realizações de Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto e Francisco de Melo Franco. Basílio da Gama em seu poema heróico o Uraguai, empenhou-se unicamente em exaltar o governo do Marquês de Pombal (TEIXEIRA, 1999, p.51).

O poema que precede O Uraguai tem como primeira e mais imediata função prestar homenagem, como era usual na época, àquela poderosíssima figura da sociedade portuguesa, de modo a conseguir dela o apoio necessário à publicação e a recepção favorável da obra. Entretanto, à semelhança da epígrafe, ele funciona também como manifestação autocrítica, cuja finalidade consiste em revelar outra faceta da mensagem da épica basiliana (CHAVES, 1995, p. 42). Chaves afirma que, com O Uraguai, José Basílio da Gama foi o único poeta setecentista a produzir uma obra original, com características brasileiras, tendo em vista o fato de expor o índio como uma das figuras centrais. Diz o autor:

> Atribui a O Uraguai o lugar de "primeiro poema brasileiro, tanto na ordem de publicação como na correção" (*id. Ib*), encontrando-lhe mais fino bom gosto que no Caramuru, que, por sua vez, possuiria "interessante e variado argumento, (...) e com mais enthusiasmo e delicada ingenuidade escripto, ainda que por desgraça não (seja) muito castigado e correpto (*Sic)* na forma". (CHAVES, 1995, p.162).

3. A EXALTAÇÃO DA POLÍTICA POMBALINA EM O URAGUAI, DE BASÍLIO DA GAMA

Segundo Soares (2006), a epopéia é uma longa narrativa literária de caráter heróico, grandioso, de interesse nacional e social, apresentando elementos narrativos (o narrador, o narratário, personagens, tema, enredo, espaço e tempo) e uma atmosfera maravilhosa em torno de acontecimentos históricos passados. O seu enredo envolve mitos, heróis e deuses, podendo apresentar-se em prosa (como as canções de gesta medievais) ou em versos (como os Lusíadas). O Uraguai é a obra mais importante do poeta brasileiro José Basílio da Gama. É um poema épico, composto em cinco cantos (conjunto de estrofes) de versos brancos e estrofação livre, no qual é narrada a expedição de espanhóis e portugueses contra os índios e jesuítas habitantes da colônia de Sete Povos das Missões, do Uraguai. Segundo o Tratado de Madri, 1750, aquele território deveria passar a pertencer a Portugal, em troca da Colônia do Santíssimo Sacramento, possessão portuguesa situada em domínios espanhóis. Como os índios e os jesuítas se recusassem a ser súditos portugueses, Portugal e Espanha, em 1752, iniciam a expedição de conquista. O poema de Basílio da Gama versa sobre a última fase desse fato histórico (SOARES, 2006, p-38, 39).

Curiosamente, O Uraguai foi dedicado ao "Ilmo. e Exmo.sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado", mas o livro se inicia com um soneto dedicado ao irmão deste, o Marquês de Pombal. Segue o poema:

Ergue de jaspe um globo alvo e rotundo,
E em cima a estátua de um Herói perfeito;
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,
Que o seu nome enche a terra e o mar profundo.
Mostra na jaspe, artífice facundo...

Facilmente percebe-se, que Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, já demonstrava uma enorme simpatia pelos os poetas brasileiros daquela época, ele considerado um mecenas, o homem que financiou as letras, a literatura setecentista de alguns jovens brasileiros, investindo tanto na educação quanto na literatura. A esse respeito, diz Teixeira:

> A simpatia de pombal pelos jovens brasileiros é notória e admite uma curiosa hipótese sobre a vida cultural desse círculo.
>
> Quem acompanha os esforços, morais e profissionais, de Sebastião José de Carvalho e Melo em sua luta se nobilitar como político perante a nobreza portuguesa e também as dificuldades com o primeiro escalão administrativo de D.João V, como foi o caso da rancorosa disputa que teve com Manuel Pereira de Sampaio, ministro Português junto à Cúria Romana, quem acompanha, enfim, sua permanência em Londres e, particularmente, em Viena, pode Avaliar o quanto Sebastião José necessitava de discursos que divulgassem e autenticassem sua escalada ao poder. Isso pode explicar em parte, sua boa relação com os poetas brasileiros dos confins de Minas Gerais, todos jovens estudantes tomados de entusiasmo por sua política. (TEIXEIRA, 1999, p.53,54).

As principais personagens de O Uraguai são o padre Balda (gerenciador da colônia dos Sete Povos das Missões), os jesuítas, Baldeta, a heroína Lindóia, o Português Gomes Freire de Andrade (chefe das tropas portuguesas) e os indígenas Cepé, Cacambo e Tatu-Guaçu, Caitutu (irmão de Lindóia) e tanajura (indigena feiticeira), a vidente.

Este poema coloca os jesuítas como vilões e os índios como heróis ingênuos, isto é, influenciados pelos padres, que naquele momento representavam força maior, por fazerem parte do clero. A narrativa é desenvolvida pelas visões de Lindóia, grandes feitos de Pombal reconstruindo Lisboa destruída por um terremoto e expulsando do reino os jesuítas. Embora o tema fosse um capítulo da longa resistência indígena em nosso território, ele foi explorado com objetivo laudatório (que encerra louvor) e político. Culpando os jesuítas por incitar os índios à guerra, ele se punha ao lado dos colonizadores. Tem, contudo, momentos brilhantes, descrevendo o índio como grande guerreiro e apresentando nossa exuberante paisagem.

O Uraguai foi escrito em decassílabos brancos, são os versos que não possuem rimas, com estrofação livre, e é composto de cinco cantos. Percebe-se nele claramente uma critica do autor à atuação dos jesuítas, que são representados na figura do padre Balda. Conforme já mencionado, esta obra foi feita para agradar o Marquês de Pombal,

ele defensor das ideias iluministas, responsável pela expulsão dos jesuítas não só do Brasil, mas também de todo reino português.

Embora apresente a divisão tradicional em preposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo, quebram essa estrutura ao iniciar o poema pela narração:

Fumam ainda nas desertas praias.
Lagos de sangue tépidos, e impuros,
Em que ondeiam cadáveres despidos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da irada artilharia...

Diferentemente do que ocorre nas epopéias tradicionais, a invocação e a proposição (assunto do poema) apareceram somente a partir do sexto verso:

MUSA, honremos o Herói que o povo rude.
Subjugou do Uraguai, e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta
Ai tanto custas, ambição de império...

Conforme Zilberman 1995, apesar de ter sido uma obra direcionada para a defesa política de um português, o Marquês de Pombal, e de ter sido ele produzido em terras lusitanas, O Uraguai é visto, na opinião de outros poetas brasileiros, como sendo um autor genuinamente brasileiro. Isto porque em sua narrativa destaca-se a presença marcante de um dos símbolos da brasilidade e do nativismo: o índio. Com esta breve análise, procura-se destacar o esforço do poeta no sentido da exaltação da ideologia política apregoada pelo Marquês de Pombal. É certo que Basílio da Gama teve, sem dúvidas, um enorme prestígio com o Marquês, fato este que nos leva a crer que a dependência financeira, nesse caso, também levou a dependência política. Por outro lado, com base no referencial teórico utilizado, procurou-se aqui mostrar a importância literária e a modernidade do poema, que se relaciona diretamente à divulgação dos ideais políticos pombalinos.

ABSTRACT

This article is to investigate the relationships of the Marquis of Pombal, the Brazilian poet José Basilio da Gama, hence the theme "Influence Pombalina Basilian in Literature.” The aims of the study highlight the relationship between the Marquis of Pombal and Basilio da Gama, and the exaltation of Pombal policy

through the heroic poem The Uraguai. The theoretical ground for authors of literary history as Ivan Tan (1995), Antonio Candido (1981), Vania Pinheiro Chaves (1997) and (2000), Regina Zilberman (1995), Angela Smith (2006), Alfredo Bosi (2006) and Sergius Gonzaga (2010). It was possible to realize the influence they had on the Marquis Basil, in exchange for favors that benefited both parties. Based on studies of texts, it was realized that the Marquis of Pombal not only facilitated the heyday of the Basilian literature, but also supported other Brazilian poets such as Silvio and Alvarenga Alvarenga Peixoto. Thus, it would make the beginning a literature search, searching the literature relevant documents reach the objectives of the theme. As a procedure of analysis and discussion of the data used was the analysis of the texts surveyed. Based on these authors is that it was possible to do a thorough search on the topic. Therefore, it was necessary to take readings of texts, make annotated, and then produce this scientific work. Thus, it is expected to reach precisely all the objectives set out in this work

Keywords: Basilio da Gama. Patronage. Pombalino Arcadian.

REFERÊNCIAS:

BOSI, Alfredo, 1936. Historia concisa da Literatura Brasileira/ Alfredo Bosi- 43 ed. - São Paulo: Cultrix, 2006.

CÂNDIDO, Antonio, 1981, Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos. 6 ed.Belo Horizonte,Ed. Itatiaia, 1981.

CHAVES, Vânia Pinheiro, O Uraguai e a Fundação da Literatura Brasileira/ Vânia Pinheiro Chaves. - Campinas, SP; Editora da UNICAMP, 1997.

CHAVES, Vânia Pinheiro, O despertar do gênio brasileiro: Uma leitura de O Uraguai de Jose Basílio da Gama/ Vânia Pinheiros Chaves. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

GONZAGA, Sergius. Curso de Literatura brasileira/Sergius Gonzaga. 4. ed. - Porto Alegre; Leitura XXI, 2010.

TEIXEIRA, Ivan. Mecenato Pombalino e Poesia Neoclássica/Ivan Teixeira. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.